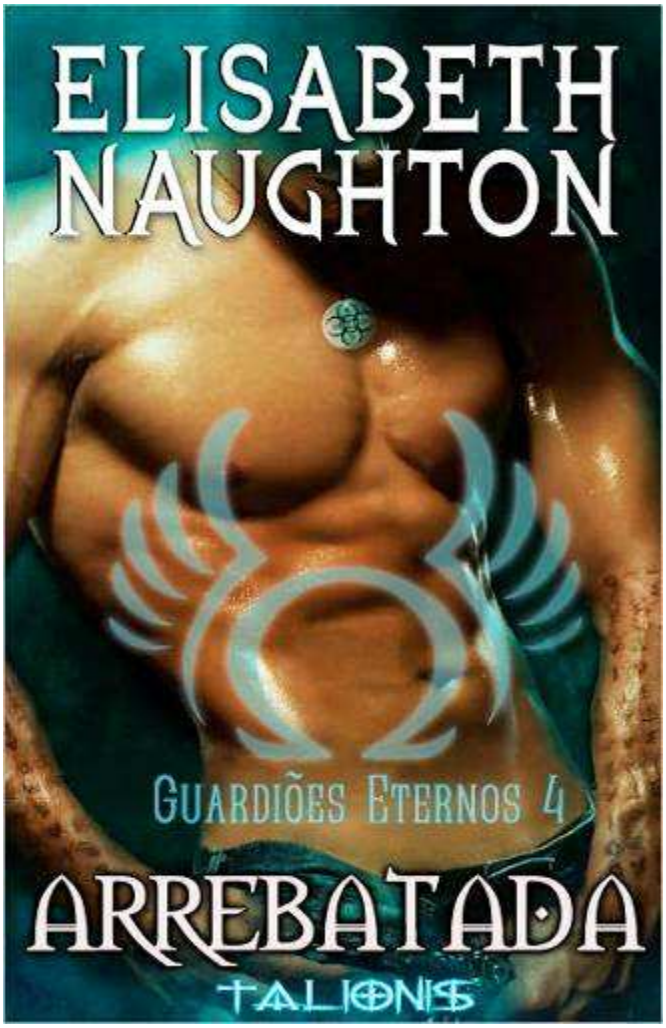
Talionis apresenta:



Elisabeth Naughton

Arrebatada

Guardiões Eternos 04

Para a maioria Orpheus é um mistério, um demônio oportunista que fazia o que queria quando queria. Agora esta bomba relógio é parte dos Guardiães Eternos; guerreiros de elite com a missão de proteger o reino humano… queiram ou não. Orpheus tem um único objetivo: Resgatar a seu irmão do Inframundo. Não espera que uma mulher se interponha em seu caminho. Muito menos uma Siren tão formosa como Skyla. Não tem nem ideia de que é uma assassina enviada por Zeus para lhe seduzir, lhe tender uma armadilha e em última instância, acabar com ele. Mas Skyla poderia ser quem tivesse mais a perder. Existe uma razão para que Orpheus lhe resulte familiar, uma razão para que o corpo dela pareça ansiar o dele. Talvez não seja o homem que todos acreditam… A verdade poderia tirar a luz um segredo letal tão antigo como os próprios Guerreiros Eternos.

Livro Traduzido e Revisado do Inglês e Espanhol

Disp em Esp: *Kalosis Digital*

Equipe de Revisão Talionis

	Rev. Inicial	Rev. Final
Capítulo 01	*Ana"Z"*	*Luna*
Capítulo 02	*Ellen O.*	*Luna*
Capítulo 03	*Ellen O.*	*Luna*
Capítulo 04	*Ellen O.*	*Luna*
Capítulo 05	*Luna*	*Ειρήνη*
Capítulo 06	*Luna*	*Ειρήνη*
Capítulo 07	*Luna*	*Ειρήνη*
Capítulo 08	*Luna*	*Ειρήνη*
Capítulo 09	*Ειρήνη*	*Luna*
Capítulo 10	*Ειρήνη*	*Luna*
Capítulo 11	*Pat Magella*	*Ειρήνη*
Capítulo 12	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 13	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 14	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 15	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 16	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 17	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 18	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 19	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 20	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 21	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 22	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 23	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 24	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 25	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 26	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 27	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*
Capítulo 28	*Cris Reinbold*	*Ειρήνη*

Envio do Arquivo: *Δίκη*

Formatação: *Greicy*

Capa: *Élica*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Para as Garotas da Produção:

Connie, Stephani e Sara.

Porque vocês chutam minha bunda para engrenar e me fazem correr mesmo quando eu não quero,

Porque vocês me ouvem resmungar sobre personagens e enredos e todas aquelas coisas relacionadas ao ato de escrever enquanto estamos nessas corridas,

E porque vocês são amigas incríveis que não amam só a mim, mas também aos mundos loucos que criei.

Por todas essas razões e muitas outras mais, muito numerosas para listar, vocês são fantásticas, garotas!

"Tão poderoso é o poder oculto da verdade... para alguns, obtido do alto dos céus, e para outros... pelo soar das asas de um conquistador pairando no ar fluente."
— Ovídio, Metamormofes IV

Comentário da Revisora Eirini: Lembram-se de Orpheus, irmão do Argonauta Gryphon? Orpheus o cara irônico, sarcástico, um bad-ass, que não estava nem aí com nada e ninguém? Metade bruxo, metade demônio, metade argolean. Pois é... ele mudou... Nesse livro o vemos confuso, atormentado, desesperado... Essa história nos traz o passado triste, atormentado de Orpheus. Passado do qual nem ele se lembrava. Um passado dolorido, infernal... cheio de torturas e amargura.

Também nessa história seremos apresentados à outros personagens mitológicos, como Malea, cuja importância nessa história só irá crescer, à medida que a autora for escrevendo os livros. Várias perguntas ficaram sem resposta. Então, temos muita história para ser contada ainda.

E Gryphon... como ele sofreu e sofre!! E ele vai ser o gancho para os próximos livros.

Senti falta dos outros guardiões e dos outros personagens.

E, finalmente, Skyla. A Siren, a Sereia, a Amazona, a Guerreira... A amante que esperou 2.000 anos para consumar seu amor. A alma boa que teve que escolher entre o amor e a vida eterna nos céus... E, quando decidiu... foi *Arrebatada!* Boa Leitura!

GLOSSÁRIO

***Adelfos**: Irmão.*

***Ándras:** Homem Argolean.*

Archidaemon: *Chefe da ordem daemon, tem poderes reforçados por Atalanta.*

Argolea: *Reino estabelecido por Zeus para os heróis abençoado e seus descendentes.*

Argonautas: *Guerreiros eternos da guarda que protegem Argolea; em todas as gerações, um das sete linhagens originais (Heracles, Aquiles, Jason, Ulisses, Perseu, Teseu, e Belerofonte) é escolhido para continuar a tradição da guarda.*

Escolhidas: *Um Argolean, um ser humano; dois indivíduos que, quando unidos, completam a Profecia Argolean e quebram o contrato de Atalanta com Hades, assim, ejetando-a do inframundo e terminando sua imortalidade.*

Conselho de Anciãos: *Doze príncipes dos Argolea que assessoram o rei.*

Daemons: *Bestas que já foram humanos, recrutados entre os Campos de Asphodel (purgatório) por Atalanta para se juntar a seu exército.*

Moiras: *Três deusas que controlam o fio da vida para todos os mortais, desde o nascimento até a morte. Mais conhecidas como "As Destinos".*

Campos De Asphodel: *purgatório.*

Gynaíka: *Mulher Argolean.*

Hora; plural, Horae: *Três deusas do equilíbrio controlando a vida e a ordem.*

Ilha Dos Bem-Aventurados: *Céu.*

Ilithios: *idiota.*

Kardia: *Termo carinhoso, meu coração.*

Matéras: *mãe.*

Bruxas Medean: *Seguidoras dos ensinamentos da feiticeira Medéia, que vivem nas montanhas Aegis.*

Meli: *Termo carinhoso; amada.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Misos: *Raça meio-humanos/meio-Argolean que vive escondida entre os seres humanos.*

Olímpicos: *Atuais deuses governantes do panteão grego, liderados por Zeus; se intrometem na vida humana.*

Orbe de Cronos: *Disco de quatro câmaras, quando preenchido com os quatro elementos clássicos, terra, vento, fogo e água, tem o poder para libertar os Titãs do Tártaro.*

Paidi: *Palavra Medean; criança.*

Patéras: *Pai.*

Quai: *palavra Medean; parar.*

Skata: *Merda.*

Tártaro: *Reino do Inframundo semelhante ao inferno.*

Titãs: *Os deuses governantes antes dos olímpicos.*

Thea: *Termo carinhoso; deusa.*

Yios: *Filho.*

Capítulo 1

Rosnados mortais, chifres de diabo, e um mosh pit[1]. Essa não era a ideia de Orpheus sobre diversão. Muito pelo contrário.

Conforme manobrava através dos metaleiros no meio da multidão de espectadores ao ar livre, balançando a cabeça no ritmo pulsante do baixo, não podia deixar de divertir-se um pouco pela estupidez deles. Eles não faziam ideia do que estavam atraindo para si mesmos com a adoração de letras satânicas e magia negra. Mas Orpheus sabia.

Cara, ele sempre soube.

[1] *Gritos, sinais com as mãos formando chifres com os dedos e dança agressiva e violenta, característicos do público de rock pesado/heavy metal.*

Olhou ao redor da multidão novamente, buscando a escuridão familiar que sabia que estava pairando em algum lugar próximo. Sua excitação intensificou até cerca de 10 graus. Após rastrea-la nos últimos três meses, finalmente a encontrou neste concerto ao ar livre, a oeste de Washington. O que ela estava fazendo com um monte de *headbangers*[2] (3), ele não sabia, mas não estava disposto a perdê-la. Não a perseguição, e definitivamente não para eles.

Uma mancha de preto cruzou a linha de visão dele sobre quatro pessoas, e sua adrenalina aumentou. Passou por um homem vestindo calças de couro e uma coleira de cachorro.

Espirrou cerveja sobre a camiseta do homem. Ele se virou e olhou na direção de Orpheus.

— Ei, idiota, cuidado!

Normalmente, Orpheus iria direto bem na cara do sujeito, mas não esta noite. Esta noite possuía assuntos mais importantes para tratar. Examinou a multidão novamente, procurando por ela. Ela era pequena e toda vestida de negro com aquele cabelo longo e escuro, não era fácil de encontrar, mas a viu novamente quando ela olhou para trás para ver se ele ainda a seguia. O branco de seus olhos brilhou ao máximo na escuridão, e o reconhecimento e o medo em seu rosto pálido disseram a ele que ela simplesmente sabia quem ele era.

Garota inteligente para perseguir. Em qualquer outra situação, aquilo poderia diverti-lo. Mas, precisava encarar isso como um jogo de gato e rato.

Ela acelerou o ritmo, manobrando facilmente no meio da multidão enquanto se dirigia para longe do palco. Orpheus não estava com tanta sorte. O tamanho dele o impedia de ziguezaguear através da multidão de pessoas. Forçava o caminho para passar pelos palpitantes fãs, com a intenção de não perdê-la.

Ela passou por uma mulher com longos cabelos loiros. A loira virou-se para cuidar dela, disse algo que Orpheus não pode ouvir, mas seu alvo não era nem um pouco lento. Ela desapareceu novamente no meio da multidão. A loira, no entanto, se virou para olhar em sua direção como se o sentisse. Seus olhos se deteram por uma fração de segundos.

Olhos violetas. A cor era tão surpreendente, que ele vacilou. Como ametista polida. O *Déjà vu*[3] o feriu no centro do peito. Ele não sabia como nem onde, mas ele já havia visto essa humana antes.

Antes que pensasse melhor sobre isso, percebeu o cabelo longo que descia pelo meio de suas costas. Ela não estava vestida escandalosamente, como algumas das outras na multidão — sem correntes ou coleiras, apenas uma jaqueta jeans que cobria uma camisa preta justa e com o decote cortado e calças pretas coladas no corpo. Mas, as roupas acentuavam suas curvas em todos os lugares. E as góticas botas negras de cano alto que a deixavam uns bons dez centímetros mais alta, eram mais sexies do que o inferno.

Ela não estava balançando a cabeça ou saltando no ritmo da batida, mas era óbvio que estava lá para o show. Um canto dos lábios brilhantes dela se curvou em um sorriso perverso

---

[2] *Fãs de heavy metal; metaleiros.*

[3] *Uma reação psicológica que faz com que sejam transmitidas ideias de que já esteve naquele local antes, já se viu aquelas pessoas, ou outro elemento externo. O termo é uma expressão francesa que significa, literalmente, já visto.*

enquanto ela o estudava de volta. Por mais que ele desejasse deixa-la olhar à vontade, quanto mais ele se distraía com esta humana, mais longe o alvo dele ficaria.

E, ainda assim... onde diabos ele a viu antes?

Afastou o olhar da loira, examinou a multidão novamente. Chamou a si mesmo de dez tipos diferentes de estúpido por ter sido distraído por uma mísera humana. Ele se deixou guiar pelos sentidos dele. A escuridão dentro de seu alvo, poderia aguentar. Era a luz que o repelia. Essa luz estranha que a marcava como uma propriedade de Zeus e dizia a ele exatamente onde ela estava localizada no meio da multidão.

Ali.

Seu lado *daemon*[4] tomou a frente. Moveu-se para ver passar um casal com cabelo roxo e espetado avistou as pontas de seus longos cachos negros balançando ao vento enquanto ela passava pelos últimos *concertgoers* [5] e saía para o outro lado da colina.

Maldição.

Ele pegou o ritmo e, finalmente, atingiu o pico do declive gramado. Ela já estava em cima do muro cerca de trinta metros abaixo, nada mais do que uma sombra subindo por cima das grades de ferro como um gatuno. Onde esta fêmea foi treinada? Com os próprios Argonautas[6]?

Deixou esse pensamento de lado e seguiu em frente. A escuridão pressionava, mas as estranhas luzes alaranjadas, colocadas em espaços regulares em frente ao vasto estacionamento, a tornavam fácil de ver. Isso e sua visão noturna intensa, já que agora estavam fora do caos do concerto.

Ele estava por cima da cerca num momento, desta vez passando facilmente por entre os carros no estacionamento. Ela não olhou para trás, mas a audição altamente afinada dele captava cada batida do coração dela, cada empurrar e puxar de ar nos pulmões dela enquanto corria em direção às árvores.

A música tornou-se uma batida fraca. Os gritos da multidão morriam no fundo. As botas dele ecoavam ruidosamente por todo o pavimento, em seguida, silenciaram enquanto se moveu do asfalto para a floresta para se misturar com os aromas da terra e musgo flutuando no ar. Será que ela pensava que poderia fugir dele? Esconder-se nas árvores? Não importava se ela pudesse ter sua rota de fuga traçada pelo próprio Zeus. A fêmea estava prestes a aprender que não havia como se esconder dele. Não quando ela era a chave para que obtivesse o que mais precisava.

Os pinheiros erguiam-se em torno dele. Ao longe, o White River murmurava sobre as rochas e galhos caídos. Diminuiu o passo quando a viu em pé sob os raios de luar a cerca de vinte metros

---

[4] *Monstros que uma vez foram humanos, recrutados dos Campos de Astódelo (purgatório) pela Atalanta par unir-se ao seu exército.*

[5] *Frequentadores de concerto.*

[6] *Guerreiros guardiões eternos que protegem Argolea (Reino estabelecido por Zeus para os heróis abençoados e seus descendentes). Em cada geração uma das sete linhagens originais (Heráclés, Aquiles, Jasão, Ulisses, Perseu, Teceu e Belorofonte) é escolhida para continuar a tradição do guardião.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

de distância, tal como pedra encarando a escuridão como se ela não fosse nada mais do que uma estátua.

Por um segundo, se perguntou se ela fora congelada no lugar por algum tipo de magia negra. Seu irmão Gryphon possuía aquele dom — a capacidade de congelar aqueles em torno dele durante poucos segundos — mas Gryphon já estava morto, sua alma apodrecendo em algum lugar no Hades, tudo graças a Orpheus. Sem chance que seu irmão tivesse lançado qualquer tipo de poder do outro lado, e nenhuma vez em trezentos anos Orpheus se deparou com outro com o mesmo dom. O que significava que outra coisa a impedia. Ou ela estava mais assustada do que imaginou.

A escuridão familiar que sentiu antes agitou seu *daemon* interior. Ansioso para chegar até ela antes que aquilo fizesse, pisou cautelosamente em direção a ela e estava prestes a dizer-lhe quem era para que pudessem acabar com esse jogo idiota de perseguição, quando uma voz às suas costas o fez parar.

— Fique longe dela, *daemon*.

Ele virou-se — assim como fez seu alvo — na direção da loira nas botas góticas, que estava perto de um aglomerado de árvores.

Sua presa ofegou. Ele estendeu a mão e a envolveu ao redor do braço dela antes que pudesse fugir. A fêmea nada mais era do que pele e ossos. Embora ela fosse definitivamente rápida.

Ela lutou, mas ele a segurou firme e arrastou-a para seu peito. Para a loira, rosnou:

— Volte para o concerto, mulher.

Mas antes que pudesse colocar a loira para correr, Orpheus percebeu que algo além dele assustou a mulher nos braços dele. Filhos da puta.

Ele girou rapidamente para o lado oposto e viu três homens enormes andando em na direção dele. Seu alvo ficou tenso, respirou fundo. Orpheus amaldiçoou sua sorte estúpida e empurrou-a para trás. Queria avisar a loira para correr, mas não havia nada que estes cães gostassem mais do que uma perseguição. Cuidaria deles e então, dela.

— Olhe o que temos aqui, — disse o que estava no meio.

Todos os três usavam óculos escuros, mesmo sendo noite. Mas Orpheus não precisava ver os olhos deles para saber que estavam brilhando. Podia senti-lo. Assim como podia sentir seus olhos começando a brilhar em resposta.

Maldição. E maldita fosse o alvo dele por correr para eles.

—Parece-me que ele tem muito a compartilhar, — disse o da esquerda com a cabeça raspada e brincos de argola dupla de ouro. — Estamos com fome também, irmão.

Oh, Orpheus não duvidava que esses três *daemons* estivessem com fome. Atalanta, a líder deles, podia estar presa nos campos de Asfódelo[7], mas a nova raça de *daemons* dela — monstros que pareciam humanos, mas não eram — continuavam sobrevivendo. E precisavam se alimentar para recuperar a força que não estavam mais recebendo do submundo. O que Atalanta não sabia

[7] *Purgatório*

era que ela não podia controlar híbridos do jeito que podia fazer com seu exército de *daemons* comuns. Eles não eram soldados sem cérebro. Eram parte humana e, como tal retinham essa característica humana que todos os deuses odiavam — livre arbítrio.

Sim, Orpheus sabia disso melhor do que ninguém, não sabia? Amaldiçoando sua sorte mais uma vez, escaneou as árvores, focando seus sentidos. Não sentiu qualquer outra ameaça à sua volta, o que significava que esses três babacas estavam sozinhos.

—Olha, pessoal. A garota e eu estávamos prestes a começar uma parada agradável e amigável, então por que vocês não se viram e vão encontrar algumas ovelhas inocentes para brincar. Tenho certeza de que combina perfeitamente com vocês.

—Vamos lá, homem. Você não precisa de duas. Vamos levar a loira. — O líder lambeu os lábios e deu um passo adiante.

Skata.[8] Humanos estúpidos com sua curiosidade estúpida. Atrás dele, ouviu a mulher que estava perseguindo arrastando os pés para trás. Ela, obviamente, sabia o que estavam enfrentando, mas a humana provavelmente não sabia. Em um minuto — a menos que ele descobrisse uma maneira de sair dessa confusão — ela descobriria exatamente em que tipo de pesadelo estava entrando.

Cara, o dia dele estava se tornando uma perfeita merda.

Ele alcançou a lâmina que manteve embainhada contra sua coluna sob o casaco, posicionando-a ao longo de seu antebraço. Aquela que havia pertencido a seu irmão e possuía as marcas dos antepassados deles no punho. Em seguida, sussurrou:

— Corra. Pegue a humana e corra.

— Isto — o macho à direita resmungou, dando um passo para longe dos outros e inchando o peito — é um movimento imprudente, *daemon*.

Sim, não diga, Sherlock. Mas Orpheus não tinha outra opção, tanto quanto ele podia ver. Se o alvo morresse, estava ferrado, e *daemon* híbrido por si próprio ou não, tampouco queria ver a estúpida mulher humana mastigada. Talvez porque ela fosse quente e não gostava de ver garotas quentes fatiadas e picadas. Talvez porque ainda se sentisse como se a conhecesse de algum lugar. De qualquer maneira, isso significava que ela era um fardo que simplesmente não precisava. E quanto mais cedo ela se fosse, quanto mais cedo ela seria fardo de outra pessoa.

Ele agarrou sua espada com ambas as mãos. Embora não estivesse entusiasmado com suas chances contra três animais sedentos de sangue, sabia com certeza que poderia pegá-los. Se ele se transformasse. Ele só esperava que não chegasse a isso.

— Vocês foram avisados, garotos. — disse Orpheus.

O líder riu e puxou os óculos escuros do rosto. Os olhos dele já estavam brilhando com um verde ofuscante que iluminava a pequena clareira.

Um zumbido ecoou perto do ouvido de Orpheus antes que pudesse se mover. O líder ofegou, os pés dele deslizando em um silêncio incomparável. Os olhos dele se arregalaram. Ele

[8] *Merda (em grego)*

olhou para a flecha saindo do meio do seu peito. Com mãos trêmulas, ele agarrou, puxou e se viu livre com um grunhido. O sangue jorrou da ferida enquanto ele caia no chão da floresta.

Atordoado, Orfeu olhou por cima do ombro e viu a loira de pé com suas botas na largura dos ombros, um arco que havia puxado de algum lugar estava pronto e obscenamente apertado no ombro dela, a mão já segurando e apontando a flecha para o lado.

—Ele lhes disse para sair. Sugiro que vocês ouçam.

Rosnados ecoaram em uníssono. Roupas rasgadas, ossos quebrados. Os outros dois híbridos se transformaram e mudaram, crescendo em tamanho, até que ficaram com pelo menos sete metros e meio de altura. Garras brotaram das mãos deles enquanto suas caras se torceram e se transformavam. Os traços humanos desapareceram, até que o que Orpheus olhava no escuro fosse uma mistura grotesca de gato de cabra e cão, com dentes protuberantes.

Merda. Hora de ir.

Com a lâmina na mão, Orpheus caminhou para trás quatro passos e agarrou a mulher de cabelos escuros pelo braço, empurrando-a na direção do anfiteatro do qual acabaram de vir.

—Corra!

Estendeu a mão para a loura, tentou empurrá-la de volta também, mas ela afastou-se dele, preparando outro disparo, e lançando uma segunda flecha. Esta atravessou o ar com um zumbido ensurdecedor, atingiu o animal do lado esquerdo como uma paulada. O *daemon* rosnou em resposta, tropeçou, mas depois rugiu e recuperou o equilíbrio.

— Filho da puta, — Orpheus murmurou, erguendo a arma enquanto o *daemon* se recuperava. — Para trás!

Outro zumbido soou. Esta flecha enterrou-se no peito do *daemon* em transformação. A loira lançou mais duas flechas em rápida sucessão como se ela tivesse feito isso mil vezes. O *daemon* tropeçou. A loira moveu a arma para a esquerda e abateu o terceiro *daemon* perto do ombro.

A pontaria certeira dela significava que Orpheus podia passar por isso sem se transformar depois de tudo. Em vez de questionar quem ela era e por que ela estava lá, ele puxou a faca da cintura e atirou-a, para terminar o serviço, na direção do *daemon* com três flechas saindo do seu peito, que ainda estava tentando chegar até a loira. Então, ele se jogou para frente com a lâmina em sua mão e feriu o outro *daemon* que avançava, atingindo-o no peito. O sangue jorrou, o *daemon* uivou. Novamente Orfeu gritou:

— Corra!

O primeiro híbrido, o único ainda em forma humana, estava se contorcendo no chão. Os dois *daemons* que Orpheus poderia segurar — eles não foram treinados guerreiros, eram scrappy fighters[9] — enquanto as fêmeas fugiam. Ele deu uma espiada sobre seu ombro enquanto lutava contra os monstros, não podia ver seu alvo. Ela obviamente fugira, mas a loira ainda estava lá,

[9] *Lutadores em muita técnica*

alinhando suas flechas e puxando uma estrela retirada da cintura dela, em seguida, arremessando-a como uma profissional.

Atirando estrelas? Quem diabos era essa garota?

Não era da conta dele, disse a si mesmo enquanto cortava em pedaços com sua lâmina, usando suas pernas como alavanca, bateu uma besta no chão e girou sobre a outra. Se ela não iria ouvir e dar o fora, ele não poderia ser responsável pelo que acontecesse com ela. Mas ele a mantinha na borda de sua visão da mesma forma. Certificou-se de que o *daemon* perto dela ficou no chão. O sangue jorrou, uivos ecoaram, e justamente quando achava que a luta estava quase no fim, o híbrido que foi originalmente atingido com as flechas dela — aquele que ainda não havia se transformado — soltou um grito de gelar os ossos e transformou-se da forma humana no maldito maior *daemon* que Orpheus já viu.

A loira praguejou. Orpheus olhou bem a tempo de ver o daemon mais próximo a ela lutando para se colocar em pé, então acertou um tapa no rosto dela e a jogou cerca de vinte metros. O corpo dela bateu no chão. Seu arco e flecha saíram voando. A estrela escapou da mão dela soltando um zumbido de prata enquanto ricocheteava contra um tronco de árvore. Do outro lado da clareira, o *daemon* — o grande líder — rosnou:

—Ela é minha.

Orfeu teve uma fração de segundo para decidir o que fazer.

Libertou seu *daemon*. O brilho o consumiu. Roupas rasgaram, ossos racharam, e um outro rugido ecoou pela floresta, só que este, sabia, vinha dele. De uma parte escondida no fundo. A parte que ele raramente deixava escapar. A parte que havia não poderia controlar totalmente.

A besta substituiu o homem. Instinto vencendo a lógica. Através da visão turva, viu a loira se arrastando para trás no chão coberto de musgo, os olhos violetas arregalados e cheios de medo. E apesar do *déjà vu* filtrado através da mente turbulenta dele enquanto olhava para ela, seus planos, seu objetivo único e verdadeiro, o que estava fazendo aqui nestes bosques, para começar, começou a escorregar para fora de seu alcance. Só um pensamento em espiral, rodou, e o pegou, substituindo todo o resto.

Um pensamento que o consumia.

Alimentar-se.

Eu não deveria estar tão ansioso para provar que eles estão errados.

O pensamento girava na cabeça de Skyla enquanto os dedos dela se fecharam em torno da pedra. Athena, a chefe do grupo Siren Order — bando de assassinos pessoais de Zeus, altamente treinados — tentaram falar ao rei dos deuses sobre o envio de Skyla nessa tarefa, mas Skyla alegou que estava pronta para a ação novamente. Não importava que apenas algumas semanas antes, estivera em uma batalha que quase a matou. Ela não deixaria que um pouco de força de um híbrido de merda a levasse para a aposentadoria.

Claro que agora, cercada por três — não, na verdade quatro — híbridos, todos maiores do que aquele que a deixou sangrando e ferida em primeiro lugar e que estavam olhando para ela

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

como se fosse uma carne de primeira qualidade, pensou que talvez não devesse ser tão cabeça-dura. Talvez só desta vez, deveria ter pelo menos dado ouvidos a lógica de Athena.

Porra, se ela pudesse alcançar sua adaga. Ela, assim como seu arco e flechas, estavam encantadas e poderia causar mais danos do que uma arma regular. Mas a pele do *daemon* híbrido era mais dura do que a maioria, e uma vez que suas flechas não estavam fazendo muito para acabar com estes monstros, mesmo ela não era garantia. A mente dela buscou opções. Encantos femininos definitivamente não funcionariam nesta situação. Sua única esperança neste momento era distrair e provocar.

O *daemon* mais próximo rosnou e avançou para ela. Mas uma voz às costas dele parou seus pés.

—Eu disse que ela é minha.

Skyla olhou sobre o primeiro para ver o outro — maior — *daemon* atravessando todo o terreno com um olhar assassino em seus olhos brilhantes. A adrenalina dela subiu. Agarrou a pedra e aproximou-se do *daemon*, aquele que estava recuando para dar lugar ao maior.

— Não pode fazer isso sozinho? — Ela zombou. —Ah, sim, você é realmente um cara foda, não é? Você limpa a bunda para ele quando ele pede também?

Os olhos do *daemon* menor brilharam, mas ele se afastou para o maior passar. Se ela pudesse jogar um contra o outro, poderia ter uma chance. Uma pequena chance.

— Ninguém toca nela além de mim. — rosnou o *daemon* maior.

Ela ergueu a pedra. Rangeu os dentes. Sentiu o peso da adaga dela na bainha contra parte inferior das costas. Mas antes que pudesse balançar e bater com a pedra, o *daemon* na parte de trás do bando — o que aparecera recentemente — surgiu, envolvendo suas garras afiadas ao redor do pescoço do monstro grande, empurrando-o para trás.

Um rugido escapou da boca do *daemon* maior enquanto os pés dele saíam do chão. Os outros dois se viraram para olhar com choque e pavor em seus rostos grotescos. O daemon maior atravessou a pequena clareira e se chocou contra um tronco de árvore. Amassado como uma boneca de pano. Um vislumbre de garras cortou até que não deixou nada além de ossos e sangue. Os outros dois *daemons*, sentindo o cheiro de carne fresca, viraram-se e atacaram.

Skyla agachou, agarrou o punhal em suas costas e atirou pelo ar. Atingiu o *daemon* enorme na parte de trás da cabeça. Ele bateu de cara no chão com um baque. Enquanto o outro se incumbia do *daemon* restante, Skyla disparou para o seu arco e flecha. Ela correu rápido, deslizou pelo chão úmido, pegou sua arma, em seguida, alinhou seu tiro e esperava como diabos que estivesse apontando para o caminho certo.

As flechas dela voaram através do ar em sucessão. Atingindo as costas do *daemon* que ainda vestia um casaco. Outro golpe de garras e tudo o que restava era ela, uma confusão sangrenta, e um homem chamado Orpheus que ela seguira para as árvores.

Correção, o *daemon* chamado Orpheus que fora enviada para encontrar.

O peito dela subia e descia com suas respirações rápidas. Com as mãos firmes de anos de treinamento, Skyla manteve seu arco na mão, sua flecha destinada ao centro mortal em seu peito, no caso dele fazer qualquer tipo de ameaça de movimento. Embora Athena alegasse que ele não

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

era violento e que, depois de trezentos anos, dominava o controle sobre seu lado *daemon*, o cheiro acre de sangue e o cheiro de lodo vil de *daemon,* flutuando na brisa lembraram a ele que era mais besta do que homem, não importando o que Athena disse.

A adrenalina dela subiu enquanto os brilhantes olhos verdes dele a fitaram. Procurou no rosto dele por qualquer sinal do homem que viu antes. O homem que tentara levá-la para sair antes que a batalha começasse. Ela não conseguia encontrá-lo. Tudo o que via era um monstro. Um monstro nascido do submundo e com a intenção de aniquilação.

Skyla endireitou sua postura e, preparou-se para uma última luta. Não, ela não iria por este caminho. Que se fodesse Zeus e que o ele queria desse *daemon* híbrido. Sim, ela foi enviada para ganhar a confiança dele para que pudesse completar sua missão, mas se ele precisasse morrer, a sua vida ou alguma relíquia estúpida que o maldito Zeus considerasse importante, ela escolheria a vida dela o tempo todo. Não importando as consequências.

Ele se adiantou.

O pulso de Skyla disparou. Ela puxou a flecha para trás.

—Fique onde está, *daemon*.

Capítulo 2

Orpheus respirou fundo, tentando regular seu pulso. Energia e escuridão irradiavam através de seu corpo — através de seu corpo daemon — urgindo-o a atacar de novo. A tomar. A alimentar-se.

A fêmea puxou a flecha para trás, a ponta pegando qualquer pequena luz da lua que filtrava para baixo da copa da floresta. Mas não havia medo em seus olhos violetas. Apenas desafio.

Tome-a. Prove-a. Alimente-se.

Ele lambeu seus lábios. Deu um passo mais perto. Sabia que seria fácil. Sugar o sangue das veias dela. Rasgar sua pele pálida. Em sua forma daemon, os instintos reinavam e a necessidade estava sempre lá, mesmo que ele forçadamente se negasse ao longo dos anos. Uma prova não iria matá-lo. Uma mordida não iria condená-lo. Ele já foi condenado a um destino pior que a morte.

Ele se aproximou cuidadosamente.

— Para trás, — ela disse. — Estou te avisando.

Algo familiar no tom dela o fez parar seus pés. Tentou ver através da neblina que sempre vinha depois que se transformava. Mas, o brilho dourado do cabelo dela e o violeta de seus olhos era tudo no que conseguia se focar. Isso e aquela voz. Ele inalou. Exalou. Tentou localizar. Não pode. Sabia que a queria. Ele sempre a tinha querido.

A luxúria de sangue se ligou sozinha e torceu suas entranhas até que a dor o consumiu. A mudança veio tão imediata quanto o corte de uma lâmina, mesmo embora ele não desejasse isso conscientemente.

Tropeçou um passo para frente, então outro. Os olhos arregalados da fêmea se focaram bem quando algo afiado cortou através de seu couro cabeludo perto de sua orelha.

— Isso foi um aviso. Eu disse para se afastar.

Ele gritou, mas nenhum som escapou de seus lábios. Ele já estava nas fortes dores da mudança. Seu corpo baixou para o chão e uma dor excruciante explodiu em todo lugar — através de seu torso, seus membros, seus dedos das mãos e dos pés, mesmo atrás de suas pálpebras.

Ele agarrou seu estômago quando uma onda de náusea rolou através dele, seguida por duas mais que acabaram com a raça dele. Ossos quebraram e tomaram forma novamente, o sangue correndo como fogo em suas veias. Um caleidoscópio de cores queimava atrás de suas pálpebras, misturando-se com o tormento que parecia não teria fim. Bem quando teve certeza que dessa vez a mudança realmente o mataria, uma friagem gelada correu através de cada célula de seu corpo, o deixando pegajoso e tremendo em seu despertar.

Respirou profundamente para encher seus pulmões doloridos, os dentes dele batendo juntos enquanto lutava contra o frio. No resultado nebuloso que era o seu cérebro, sabia que seria sortudo de encontrasse força suficiente para desenrolar-se de sua posição fetal de eu-acabo-de-ter-minha-cara-quebrada.

Mas com a fraqueza veio um fluxo de memória, e ele gemeu quando percebeu onde estava e como no inferno chegou ali.

Skata. Perdeu a fêmea que estava seguindo. Ele nem podia mais sentir aquela estranha luz dela, o que significava que ela já havia sumido há muito tempo. O que também significava que teria que começar do começo, tudo de novo, e dessa vez ela estaria se cuidando dele.

Passos ecoaram à sua direita. Ele abriu os olhos. Um par de botas de plataforma pretas enfeitadas com fivelas prateadas pararam diretamente em sua linha de visão.

Por um batimento de coração, ele não se moveu, quase não respirou. Se fosse outro híbrido estava ferrado. De jeito nenhum poderia se defender agora.

Então as pernas que estavam ligadas àquelas botas se dobraram, e o ser, não, mulher, se ajoelhou na frente dele.

— Você não parece muito bem.

Ela estendeu-se para tocá-lo. Obviamente pensou melhor e então puxou a mão dela de volta. O olhar dele se ergueu. Ele se focou no cabelo dourado dela. Em olhos maquiados esfumaçados com íris da cor de um lilás de verão. Em pele de porcelana que se estendia através de feições finamente esculpidas. E por um milésimo de segundo, apenas uma batida de coração, soube que esteve olhando para aquele rosto dezenas, não, centenas de vezes antes.

Ela se levantou e sumiu, as botas dela esmagando através de gravetos e pedras no chão da floresta. Segundos depois, ela reapareceu e pressionou um chumaço de tecido contra o lado de sua cabeça.

— Maldição, — ela murmurou. —pensei que você estava me atacando, não... — ela sacudiu sua cabeça. — deixa prá lá o que pensei. Você tem sorte que dei um tiro de aviso.

A memória dele era uma confusão de começos e paradas. Ele não fazia nem ideia do que ela estava falando.

Ela pressionou contra a orelha dele. Olhou para o sangue no retalho, pressionou de novo. Enquanto ela resmungava a respeito de adagas e veneno e mágica, o que fazia zero sentido, ele olhava para o rosto dela e tentava descobrir que infernos estava acontecendo.

Ele a conhecia de algum lugar. Estava certo disso. E ainda não conseguia localizar de onde nem que disso dependesse sua vida.

— Acho que isso vai ficar bem. Quase não sangra agora. Você sabe, se você tivesse me dito que estava mudando, isso não teria acontecido.

Ele ainda não a acompanhava, mas deitado no chão quando sua cabeça parecia como se ele a tivesse enfiado na máquina de lavar durante um ciclo de centrifugação não ajudava a situação. Empurrou a mão dela, então deu um jeito de sentar-se, descansando as costas contra o tronco de uma árvore para suportar-se.

— *Skata*. — a floresta girava. Ele pressionou ambas as mãos em sua testa pulsante e tentou acalmar as pancadas.

Transformar-se de volta sempre o deixava fraco e confuso. Se tivesse se alimentado em sua forma daemon, estaria bem. Melhor que bem. Estaria tão forte quanto os Argonautas. Mas esse não era seu objetivo, né? Não, ele não podia mudar quem era, mas podia controlar-se. A maior parte do tempo.

Olhou para baixo e encontrou suas calças rasgadas nas panturrilhas e coxas, sua camisa fatiada. Ele tinha quase certeza que estava usando uma jaqueta, mas quem no inferno sabia para onde foi? Teve sorte que ainda possuía algum tipo de roupa no corpo. Algumas vezes ele era deixado completamente pelado.

Ele se moveu para seus joelhos, se empurrou para levantar-se. A mulher estendeu-se para estabilizá-lo.

— Estou bem, — ele falou em uma voz estridente antes que ela pudesse tocá-lo. — Embora se você estiver disposta a agarrar uma coisa...

Ela lhe atirou um olhar de *sim, claro*. — Eu vejo que uma parte de seu cérebro ainda está funcionando.

Sim, seu pequeno cérebro, não o grande. Porque ele estava demasiado consciente da mulher humana de pé inteiramente perto demais dele no campo de batalha ensanguentado.

Filho da puta. Haviam três daemons mortos caídos no chão e agora precisava livrar-se deles. E ele os havia aniquilado na frente de uma testemunha.

Uma testemunha humana.

A mulher virou-se, e encaminhou-se para o híbrido que ele jogou perto dos arbustos. O cabelo dela estava sendo soprado pela brisa, haviam faixas de sujeira e sangue cobrindo suas roupas pretas, e a bochecha direita dela estava rosada, como se tivesse sido atingida ali. Mas não parecia perturbada. Ou amedrontada. E embora nada a respeito do fato de que acabou de estar em uma batalha daemon gritasse — sexy, — Orpheus não conseguia tirar seus olhos dela.

Quem diabos era ela?

Os braços do daemon estendiam-se em um ângulo estranho e torcidos contra o chão da floresta. Ela ajoelhou-se perto dos restos amassados, e olhou de perto. Orpheus abriu sua boca

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

para advertí-la, daemons, especialmente híbridos, eram criaturas enérgicas, mas antes que algum som deixasse sua garganta, ela puxou uma adaga da parte de trás da costas e decapitou a besta como uma profissional.

Duas coisa aconteceram a Orpheus no silêncio que se seguiu. Uma, ela definitivamente lutou contra daemons antes. E duas, ela foi bem treinada em como acabar com eles.

A força dele voltava pouco a pouco enquanto a observava levantar-se, limpar a lâmina ensanguentada em sua coxa, e guardá-la de novo às suas costas. Mas quando ela se aproximou silenciosamente na direção dele, aquelas botas de chutar traseiro ecoando no ar escuro e parado e o cabelo dela se arrastando atrás como se ela fosse mais uma supermodelo que uma super-mulher, Orpheu estava preso pela estranha sensação de que ele já encontrou essa fêmea em particular antes. Há muito tempo atrás. Uma vida inteira atrás.

— Nós precisamos nos livrar dos corpos. — Ela parou na frente dele, gesticulando para os dois híbridos mutilados à esquerda dele. — Uma fogueira tão perto assim do concerto vai causar muita atenção. Nós poderíamos deixá-los e jogá-los no rio. Esperançosamente os restos vão desintegrar antes que alguém os encontre.

Queimar era a maneira mais segura e rápida de livrar-se de qualquer evidência. Embora Orpheus não estivesse nem aí para o que os humanos sabiam sobre os deuses, mesmo ele era consciente do pandemônio que se resultaria se descobrissem que monstros como esses, como ele, perambulavam pela terra. A fêmea estava certa. Os restos de daemon se deterioravam rapidamente, mais rápido que o normal, mas a questão de como ela sabia disso vagava na frente de sua massa cinzenta.

Ela se inclinou para frente, agarrou o braço do hibrido mais próximo, mas Orpheus a bloqueou com sua mão no antebraço dela. Fragmentos de calor penetraram sua pele quando ele a tocou, se espalhando mais profundamente, amplificando aquela excitação que ele não deveria estar sentindo.

— Antes que a gente faça isso, porque você não me conta bem de onde você veio?

Ela levantou-se.

— E arruinar o mistério? Qual é a graça disso?

Ela estava brincando com ele. Ele não sabia por que, mas o conhecimento acalmou a tensão dentro dele.

— Você não é Argolean. — ele ativou seus sentidos, desta vez se focando nela. No que ignorou antes, porque esteve distraído demais por seu alvo para prestar atenção nela. — e você não é uma deusa. Eu não consigo discernir especificamente, mas…

— O que no Hades...?

Ela estava encarando o texto antigo nos braços dele. O texto o marcava como um guardião de sua raça.

Maldição. Quando ele perdeu sua camisa no processo de mudança, se esqueceu de tudo a respeito das marcas Argonautas. Marcas que ele não queria e mal podia esperar para se ver livre. Marcas que herdou depois da morte do seu irmão.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Os olhos dela se lançaram de volta ao rosto dele, e confusão, talvez mesmo um pouco de horror, brilharam em suas profundidades ametistas.

— Você é um Argonauta? Mas vi você mudar. Vi você se tornar naquela... naquela coisa. — ela sacudiu sua cabeça. — Daemons não podem ser Argonautas. Eles *não podem* ser escolhidos. Isso vai contra cada lei já estabelecida. Isso vai contra a ordem natural.

Ela era definitivamente sobrenatural, mas ele ainda não sabia de onde. E se ela sabia o que ele era, porque não o estava cortando e fatiando como os outros ainda agora? Quando ela puxou bruscamente o braço dela do agarre dele, ele não tentou pará-la. Porque, sim, essa fodida situação inteira ia contra a ordem dele também.

Maldito seja, Gryphon. E malditos os deuses por marcá-lo no lugar de Gryphon. Havia só uma coisa que queria agora. Uma coisa que o concederia a vingança contra o deus filho da puta que o amaldiçoou para começar.

Ele se afastou, enganchou suas mãos em seus quadris, respirou profundamente para que se mantivesse calmo e não mudasse de novo. Mas não era fácil. Porque o fogo nos olhos dela lhe diziam que essa noite estava longe de acabar.

— Que se foda o que seja que você quer saber sobre mim, — ela disse. — O que eu quero saber é... quem diabos é você?

O grito agonizante de dor que ecoou em seus ouvidos era o seu próprio, mesmo embora seus lábios não se movessem.

Em sua mente, Gryphon chutou o urubu atacando sua perna direita, mas seu corpo não obedeceu ao comando. Nunca o fez, mesmo embora desejasse e quisesse e orasse por apenas um tiquinho de movimento. Congelado no lugar, respirou fundo através da dor e fechou seus olhos, a única parte de seu corpo que podia mover, bloqueando os urubus e a visão para os que ele olhou pelos últimos três meses: pedras negras dentadas que compunham o chão e as montanhas. Nuvens vermelho-acizentadas acima que giravam e se agitavam mas nunca deixavam cair a chuva de limpeza que ele buscava. Um cânion a poucos metros na frente dele que caía para um rio de lava gorgolejante, e um vento quente e picante que soprava através da terra seca, o calor tão intenso que queimava qualquer pelo que ainda estava sobrando em sua pele, secava seus olhos, e o fazia desejar por aniquilação.

Mas a aniquilação não viria, bem como mover nem que fosse um membro era um sonho encantado com o qual teria de parar de fantasiar. Essa terra corrompida era sua eternidade. O Tartarus. O inferno em toda a sua glória. E embora o tormento de hoje fosse terminar logo, sabia que outro aconteceria amanhã. Quando acordou pela manhã inteiro e saudável, como fazia todas as manhãs, apenas para ser sujeitado a outra ronda de tortura mais agonizante que a última.

Lágrimas queimaram atrás de seus olhos. Lágrimas que nunca cairiam. Tirou sua mente da dor rasgando através de seu corpo e imaginou seu lar.

Argolea.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O reino abençoado dos heróis. Onde seus antepassados haviam morado. Onde sua família Argonauta permanecia. Onde seu irmão vivia, inteiro e saudável e vivo.

Ele se sentiu voando, podia ver a totalidade de sua terra natal quando olhou para baixo. O Oceano Olímpico azul-esverdeado com suas praias de areia branca, os campos verde esmeralda, as majestosas montanhas Aegis cobertas de neve e a cidade de Tiyrns, brilhante mármore branco no sol poente. Ele imaginou se os Argonautas estariam agora no castelo ou fora em patrulha. Se Orpheus estava com eles como ele deveria estar. Se seu irmão imaginava onde ele estava agora. Será que Orpheus se importava que Gryphon foi condenado ao Tartarus mesmo embora ele nunca tivesse feito nada para merecer isso?

Isso é uma fodida mentira.

— Não, é a verdade.

Você matou mais que a sua parte justa. O sangue dos inocentes mancha a sua alma.

— Se matei, isso foi feito por causa do dever.

Ha! Não existe dever na morte. Apenas miséria. O que você conhece muito bem agora.

A voz zombava dele. Ele odiava a voz. Lutava contra ela. E ainda assim era a única coisa constante nesse inferno que mudava o tempo todo. *— Eu sou um Argonauta. Fiz o que foi pedido de mim.*

Não mais. Você não é nada. Você é o jantar. Olhe para você. Você nem pode se mover.

— Eu servi. Eu salvei...

Você é patético. Quem você salvou? Você não pode nem salvar a si mesmo.

— Eu...

Vá em frente. Eu te desafio. Salve a si mesmo, estúpido. Eu queria ver isso.

Suas lágrimas queimaram ainda mais, mas ainda não havia umidade descendo por suas bochechas. Ele focou cada pedacinho de força que ainda possuía em uma tentativa de mover um músculo. Só uma fração de centímetro.

Eu sabia. Vê? Você é pior que patético. Você é a sujeira do umbigo. Você é a sujeira na sola dos sapatos de outro Argonauta. Você é...

—Pare!

— Morto...

— E você também! Se estou morto, você também está. Agora quem é o patético?

Silêncio desceu. Ele esperou. Escutou. Esperou. Só que a voz nem suspirou. Um vazio de gelar os ossos deslizou no lugar até que tudo o que ouvia era o rasgar de sua carne quando os urubus continuavam a fazê-lo em pedaços.

— Espere. Volte. Eu não quis dizer isso. Eu não quis dizer... Por favor? Eu serei legal. Eu prometo.

Nada.

Queridos deuses, ele estava ficando maluco. Ele não podia continuar por esse caminho, esperando e desejando por algo que nunca aconteceria, discutindo consigo mesmo só para espiralar-se de ponta cabeça na insanidade quando acordava dia após dia após miserável dia para

ser torturado tudo de novo. Precisava haver uma saída. Mesmo que esta fosse apenas um nível acima nesse infinito cheio de terror.

Escuridão espiralou-se nele. O fim, pelo menos por hoje, se aproximava. Mesmo embora não pudesse mover-se, seu corpo se sentia pesado, sua mente um tijolo caindo rapidamente. E quando se separou do que estava sendo feito a ele, tentando pensar em uma saída desse inferno infinito, a ironia não estava perdida para ele. Como um descendente do famoso herói Perseus, seu poder havia sido a habilidade de congelar[10] seus inimigos por uns poucos segundos, apenas o tempo suficiente para ter a vantagem. E não importava que ele raramente tivesse usado aquele dom. Ele agora estava pagando por isso.

Sempre pagaria por isso.

— Por favor.

Não adiantava implorar. Não havia ninguém para escutá-lo. Nem mesmo a voz. Escuridão fechou até que tudo o que ele via era uma minúscula fresta[11] de luz.

Ele estava sozinho.

Morto.

Para sempre.

Como podia Orpheus ser tanto daemon e Argonauta?

A mente de Skyla agitou-se com impossibilidades enquanto ficava de pé entre as árvores, olhando para Orpheus, e pensou de volta no que ela sabia dos Argonautas. Os sete heróis mais fortes que foram escolhidos pelo próprio Zeus para proteger tanto o reino Argolean e o humano contra os dameons de Atalanta. Embora Zeus e os outros deuses do Olimpo não pudessem cruzar para o reino abençoado, eles certo como o inferno tinham conhecimento do que acontecia lá dentro, e estavam plenamente conscientes de quais descendentes de cada linha serviam com os Argonautas. Não havia jeito de um daemon híbrido pudesse ter escorregado em desconhecimento para eles. E o fato de que nem Zeus nem Athena terem se incomodado em dizer a ela para cortar fundo.

Sua espinha se enrijeceu. Estavam jogando com ela. Havia mais acontecendo aqui do que simplesmente um daemon todo errado que estava pressionando os botões de Zeus.

— Bem? — Ela perguntou.

— Me considere dotado e talentoso. — Orpheus agarrou o daemon morto pelos pés e arrastou-o através da terra molhada em direção ao rio.

Seu comentário irritado não passou despercebido por ela. Era o mesmo tipo de resposta que ela teria dado quando não queria responder realmente. Como no inferno isso tudo era possível? A única coisa clara no momento era que ele estava se movendo mais devagar do que ele esteve

[10] *Não no sentido de gelo, mas de não poder mover-se.*

[11] *Minúscula como um alfinete.*

antes. Quando ele voltou pelo segundo daemon, suor cobria sua testa e o sangue começou a pingar da ferida perto de sua orelha de novo.

Daemons se curavam rápido. Também os Argonautas. Mas aparentemente o processo de mudança tirava alguma coisa dele. Questões sibilavam ao redor de sua cabeça, questões que ela queria — necessitava — respondidas. Mas podia ver que não as conseguiria agora. Não com ele nessas condições.

Ela arrastou o que restou do terceiro daemon para o rio sozinha. Quando chegou perto, largou o corpo, pisou por cima, e agarrou as pernas do daemon que Orpheus estava tentando atirar na água. Ela podia ver que ele encheu os bolsos da besta com pedras e estava tendo problemas para levantá-lo.

Ele se enrijeceu, encarando-a por um longo segundo. A luz da lua acentuava os músculos da mandíbula dele, a força em seu pescoço, a largura de seus ombros.

— Trabalhando com o daemon Argonauta agora?

— É isso ou observar você se esforçar. Considere isso minha boa ação do dia. Sempre tive uma fraqueza por pobres coitados.

Ele limpou a garganta bem alto, suspendeu a parte de cima do corpo do daemon. — se embaixo é a posição que você gosta, mulher, tudo o que você tem que dizer é quando.

— Ha. No estado em que você está agora, você nunca seria capaz de acompanhar.

Um brilho acendeu os olhos dele, mas não respondeu. E aquilo mais do que qualquer outra coisa disse a ela o quanto ele estava sofrendo. Ela o ajudou a lançar os outros corpos para o rio, e lembrou a si mesma de se manter ligada[12]. Ele podia parecer dócil agora, mas não era. Não realmente. E mesmo embora fosse sexy — alto, forte, com cabelo marrom-dourado[13] que precisava de corte e um dia de barba por fazer em sua mandíbula esculpida — ele ainda era uma ameaça. Embora uma ameaça que a intrigasse.

Quando todos os restos foram jogados fora, Orpheus limpou o suor de sua testa quando passou por ela, dirigindo-se para a clareira. Ela o seguiu e diminuiu o passo quando ele parou para olhar para baixo para o arco dela, caído no chão da floresta.

Inofensivo[14]. A palavra de Athena ecoava na mente de Skyla, mas seus dedos se contraíram do seu lado e a adaga se sentiu pesada onde estava pressionada contra a parte baixa de suas costas.

Ele se abaixou para pegar o arco dela, se virou, e o estendeu para ela. Cuidadosamente, ela o aceitou, ainda insegura das intenções dele, então pressionou um botão no final sem uma palavra, encolhendo a arma para uma barra de metal de cerca de 15 centímetros.

— Definitivamente não humana, — ele disse. — Embora esse corpo... nada mal. E desde que sei que você também não é Argolean, isso me deixa com um par de opções.

---

[12] *Consciente do que está fazendo, não se deixar distrair.*

[13] *No original sandy brown – cor-de-areia amarronzado...*

[14] *No original Nonviolent – não violento, ou com falta de violência.*

Ela não respondeu. Não ia contar nada para ele. Mas reconheceu o calor nos olhos dele. Não um calor daemon ou um calor de batalha, mas um calor masculino. O tipo que dizia que ele estava interessado. Seu estômago se apertou quando ela escorregou a barra em sua bota e esperou.

— Não que me importe. — Ele encolheu os ombros. — Algo me diz que você é o tipo de fêmea que não joga bem — ou gosta de dividir — com outros.

Talvez. Mas Skyla não estava vibrando com o fato que ele podia lê-la tão facilmente também.

—Acho que vou embora. — Ele se virou na direção das luzes do estacionamento.

Pânico fechou-se nela quando o observou afastar-se a largos passos.

— Espere.

Uma sobrancelha se angulou para cima quando ele a olhava de volta por sobre seu ombro, uma expressão sexy que esquentou o sangue dela.

— Para que?

Sim, para que? Ela buscou em sua mente. *Não é porque ele te intriga. É porque você tem um trabalho a fazer*. Concentrando-se nas calças e na camisa rasgadas dele, ela disse:

— Você não pode andar por aí assim. Você vai chamar atenção.

Ele olhou para baixo para o seu peito quase nu, seu muito impressionante, muito musculoso peito nu. Então o *e daí dele?* Pulou de volta para o rosto dela.

As bochechas de Skyla se esquentaram. Mesmo para ela, a desculpa parecia idiota. Mas ela ainda precisava de respostas. E embora soubesse que poderia seguí-lo de novo e ver para onde ele iria em seguida, ela sempre tinha sido melhor em obter informações de seu alvo do que seguido-o. Afinal, era isso que foi designada a fazer.

Então faça o que foi designada a fazer e prossiga por isso.

—Tenho um quarto não longe daqui, — Ela disse. — Tem roupas lá. Você pode pegá-las. Além do mais, você precisa cobrir essa ferida antes que pegue uma infecção.

Ele levantou sua lâmina do chão, encontrou a bainha a alguns metros dali.

— Um quarto? Você apenas convenientemente tem um quarto nessa cidade sem nada?

Não exatamente, mas quando ela descobriu que a fêmea que ele esteve seguindo comprou entradas para o concerto de rock pesado, ela teve a impressão de que isso atrairia todos os tipos. E ela *esperou* que ele aparecesse procurando por ela.

Felizmente, sua intuição estava certa.

E como não podia dizer isso para ele, ao invés, ela disse:

— Eu... gosto de estar preparada.

Ele não respondeu imediatamente enquanto jogava a arma por sobre suas costas de forma que a alça ficasse por cima de seu peito nu e cruzou de volta para ela. Ele parou a alguns centímetros dela. E embora ela lutasse contra, o calor do corpo musculoso dele a fez ficar um pouquinho tonta.

— Porque você se importa? — ele perguntou. — Você viu o que sou. E foi você quem me cortou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela o cortou. Mas isso foi antes, quando pensou que ele ia comê-la. Agora... agora as coisas mudaram e não sabia por quê. Ela olhou para baixo para seus antebraços de novo, cobertos com as marcações Argonautas. Marcações que *não* deveriam estar na pele dele.

— É o mínimo que posso fazer.

— Isso deve irritar.

— O que?

— Agradecer a um daemon.

O escudo guerreiro dela levantou mesmo que tivesse trabalhado para manter sua expressão neutra.

— Se você não estivesse perseguindo aquela garota, ela não poderia ter caido naquele bando de híbridos e eu não precisaria agradecer a você agora, precisaria?

— Ninguém pediu a você para intervir.

Não, ninguém mais além de Zeus. Embora ela não estivesse a ponto de dizer isso.

Ela debateu a melhor tática. Sabia, não importando o quão atraente ele fosse, que seus charmes femininos eram certamente seu melhor.

Então prossiga com isso.

Antes que ela pudesse mudar de ideia, aproximou um passo, então estendeu-se para correr um dedo para baixo no centro do peito suado dele.

— É sua escolha daemon. Estou apenas tentando ser legal. Se você não está interessado...

Um choque de déjà vu agitou-se através dela quando o tocou. Era como se ela o tivesse tocado assim antes. Suas palavras foram cortadas no meio da sentença. Ele puxou um fôlego como se tivesse sentido isso também.

Skyla recuou. Buscou o rosto dele e tentou se lembrar se já o havia encontrado em algum outro lugar. Mas certamente que não. Ele era um estranho.. um daemon híbrido... sua *missão*. Só que, quando olhou para ele, seu estômago se apertou como se *ele a* tivesse tocado e ela tivesse gostado. Imensamente.

Ela passou por ele, mais trêmula do que queria admitir. Estranho. Energia residual da luta? Memórias da última vez que ela deu de cara com um híbrido e quase morreu? Tinha que ser. Não podia ser outra coisa.

— Onde você as consegue?

A voz dele parou seus pés, diminuindo a velocidade de sua mente.

— Consegue o que?

— As roupas. — As botas dele esmagavam gravetos e folhas mortas quando ele andava na direção dela. O interesse dele brilhava quente em seus olhos.

Relaxando, porque esse era um papel que ela sabia como jogar bem, descansou sua mão em seu quadril, mudou seu peso de uma forma que sabia, acentuava seus seios. Machos eram tudo a mesma coisa, humanos, híbridos ou imortais. Se tudo corresse como planejado, teria a informação que precisava antes que a noite acabasse.

— Preocupado que elas pertençam a um ex-amante?

Ele riu. — Não.

— Não?

Ele se inclinou para perto, e mesmo embora estivesse coberto de sangue e momentos atrás tivesse se transformado em um monstro, calor inflamou o abdômen dela. Um calor que a mandou um passo para trás, bem no capô de um carro estacionado.

— Especialmente não, depois que você não foi capaz de parar de olhar para meu traseiro desde que deixamos o rio.

— Isso não é o que eu...

Ele colocou suas mãos no capô do carro. Inclinou-se mais perto. Até que o calor do fôlego dele fez cócegas em sua orelha, mandando formigamentos por toda sua pele.

— Curiosidade matou o gato. Ou os humanos gostam de dizer. Se assegure que essa é uma curiosidade com que você está disposta a apostar, fêmea.

Ele se afastou e andou com dificuldade através do estacionamento antes que ela pudesse pensar numa resposta. Antes que ela pudesse dizer a si mesma que só perdeu a vantagem. Ela era treinada para a sedução, mas ele parecia ser quem estava seduzindo. Se ela deixasse essa passar sem tomar as rédeas, colocaria não apenas a si mesma mas também sua ordem em risco.

E aquilo... bem, para colocar nas palavras dele, não era algo com o que estava disposta a apostar. Podia não ter muito, mas possuía a ordem. Isso salvou sua vida. Isso lhe *deu* a vida. Nenhum sexy, charmoso, ou intrigante daemon nunca a faria esquecer-se disso.

Capítulo 3

Maelea fechou a porta de sua casa em Laurelhurst[15] nas margens do Lago Washington e ficou de pé na entrada escura, ouvindo o silêncio. Tanto silêncio. Anos de silêncio. Era incrível que não tivesse ficado maluca com todo aquele silêncio eras[16] atrás.

Como se você já não estivesse maluca?

Ela ignorou aquele pensamento porque não a levaria a lugar nenhum, respirou fundo para diminuir sua adrenalina. Não se incomodando em acender a luz, cruzou o chão de mármore e se moveu pelas escadas ricamente acarpetadas até que alcançou sua suíte no segundo andar. Luzes brilhavam fracamente pela água através da janela de seu quarto, mas essa noite não se incomodava com a vista.

Acendeu a luz do banheiro, olhou para seu reflexo no espelho. Seus olhos pareciam assombrados, seu rosto encovado. Em todos os seus anos, ela não se sentiu como um fantasma, mas essa noite se sentia. Essa noite, depois de correr de todos aqueles daemons, se perguntou o que no inferno esteve pensando, indo naquele concerto, buscando pelo escuro.

[15] *Cidade de Portland, Oregon, EUA, onde se passa a história.*

[16] *Um longo período de tempo.*

Ela conhecia o cara grande que a estava perseguindo. Ela podia sentir a escuridão do Submundo radiando dele.

Imagens daqueles daemons tomaram forma de novo em sua mente, e para não enlouquecer, foi para o chuveiro, ligando a água. Com cuidado para não olhar para seus braços e pernas enquanto tirava suas roupas pretas folgadas, foi para baixo do spray de água e esfregou qualquer remanescente da noite.

Secou seu cabelo com uma toalha, escovou as mechas pretas longas, então enrolou seu corpo em um robe de seda cor de pêssego e se dirigiu para o andar de baixo para a cozinha. Mas quando começou a preparar uma chaleira de chá verde para acalmar seus nervos, então relaxar-se em sua cadeira de pelúcia favorita na sala de visitas e olhar para a água do Lago Washington, a luz dentro dela que esteve atraída por toda aquela escuridão pulou de excitação.

E se ele fosse o escolhido? E se ela finalmente tivesse achado seu caminho para o Olimpo?

Medo e excitação, luz e trevas, eles eram cada um tão parte de sua vida, ela não sabia por onde começar. O bom senso lhe disse que devia ter ficado no concerto, deveria ter esperado para ver se ele emergeria das árvores depois daquela luta daemon. Se ele a seguiu até aqui, ele poderia achá-la em casa. Mas o medo a colocou para correr. Medo e uma necessidade de formular um plano. Embora não pudesse envelhecer, não era imortal como seus pais. Ela não possuía poderes como os deuses. Era simplesmente uma fêmea e frágil e sozinha. Tão sozinha.

Bem como eles queriam.

Bastardos.

O que seus pais não sabiam era que ela era determinada. Mais agora do que nunca. E se o cara que a perseguiu hoje a noite era realmente o escolhido, sabia que ele viria procurando por ela de novo. Da próxima vez, estaria preparada. Da próxima vez, faria o que quer que fosse necessário para fazer seu sonho se realizar.

A chaleira apitou e ela pulou da cadeira com um renovado senso de propósito então se moveu para a cozinha onde colocou para si mesma uma chaleira fumegante e tentou não se precipitar.

Apenas uma coisa era certa: não iria vagar nesta terra sozinha e silenciosa como uma alma penada até o fim do tempo. Ela não deixaria o silêncio arrastá-la para a insanidade. E não importa o que acontecesse, não se tornaria o mal embora Hades a tivesse amaldiçoado para ser.

Orpheus seguiu Skyla por uma escadaria e parou do lado de fora de uma porta de metal azul no sujo e decrépito motel de aluguel-por-semana no limite da cidade.

Enquanto ele encarava a parte de trás da cabeça dela, uma rajada de madressilva encontrou seus sentidos. A mesma fragrância que ele notou na multidão no concerto, naquela clareira, e todos os segundos desde então. Um cheiro que era estranhamente... familiar.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela alcançou a porta, procurou por ele com seus sentidos[17], lançou-lhe um sorriso de um só de um lado da boca quando sua mão se abaixou com uma chave.

— Fique aqui. Eu já volto.

Ele não sabia o que ela estava tramando, mas esperou no corredor enquanto ela desaparecia no apartamento e então saiu alguns segundos depois com um par de jeans dobrado e uma camiseta pendurados em seu antebraço. Ela trancou a porta, retirou a chave e então fez menção para ele seguí-la de novo pelo corredor.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Do vizinho. Ele é mais ou menos do seu tamanho. Trabalha à noite. Confiado demais.

Ele deu um sorriso malicioso quando ela parou na frente de outra porta azul e puxou uma chave de seu bolso. Uma maquinadora, como ele. Quem teria pensado?

—Pensei que você havia dito que as roupas eram suas.

— Eu nunca disse isso, — ela respondeu, abrindo a porta com seu quadril. — E de jeito nenhum você caberia em minhas calças. Se você coubesse, eu teria que me matar.

Ele olhou pra as calças dela. E seu traseiro sexy. Disse a si mesmo que tentar encontrar um jeito de *entrar* nas calças dela era uma ideia realmente idiota. Ele não tinha tempo de brincar com a loira, seja lá quem fosse. Ele precisava estar de volta lá fora, procurando a fêmea de cabelo escuro de novo. Mas ele não queria estar. Por alguns minutos, queria uma pausa. Ansiava por uma coisa apenas para si. Precisava daquela conexão com outra pessoa para se lembrar que não estava morto. Como Gryphon.

Pensamentos sobre Gryphon trouxeram de volta o aperto em seu peito com que viveu pelos últimos três meses. Pensou na fêmea que esteve perseguindo antes. E na forma como o sangue havia falado com ela na multidão daquele concerto.

Ambos se conheciam de alguma forma. Por que outro motivo a loira os seguiu para as árvores?

Ela fechou a porta atrás dele, acendeu a luz da cozinha. O lugar estava muito longe de ser um Ritz[18]. A cozinha se espalhava em uma sala de visitas minúscula com uma parede de janelas que olhava para uma deque fechado e a escuridão mais além. A mobília era velha, coberta com um tecido xadrez em marrom e laranja que parecia saído direto dos anos setenta. As mesas eram de compensado de madeira, e as cortinas penduradas de um lado das janelas eram feitas de um material pesado, branco com cara de velho e manchado de fumaça de cigarro.

Ele se virou devagar, olhando para uma cozinha do tamanho de um armário embutido com sua bancada de cor verde-abacate e geladeira que mal atingia a altura do ombro de Skyla, combinando, as cadeiras marrons de vinil rachados e mesa combinando. E o pequeno corredor à sua esquerda, com um carpete grosso marrom áspero, era enquadrado por duas portas, ambas amassadas e marcadas por tempo e abuso.

[17] *Feel around: tentar achar, procurar uma coisa ou uma pessoa por sentido e não por vista.*

[18] *Cadeia famosa de hotéis luxuosos.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele não duvidava por um minuto que isso não era nada mais que um ponto de parada para ela, um que combinava com ela tanto quanto os Argonautas combinavam com ele.

— O banheiro é aqui. — Ela se moveu pelo corredor, empurrou a porta aberta para a esquerda, acendendo a luz.

Mais bancadas verde-abacate e um espelho em cima da pia que refletia bochechas encovadas riscadas com sangue, pele pálida, e o cabelo de pé para todo lado.

Ele tirou os olhos de seu reflexo, se moveu para a porta do outro quarto, onde ela desapareceu. Uma cama full-size[19] com uma feia colcha laranja-queimado enchia o espaço. Uma cômoda pequena, mesa de cabeceira, e abajur rodeavam o quarto.

— Fabuloso. Você fez a decoração sozinha?

Ela se agachou na frente da cômoda, abriu a gaveta de baixo, e tirou uma toalha limpa.

— Oh sim. Marrom-cor-de-bosta e verde-vômito são minhas cores favoritas. Não são as suas?

— Obviamente. Sou um daemon, certo?

Um canto dos lábios dela se curvou. Um sorriso sexy que sobrecarregou o sangue dele. E de novo ele foi atingido pelo fato que ela não parecia nem um pouco com medo dele.

Ela levantou-se, e estendeu para ele a toalha e as roupas.

— Enquanto você se lava, vou encontrar curativos para a sua cabeça.

Ele não se incomodou em dizer a ela que não precisava de curativos. Ao invés disso pegou as roupas, puxou-as contra seu peito para que ela pudesse passar. Estava a ponto de perguntar por que ela não estava amedrontada como uma pessoa normal estaria, quando o corpo dela se roçou no dele na entrada da porta.

O calor dela queimou cada centímetro dele, reinflamando a excitação que sentiu lá nas árvores. Apenas que isso não era apenas sexual. Não, isso era algo mais. Uma consciência. Um sentimento de déjà vu. Uma memória que ele não conseguia trazer para o foco.

Os pés dela pararam. Seu sorriso se desvaneceu. E o estômago dele sentia como se estivesse dando cambalhotas quando percebeu que ela sentiu também.

Quem era ela? O que ela era para ele? E porque no inferno ele não conseguia descobrir como a conhecia?

Ela se dirigiu de volta para a cozinha.

— Tome seu tempo.

Porque diabos ficava tão estremecido ao redor dela?

Skata. Talvez essa última mudança tivesse sido demasiado forte. Talvez tivesse finalmente sofrido algum dano cerebral sério no processo.

Entrando no banheiro, afastou o pensamento, evitando o espelho. Ele não precisava ver seu reflexo para saber que parecia como a merda. Ele se sentia assim também. E não apenas pela mudança. Meses de busca, apenas para dar de cara com o desapontamento, estavam cobrando

[19] *É uma cama de solteiro de tamanho maior (mais larga) que as que temos no Brasil, mas menor que uma cama de casal.*

seu preço. Precisava de comida. Umas duas horas de sono. E encontrar aquela maldita fêmea de cabelo escuro antes que perdesse o Orb para sempre.

Vapor encheu o espaço quando deixou a água bater em seu corpo moído. Ele esfregou sabão em toda sua pele, lavou seu cabelo com xampu de um frasco roxo que cheirava menininha demais, então fechou a água e se secou com uma toalha da prateleira. Enquanto ele se secava, avistou o texto em Grego antigo em seus antebraços que corriam para baixo até entrelaçar-se em seus dedos.

Cara, se os Argonautas pudessem vê-lo agora. Não, nada disso. Ele já sabia exatamente o que eles diriam ou fariam se tivessem visto a mudança inesperada que teve naquela clareira. Daemons não eram apenas discriminados no mundo deles, eles eram seus inimigos implacáveis. Se fosse espalhado que ele era meio daemon, os Argonautas seriam os primeiros a crucificá-lo, provavelmente na Tiyrns Square[20], para todos os Argoleans verem. Esquece o fato que ele era o último descendente vivo do famoso herói Perseus. E nem pensar que ele havia ajudado sua rainha e todos os Argonautas mais vezes que podia contar. Jogou a toalha em desgosto, vestindo o jeans limpo. Para eles ele nunca seria nada mais que um daemon. Útil de uma única forma: morto.

Ele colocou a camiseta azul escura que mal coube, enfiou seus pés de volta em suas botas, e penteou seus cabelos com os dedos. Foda-se o que ele *achava* que queria. Havia apenas uma coisa que precisava agora. O Orb de Krónos. Uma vez que tivesse isso... bem, então a sorte finalmente mudaria.

E a respeito da loira... sim, ela era gostosa, mas não tinha tempo para isso. E as sensações estranhas sibilando ao redor de seu peito quando olhava para ela não estavam apenas o atrasando. Estavam-no distraindo. Então ele sairia de lá, descobriria o que ela sabia de seu alvo, então iria embora.

Decisão tomada, agarrou sua arma da bancada onde a deixou e abriu a porta do banheiro. Vapor o precedeu no corredor, onde o cheiro de bacon enchia o ar. Seu estômago roncou, e virou o canto para encontrar a loira — merda, devia ter perguntado o nome dela — de pé no fogão, preparando bacon e ovos mexidos. Estava vestida com roupas limpas: outra camiseta preta — essa agora, de mangas curtas — um par limpo de calças pretas justas, e as mesmas botas góticas de arrebentar traseiros que usava antes. Mas não era a roupa dela que fez a sala girar. Foram os eletrodomésticos modernos no fundo que fizeram sair o mundo de debaixo dele.

Pedra gasta, um forno de assar, e uma velha mesa cheia de marcas[21] enchiam o espaço. E naquela bancada, a mesma fêmea, mexendo algo em uma tigela de cerâmica. Só que dessa vez ela estava descalça, vestido uma combinação de vestido feito de gaze branca e amarrada à cintura fina com uma trança de algodão dourado.

Ele estendeu-se e segurou a parede do corredor para estabilizar-se.

Ela olhou para ele, sua mão parou de mover-se. A tigela estava enganchada na dobra de seu outro braço. Uma faixa de farinha corria por sua bochecha direita.

---

[20] *A praça principal da cidade de Tiyrns, em Argolea (provavelmente).*

[21] *Como cicatrizes, arranhões.*

Um sorriso morno espalhou-se pelo rosto dela. Um cheio de calor e travessura e conhecimento.

— Pare de olhar para mim desse jeito. Você sabe que está brincando com fogo.

Ela voltou a mexer a colher. Olhando para baixo para seu trabalho com um sorriso vitorioso. Virou-se para alcançar alguma coisa atrás dela.

Mas Orpheus sentia como se tivesse acabado de ter levado um baita soco em seu estômago.

O ar deixou seus pulmões em um ofego. A sala girou de novo, girando seu estômago de ponta cabeça. A bainha da espada caiu de sua mão quando ele se estendeu para a parede com sua outra mão. Ele se sentiu caindo. Viu sombras se fechando como em um túnel de todos os lados. Mas era impotente para impedir-se de desmaiar como um maricas.

— Daemon? Pode me ouvir? — a voz estava amortecida. Distante. Alguma coisa dura pressionou seu peito para baixo. — Ei, vamos lá. Acorde!

Um estouro ecoou ao redor dele. Seus olhos se abriram depressa.

— É isso. Sim, isso mesmo, continue olhando pra mim.

Ele não podia fazer nada além disso. Olhou para dentro daqueles olhos ametista que brilhavam como as Montanhas Aegis no brilho do sol do começo da manhã. E sentiu aquele agito de familiaridade tudo de novo.

— Isso aí. Vê? Não foi ruim afinal de contas. — A voz dela não estava mais abafada. — Vamos levantar você.

Ele não lutou com ela quando puxou seus ombros, virando-o para encostar-se à parede, suas pernas jogadas na frente dele. Enquanto sua cabeça continuava a girar como um pião, ela voltou à cozinha, desligou o fogão, alcançou bandagens e outros suprimentos, então voltou e se ajoelhou perto dele.

Madressilvas sopraram[22] em volta dele quando ela se inclinou para perto e olhou para o lado de sua cabeça. Mas aquela visão dela naquela cozinha antiga não saía de sua cabeça. Aquilo e o sorriso de conhecimento que ela enviou para ele que falavam de familiaridade em um nível pessoal. Um nível íntimo.

Fragmentos de calor ricochetearam em todos os lugares que ela tocava, enviando um formigamento para baixo em sua espinha que o deixou mais tonto que antes.

— Parece como se esta ferida finalmente sarou, — ela disse. — Eu sei que os daemons curam rápido, mas... bem, você não é o que esperava.

Nem ela era. O que quer que fosse que ela estava fazendo a ele, pensou, ele estava a ponto de parar com isso.

Ele agarrou o pulso dela, ignorando o calor que queimou entre seus dedos.

— Eu quero... respostas.

Outro golpe de déjà vu reverberou através dele. Ela olhou para onde ele a segurava, e algo parecido com choque apareceu no rosto dela. Então ela arrancou sua mão livre com um puxão

[22] *O cheiro de madressilvas*

rápido de seu pulso, um movimento que disse a ele que era mais forte do que parecia, e ficou de pé.

— Você precisa de comida. Nós falaremos depois que você comer.

Foda-se isso.

Ele nunca desmaiou na vida. Não podia acreditar que o fez agora, especialmente na frente dela. O que quer que ela fosse — bruxa, feiticeira, imortal —estava lançando algum tipo de porra mental nele. Fazendo ver e sentir coisas que não eram reais. Sua mãe foi Medean. Ele estudou a arte dela, sabia como lançar feitiços ele mesmo quando era a hora certa, e estava bem consciente do poder que as artes escuras podiam exercer. Ele não estava a ponto de ser manipulado por essa fêmea, de jeito nenhum.

Ele se levantou. Antes que ela chegasse ao fim do corredor, ele apareceu na frente dela, fazendo com que os pés dela parassem subitamente.

Surpresa acendeu os olhos dela. Confusão seguiu rapidamente seu rastro. Argonautas podiam se desmaterializar apenas em Argolea. No reino humano estavam limitados às mesmas leis da natureza que os humanos. Mas não ele.

Ela deixou cair seus suprimentos.

— O que...? Como você fez isso?

— Eu sou cheio de surpresas. —Deu um passo na direção dela.

Ela recuou mais.

— O que você pensa que está fazendo?

— Eu tive um dia de merda e estou cansado dos jogos de mente. — As costas dela alcançaram a parede. Ele sabia que seus olhos estavam verdes brilhantes, iluminando o corredor escuro em volta deles, mas não forçou seu daemon de volta como normalmente faria. Neste momento ele precisava da força dele. —Quero respostas, e as quero agora.

Ele pressionou uma mão contra a parede e se inclinou mais perto. Até que o calor da pele dela deslizou sobre ele e a batida do coração dela era tudo o que podia ouvir.

—Quero saber quem diabos você realmente é. E quero saber o que você estando aqui tem a ver comigo.

Capítulo 4

Skyla não era do tipo de fugir de uma briga. Mas viu o dano que Orpheus podia fazer em sua forma daemon. E perto assim, se ele mudasse, não haveria tempo para ela alcançar suas armas.

O hálito quente dele correu por sua orelha, serpenteando para baixo em seu pescoço, enviando formigamentos correndo ao longo de sua espinha. Formigamentos que guerreavam com o perigo que ela deveria estar sentindo. Ele cheirava como o xampu de uva que comprou há uns dias atrás, e perto assim ele era maior do que havia se dado conta, todo músculo e força.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Desde o momento que ele a seguiu para o apartamento decrépito que ela alugou pelo tempo que procurava por ele, estava excessivamente consciente dele. De seu tamanho, de seus movimentos, da masculinidade crua que ele radiava todo momento. E ela não poderia parar de pensar sobre o poder que ele manejou lá naquelas árvores. Não apenas a maneira como ele dizimou aqueles daemons, mas a maneira que colocou a si mesmo e a ela em perigo. A maneira como ele tentou fazê-la ir embora. A maneira como ele falou para a outra fêmea para fugir.

Que tipo de daemon faria isso? Nenhum que ela tivesse conhecido.

Sua pele se esquentou. Aquela dor — aquela que ela não conseguia explicar — deslizou por seu estômago para localizar-se em suas pernas. Ela usou sexo no passado para se aproximar de um alvo, mas isso era diferente. Isso era *ela* reagindo a *ele* e não o contrário.

— Estou esperando, — ele disse.

Bons deuses, o que estava errado com ela? Ele a estava tratando rudemente e estava ficando excitada? Isso não era mesmo a forma como ela trabalhava.

Enquanto ela lutava contra a estranha reação, ela olhou para os olhos verdes brilhantes. Olhos que lentamente se desbotavam para cinza enquanto ele olhava para ela. Olhos não de um daemon, mas de um homem. Olhos que a hipnotizavam em um nível que não experimentava em mais de dois mil anos.

Ela sabia bem ali que não importava o que ele dissesse ou como usasse o tamanho dele ou daemon para tentar intimidá-la, não iria machucá-la. Se ele quisesse, o teria feito na floresta. Ele não a teria salvo.

— Fêmea, é hora de você me dizer...

— Skyla.

— O que?

O olhar dela deslizou para a boca dele, uma boca que ela subitamente queria provar.

— Meu nome é Skyla.

— Seu nome não é o que quero neste momento.

Calor fragmentou-se em suas veias. Ela olhou para os lábios dele. Firmes e masculinos. Lambeu os seus próprios. Beijar implicava em intimidade, e intimidade era algo que aprendeu há muito tempo atrás a evitar. Mas a necessidade de tocá-lo, de prová-lo, estava bem ali, pulsando ao longo das terminações de seus nervos, provocando seu controle. Seguiu a curva forte do queixo dele, e finalmente a deleitável linha da mandíbula.

— O que você quer daemon?

— Respostas. De onde você veio? E como você conhecia a fêmea que eu estava seguindo...

Ela se elevou em seus dedos dos pés, pressionou sua boca na mandíbula dele até que o cheiro almiscarado dele enchesse seus sentidos e o sabor salgado da pele dele explodisse em sua boca. Então parou porque essa era uma ação que ela não planejou e agora não sabia como terminar.

Ele se afastou. Olhou duro em seus olhos. E no silêncio que se seguiu, ela racionalizou que isso era o que ela estava suposta de fazer: seduzir, ganhar sua confiança, usá-lo para descobrir o

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

que Zeus queria tão desesperadamente. Mas subitamente isso não era a respeito de seu trabalho. Aquela dor intensificou até saciá-la, com ele, era tudo no que ela podia se focar.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

— A mesma coisa que você quer que eu faça.

— Eu nunca disse que queria que você...

Ela fechou a brecha que ele criou antes que pudesse se parar, pressionou seu corpo ao longo do dele e seus lábios na pele suave de sua garganta.

— *Skata*, fêmea. Estou começando a pensar que é você que tem um dano cerebral.

— Possivelmente. Isso é um problema pra você? — Ela beijou o pulso em sua garganta, encontrou outro, mais deleitável ponto que para provar e saborear. Esperou por ele para trazê-la mais perto. Esperou por um sinal do calor que ela viu mais cedo nos olhos dele.

Quando ele não o fez, ela decidiu ir com tudo.

— O que está errado, daemon? Sou muita areia pro teu caminhãozinho? Talvez a criatura que você estava perseguindo era mais do seu gosto? Aposto que você prefere suas mulheres dóceis, não?

Por uma fração de segundo pensou que ele fosse se afastar, mas então um rosnado ecoou baixo na garganta dele. As mãos dele deslizaram por seu cabelo. Ele ergueu o rosto dela para beijá-la. Mas haviam apenas sinapses queimando em seu cérebro para lembrá-la que beijar era um nem-pensar, e ela jogou sua cabeça para o lado, oferecendo seu pescoço ao invés.

Ele hesitou o menor dos segundos, como se pego de surpresa.

—Gosto que minhas mulheres gritem. — Então ele pressionou seu corpo no dela ao longo da parede. — Isso era o que você queria, Skyla? Estou fazendo você gritar?

Antes que ela pudesse responder, beliscou em seu pescoço, sugou a pele, e trabalhou sua perna entre ambas as dela até que ela sentiu o comprimento de sua ereção pressionando contra seu quadril. E o jeito como ele disse seu nome...

Sim. Deuses, sim.

Ela gemeu à sensação dele, e os lábios dele em sua garganta enviando ondas de choques de prazer direto ao seu núcleo. Seus dedos se apertaram no tecido da camisa dele. Ela levantou sua perna ao redor do quadril dele, segurando-se contra ele. Puxando-o ainda mais perto.

Perigo a excitava. Porque mais estaria reagindo desse jeito? Embora as marcações dos Guardiões Eternos cobrissem os braços dele, a lógica lhe disse que esse daemon não era nenhum herói. E ainda assim aqui estava ela. Esfregando-se contra ele no corredor de seu apartamento decrépito como uma ninfa maluca por sexo. Desesperada por mais. Doendo por algo que apenas ele poderia dar a ela.

Em algum nível, ela sabia que deveria parar... mas aquele nível estava desaparecendo no fundo, se movendo bem para longe de seu alcance. E contanto que não ficasse emocionalmente envolvida, porque não faria isso? Ela poderia completar sua missão *e* aproveitá-la ao mesmo tempo. E deuses, foi um tempo tão longo desde que aproveitou alguma coisa. Ela merecia alguns momentos de liberação.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Mais. — Ela se moveu contra ele, arrastou sua cabeça para o outro lado de seu pescoço. Suas mãos deslizaram pelo peito musculoso dele para agarrar a barra da camisa e puxá-la por sobre a cabeça dele. Ele quebrou o contato só por tempo suficiente para que ela jogasse a camiseta no chão. Através do rosto dele, a mesma necessidade sentiu refletida de volta para ela.

O peito amplo dele, coberto com pelos escuros espalhados, levantou e abaixou com seus fôlegos laboriosos. Ele enfiou suas mãos debaixo da camiseta dela até que ela caiu no chão perto da dele, e seus dedos, mornos e fortes roçaram seus mamilos.

— O que é isso?

— Seios. — Ela se inclinou mais perto, encontrando a orelha dele de novo. Deuses, ele tinha um gosto tão malditamente bom. Cheirava ainda melhor. E aquela barra de aço entre suas pernas era bom, mas nem de perto bom o suficiente. Ela a queria mais perto. O queria profundamente dentro.

— Eu sei o que são esses, — ele resmungou, espalmando os seios dela quando ela enrolou os braços ao redor de seus ombros, elevando-se mais para roçar-se contra ele bem onde ela o queria mais. — Eu quis dizer *isso*. O que está acontecendo aqui? O que diabos é isso?

— Não vamos super-analisar. — Ela apenas queria sentir. Entregar-se às sensações girando seu mundo[23] bem debaixo de seus pés. Ela se preocuparia com sua missão mais tarde. — Tire logo meu sutiã.

O fecho abriu com um estalo e as alças deslizaram pelos braços dela. Ela se torceu para fora do sutiã e estendeu-se para ele de novo. Prazer se curvou através da pélvis dela enquanto ele enganchava a perna dela no quadril dele uma vez mais e correu seus dedos através de sua calcinha.

— Maldição. — A boca dele beliscava seu queixo, traçando quentes e suculentos beijos em direção ao seu ouvido que arrebatavam cada parte de seu ser. Ele não parecia conseguir o suficiente dela também. Ela ofegou em surpresa quando ele abriu o zíper de sua bota, arrancou-a, e jogou-a para o fim do corredor, então despiu suas calças para baixo em suas pernas, com calcinha e tudo.

Ele enganchou sua perna nua em seu quadril de novo. Suas calças presas em torno da bota ainda no outro pé. Mas quando os dedos dele encontraram sua umidade, ela não se importou.

Sim, sim, sim. Isso era o que queria. A *única* coisa que ela queria. Porque ela esperou tanto?

Ele a golpeou, deslizando dois dedos profundamente dentro. Um tremor correu através de seu corpo quando seu polegar esfregou seu clitóris.

— Que tipo de encantamento você está lançando, fêmea?

Ele parecia tão enfeitiçado quando ela à atração instantânea. Isso era mais que uma foda rápida e ambos sabiam disso, mesmo se eles nunca admitissem isso em um milhão de anos.

— Encantamento nenhum, — ela conseguiu dizer. — Preciso de mais.

Um som surdo e prolongado ecoou através do corredor, um que ela não sabia se veio apenas dele. Ela não teve muito tempo para ponderar a respeito porque a boca dele estava de

[23] *Rock my world – é uma expressão que quer dizer fazendo muito bem, dando prazer, satisfazendo...*

volta em seu ouvido de novo, sua língua fazendo coisas malvadas à sua orelha. Seu toque a consumia, tirando ar de seus pulmões, prometendo algo que ela não podia ver mas necessitava. Um zíper fez um ruído estridente. Os dedos dele saíram dela. Ela gemeu ao vazio mas estremeceu quando ele deslizou ambas as mãos debaixo de sua bunda e levantou. Ela enrolou suas pernas ao redor da cintura dele. Então quase saiu de sua pele quando a ponta de seu pau esfregou-se em suas dobras e ele a pressionou contra a parede, enchendo-a com uma penetração aguda.

Prazer ondulou por cada uma das células de seu corpo, como se isso fosse o que ela havia estado buscando a vida toda. Ela se apertou ao redor dele, gritou em protesto quando ele se retirou, então gemeu tudo de novo quando ele mergulhou profundamente. Aqueles fogos de artifício ganharam intensidade até que alfinetadas de calor eram tudo o que ela sentia.

— Oh...

— Gosta disso? — ele deslizou para fora, mergulhou para dentro de novo. Suor lustrava sua pele quando ele mergulhava profundamente uma e outra vez até que os olhos dela embaçaram.

— Sim, sim, mais. Sim. — ela enterrou suas unhas nos ombros dele. Tentou tomá-lo ainda mais profundamente.

Sua liberação se movimentava rapidamente para ela. Ele ficou ainda mais grosso dentro dela. Mas isso não era suficiente. Nunca o suficiente. O clímax que ela queria estava bem ali. Flutuando fora de seu alcance, ela mexeu seus quadris, tentando encontrar aquele ponto...

— *Skata*. — Ele mudou o ângulo de suas investidas. — Aqui?

— Sim. Eu — Antes que ela pudesse se segurar, fogo explodiu em seu núcleo, tão inesperado que roubou o ar de seus pulmões.

Ela gemeu, bateu com a cabeça na parede atrás dela, e se apertou em volta dele enquanto ondas de prazer varriam por toda ela. Ondas que vinham uma e outra vez e engatilhou um sentimento tão sublime, que queimou profundamente em seu peito e agarrou-se a seu coração como um torno

Mas não durou. Quando a última onda se dissipou, um buraco como de escoamento se abriu amplamente. Ela se sentiu caindo, tombando em um abismo escuro de dor e sofrimento tão intenso que ofegou. Tudo ao redor dela, tormento soou alto como trombetas, e tristeza que ela só experimentou uma outra vez estabeleceu-se profundamente. Agarrou seu coração. Ameaçou nunca mais soltar.

Uma tristeza que quase a matou uma vez. Uma tristeza que pensou que tivesse superado há uma vida inteira atrás.

Seus olhos se abriram. O rosto dele estava a meros centímetros do dela, sua mandíbula apertada, sua pele brilhando com suor, seus olhos abertos e sem foco. E refletida naquelas familiares piscinas acinzentadas ela viu seu passado tão claro como se fosse presente. Sentiu a dor que a havia moldado na Siren que ela era hoje tão agudamente como se tivesse acabado de acontecer.

— O que... é... *isso*?

Palavras secaram em sua boca. Ela não podia responder. Não sabia o que dizer. Não podia acreditar que os deuses pudessem ser tão cruéis.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele não parecia ser capaz de parar seu corpo de mover-se, e ela sabia que ele estava bem na borda onde controle havia fugido e a biologia havia tomado conta. Ele apertou sua mandíbula, investiu mais duro, mais profundo, jogando-a contra a parede. Muito chocada para fazer qualquer coisa a não ser segurar-se, seus músculos se contraíram, e quando ela o sentiu crescer impossivelmente mais duro dentro dela, sua liberação o estava consumindo. Mas a dela tinha ido embora há muito tempo.

Lágrimas que ela nem pensava derramar queimavam seus olhos. Ele investiu profundamente uma última vez e gemeu, então parou, prendendo-a à parede com seu corpo. Ela tentou acalmar seu coração desenfreado. Não conseguiu. Tentou convencer-se que o que ela acabou de experimentar não era real.

Mas era. Deuses a ajudassem, era. E uma verdade tão horrenda que ela não queria tomar conhecimento que era real... se tornou clara como um cristal.

Ele não era apenas um embusteiro híbrido causando problemas para Zeus. Ele era mais. E seu encontro não aconteceu por acaso.

Ele deixou sua cabeça cair no ombro dela, respirando fundo. Apoiou um braço contra a parede para segurar a ambos.

— Meus deuses, — ele resmungou contra ela, seu fôlego quente fazendo cócegas na pele supersensível dela. — Quem diabos é você?

Ela não podia dizer a ele. Não agora. Não nunca. Mas a sensação de déjà vu que ela sentiu antes agora fazia um sentido doentio.

Ela engoliu, apoiou seus braços contra os ombros dele, e empurrou com a pouca força que ela ainda restava.

— Você está me machucando.

Ele imediatamente se afastou, baixando as pernas dela para o chão para que ela pudesse ficar de pé. Ele não a estava machucando — não fisicamente pelo menos — mas ele não precisava saber disso. Mãos tremendo, ela puxou suas calças de volta, estendeu-se para sua camiseta que estava no chão, e se encolheu dentro, então encontrou sua bota, o tempo todo evitando os olhos dele, tentando não notar os movimentos que ele fazia ao se vestir, quão similares eles eram aos *dele.*

Como ela podia ter sido tão estúpida? Porque ela não foi capaz de ver isso desde o início? E porque em Hades Athena não a avisou?

— Skyla.

Ela se virou para a cozinha.

—Preciso ir.

— Espere um minuto.

— Tem comida na geladeira se você estiver com fome.

Ele agarrou seu braço quando ela alcançou a porta.

— Espere. Nós precisamos conversar.

Pânico a invadiu. Um pânico que sabia que poderia varrê-la de seus pés se não saísse dali. E daí que ela estivesse parecendo como uma fêmea fraca fugindo da cena depois de fazer o serviço?

Não era vergonha sobre o que eles fizeram que a motivava. Era a necessidade de respostas. E por uma explicação que não fazia sentido lógico em um mundo onde ela começou a confiar.

— Olha, — ela disse rapidamente, — você não precisa se preocupar. Eu não estou fértil. Nada virá disso.

— Isso não é o que eu... — A mão dele se apertou mais em seu braço. — *Skata*. Que diabos acabou de acontecer?

Ela virou seu rosto em direção ao dele. Por uma fração de segundo buscou seus olhos por alguma confirmação do que suspeitava não poderia ser verdade. Mas ela não viu isso. Pela primeira vez desde que eles se conheceram, ela viu olhos nos quais ela havia olhado centenas de vezes antes, milhares de anos atrás.

Cynurus. O homem que ela amou com coração, mente e alma. Aquele por quem ela quase sacrificou sua ordem. Aquele cuja morte ainda a assombrava, mesmo agora, mais de dois mil anos depois.

O homem que *ela* era responsável por matar.

Dor açoitou afiada e profundamente. Queridos deuses, era realmente ele. Reencarnado nesse... nesse monstro.

— Skyla...

— Esqueça que você me conheceu, daemon. Esqueça tudo a respeito dessa noite. Se você sabe o que é melhor para você, vai esquecer o que você busca e vai deixar esse reino. E nunca voltará.

Capítulo 5

Os Campos de Asphodelos estavam tão deprimentes e desolados como Atalanta se lembrava. Quando estava no meio do trigo cinza ondulante e ficou olhando para um céu cinza maçante, lembrou-se de que por esse motivo foi tão fácil recrutar almas desta terra esquecida, para construir seu exército de demônios.

Aqueles que moravam aqui existiam entre a vida e a morte. Congelados no tempo. Quase como se nunca tivessem existido, em primeiro lugar. Embora alguns fossem realmente muito maus e acabariam por encontrar seu caminho para o Tartarus para começar a punição, outros, os que levaram vidas banais, estavam simplesmente aguardando julgamento. Todos queriam sair, no entanto. Por um lado nunca se soube quanto tempo esperaria uma alma nos Campos de Asphodelos antes de receber esse julgamento. Poderiam ser dias. Poderiam ser milênios. A promessa de uma — segunda chance — até mesmo no corpo de um daemon, era a maior sedução da Atalanta

Ela atravessou o campo, a palma de sua mão tocando os talos de trigo, o prado inteiro ondulante na brisa como um antigo filme em preto-e-branco. Naquela época — quando recrutava desse reino — o poder que retirou do Inframundo, onde ela residia. Mas agora, depois de ser

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

expulsa do reino de Hades e restabelecer seu exército no mundo humano, se viu de volta nesta terra cinzenta e estéril. Apenas de que desta vez não estava apenas visitando. Ela era uma habitante. Presa aqui por seu filho desleal e um daemon criado, que compartilhou poderes de seu filho Medean.

A raiva transbordou no fundo de sua alma, queimaram-lhe a carne até que experimentou as brasas na sua língua. Ela parou, olhou para suas vestes uma vez vermelho-sangue agora cinza como o céu, o que era a sua pele leitosa, agora pálida e plana. Ela não podia ficar aqui. Cada dia que marcava pelo reino humano era um dia que nunca voltaria. E havia muita vingança para se ter. Tantos Argonautas, seu filho incluído, para destruir.

—Senhora. Imploro pela sua atenção.

Atalanta moveu-se depressa em volta, olhou para o troll de três metros de altura — como uma criatura com as orelhas pontudas, o trigo mal o encobria.

—Galto, estive esperando por uma palavra. Acredito que você me trouxe algo útil.

A criatura que fora recrutada para ajudá-la na presente situação, o que deveria estar monitorando os habitantes deste reino, sob o comando de Hades, esfregou as mãos escamosas juntas e olhou para trás e para frente, com grandes olhos ovais felinos que dominavam o rosto triangular.

—Tenho, senhora. Mas... esses campos têm ouvidos. Se vós vir com-

—Esperei por muito tempo, Galto. Diga-me suas notícias. Agora.

A criatura engoliu em seco. Embora soubesse, como ela, que mesmo mantendo seus poderes divinos, ela não poderia usá-los para libertar-se dessa cela vil. Ela tentou por quase três meses e estava de mãos vazias. Sua única esperança era agora este baixinho... amigo.

E se ele não pudesse ajudá-la, usaria seus poderes para transformá-lo em pó. Ainda possuía muita força à esquerda.

Ele se moveu. Inclinou-se e sussurrou: — Os portões para o reino humano são observados. Não há passagem por lá.

—Saco. — Ela deu a volta, o vento soprando o cabelo negro atrás dela, enquanto olhava para o céu estéril acima. *Vou explodir você por isso, Demetrius. Por cada segundo que fiquei presa aqui. Você e o daemon criado que ajudou na armadilha que me prendeu aqui.*

—Mas... — Galto sussurrou para ela de volta.

Ela olhou por cima do ombro.

— Mas o quê?

Ele olhou ao redor novamente como se estivesse procurando bisbilhoteiros, se aproximou e apontou para baixo com a mão retorcida. Ela se inclinou para ouvir suas palavras suaves.

— Mas circulam rumores de um Argonauta no Inframundo. Um enviado para cá por magia, não pela morte.

—Um Argonauta, você diz? Aqui nos Campos de Asphodelos?

—Não, senhora — Ele olhou ao redor novamente. —No Tartarus.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Atalanta olhou para a criatura escamosa enquanto ideias, oportunidades, planos se solidificavam. Além da morte, só havia uma força mágica forte o suficiente para lançar as pessoas para o Tartarus. E só uma força mágica forte o suficiente para libertá-los.

—Você pode me levar para o Tartarus? — ela perguntou.

—Claro senhora,. Mas a viagem é cheia de perigos.

Ela olhou para o campo ondulante cinza de novo, só que desta vez não viu o trigo monótono e a vegetação sem cor. Ela viu uma saída. E uma maneira de finalmente ter sua vingança.

—Perigo, Galto, é apenas uma questão de perspectiva. E para onde estamos indo, vale a pena.

Skyla não parou às portas do Olimpo e anunciou-se como era costume depois de retornar do reino humano. Contornou os guardas e foi direto para o templo de Athena.

A fachada era tão brilhante e ornamentada como o palácio de Zeus, embora o interior fosse uma história diferente: mobiliário luxuoso, cores fortes, quartos, com uma riqueza profusa mostravam a afinidade da deusa para o capricho.

Passou pelo salão principal, com suas paredes de amarelo canário e roxo, painéis, emoldurados com espelhos, três degraus abaixo os alojamentos de Athena, onde móveis de couro estavam pareados com mesas brancas e pesadas cortinas de veludo cor de berinjela. Ela procurou por todo o palácio antes que percebesse que a deusa não estava lá. Olhando para o relógio no alto da parede, percebeu que Athena estaria com as Sirens nesta hora. Ainda precisavam treinar para matar.

Ela fechou os olhos, imaginou o Complexo Siren — bem dentro dos muros de Olympus, mas fora dos domínios dos deuses — e se teletransportou para lá, abriu os olhos quando o chão sob seus pés se solidificou.

Acácia e oliveiras selvagens circulavam o complexo. Os cinco edifícios — a principal sede Siren, o centro de treinamento, refeitório, e quartel — eram feitos de madeira, pintados de branco para combinar com as monstruosidades de mármore dos deuses, mas claramente significava para os menos dotados. A mágoa fermentando, Skyla pulou os passos para alcançar a varanda do edifício principal, puxando para trás a tela, e entrou no átrio da Ordem Siren.

Cabeça de cada Siren que já serviu cobriam as paredes pintadas de branco, um verdadeiro anuário de quem serviu e morreu. Mas hoje Skyla não estava com vontade de caminhar pela estrada da memória. Queria respostas e as queria agora.

A recepção estava vazia. Andou para fora da área de boas-vindas, passou pelo escritório vazio de Athena, e chegou ao final do corredor, onde olhou pela janela de volta além do campo de treinamento. Assim como pensava, Athena estava trabalhando com um grupo de seis Sirens — principalmente novas recrutas — cobrindo manobras de combate mortal.

Skyla atravessou a grama verde esmeralda. E como se a deusa percebesse sua presença, Athena olhou para cima e franziu a testa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Athena endireitou-se depois de um agachamento, os olhos ainda lançado no caminho de Skyla.

—Me perdoem, preciso de um tempo, senhoras — Olhou de volta para suas novas recrutas. —Vamos fazer uma pequena pausa. Tomem um pouco de água.

As novatas, das quais três Skyla nunca viu, avaliavam Skyla. Quando Skyla enviou-lhes um brilho fulminante, elas se afastaram em direção às barracas por todo o campo em um casulo de sussurros, deixando Skyla sozinha com sua mentora.

A dor da traição queimou quente nas veias de Skyla, mas ela cobriu sua raiva, sabendo que deveria existir uma explicação lógica. Algo que fizesse sentido numa situação que não poderia ser real.

Athena escorou seu arco contra o chão, roçou seus cachos castanhos por cima do ombro. Embora a deusa da guerra pudesse ter passado como uma modelo de Victoria Secret, ela era tão dura quanto ela quando veio. A blusa era de seda branca, suas calças muito negras a abraçando harmonicamente, e suas botas góticas de *chutar-traseiro* como as que Skyla usava. Sim, fazia sentido, Athena era a chefe da Ordem Siren. Poderia atrair um homem com apenas um olhar, então estripá-lo antes mesmo que ele soubesse o que aconteceu.

—Bem, isso foi mais rápido do que eu esperava.

O estômago de Skyla se apertou. E nos olhos de sua mentora, viu a realidade afiada e clara.

—Você sabe — A traição queimou um buraco em linha reta através do intestino de Skyla. — Você sabia que ele era Cynurus e não me disse?

—Oh, Skyla. Você faz isso soar como se me propusesse a enganá-la. Eu não tive essa intenção.

—Como você chama isso?

Athena se abaixou para pegar suas estrelas de atirar do solo.

— Chamo de uma tarefa, pura e simples. Quem é ele não muda nada. E se você não tivesse dormido com ele, você nunca teria conhecido a verdade. Você dormiu com ele, não é? Essa é a única razão de você mesma saber. Meus deuses, Skyla. Passaram-se anos desde que você fodeu um marcado. Nem sequer me ocorreu que você transaria com um humano, muito menos um híbrido daemon.

Aquilo não ocorreu a Skyla também. Ela não entendia a atração que sentia por Orpheus. Tudo o que sabia era que, quando o viu naquela multidão do concerto e cuidou dos ferimentos dele naquele apartamento de parada que possuía, enquanto esperava que ele aparecesse, ele despertou alguma parte primitiva e feminina que ela desligou há muito tempo. E nesse momento de liberação, quando eles se uniram e sua guarda estava aberta, ela viu a alma dele.

A traição de Athena cauterizou seu coração. Um coração que enterrou há muito tempo, ela não sabia que ainda poderia machucar.

—Você devia ter me contado. Manter a identidade dele secreta não era sua maneira de fazer. Eu tinha o direito de-

—Para que? — Athena perguntou. —Para decidir o destino dele? Isso não é seu trabalho, Skyla. Seu trabalho é fazer como você disse. Se você se lembra, tentei falar com Zeus para não lhe

enviar nesta missão, mas você alegou que estava pronta, e fui junto com você porque confio em seu julgamento. Independentemente, porém, que seu alvo *foi* de nenhuma importância. É o que ele é *agora* o que importa. E o que ele fez.

Skyla olhou para a deusa que uma vez considerou sua amiga. A única pessoa que a entendeu. Mas agora percebeu que Athena não a entendeu verdadeiramente em tudo. Não se não pudesse tão insensivelmente empurrar isso de lado como se não significasse nada.

—Como isso foi mesmo possível? Ele morreu. Eu vi seu corpo. Eu... — Ela fechou a boca, engoliu em seco. Não podia dizer as palavras. Porque, mesmo pensar nelas a cortava com a ferocidade de uma lâmina dentada. Ele foi seu amante, seu coração, a única pessoa que esteve disposta a deixar pelas Sirens. Até que ele não estava.

Athena pressionou o botão no final da arma mágica. Ela encolheu até uma barra de metal de seis polegadas, que ela escorregou na perna de sua bota plataforma de chutar traseiros.

—Isso não foi obra minha.

—Mas você sabe.

—O que sei é irrelevante — Ela encolheu os ombros. —Meu palpite, embora? A intromissão do Destino.

—O que faria o Destino cuidando das ações de um homem?

Athena se virou para olhar atrás além do Composto Siren para os palácios brilhantes de Olympus.

—Mais do que você sabe.

Antes que Skyla pudesse perguntar o que aquilo significava, Athena voltou-se para encará-la.

—O homem que você estava tão pronta para deixar a Ordem, Skyla, estava com tanta raiva de Zeus por convencer seu pai Perseu por colocar outro no trono de Mycenae em vez dele, que o usou para ter acesso ao Olimpo e saltou em sua vingança contra o Rei dos Deuses. Roubou o elemento ar direto do nariz de Zeus. Um crime punível com a morte. E quando você não pôde matar Cynurus como você foi *ordenada* para fazer, Zeus enviou outros em seu lugar para terminar o trabalho.

O golpe da traição de Cynurus ainda doía, mais de dois mil anos depois. Skyla lembrava-se, muito claramente, como ela foi humilhada quando percebeu que foi enganada, que ele de fato roubou a joia na palma da mão que segurava os poderes infernais do céu. E quando Zeus ordenou a ela para matá-lo, ela ficou tão perturbada sobre seu equívoco, ela não foi capaz de pensar, e muito menos agir.

Ela passou longos anos de sua vida sabendo que um equívoco selou seu destino por toda a eternidade. E ela se justificou isso, por acreditar que ele era culpado. Mas agora..

Se ele era realmente culpado, como Zeus e Athena alegavam, por que a Destino daria a ele uma segunda chance?

—Lachesis estava chateada quando Zeus interveio e matou Cynurus prematuramente, — continuou Athena, ignorando as memórias dolorosas que ondulavam sobre Skyla como uma onda. Por quê? Nunca saberei, nem me importo. Meu palpite é que ela levou seu apelo a Hades e intermediou um acordo para uma segunda oportunidade de vida para o filho da puta. E como ele

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

fez naquela época, agora, no corpo deste híbrido daemon, ele está puxando a mesma merda de antes. Só que desta vez ele tem os olhos postos no Orbe de Krónos. E o controle final de tudo. A alma é negra, independentemente do corpo. Então, como agora, Skyla, é o mesmo.

A Orbe de Krónos. Santos Deuses, era disso que se tratava? Athena lhe dissera depois, que Orpheus buscava uma relíquia. Uma que continha grande valor sentimental para Zeus. Mas isso não é o que era aquilo. Esta era a fonte de poder supremo. O objeto que possuía a força para libertar os Titãs do Tartarus, para iniciar a guerra para terminar todas as guerras, e o poder de controlar o que foi deixado para trás.

Armageddon em toda sua glória.

— Protegi você, Skyla, por muito tempo — Athena se aproximou, e em seus olhos Skyla podia ver que ela empurrava a deusa acima de seu limite de paciência. —E quando Zeus queria que você fosse expulsa das Sirens, tive certeza que você tivesse um lugar para ficar. Treinei você. Moldei você. Te ensinei tudo que sabia para que você nunca fosse enganada novamente. Tudo o que você tem e tudo que fez é por minha causa. Porque eu me importava o suficiente para ver que você nunca fosse ferida pela mentira que é amar de novo. A chamada Siren ao dever é aquela que se destina a ser respondida, servida, em seguida, abandonada, e nós nunca tivemos a intenção de servir você todo esse tempo. Mas, para poupá-la, só lhe permiti permanecer. Você não é imortal, mesmo que você escolhesse pensar que você é. Antes de começar a vomitar acusações de que só terá que expulsar para o bem, sugiro que pense muito sobre quem usou você e quem estava lá para você quando mais precisava.

Athena passou por Skyla e desceu a colina em direção ao edifício principal. Enquanto Skyla assistia, uma série de memórias percorria sua mente, seu coração bombardeado, rasgava sua alma. Mas a mais clara, a mais penosa, foi o momento que percebeu que o homem que amava se fora para sempre. Nos segundos estáticos, não importava o que ele fez. Tudo o que importava era que ela estava sozinha.

Girando a cabeça, Skyla se moveu em direção as barracas. Quando subiu os degraus da frente, o som de vozes e risos a impulsionou para trás da estrutura. Ignorou suas irmãs e se dirigiu para o saguão. O lugar foi criado como um hotel de luxo, com sofás de veludo e cadeiras. Skyla ultrapassou o conforto e subiu as escadas para a direita, indo para o terceiro andar e sua residência pessoal, sua mente continuava a tremular sobre os acontecimentos há muito passados.

—Sabia que aquele híbrido chutou seu traseiro. Eu só não esperava vê-la ainda lambendo suas feridas.

Os passos de Skyla diminuíram. Sappheire estava encostada na parede, afiando uma de suas muitas facas. A juba da Siren, uma mistura de loiro, marrom e vermelho, caia em seus bíceps. Seus penetrantes olhos azuis — pelo qual fora nomeada — deteve-se sobre Skyla como se ela pudesse ver através da carne, osso e profundamente na alma.

Por um segundo, Skyla pensou que sua irmã Siren estava se referindo a Orpheus, e sua pele se arrepiou. Então percebeu que a escavação de Sappheire estava relacionada para o híbrido que feriu Skyla semanas atrás, e não o inferno que ela acabara de passar.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Não me surpreende que você ganhe qualquer batalha, se acha que isso é derrota — Skyla agarrou o parapeito e virou-se para os próximos degraus. Ela não estava com vontade de entrar em um jogo de perda de tempo com Sappheire. Não era nenhum grande segredo que Sappheire estava louca para ter o lugar de Skyla como a Siren mais confiável de Athena. Mas hoje não se sentia bem lidando com a merda de Sappheire. Ela possuía o suficiente dela mesma para lidar.

Sappheire pulou os degraus e alcançou Skyla no patamar seguinte.

— A palavra é: que você está deslizando, Siren.

Os olhos de Skyla se estreitaram.

—Apenas escorregando, farei isso no seu sangue se você não recuar.

Sappheire prendeu um punhado de cabelo do ombro de Skyla.

—Tenha cuidado com quem você marca como seu inimigo, Skyla. Você pode apenas encontrar-se sozinha quando mais precisar de mim.

A ameaça de Sappheire permaneceu enquanto ela desceu os degraus. Quando ela se foi, Skyla suspirou e continuou para seus aposentos no nível mais alto do edifício.

Ela ganhou este espaço principal quando se tornou a Siren mão direita de Athena, aquela a quem a deusa confiava mais e buscava quando havia problema. Skyla empurrou a porta de seu apartamento e atravessou o espaço imaculado. Ela se esforçou para tornar o espaço dela. Confortável mobiliário branco, uma mistura de mesas de vidro e madeira. E muitos livros.

Ela desviou da cozinha, onde gostava de assar, embora ninguém soubesse desse pequeno segredo porque nunca compartilhou suas coisas boas com ninguém e foi direto para seu quarto.

Esta sala era toda sua. Confortável veludo vermelho, cama de ferro forjado, almofadas de pelúcia, e prateleiras ao longo de cada parede, forrada com mais livros do que um mortal poderia ler em uma vida. Alguns do Olympus, mas a maioria adquirida ao longo de seus muitos anos passados no reino humano.

Ela pisou em torno de uma pilha que ainda iria arquivar e se ajoelhou no chão de madeira perto da janela. Depois de uma respiração profunda, que pouco fez para resolver seus nervos, arrancou as ripas mais próximas da janela e alcançou dentro do buraco empoeirado a caixa que escondeu há milhares de anos antes.

Não era nada extravagante. Apenas cedro envelhecido que agora estava coberto por uma camada de pó. Soprou a poeira da tampa e passou a mão sobre o símbolo Siren — o sigma da letra grega antiga, cortada diagonalmente com uma seta e rodeada por um arco onde as extremidades intrincadas curvavam-se terminando em bordas delicadas. O mesmo símbolo marcado na pele acima do ombro direito. O mesmo símbolo com que cada Siren era marcada quando se juntava à ordem.

Σειρήν.

Siren.

Todo seu ser estava embrulhado em uma palavra. Sua única razão de existir. Quando enterrou Cynurus profundamente em sua mente, enterrou todas as suas lembranças dele na caixa também. Mas não esqueceu. Ela não podia.

Abriu a caixa, olhou para dentro, extraiu o desenho que fez de Cynurus numa noite, quando eles estavam relaxando em sua casa e ele pensava que ela estava lendo. Enquanto olhava para o retrato antigo, que estava bem preservada pelo perfeito ar de Olympus, comparou o homem que amou uma vez, com aquele que ela se entregou hoje.

Eles não eram nada parecidos. As características de Cynurus eram mais refinadas, mais aristocráticas. Orpheus era robusto, um pouco selvagem. Mas havia algo semelhante na inclinação do nariz e nos olhos... eles eram exatamente como se lembrava. Cinza ardósia, profundos, e tão intensos como nunca.

Por que não percebeu imediatamente?

Seu coração saltou abaixo de seu peito, batendo tão rápido que era um zumbido doloroso em seu peito. Como poderia ter amado tanto alguém ainda não o conhecendo realmente? Como podia não ter visto a escuridão da sua alma? Voltando ao tempo quando estavam juntos, nunca antecipou uma vez que poderia traí-la. Ela não queria acreditar. Athena havia dito que estava errada. E então viu a prova, do próprio Zeus.

Os deuses não precisavam de nenhum motivo para mentir. E a prova era prova. Mas... ela ainda não foi capaz de matá-lo quando Zeus ordenou à ela. Mas ela não parou a morte dele, quando suas irmãs vieram para terminar o trabalho que ela começou.

E agora, quase dois mil anos depois, o Destino entrou e lhe deu outra chance. O que isso significa? Será que isso significava que os deuses estavam errados? Que ele havia servido a seu tempo? Certamente o Destino não o traria de volta se ele fosse realmente tão negro como Athena e Zeus afirmaram.

Respirou fundo, deixando sair, repetindo até que a forte punhalada cortante não fosse nada apenas uma dor um pouco abaixo do osso do peito. Culpado ou inocente, ele não era seu trabalho para julgá-lo, era? Sua tarefa era descobrir se ele realmente estava procurando o Orbe.

Então, usaria sua conexão para se aproximar, trabalhar em conjunto, e descobrir o que ele era realmente, depois. Descobrir que Athena teve segredos para ela por tantos anos mudou tudo, tanto quanto ela estava preocupada. E o fato da Destino intervir para dar-lhe outra chance... bem, aquilo lhe dizia que havia algo acontecendo abaixo da superfície. Algo até mesmo que os deuses não queriam que ela soubesse.

Ela não seria novamente uma ovelha levada cegamente na noite. Mas se ele estivesse apenas atrás de poder e vingança, faria o que fora treinada para fazer, ex-amante ou não.

Ela o mataria ela mesma. E enterraria o que ele significava para ela de uma vez para sempre.

Capítulo 6

Este foi um dia infernal. Athena não só quase perdeu a paciência com a recruta Siren mais recente, deuses, o poço de recrutas estava abençoado para receber recrutas estúpidas por hora ou o quê? — Ainda teve que lidar com seu meio-irmão, Ares, e faria disso um ponto para evitar o deus vaidoso se pudesse.

Ele estava aborrecido com Poseidon por um desprezo que considerou repreensível e queria que Athena enviasse algumas poucas Sirens para foder com o senhor dos mares. Como ela teria tempo para isso? Ou controlaria Poseidon agora mesmo? Ela tinha as mãos cheias com Zeus e Skyla e todo esse desastre Cynurus/Orpheus.

Deuses onipotentes.

Ela empurrou Ares para o fundo da sua mente, passou a mão em seus cabelos, e subiu os degraus de mármore em direção aos arquivos. Dentro do edifício de mármore maciço, os aromas de papel e tinta encontraram seu nariz. Colunas revestiam o interior da biblioteca, flanqueada por enormes estantes de madeira que figuravam para fora em moldes decorativos. Ela avançou através das pilhas de tomos de couro antigas e parou quando se deparou com Skyla em um canto detrás, sentada em uma mesa de mogno, livros abertos em volta ela.

—Pensei que a encontraria aqui.

Skyla olhou para cima, então, concentrou-se novamente em seus livros, fazendo anotações em um pedaço de papel em seu cotovelo.

—Não é um intervalo, quando você sabe onde é que venho fazer a pesquisa.

A Siren ainda estava chateada. Bem, Athena não podia culpá-la por isso, agora ela poderia?

—Isso significa que você decidiu avançar com seus deveres?

Skyla virou o livro fechado, ficou em pé. Ela ainda estava vestida com as mesmas roupas de antes — camisa branca, calças negras ajustadas e botas de chutar traseiro, mas ao contrário de antes, o cabelo estava puxado para trás em um rabo de cavalo liso e sua maquiagem era fresca. E estava usando seu equipamento de luta — armadura de couro com o selo Siren e as proteções de couro dos braços que alcançavam os cotovelos.

— Sim.

A Siren não soou animada. Mas pelo menos ela parecia resignada. Isso era, tudo quanto Athena poderia esperar.

—Ele ainda está procurando Maelea, — Skyla disse, dobrando seu papel e deslizando-o em sua bota direita. —Agora que sei que isto é sobre o Orbe, suponho que ele vai usá-la para localizar o medalhão. Se você me der todas as informações que preciso seguir para fazer meu trabalho, teria sido muito mais eficaz.

Maelea — tecnicamente conhecida como Melinoe, mas ela abandonou esse nome há muito tempo — era a criatura orfã que vagueava pela terra por mais de três mil anos. Não um deus, não um ser humano, ela era filha de Zeus e Persephone, concebida em uma noite escura quando Zeus desceu ao Inframundo e disfarçou-se como Hades, então seduziu a esposa do Senhor do Inframundo, perto das margens do Rio Styx. Zeus estava sempre fazendo merda como essa, causando problemas e fazendo ondas, mas ele fugia disso porque ele era Zeus. Um rei fodendo tudo. Não foi uma grande surpresa que Hades estivesse aborrecido tanto com seu irmão como

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

com sua esposa, quando ele descobriu seu caso, ou que ele jogou sua criança bastarda para fora do Inframundo, banindo a garota para o reino humano, onde ela vagou desde então, presa entre dois mundos.

Athena deu a dica à Skyla antes que o híbrido daemon tivesse rastreado Maelea — mas ela não lhe disse o motivo. —Vou esperar uma atualização quando você encontrá-la.

Skyla balançou a cabeça, caminhou passando Athena, e foi para frente da biblioteca.

—Skyla.

Skyla hesitou, mas não olhou para trás.

—O quê?

Continuava machucando ainda lá. Athena não se sentia mal por causar dor a Siren, mas também não gostava do ressentimento resultante.

— O dever te salvou. Lembre-se disso.

Skyla não se mexeu, e no silêncio Athena percebeu que a Siren queria dizer algo, mas não o fez. Ela simplesmente assentiu com a cabeça novamente e desapareceu em frente dos arquivos.

Athena olhou atrás dela, tentando decifrar o que isso deveria parecer para um ser mortal. Embora Skyla não tivesse idade, ela ainda era mortal em todos os sentidos da palavra. Ela realmente era a mais difícil Siren que Athena já havia treinado, mas isso não a fazia invencível. O escudo de ferro que construiu em torno de si mesma desde a morte de Cynurus, não duraria para sempre. E quando isso finalmente acontecesse, Athena suspeitava que o resultado só poderia causar uma série de problemas para o todo o Olympus.

A menos, claro, que Athena bloqueasse isso antes de acontecer.

Passos ecoaram à sua direita. Ela não se virou para ver quem se juntaria a ela. Já sabia quem estava escondida nas estantes, porque ela lhe disse para esperar lá até Skyla sair.

— Reúna duas outras Sirens. Tenho um trabalho para você.

Sappheire parou ao lado de Athena, seu olhar se afastou para a frente do edifício.

— Khloe e Rhebekkah estão disponíveis.

—Bom — Athena se voltou para a Siren de olhos azuis que um dia em breve ocuparia o lugar de Skyla. — Mande-as para Argolea. Para a nova rainha governante. Quero que elas peçam a ajuda dos Argonautas.

—Para que fim?

—Para localizar o bruxo que detém o Orbe de Krónos.

—E se eles não ajudarem? Tanto quanto se sabe, o híbrido é um deles.

—Eles vão. Especialmente quando você lhes disser o que ele realmente é.

—E ela? — Sappheire acenou com a cabeça em direção à porta que Skyla acabou de sair.

—Siga-a. E me faça um relatório do que ela e o híbrido estão fazendo.

—Você acha que ela está comprometida.

Athena escolheu seus mundos cuidadosamente. —Acho que é possível que Skyla esteja deixando suas emoções governarem suas ações.

—E se você estiver certa?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Lealdade era um traço sagrado que não poderia ser ensinado. Mas, mesmo para os deuses, a auto-preservação superava a lealdade por uma longa distância.

—Então você e eu sabemos o que tem de ser feito.

Orpheus estava em um humor de cão desde que a loira com os hipnóticos olhos violetas o abandonou a três noites no apartamento dela. Ele repassava os acontecimentos em sua mente e apenas duas coisas ficaram claras.

Um deles, ela era definitivamente de outro mundo. Mesmo se ela não tivesse desaparecido diretamente de seus braços, ele saberia por causa do sexo alucinante que tiveram em sua sala. As fêmeas humanas não explodiam sua mente. Muito menos as fêmeas Argolean. Ele até dormiu com umas poucas deusas em seus muitos anos e nem mesmo elas abalaram seu mundo do jeito que Skyla fez. Tentou ignorar o fato de que ela foi a única que *já* conseguiu lançá-lo sobre um final assim, mas não conseguia.

Precisava tirar a mulher de sua cabeça. A única coisa que realmente importava — e o segundo ponto que ficou claro para ele — era que o sexo, obviamente, não fez a terra tremer para ela como fez para ele. Evidenciado pela maneira como ela correu como o vento, logo que tudo estava acabado.

Qualquer que fosse. Ele não se importava. *Merda*, ele não deveria sequer ter pensando nela de qualquer maneira. Ele tinha coisas mais importantes na sua mente. Como localizar a maldita criatura Maelea, aquela que deixou fugir na noite que conheceu Skyla. As bruxas em Argolean lhe haviam dito que ela podia sentir as mudanças de energia na Terra. Se fosse assim e aquele bruxo filho da puta Apophis estivesse usando a energia do Orbe, Maelea seria capaz de senti-lo. E ela seria capaz de dizer exatamente a Orpheus onde a parte viscosa de merda estava escondido.

Ele permaneceu nas sombras do luxuoso bairro do lago Washington, seguindo Maelea. Duas noites de espera e ela não voltou para a pequena cidade de Auburn, Washington, onde o concerto aconteceu. Mas teve sorte, quando ouviu uma conversa em um bar entre dois humanos do sexo masculino sobre a mulher de cabelos negros estranhos que rotineiramente acompanhava os concertos de death-metal. O que ela estava fazendo com os metaleiros, Orpheus ainda não sabia. Mas não estava disposto a questionar uma raia de sorte, especialmente quando a garçonete disse a ele que Maelea havia mencionado estar vivendo em algum lugar perto do lago Washington na área de Laurelhurst.

Passou a última noite correndo em reconhecimento e teve certeza que a casa era dela. O daemon dentro dele podia sentir a guerra, a luz e a escuridão dentro dela. A lua nova não lançou um toque de luz, enquanto ele se escondeu nas sombras e esperou que as luzes da rua se apagassem. Neste momento da noite — quase duas horas da madrugada, nenhuma alma estava acordada, mas nesta área rica, sabia que os vizinhos olhavam uns para os outros. E um estranho de 1.90 m, 120 kg à espreita nas sombras, chamaria uma atenção que não precisava.

Ele sacudiu a sensação de que estava sendo vigiado, rastejou até o espaço vazio com a sebe bem cuidada e árvores altas que bloqueavam as outras casas. A propriedade era um alastramento

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

de quatro hectares na margem do rio. A imobiliária Prime não teve dúvida que Maelea comprou tempos atrás quando a terra na área de Seattle era barata. Ele rapidamente se perguntou como ela manteve seus vizinhos longe de fazerem perguntas sobre sua aparência sem idade, então escorregou de lado. Sem dúvida, ela se manteve por si mesma. Ele não podia vê-la exatamente no piquenique do bairro, ficando íntima com o clube local de mães.

Moveu-se em volta dos fundos da casa, sentiu o daemon nele se mexer. Sim, ela estava definitivamente lá. Ele podia sentir a escuridão da alma dela, junto com essa mesma luz estranha do Olympus.

Homem, aquilo seria um saco. Luz e escuridão guerreando juntas dentro, nunca permitindo a um ou outro obter a vantagem, nunca dando ao portador qualquer tipo de alívio. E ele achava que estava mau.

O pátio dos fundos curvava para fora, coberto por uma treliça com hera subindo. Ele escolheu seu caminho em torno do pátio mobiliado até os três degraus de cimento para espiar na janela de trás da casa.

—Repense o movimento daemon.

Ele congelou. Conhecia aquela voz. Por alguma razão não estava surpreso ao ouvi-la aqui, agora.

Lentamente se virou e olhou através da escuridão com sua visão avançada para a mulher que abalou seu mundo apenas três noites antes.

Correção — não uma mulher. Vestida com o que parecia ser algum equipamento de antiga luta espartana com... merda, um símbolo muito familiar estampado no peitoral...a associação de Skyla de repente fez sentido.

Ele se virou para olhar para dentro de casa. Nenhuma luz. Nada se movia. Nenhum sinal, mas um fantasma vivia aqui. —Estava me perguntando quando você apareceria de novo.

—Pensei que o tivesse avisado para ficar longe disso.

—Bem, para sua sorte nunca faço o que digo — Ele olhou dentro do parapeito da janela para a luz que indicava que um sistema de alarme estava ativado. —E na minha idade, não pretendo começar agora —Ele deu um passo para trás, olhou para a janela do segundo andar. Ainda sem luzes.

—Eu-

—Eu estava tentando descobrir o que você é. Nós dois sabemos que não é humana, mesmo que você fingisse bem. Você não é definitivamente uma deusa. Eu saberia imediatamente. Você não é uma Graça ou uma Musa — não tem classe suficiente. Por um minuto pensei em ninfa — Ele lançou-lhe um olhar, dos seus seios inchados pressionados para trás pelo peitoral de couro para as botas pretas na altura dos joelhos mostrando as pernas bem torneadas. —Você encaixa como uma.

Um olhar indignado cruzou as feições dela. Foi o ciúme? Não, não dela.

Ele se voltou para a casa. —Então percebi que havia apenas uma criatura construída como uma boneca Barbie proibida capaz de chutar a bunda de um daemon — Ele deixou cair o humor. —Diga a seu chefe Zeus para se foder.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Cy-

Ele não esperou para ouvir o que ela tinha a dizer. Ele se teletransportou dentro da casa, virou-se para olhá-la pela janela. Sua expressão chocada disse que ela não esperava que ele pudesse teletransportar através das paredes.

Se acostumará com surpresas, querida. Tenho certeza.

Ele enviou-lhe uma saudação e voltou para a frente da casa. Na entrada, parou. Ouvindo. Sua audição supersensível pegou um piscar de olhos. Um mesmo padrão de respiração.

Ele segurou o corrimão de carvalho velho, subiu as escadas curvas em direção ao segundo andar. O rangido da madeira atrás dele parou seus pés e levantou sua cabeça.

—Orpheus, — Skyla sussurrou. —Repense este movimento.

Merda. Como diabos ela passou pelo sistema de segurança?

—Olhe, senhora, — disse ele num sussurro igualmente baixo. —Sei que você tem um tesão por mim e tudo, mas não foi tão bom. Não estou mais interessado.

Ela poderia ter sido treinada pelos próprios deuses, mas não escondia a dor aguda que as palavras dele infligiram tão rapidamente como fizeram. Por um segundo pequeno ele lamentou dizê-las. Em seguida, o sentimento fugiu.

—Se você está determinado a arrastá-la para isso, vá em frente, — ela sussurrou em um tom duro. —Mas não vou deixar você machucá-la.

Como se ele se importasse. Ele atingiu o segundo andar e olhou para a direita e esquerda. A porta no final do corredor estava aberta. Dirigiu-se para esse caminho. Fez uma pausa fora. Espiou além da porta em que aparecia uma suíte que se estendia de um lado da casa para o outro.

A cama ao longo da parede estava vazia. À sua esquerda, as luzes das janelas que davam para a rua iluminavam o quarto. Partindo da direita, pontos de iluminação salpicavam das janelas escuras na parte de trás da casa. À frente, uma porta que deveria levar a um banheiro estava aberta apenas uma polegada. E embora não pudesse vê-la, sentiu Maelea perto. Escondendo-se como o ghoul, que ela se tornou.

Ele deu um passo para o quarto, consciente de que Skyla não ficava muito atrás.

—Ela não está aqui, — Skyla sussurrou.

Sim, ela estava. Ele se virou para a mulher que ele ainda não conseguia parar de pensar, mas que estava rapidamente se tornando um espinho ao seu lado.

—Por que não vai ver se ela está lá embaixo.

—E te deixar aqui sozinho? Eu não acho que-

As portas duplas à direita dele se abriram. Um grito estridente ecoou pela sala apenas enquanto uma figura pequena toda vestida de pesado preto, mãos erguidas sobre a cabeça, segurando uma faca tão grande quanto um facão pronto para cortá-lo em dois.

Ele caiu para trás três passos. A fêmea se atirou para ele, o branco de seus olhos cheios de fúria cega na escuridão. Ela bateu em seu corpo. Outro grito encheu a sala, enquanto ela cortou com a arma.

—Vou te matar!

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela não poderia ter mais do que 1.68m e 54kg, completamente encharcada. Nem mesmo o empurrou fora de seus pés quando se jogou contra ele. Ele a dominou facilmente, agarrou seus braços e lutou contra a lâmina agora apenas a centímetros de seu rosto. Quando ele a puxou dos dedos dela, ela gritou em negação. Ele jogou a faca para a esquerda e virou em volta dela, as costas dela pressionadas à frente dele, os braços presos sob os dele.

—Pare. Agora.

—Eu nunca vou parar, — ela gritou. —Nunca. Está me ouvindo?

Que inferno, ela era mais forte do que parecia. Com os braços ainda presos sob a seu, ele recuou alguns passos até que sentiu a cama, caiu e colocou-a em seu colo, enganchando uma perna por cima das dela para continuar prendê-la.

—Chega de briga, está me ouvindo? Nós não vamos te machucar.

Ela continuou a lutar, e quando percebeu que estava presa, finalmente se acalmou. Mas seu peito subia e descia com a respiração trabalhosa, e Orpheus sabia que ela estava tramando uma maneira de sair.

— Orpheus — Skyla avançou das sombras, a preocupação em seus traços perfeitos como as luzes de fora refletidas no rosto dela. Ele não mentiu quando disse que ela estava construída como uma Barbie proibida. Não só ela era a coisa mais quente que ele já tinha visto, essa princesa-guerreira vestida com braçadeiras nos braços e armadura e as ridículas botas de plataforma faziam rígido um guerreiro apenas com um olhar.

A fêmea em seus braços parou de respirar. E muito tarde percebeu que *ela* pensava que ele estava ligado por causa dela.

Nem mesmo perto.

—Você está calma o suficiente para que possa deixá-la ir? — Ele perguntou, com cuidado para manter seu mesmo tom de voz e seu corpo ainda. —Ou será que preciso conter você?

Silêncio.

— Orpheus, — Skyla advertiu novamente.

—Não estou aqui para machucá-la — disse ele. —Eu só quero conversar.

A fêmea assentiu uma vez.

Ele não confiava nela, mas ela não era uma ameaça. E não queria impedi-la se ele não precisasse. Uma refém disposta era muito melhor do que uma furiosa.

—Ok, então. Agradável e fácil, entendeu?

Maelea acenou com a cabeça novamente.

Ele aliviou a perna de seu colo, soltou os braços um por um. Assim que ela estava livre, saiu correndo para longe e girou ao redor, pressionando as costas na parede e procurando no chão por sua lâmina.

Levantou-se, chutou em direção a porta do banheiro, abriu os pés para usar seu tamanho como intimidação.

—Agora que temos o embaraço fora do caminho, deixe-me apresentar. Sou Orpheus.O filhote no traje Halloween ali é uma Siren — Skyla jogou-lhe um olhar irritado que só o divertia. — Você está familiarizada com Delia no reino Argolean? Ela enviou-me para encontrá-la.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Confusão atravessou o rosto do Maelea. Ela lançou um olhar em direção à arma atrás dele novamente.

—A bruxa? Por quê?

Delia era a líder do enclave de bruxa Medean que residia nas Montanhas Aegis fora de Tiyrns cidade de Argolean. E ela foi amiga pessoal da mãe de Orpheus e agora era uma amiga dele.

—Estou procurando um bruxo chamado Apophis. Ele se libertou de sua prisão em Argolean e atravessou para este reino alguns meses atrás. Ele tem algo que me pertence. Eu quero de volta. É tão simples como isso.

Os olhos desconfiados da fêmea dispararam em seu caminho novamente. Ela usava uma túnica preta de mangas compridas que cobria seus quadris, as mangas tão longas que cobriam todo o caminho até a ponta dos dedos, e uma completa saia preta, estilo boêmio, que absorvia sua estrutura fina. Cabelo preto liso caia sobre os ombros como uma cortina. —O que isso tem a ver comigo?

—Preciso que você me diga onde ele está.

—E se eu não fizer?

—Estarei esperando — disse ele com cuidado, colocando uma pitada de malícia nas palavras — não será sua escolha.

A cabeça loura de Skyla disparou para ele, e em sua visão periférica leu o aviso nos olhos violetas dela, mas ignorou.

Depois de um silêncio, Maelea disse:-Eu não sei nada sobre qualquer bruxo.

Ela estava mentindo. O daemon nele se agitava enquanto a paciência diminuía. Ele deu um passo na direção dela.

—Maelea.

Ela apertou as mãos contra a parede às suas costas. Olhou atrás dele para a arma que ela nunca alcançaria.

—Estou avisando. Fique atrás.

Ele quase riu. Mas ele estava rindo antes. Ele precisava saber onde esse bruxo de merda estava escondido. Deu outro passo para ela.

—Se você não vai cooperar de boa vontade, vou ter que fazer surgir maneiras criativas de fazer você falar.

— Orpheus.

Um uivo cortou o protesto de Skyla. Ambas as fêmeas se viraram para as janelas na parte da frente da casa. O daemon de Orpheus vibrou com entusiasmo, sentindo algo do outro mundo fora.

O uivo continuou ecoando pelo ar da noite novamente. Os olhos de Maelea se arregalaram com medo. Skyla passou por ele e olhou pela janela da frente.

—Merda.

—O que? — Orpheus chegou a seu lado e olhou para fora para o escuro.

—Cães do inferno.

Três enormes criaturas caninas com orelhas pontudas, olhos vermelhos, e dentes salientes estavam no gramado da frente, olhando para a casa.

—Merda. —Não eram daemons que os haviam seguido. Foram os miseráveis subordinados de Hades.

—Você realmente está com uma noite agitada, não é mesmo, daemon? Existe um deus que não tenha aborrecido ainda esta semana? — Skyla lançou-lhe um olhar de *hora de ir, idiota*, em seguida, virou-se para Maelea. —Porra, ela se foi.

Ele se virou ao redor. Com certeza, a sala estava vazia. E a arma que Maelea escolheu estava faltando também.

—Filha da puta.

Skyla puxou uma barra de metal do interior da bota. Segundos depois seu arco se desenrolou. Ela alcançou dentro de seu colarinho e retirou o que parecia um palito, mas que cresceu em uma seta completamente pronta diante de seus olhos.

—Agora, *isso* é doce, — Orpheus murmurou antes que pensasse melhor.

—Verifique se ela está no primeiro andar — Skyla preparou sua arma. —Essas coisas vão rasgá-la em pedaços se ela tenta correr.

—Agora você não se importa se eu estiver sozinho com a menina Ghoul? — Ele deu um passo em direção à porta. —Como as marés mudaram.

Ela girou de costas para a janela, escorregou o painel abrindo com um estalo, e trouxe a corda em seu ombro.

—Se é uma escolha entre você e os cães de Hades, escolherei você qualquer dia.

—Puxa, me sinto tão amado — Moveu-se para o corredor, com a intenção de colocar a Siren fora de sua mente e descobrir que a maldita Maelea ferrou isso antes para o bem dele, mas parou quando encontrou um sussurro em seus ouvidos.

Você não é agora, mas uma vez você foi, daemon.

Ele girou em volta assim que Skyla puxou a seta de volta para perto de sua orelha, e deixou-a ir com precisão mortal. Ele ouviu o zumbido enquanto girava em direção ao seu alvo, então o ganido e o lamento do cão enquanto a carne dele rasgava. E não podia ignorar o fato de que essas palavras não estavam em sua cabeça. Ela as disse. Em voz alta.

O mundo girou. Embaçou, então clareou, até as paredes do quarto desapareceram e ele estava cercado por árvores. De pé em um campo verde. A mulher na frente dele pronta com seu arco, exatamente como ela esteve no quarto de Maelea. Só que desta vez ela estava apontando para um alvo apoiado contra o tronco de uma árvore.

Ela lançou a seta como uma profissional. Ela navegou através do ar, atingiu o centro do alvo morto com uma pancada retumbante. Com um sorriso triunfante, ela baixou o arco e se virou para ele.

—*Sua vez. Tente vencer esse, amante*.

Seus pulmões apertaram em um suspiro. E uma dor, a mesma que ele experimentou no corredor do apartamento dela duas noites antes, instalou-se no fundo de seu peito.

Inferno Santo. Qualquer jogo de cabeça que a Siren estava jogando com ele, precisava parar agora.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Um grito do fundo da casa sacudiu-o para fora de seu transe. As árvores e campos desapareceram como um punhado de nevoeiro desvanecendo.

—Maelea — Skyla passou por ele em uma corrida de mortal.

Orpheus simplesmente imaginou o pátio de trás e se transportou para lá. A alguns passos dele, Maelea ficou congelada, a lâmina que usou nele anteriormente, tremendo em sua mão quando ela olhou para o pátio lateral e o cão do inferno rosnou um sinistro aviso.

A porta caiu aberta atrás dele. Skyla pulou para o pátio, avistou o cão do inferno, e congelou.

— Orpheus! Atrás de você.

Nas costas de Orpheus, um outro grunhido ecoou. Ele olhou naquela direção para ver outro cão, os olhos dele brilhando tão vermelho quanto a morte. Skyla e Maelea recuaram em direção a ele enquanto mais dois cães do inferno entraram na briga, seguiram o sangramento do cão ferido com a seta de Skyla saindo do ombro dele.

—Se você está pensando sobre mudar, então temos uma chance aqui, — Skyla murmurou, —eu não faria objeção.

Orpheus não poderia concordar mais. Embora o fato da Siren ter atirado para tentar impedi-lo de tentar ajudá-lo não se perdeu nele. Ele sintonizou com seu daemon interior, sentiu em seus olhos a metamorfose para verde brilhante e o poder da ondulação daemon através de seus membros. Na corrida, liberou o controle que mantinha em seu lado escuro.

Nada aconteceu.

—Hum... — Skyla levantou seu arco, puxou a seta para trás enquanto lhe enviava um olhar frenético. —Agora seria um bom momento.

Ele se concentrou profundamente na força do daemon retumbando logo abaixo da superfície. Mentalizando que aquilo o consumia como fez tantas vezes antes.

Mais uma vez, nada aconteceu.

—Filho da puta, — ele sussurrou.

Os olhos de Skyla dispararam de um cão para outro.

— Orpheus?

Pânico fechou dentro dele. Podia sentir sua força, maldição. Por que não está funcionando?

Ele pegou a faca que mantinha amarrada em seu quadril.

—Eu não acho que vai funcionar desta vez.

—*O quê?*

O cão diretamente na frente deles riu.

Ele riu. Santo inferno.

—Droga, — Skyla murmurou. —Isso não é bom.

—Não me diga, — Orpheus se jogou para trás. *Porra, que merda estava acontecendo?*

O corpo inteiro de Maelea tremeu enquanto ela recuava para Orpheus. Mas desta vez ela não parecia se importar de estar perto dele.

—Que-o que fazemos?

Cinco cães do inferno sanguinários contra ele, Skyla, e a Garota Ghoul tremendo. Ele era um lutador feroz que sabia um pouco de magia. Mesmo sem seu daemon, ele e a Siren provavelmente

poderiam ter chances de sobreviver se trabalhassem juntos, mas não a Garota Ghoul. Eles a perderiam num piscar de olhos.

E ele não estava prestes a perdê-la. Não quando ela era a chave para tudo.

Ele pensou no lago atrás deles, uns bons cem metros abaixo na grama inclinada.

—Você tem um barco?

Maelea engoliu em seco.

—S-sim. Um barco de correr. Está alojado no ancoradouro.

—Você está pensando em fazer uma corrida com ele? — Skyla perguntou em voz baixa, seu arco pronto para atirar.

O cão ferido rosnou baixo em sua garganta.

—Pensando nisso, — Orpheus murmurou enquanto os monstros se moveram lentamente para a frente, forçando-os para trás várias passos sobre a grama.

Ele olhou para trás, em direção ao ancoradouro. Eles nunca fariam isso. Mesmo feridos, os cães poderiam correr como o vento.

—Você tem algo que Hades quer, — o cão à esquerda rosnou com uma voz que era metade homem, besta metade.

Oh, merda fantástica. Podia falar.

Orpheus enfiou a mão no bolso e tirou o elemento terra. A Rainha Isadora o encontrou e deu à ele meses atrás. Pouco antes que ele deixasse Argolea para descobrir aquele bruxo.

Os monstros fizeram uma parada.

Skyla lançou um olhar para o brilho do diamante de 10 cm de tamanho na palma da mão dele. O carimbo com o símbolo dos Titãs.

—Que diabos?

Todos os cinco animais olhavam com muita atenção para o elemento que ele segurava. O elemento se encaixava em uma das quatro câmaras do Orbe de Krónos. Embora o elemento possuísse um tipo especial de poder, Orpheus ainda precisava toca-lo, não seria totalmente útil até que todos os elementos se juntaram com o Orbe. Em seguida, os poderes se combinavam e o portador do Orbe seria mais forte do que Hades. Mais forte, até mesmo, que Zeus.

E os monstros na frente dele sabiam disso.

Orpheus fechou os dedos sobre o elemento e apertou, aproveitando os poderes Medean legados por sua mãe. Ele não brincou muito com o elemento desde que Isadora havia dado a ele, e não sabia o que esperar, mas não era contra a aproveitar cada pingo de magia daquilo se pudesse.

Mas nada aconteceu além do elemento crescer quente na sua mão.

O cão líder avançou e rosnou.

—Vamos tirar isso de você agora, Argonauta

A palavra *Argonauta* ecoou na cabeça de Orpheus. E ele pensou em seu irmão, Gryphon, confinado ao Inframundo por causa desse maldito bruxo. Das marcas Argonautas de Gryphon no momento que apareceram na pele *de Orpheus*. Os Argonautas realmente, não dariam uma merda sobre ele ou o que aconteceu com seu irmão.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Sua ira aproveitou um brilho de energia. A mágica Medean lançou seu braço e irrompeu através do elemento terra em sua mão.

A terra tremeu em uma explosão violenta de energia que atirou Orpheus dois passos atrás. Um cão do inferno se jogou para a frente com um grunhido e um estalo de suas mandíbulas. Maelea gritou. Skyla gritou algo que ele não poderia fazer. Os outros cães uivavam em uníssono. E um rugido que parecia Hades apressando-se a partir do centro da Terra, ecoou por toda parte.

Capítulo 7

— Orpheus!

Skyla perdeu seu apoio enquanto um abismo se abriu entre eles e os cães. Ela bateu no chão com um grunhido. Um monstro lançou seu corpo maciço contra Maelea com um estalo de suas mandíbulas. De costas na grama molhada, Skyla mirou seu arco para o cão do inferno navegando através do ar.

Seus dentes sangrentos pegaram o braço de Maelea. Ela gritou. Skyla atirou, ouviu o cão gritar em agonia, puxou outra seta, alinhou outro tiro, e disparou novamente. Antes que pudesse ficar em pé, Orpheus estava em cima do cão, dirigindo sua lâmina profundamente na carne do animal.

Mais rosnados ecoaram do outro lado do abismo enquanto a agitação se acalmava. Os outros quatro cães do inferno passeavam para a frente e para trás, à espera de sua chance de atacar. O cão sangrando estava morto aos pés de Orpheus.

—Você vai pagar, Argonauta, — um cão rosnou, através da distância.

Chocada, Skyla olhou para Orpheus, que estava empurrando o elemento terra de volta para o bolso dianteiro da calça jeans. Santo Hades. Ele já possuía um dos quatro elementos sagrados. Não era de se admirar que Athena não tivesse dito a ela quem ele realmente era.

—Vá se foder — Orpheus gritou.

Dois cães infernais latiam seu protesto com um estalo de suas mandíbulas enormes.

Orpheus embainhou a lâmina de sua espada nas costas dele e inclinou-se ao lado Maelea.

—Está muito ruim?

Lágrimas encheram os olhos Maelea enquanto ela embalava seu braço sangrento contra seu estômago e balançava a cabeça.

Orpheus levantou-a nos braços, em seguida, olhou para Skyla através da grama úmida, antes que se apressasse em direção ao ancoradouro.

—Se você está vindo, é melhor você levantar seu traseiro Siren. Eles vão descobrir como cruzar essa fenda muito rápido.

Skyla atirou em seus inimigos raivosos uma rápida olhada antes de perceber que escapar com Orpheus era sua única opção no momento. Com seu arco e flecha ainda na mão, correu atrás dele e alcançou a doca fora do ancoradouro. Ele chutou a porta com sua bota. Um pouco de luz

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

brilhante partia da abertura da água no final do ancoradouro, refletindo a palavra *Olympian* pintada atravessando o lado do barco a motor de quase 6 metros.

Conveniente— Ela jogou seu arco no barco enquanto Orpheus deslizava Maelea em um assento e procurava nos compartimentos.

—Onde estão as chaves? — perguntou à Maelea.

—Penduradas no segundo compartimento. Lá.

Skyla desamarrou o barco e jogou a corda dentro. Pulou para trás, pegou seu arco e flecha. Lá fora podia ouvir os grunhidos e rosnados dos monstros enquanto eles corriam pelo gramado.

—Hum... a qualquer hora seria bom.

—Maldito seja — Orpheus abriu os painéis e bateu-os fechados. O som de garras correndo ao longo fora do cais ecoou no ar.

— Orpheus? — Skyla preparou seu arco, voltado para a porta.

— Encontrei! — As chaves retiniam enquanto Orpheus saltava atrás do volante.

A porta externa quebrou em mil pedaços.

—Agora — Skyla gritou.

O motor do barco rugiu para a vida. Orpheus deu um soco no acelerador. Os cães correram pelo ancoradouro. Skyla disparou uma flecha, preparando a próxima, quando o barco arrancou do ancoradouro e cortou através da água.

Ela caiu de costas no banco atrás dela. Água pulverizou seu rosto. Quando encontrou seus pés e se empurrou para cima, os cães já estavam andando no final do cais, seus brilhantes olhos vermelhos minúsculos pontos de luz ao longe contra a costa.

Eles se dirigiram para fora de Union Bay em Lake Washington. As luzes do painel destacavam o cabelo marrom areia de Orpheus soprando no vento enquanto ele manobrava o barco através da água transparente como se tivesse feito isso mil vezes antes.

Para não ficar olhando para ele, Skyla moveu-se para verificar o braço de Maelea. Olhar para ele a fez pensar sobre esse elemento. Onde ele o conseguiu e o que planejava fazer com ele. E o que mais sobre ele era igual a Cynurus.

Maelea puxou o braço para trás, ao toque de Skyla. Depois de discutir com a menina por cinco minutos, Skyla finalmente desistiu e sentou-se no outro banco.

Eles foram devagar enquanto o lago chegava ao fim.

—Por ali — Maelea apontou para uma doca com o braço bom. —Há um parque.

Orpheus desligou o motor e depois tocou e Skyla para amarrar a corda na doca. Uma onda de calor varreu a pele dela, onde ele a tocava, seguido de um frio que a deixou com arrepios.

—Quão está ruim o braço? — ele perguntou, ajudando Maelea sair do barco.

—Está-está bom —Maelea envolveu seu braço bom em torno de seu machucado.

—Deixe-me vê-lo.

—Não, tudo bem.

Quando ele pegou a mão dela e puxou-a para longe de seu corpo, movendo a manga de fora do caminho para dar uma olhada, ela protestou novamente.

—Eu não preciso de...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Mas que...?

Maelea quebrou o contato visual, puxou a mão dela, e segurou o braço dela contra seu estômago novamente.

—Eu lhe disse que estava bem.

A mandíbula de Orpheus se contraiu, mas em vez de argumentar virou-se para Skyla e disse:- Ela está bem. Vamos.

Maelea deu um passo para trás.

—Não estou indo a lugar algum com nenhum de vocês.

Orpheus revirou os olhos. Em seguida, tombou-a em seus braços.

—Coloque-me pra baixo!

—Quando você começar a ouvir as instruções, vamos falar sobre isso.

—Seu filho d-

—Para onde você vai levá-la? — Skyla perguntou, agarrando suas armas e lutando para seguir enquanto ele caminhava até o cais em direção à costa.

—Onde é o aeroporto mais próximo? — Ele perguntou à Maelea.

—Aeroporto? —Maelea repetiu em surpresa. —Por que você precisa de um aeroporto?

Orpheus saiu do cais e parou na grama, olhando para baixo, para a menina à luz do luar.

—Deixe-me explicar isso para você, talvez você entenda. Eu faço as perguntas, você fornece as respostas. Se você der as respostas que gosto, vou considerar responder algumas de suas perguntas. Você entendeu?

A boca de Maelea estalou fechada. Ela olhou além de Skyla para o lago escuro.

—Aeroporto? — Orpheus perguntou novamente.

Ela franziu os lábios. Parecia como se ela não fosse responder. No silêncio Skyla podia praticamente ver o vapor fermentando em Orpheus enquanto a paciência dele diminuía, e ela se preparou para o pior. Agora que sabia que ele estava apenas atrás de Maelea para chegar ao Orbe, suas razões para protegê-la na noite do concerto faziam sentido. Mas não havia daemons aqui. Nem cães do inferno também.

Finalmente, Maelea murmurou: — Aeroporto de Snohomish County. Mas está a pelo menos 16 quilômetros daqui. Minha casa-

—Provavelmente já está torrada, — Orpheus disse à ela, caminhando novamente. —E agora esses cães do inferno se reportaram de volta a Hades e disseram-lhe que você está comigo. Você não estará segura sozinha novamente.

Um mal estar deslizou pelo rosto Maelea, e ao seu lado, Skyla apertou a mandíbula com a forma como Orpheus estava carregando a menina, da mesma forma que Rhett Butler levou Scarlett subindo as escadas em *E o Vento Levou*. Orpheus acelerando, subiu um pequeno monte no parque.

—Vamos encontrar um táxi, guiando na direção do aeroporto. Existe um avião fretado que podemos pegar lá.

—Para onde? — Maelea perguntou, encolhendo-se e segurando o braço ferido enquanto ele a empurrava.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Isso foi uma pergunta?

A boca dela encaixou novamente, e desta vez sua mandíbula apertou com raiva mal contida.

Olhando com prazer, Orpheus disse:

— Tenho um amigo em Montana. Ele pode cuidar de você lá.

—Montana? Mas moro aqui!

O rosto de Orpheus ficou inflexível. Skyla fez uma parada, a respiração dela sentindo o que ele faria com a fêmea ferida. Ela o viu na batalha. Viu a maneira como ele poderia mudar para a forma daemon com apenas um pensamento. Por que ele ficou aborrecido e não voltou para casa de Maelea, ela não sabia, mas descobriria em breve. Sobre aquilo e o elemento terra. E o que ele planejou.

Skyla esperou que os olhos dele alterassem que era o sinal de que ele estava chamando seu daemon, mas não o fizeram.

—Você quer que eu te leve de volta para sua casa? —ele perguntou.

Maelea olhou para ele. Engoliu. Parecia debater suas opções. Lentamente, ela balançou a cabeça.

—Ok, então — Orpheus retomou a caminhada entre as árvores.

—Acho que somos sua única opção neste momento.

O olhar de Maelea encontrou Skyla, e ficou claro que ela acreditava no híbrido. E não gostou.

Tenha cuidado, fêmea.

Alcançaram Bothell Way, uma via principal, em silêncio. Postes de luz iluminavam a estrada de quatro pistas.

—Não haverá quaisquer voos saindo esta tarde, — Skyla apontou. —A menos que você pretenda pegar uma vassoura para Montana, precisamos nos esconder em algum lugar até de manhã.

—Então vamos tomar um trem, — disse Orpheus. —Mas não podemos ficar por aqui. Garanto que esses cães têm nosso cheiro.

—Sim, mas não precisamos correr todo o caminho para Montana para perdê-los.

Orpheus a ignorou, ele estava condenado naquilo — e olhou para Maelea. —Que tal uma estação de trem?

—Hum... existe uma perto, — Maelea disse. Em Edmonds. Cerca de 19 quilômetros, talvez,

—Não haverá nenhum trem que saia à essa hora também, — Skyla protestou.

Muito bem, Miss Guru Transporte — Orpheus desceu a calçada. —Vamos encontrar um carro e dirigir para o norte, para Bellingham, pegar um trem de lá.

—Encontrar um carro? — Skyla gostava menos disso do que sua ideia de correr para Montana.

Orpheus desviou em um estacionamento, onde deixou Maelea em pé e olhou para a janela de um Ford Explorer.

—Você vai roubar aquilo, não vai? — Maelea perguntou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Claro como merda, que vou — Ele usou o cotovelo para bater na janela traseira. Um alarme soou. Segundos depois, ele estava no banco da frente, curvou-se sob a coluna de direção, puxando fios soltos. O alarme desligou, em seguida, a ignição rugiu para a vida. —Entrem. As duas.

Skyla parou Maelea com uma mão no braço da fêmea.

—Ela não está em condições de viajar. E você não é o único que atrai tiros aqui.

Ela esperou pelo brilho de verde nos olhos dele, quase queria, porque isso provaria que ele estava fora de controle e não pensava claramente, mas não veio. Em vez disso, ele ficou muito concentrado, olhos muito obstinados em seu caminho. Olhos que estavam cinzentos como estavam na cabeça de Cynurus mais de dois mil anos atrás.

—Confie em mim, Siren, estou atraindo tiros. E poderia facilmente tê-la deixado para lidar com esses cães do inferno sozinha, ao invés de resgatar você.

Resgatar-me? — Ela bufou. —Em que universo alternativo você vive? — Mas mesmo depois que ela disse as palavras, o desconforto deslizava através dela. Ele *teve* que salvá-la?

Orpheus olhou atrás dela como se ela não tivesse falado.

—Quem fez o salvamento? Você é o juiz final aqui. Eu ou a Menina Rambo lá?

Os olhos de Maelea arregalaram-se, obviamente, não gostava de ser pega no meio.

— E-Eu não...

—Pare de atormentar a garota, — Skyla estalou.

Lá estava ele novamente. Essa irritação que ele parecia mais interessado em Maelea do que nela. Que diabos havia de errado com ela? *Daemon híbrido*, lembrou a si mesma. *Traidor do Olympus e de cada pessoa no planeta*.

Orpheus escorregou fora do carro e colocou seu corpo entre Skyla e Maelea, facilmente quebrando o poder de Skyla.

— Menina Ghoul venha comigo. Por que você não apenas volta ao *Olympus* e diz ao seu chefe que você falhou?

— Menina Ghoul? — A expressão chocada de Maelea teria sido cômica em uma situação diferente, mas Skyla mal prestava atenção.

Ela estava de repente muito derrubada que Orpheus estava sugerindo que ela saísse em vez de fazê-la ir. De sua reação quando ela apareceu na casa de Maelea, era claro que ela não o surpreendeu. Ele estava procurando o Orbe, e sabia que ela estava lá para detê-lo. Por que diabos ele a deixou marcar tanto tempo?

Seus olhos intensos olharam para o dela. E ela teve um lampejo do olhar dele para ela quando estavam correndo através do gramado de Maelea, verificando para certeza que ela estava com eles.

Por que ele não a deixou lá? E melhor ainda, porque não estava exigindo a informação que precisava de Maelea agora e deixando-a para trás também?

Mil perguntas estavam zunindo em volta de sua cabeça. Misturadas com questões do passado, aquelas sobre a culpa ou inocência de Cynurus — *sua* culpa ou inocência. E no silêncio entre eles, ela soube que possuía uma escolha. Ir embora por bem e deixar uma das outras Sirens lidar com ele... ou não.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Fugir significaria virar as costas para a Ordem.

O Dever te salvou.

As palavras de Athena gotejavam pela cabeça dela. Sua mentora estava certa. A Ordem a *salvou*. Quando nada mais poderia. Mas agora sabia que a Ordem também mentira. A questão que não podia sair de sua cabeça era porque lhe foi dada uma segunda chance.

Ela não se afastaria dele. Não até que tivesse as respostas que precisava. Não até que soubesse com certeza, se ele realmente era a alma negra que Athena e Zeus afirmaram que seria. Embora agora pudesse ver as semelhanças entre ele e Cynurus, não importava para ela. Construiu suas barreiras há muito tempo. Olhava para essa tarefa objetivamente, mantendo suas emoções de fora, e baseando sua decisão sobre os fatos.

Sobre o que ele fizesse aqui.

—Se você acha que estou deixando essa garota ir à qualquer lugar sozinha com você, daemon, você está drogado. Onde ela for, eu vou.

Ela acabou de fazer-se a protetora de Maelea. Ela. A Siren. Uma guerreira letal treinada não para proteger, mas para matar. Merda, sabia muito sobre como proteger como ela fez sobre, bem, Orpheus.

Ela ignorou a ironia desse pensamento e concentrou-se nos olhos cinzentos de Orpheus. De repente os terríveis olhos cinzentos dele e sua boca sedutora, encolhendo-se sempre assim, ligeiramente, ao longo de uma borda enquanto seu olhar deslizava do rosto para seus seios, então descia.

—Sempre gostei de ficar alto. Posso pensar em uma maneira que não envolva drogas. Apenas hormônios.

Lá estava ele novamente. Essa transição do modo de batalha para predador sexual. Como ele fez isso? E por que diabos a deixou quente?

—Entre, Siren — O olhar dele subiu de volta à boca de Skyla antes que ela pudesse pensar em algo sucinto para dizer em retaliação. Aquilo sempre pairava até que o calor do olhar dele se reunia em seu abdômen e enviava choques de eletricidade por todo seu corpo.

—Antes que a razão volte e eu mude de opinião

Aranhas.

Hoje eram centenas de aranhas de todas as formas, tamanhos e cores.

Um grito ecoou pela mente de Gryphon enquanto ele estava deitado sobre planas rochas de obsidiana e olhava para quatro gigantes, os olhos escancarados de um aracnídeo peludo do tamanho de uma toranja[24]. Ele tentou se mover, mas não conseguiu. Tentou gritar, mas encontrou

[24] *A toranja ou toronja (Citrus x paradisi) é um citrino híbrido, resultante do cruzamento do pomelo (Citrus maxima) com a laranja (Citrus x sinensis). Este fruto é conhecido pelos nomes de jamboa, grapefruit,laranja-melancia, pamplemussa, laranja vermelha, laranja-romã entre outras denominações.Ácida e azeda com uma doçura latente, a toranja tem uma suculência similar à da laranja e possui muitos dos mesmos benefícios para a saúde além de ser bem saborosa e doce. As toranjas costumam variar em diâmetro, entre 10 a 15 centímetros, com algumas variedades contendo sementes, e outras não. De sabor agradável, como seu nome em latim, Citrus paradisi, já o diz.*

apenas milhares de pés batendo contra a rocha, ecoando no ar úmido. Sentiu a sensação das pernas rastejando sobre a pele e os dentes afiados, angulares, afundando profundamente na sua carne.

Morte pairava fora de seu alcance. Sua visão nadou enquanto a criatura em seu peito levantou as pernas da frente e acenou-os descontroladamente no ar na frente do seu rosto. Suas presas apareceram perigosamente perto.

Outra punhalada em algum lugar em sua perna. Um suspiro de dor que ele não poderia aspirar. Veneno queimando em suas veias e mexendo com sua mente.

—Preciso sair daqui.

Você não vai a lugar nenhum.

—Eu não mereço isso. É um erro. É...

Isso é o que todos dizem. Mas nem todos podem ser inocentes. Você com certeza não é.

—Eu não aguento mais.

Você tem milhares, milhões de anos ainda para sofrer. Isto é apenas o começo. Apenas uma amostra do que você ainda vai experimentar.

—Por favor...

Não implore. É tão... não — Argonauta. Homem, deve levá-lo como o herói que costumava ser.

—Vou fazer qualquer coisa. Qualquer coisa...

Não há tal coisa como qualquer coisa. Você deve saber que por agora...

A voz desapareceu do nada. Sua mente embaçada enquanto lágrimas não derramadas e orações não respondidas corriam, sobre ele. Dentro, sentia seu corpo liquefazer, reunir, começando lentamente a escorrer para fora, através de cada ferimento único. Ele não sentia mais os milhares de pés rastreando através de seu corpo, já não via as aranhas. Uma névoa espessa e branca descia, e ele se sentiu flutuando rio abaixo, rumo a um abismo negro tão vasto como um abismo sem fim.

—Sim, finalmente...

—Posso aliviar sua dor, Argonauta.

Os olhos de Gryphon se abriram ao som da voz em algum lugar próximo. Sua visão clareou e revelou centenas de aranhas coloridas ondulantes em todo o comprimento do seu corpo nu. A sensação voltou para sua pele, junto com a dor em sua carne. Mas, mesmo através de sua mente carregada de veneno, ele reconheceu a voz.

Isto não veio de *dentro*. Ela era profundamente feminina. O cheiro doce flutuava no ar perto, misturando com a voz para seduzir e provocar e chamá-lo de volta do esquecimento que ele precisava.

—Sim, Argonauta. Você me conhece bem. Logo você vai me conhecer muito bem.

Atalanta.

Seu olhar correu de um lado para outro enquanto ele olhou para a mulher. Ele não se importava quem ela era. Ela era real. Ele não estava sozinho nesse inferno esquecido depois de tudo.

Ajude-me!

—Posso te levar para longe de toda esta dor, Argonauta. Gostaria disso?

—*Sim, sim, por favor, sim*.

Ela riu.

Uma mão pálida caiu em sua linha de visão. Dedos longos e afilados levantaram uma aranha gigante de seu peito e balançou o monstro na frente de seu rosto.

—Você sabia que existe um lugar dentro deste reino onde o alívio pode ser encontrado? Onde aqueles que foram condenados muito antes de você encontraram refúgio? Quando os próprios Deuses Antigos governavam uma terra mais agradável do que até mesmo Sodoma e Gomorra?

Deuses Antigos. Os Titãs.

A mente nebulosa de Gryphon girou enquanto as palavras se afundavam profundamente. Zeus havia lançado os Titãs no Tartarus, no final da Titanomaquia, a guerra entre os Titãs e os Olimpianos. E eles foram presos no nível mais baixo desde então, aguardando o dia em que seriam libertados pelo Orbe de Krónos.

—Posso te levar lá, Argonauta. Sei onde ela fica. Posso te salvar dessa agonia sem fim. Comigo você pode deixar essa tortura para trás, para o bem e tornar-se poderoso novamente. Completamente. O guerreiro que já foi. Tudo que você tem a fazer é se juntar a mim — Sua voz caiu para um sussurro sedutor. —Seja meu *doulas*[25].

Escravo.

Algum espaço profundo dentro dele gritou Não! Mas foi abafado pelo pensamento de um mundo sem dor. Um fim para este tormento contínuo.

O fato de que Atalanta foi sua grande inimiga no reino vivo não significava nada. Ele não seria um Argonauta muito mais. Sua vida anterior acabara. E ele estava disposto a fazer qualquer coisa para terminar este sofrimento. Mesmo que isso significasse sacrificar tudo que uma vez acreditou.

—*Sim, sim, sim. Qualquer coisa que você quiser. Basta levar tudo isso embora*.

Não!

Um riso suave chegou a seus ouvidos.

— Sabia que podia contar com você, Argonauta.

Uma lufada de ar fluiu através de sua pele nua, dispersando as aranhas. Um estrondo soou em algum lugar próximo e a escuridão espiralou, em seguida, explodiu em mil cores, murchando enquanto uma névoa clareava até que um rosto apareceu em meio à neblina. Um rosto com a pele como alabastro, lábios vermelhos como sangue, os olhos de carvão negro, e uma queda de cabelos longos e negros retos que pareciam como se fossem feitos de seda.

[25] *Escravo – em grego*

Siga-me, doulas.

Seus braços se moveram. Excitação saltou em seu peito. Mas antes que sua mente pudesse dizer a seus membros o que fazer, ele sentiu um puxão, direto no centro de seu peito. Um puxão controlando-o. Puxando-o para a frente como um touro a ser liderado por uma argola no nariz. Na direção dela. Até que não houvesse nada. Não havia som. Sem dor. Nada além do vazio infinito desdobrando-se em todas as direções.

Maelea não sabia o que fazer com seus companheiros de viagem. Enquanto estava deitada no beliche superior da cabine que arranjaram em Bellingham e fingia dormir, ela ouvia a respiração calma deles e se perguntava se estavam acordados. Se perguntando também quanto tempo até que pudesse fazer uma pausa disso.

Ela não se atreveu a tentar no caminho para Bellingham. Também não tentou, quando pararam naquele Walmart e Orpheus a arrastou para comprar uma jaqueta e sapatos para ela se misturar. Certamente não tentou na estação de trem quando ele reservou os bilhetes, não da forma como Skyla ficou observando-a como se sua cabeça estivesse prestes a girar. Ela não era burra. Sabia que Orpheus estava certo. Aqueles cães claramente possuíam seu cheiro, e se eles parassem por qualquer período de tempo, os monstros estariam sobre eles num piscar de olhos. Mas isso não a manteve longe do planejamento de uma saída, quando eles finalmente chegassem a seu destino. Onde quer que fosse.

Eles mudaram de trens em Everett por volta do meio dia, almoçaram e ficaram no carro de jantar o maior tempo possível, então se retiraram para as cabines para descansarem um pouco e Maelea, sabia, para evitar olhares curiosos. Não precisava ser um gênio para ver que os três não andavam juntos. Skyla com seu corpo perfeito de modelo, Orpheus com seu corpo largo o ar perigoso que parecia pairar ao seu redor, e Maelea, a calma que tinha dificuldade em olhar os outros dois no olhos e não estava mesmo certa sobre o que estava fazendo aqui.

A necessidade de segurança a sobrecarregava, mas acalmou-se por pensar sobre a alternativa. Cães do inferno? Não, obrigada. Ela *não* estava prestes a enredar-se com Hades.Por enquanto, esperaria e observaria e faria um caminho somente quando tivesse certeza que era seguro. Ela não era louca por estar com qualquer um destes dois, mas sentia que não planejavam prejudicá-la.

Pelo menos ainda não.

Ninguém falou muito desde que voltaram para a cabine. Havia tensão entre os três, principalmente entre Orpheus e Skyla. Tensão, Maelea estava curiosa sobre isso, mas não se atreveu a questionar. Embora tentasse cochilar, enquanto o trem quase alcançava o leste em direção das Montanhas Rochosas e o anoitecer se estabelecia, sua mente estava muito cheia de imagens e sons e a realidade amarga de que Orpheus não era o que precisava matar depois de tudo.

A escuridão que primeiramente sentiu nele havia diminuído. Como, ela não sabia, mas durante a última hora, teve certeza que a morte dele não lhe concederia o acesso ao Olympus que

ela precisava. E a percepção disso a aborrecia, mais do que qualquer coisa, porque graças a ele agora não poderia nem mesmo voltar para o santuário de sua casa em Seattle.

Macho estúpido. Estúpida por ir a esse concerto, em primeiro lugar. Ela era melhor se mantendo, mas mesmo sabendo disso, não conseguia parar de olhar. Foi o maior mau funcionamento em seu cérebro, a luz empurrando-a a procurar fora no escuro com o que ela deveria se contentar esgueirando nas sombras.

—Você está olhando para mim, Siren, — Orpheus disse em voz baixa.

Maelea estava ainda acordada e ouviu. Eles definitivamente não eram parceiros. Ele estava marcado com a escuridão do Inframundo, ela era a luz de Zeus. Outra ironia que não estava perdida em Maelea.

—Estou apenas tentando descobrir qual dos ossos será mais fácil quebrar quando você tentar tirar Maelea daqui sem mim, — disse Skyla da cama de baixo.

Agora aquilo seria uma luta que Maelea gostaria de testemunhar.

Orpheus deu uma risadinha.

—Tão protetora. O que não seria de esperar, vindo de você.

—Você não me conhece.

—Não totalmente. Mas sei muito mais do que a maioria. Você está pensando nisso agora, não está? É por isso que você não pode parar, de me olhar.

Skyla ficou em silêncio. O ar ficou espesso. E o desconforto de Maelea por estar no mesmo quarto com eles disparou. De repente o tom áspero de Orpheus falou de conhecimento íntimo, mas ela não poderia imaginar uma das guerreiras de Zeus reduzindo-se a ter relações sexuais com um daemon.

Não que Maelea tivesse um monte de experiência com o sexo recentemente. Ela praticamente desistiu de toda essa parte de sua vida como ela não podia ver o ponto de se envolver com um ser humano quando eles acabavam morrendo. Mas não era virgem. Ou uma puritana. Ela teve alguém, depois de tudo.

Ou não. Antes de Orpheus arruinar aquilo para ela também.

—Você está cheio de si mesmo, daemon, — disse Skyla abaixo.

—Não, — ele sussurrou. —Você estava cheia de mim. Você está se perguntando como seria de novo. Você está desejando poder ter isso agora. Admita.

A pele de Maelea se aqueceu, e a percepção de que estes dois definitivamente começaram algo, bateu diretamente nela.

Antes que pudesse detê-lo, sua mente girava com imagens do emparelhamento deles. Seria feroz e áspero. Ambos eram guerreiros. Nada de fazer amor doce para estes dois. A julgar pelo jogo de poder entre eles, antes, seria uma maneira rápida, dura luta , animalesca, onde um ou os dois acabariam feridos. E embora ela soubesse que isso não era uma conversa que ela — ou qualquer pessoa — pretendesse ouvir, por algum motivo não conseguia parar de ouvir. Não conseguia parar de imaginá-los juntos. Não era possível para ela parar de desejar algo... tão hedonista.

—Pensei que você havia dito que não foi tão bom, — Skyla jogou para trás.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O assento abaixo rangeu, e através das pálpebras meio abertas, Maelea viu enquanto Orpheus se inclinou para frente para apoiar os cotovelos sobre os joelhos e apertar as mãos, enquanto olhava para a cama de baixo.

—Mas foi para você, não foi? Eu me lembro de você marcar minhas costas com as unhas gritando por mais. Senti isso, quando você gozou. Duro. Toda ao meu redor. Poderia fazer você gozar de novo, duramente, aqui, agora.

De jeito nenhum. Estes dois não estavam indo... Não com ela no quarto. Eram... estavam?

A cadeira rangeu novamente enquanto Orpheus avançou até desaparecer da vista de Maelea. A cama de baixo gemeu.

—Cuidado, daemon, — Skyla sussurrou.

—Você não gosta disso com cuidado, porém, — ele sussurrou de volta. —Você gosta disso duro e áspero. Assim somos iguais.

—Não somos iguais.

—Somos mais parecidos do que você sabe. Diga-me você não quer apenas um pouco.

A respiração de Skyla ecoou pela cabine. A pele de Maelea se aqueceu enquanto imaginou a cena: ele a tocando, ela respondendo. E por apenas um segundo, desejou que fosse ela quem estivesse falando. Não porque estava atraída por ele, mas porque parte dela gostaria de saber o que sentiria ao ser procurada novamente, mesmo a metade disso.

A risada de Orpheus subiu aos ouvidos do Maelea.

—Eu penso assim, Siren. Tudo que você tem a fazer é pedir.

—Você gostaria disso, não gostaria? — Skyla perguntou. —Eu implorando. Bem, não vou. Isso não está acontecendo de novo, daemon.

—Um desafio — A diversão ecoou na voz rouca de Orpheus. —Vamos fazer uma pequena aposta. Consigo fazer você gozar sem usar as mãos, e você me diz exatamente que tipo de encantamento você está lançando sobre mim.

—Não estou lançando um encantamento.

—Então você vai me dizer o que diabos é essa conexão estranha que parecemos ter.

O silêncio se revelou através do carro, misturado com o desejo girando no sangue de Maelea. Um desejo que ela não havia sentido em anos e não queria. Qual era o ponto de olhar para alguém especial? Só para ter seu coração quebrado mais uma vez?

Não, obrigado.

Olympus. Isso seria seu alívio. Isso era no que precisava ficar focada. Nem as relações bobas que nunca chegariam a nada importante. Olha o que o sexo fez com estes dois — a tensão criada e a desconfiança, duas coisas que Maelea não precisava mais. Quanto mais cedo fugisse de Orpheus e Skyla e encarasse com mais seriedade sua meta, melhor seria para ela. Porque mais do que nunca, estava determinada a fazer isso no Olympus não importava quanto custasse.

Uma vez que estivesse lá... talvez então pensaria sobre sexo e relacionamentos e encontraria alguém especial novamente. Quando finalmente estivesse onde deveria estar.

—Eu não vou ter sexo com você de novo, — Skyla disse. —Já deixei isso bem claro.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Nada de sexo, — Orpheus respondeu. —Minhas roupas vão ficar firmes no lugar. Assim como a sua, prometo. O que você acha? Medo de que eu seja tão bom?

—Eu *sei* que você não é aquilo tudo de bom, daemon.

—Então, aceite a aposta.

—E se eu ganhar? — Skyla perguntou.

—Então eu digo o que você quiser saber.

—Você responderá as minhas perguntas?

Silêncio. E então, —Três, — ele respondeu.

—Qualquer três?

—Uma aposta é uma aposta.

Por um piscar de olhos, ninguém falou. E no silêncio, Maelea suspeitou que estavam indo em direção ao naufrágio. Seu estômago se apertou com uma mistura de expectativa e medo.

—Bem? — Orpheus sussurrou.

Capítulo 8

Orpheus sabia que estava brincando com fogo. Apenas sentado em frente à Siren confinado na cabine de dormir, ele estava espremido ao máximo. Agora, sentado ao lado dela na cama de baixo à espera de sua resposta, o calor do corpo dela girou no ar para se misturar com um pouco do doce perfume de madressilva da pele dela que o deixou tonto e no limite do controle.

Deuses, precisava dela. Queria prová-la novamente. Tudo dela agora. Mesmo sabendo quem e o que ela era.

O movimento, o movimento fácil e *inteligente*, teria sido o de abandoná-la em Seattle. Mas ele não o fez. Em parte porque precisava saber o que era esta estranha ligação entre eles. Em parte porque ela não era uma ameaça real até que ele realmente estivesse com o Orbe. E em parte porque seduzi-la, entretanto, era uma maneira de trapacear com Zeus. Se houvesse um deus que Orpheus não se importava de trapaceá-lo, aquele era o Rei dos Deuses.

—Bem, Siren?

Os olhos dela se ergueram para o seu, presos. Olhos violetas brilhantes, a cor tão incomum que se perguntou se eram reais. A cor tão familiar que teve certeza que já havia olhado para eles antes.

Ela empurrou a mão contra o peito dele.

—Você está irradiando calor, daemon.

Ela também. E o toque dela unicamente ampliou o fogo em seu sangue para um nível de lava quente. A mão dela contra seu esterno, enviou um tiro de calor perverso em seu peito. Uma mão que não estava se movendo ou forçando-o voltar mais atrás.

—Vou tomar isso como um sim.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Um estalo soou fora, no corredor. Skyla saltou para seus pés. Antes que ele pudesse alcançá-la, estava do lado de fora da porta e no corredor estreito.

—Filho da puta — Frustrado, ele se empurrou para fora do banco, olhou para fora para ver um mordomo pegando pratos do piso.

—Desculpe-me, — disse o mordomo, quando avistou um deles. —Desculpem a interrupção.

O mordomo rapidamente recolheu os utensílios derrubados, arrumou-os de volta na bandeja, e depois desapareceu pelo corredor.

Orpheus olhou para Skyla, à uma boa distância dele. A porta entre este carro e o outro atrás, soou fechando enquanto o garçom saia. Com um sorriso de lado, Orpheus deu um passo em sua direção.

—Onde estávamos?

Ela estendeu a mão e aumentou a distância.

—Nós não estávamos em lugar nenhum.

—Sim, estávamos.

Ele se aproximou. Ela se moveu pra trás de novo. Porra, ele gostava deste lado nervoso dela. Muito mais do que o sedutor. O que ela faria se ele a beijasse? Como ele queria beijá-la no corredor do apartamento dela? Aqueles lábios foram feitos para beijar. Cheios, macios, tão malditamente doces, ele tinha certeza que o gosto era doce.

—Nós estávamos certos sobre... — Ele manobrava a volta dela até que ela bateu de costas na parede, bateu uma mão contra a superfície para prendê-la entre ela e ele. —Aqui. Nós não estávamos?

Ela empurrou contra o peito dele. Ele não se mexeu. Ele se aproximou, olhando para os lábios encantadores, e imaginou abrindo-os para entrar. Sua boca seria quente e úmida, ele apostava, apenas tão escorregadia quanto seu sexo. A necessidade de prová-la subjugou seus sentidos. Ele moveu-se, viu seus olhos se arregalarem de surpresa.

Ele gostava de deixa-la fora de forma. Gostava que ela se lembrasse muito bem como eles se encaixam. Ele queria que se encaixassem novamente, desta vez com a boca trancada na sua enquanto dirigia dentro dela.

—Sim, — disse ele, olhando para os lábios, — estávamos aqui.

Assim enquanto ele moveu-se para beijá-la, ela virou a cabeça, oferecendo o pescoço ao invés da boca — Maelea está lá dentro.

Ele se concentrou no pulso sob a pele, lembrou o quão sensível ela era lá.

—A Menina Ghoul está dormindo, confie em mim.

—Isso é como perguntar a um rato para confiar em um leão faminto.

—Com você, querida, sou um leão. Um leão insaciável.

Ela ficou tensa quando ele esfregou sua orelha. E ele sorriu para o nervosismo dela. Significava que o que aconteceu, não era a mesma coisa que ela teve com todos seus encontros. Ele não era estúpido o suficiente para pensar que ela estava ficando junto com ele e Maelea por causa dele, ou mesmo de Maelea, como ela queria que ele pensasse. Ela estava aqui, porque Zeus

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

lhe enviou para obter o Orbe. E ainda não o havia impedido. Ainda não. Ele estava tendo muita diversão tentando-a.

A mão dela repousava em seu peito, mas ela não empurrou, e do jeito que inclinou a cabeça mais para longe lhe disse que gostava do que estava fazendo.

Ele a beijou levemente, a pele macia sob sua orelha. Então não era a boca dela. Ele pegaria a boca depois. Quando deslizasse dentro dela.

Ela respirou fundo, deixando sair lentamente. Seu corpo relaxou contra ele.

—Eu... uh... pensei que não era para ter nenhum toque.

—Com minhas mãos. Você nunca disse nada sobre outras partes do corpo.

A garganta dela trabalhou enquanto ela engoliu. Ele seguiu o movimento com os olhos e passou a ponta do nariz em toda a mandíbula dela novamente, quase raspando os lábios sobre o pescoço dela.

—Alguém poderia passar.

Os lábios dele se curvaram enquanto ele pressionou-os em um sinal de nascença na base da garganta dela.

—Isso o torna mais emocionante. E não me lembro de você fazer objeção naquele apartamento.

—Eu, obviamente, não estava pensando claramente então. Parece que tenho esse problema quando você está por perto.

Seu peito expandiu. Gostei disso. Gostei muito.

Ele cutucou os joelhos dela separando-os com a perna, apertou sua coxa entre as dela enquanto beijava seu pescoço novamente, enquanto pressionava os lábios na pele logo atrás da orelha dela. Um tremor percorreu o corpo dela, um que fez a calça jeans dele ainda mais apertada.

—Sei como aliviar esse problema — Deslizou seu nariz em toda a orelha dela de novo, inalando profundamente o cheiro de seu perfume doce indo direto em sua cabeça como uma droga, pressionou a perna dele apenas alto o suficiente para que sua coxa esfregasse contra o monte dela.

O peito dela subia e descia com suas respirações profundas. Ela estava definitivamente desperta. Provavelmente já molhada.

Deuses, sabia que *ele* estava excitado. Desde que ela apareceu na casa de Maelea, não foi capaz de parar de pensar nela. *Merda*, aquilo era uma mentira. Ele não parou de pensar nela desde que a viu naquele concerto. Não importava que ele já a tivesse tido. Ele a queria novamente. Aqui. Agora. No entanto, poderia levá-la.

Ele soprou quente contra o pescoço dela, observando como o pulso em sua garganta pegou velocidade. Os dedos caíam ao lado para descansar no quadril dela, perigosamente perto da protuberância em suas calças jeans. E seu sangue se aqueceu até próximo da ebulição com o pensamento de seus dedos tão perto de seu pênis.

O olhar dela seguiu-lhe a mão na cintura dele, hesitante. Ela engoliu em seco, como se estivesse imaginando pegar ela mesma uma amostra deliciosa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele inchou mais difícil contra seu zíper, imaginou a boca dela em torno de seu eixo. Ele não se atreveu a mover sua mão para longe da parede, com medo que esquecesse todo o bom senso e a tomasse, perdendo sua aposta antes mesmo de começar.

—Você está me provocando, Siren.

Os espetados cílios escuros se levantaram para revelar os olhos de ametista pesados com o desejo.

—Só estava me perguntando o que aconteceria se você gozasse primeiro. Nossa aposta não é sobre o coeficiente.

Ele quase gozou logo em seguida, apenas partindo da possibilidade das palavras dela. Era a sua vez de engolir.

—Isso não vai acontecer.

—Por que não?

—Porque aprendi sobre controle há muito tempo.

Ela levantou a coxa direita, deslizou-a sobre o quadril dele a ereção afundou no vão de seu corpo até que sentiu o calor de seu sexo através do jeans e da roupa separando suas peles. As mãos dela percorreram o peito dele para descansar contra os peitorais e apertar, sempre muito gentil. Ondulações de sensação fluíram desse ponto, através de seu abdômen e abaixo.

—Vi seu controle no meu apartamento daemon. Algo me diz que você não tem muito o controle que pensa ter.

Quando ela apertou os quadris a frente e esfregou o pau dele contra a fenda entre as pernas dela, soube que ela estava certa. Se não tivesse cuidado, explodiria muito antes dela estar mesmo aquecida.

Ele olhou abaixo para os peitos dela, os seios saborosos subiam e desciam sob sua fina camisa preta. Felizmente, ela tirou a armadura e as braçadeiras na cabine, mas ele gostava do fato que ela ainda usava aquelas botas de stripper. Ele não se importaria se ela usasse apenas elas e nada mais enquanto colocasse as pernas dela em torno de sua cintura e gritasse seu nome.

—Então, o que diz, daemon? — Ela seguiu em frente, acariciando sua ereção com o calor entre as pernas dela. —Por que não fazer a aposta um pouco mais interessante?

Ele estava vagamente consciente de que as posições de poder dele foram invertidas, que ela estava treinada exaustivamente na arte da sedução, e sabia como despir cada pensamento de um macho, para que pudesse conseguir o que queria, mas isso não era sobre ele. Era sobre ela. E dando-lhe um pouco da luxúria que encharcava a mente com o que ela o drogou nos últimos dias.

Ele pressionou seu pau contra o calor dela, esfregou até que ela respirou fundo. Sim, ela estava molhada. Ele podia sentir isso.

—O que você tem em mente?

Ela pressionou de volta.

—Vamos dizer que se você gozar primeiro, se afastará de Maelea e deixará a pobre moça em paz.

Os quadris dele se acalmaram. Ele se concentrou nos olhos determinados dela ainda muito excitados. Olhos que desencadearam um tremor de *déjà vu* no fundo de seu peito.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Por que uma Siren cuida de alguém como Maelea?

—Eu não cuido.

Por um segundo pensou que ela estava mentindo, então percebeu que ela não estava.

—Portanto, esta pequena aposta é uma forma de se certificar de que não a usarei para conseguir o que quero — Quando ela não respondeu outro pensamento penetrou em sua mente. —O que leva a questão, é porque uma Siren tentar *impedir* seu alvo? Há algo que você não está me dizendo.

Ela focou no ombro dele. E em seu silêncio, ele soube que ela não tinha uma resposta. Pelo menos não uma que pudesse expressar. Mas estava lá, escondida atrás dos olhos familiares e fascinantes dela. Uma resposta que explicava o que era a conexão deles e porque ela era tudo que ele foi capaz de pensar desde o momento em que se encontraram. Mesmo em detrimento de seu objetivo claro.

A porta no final do corredor rangeu abrindo. A cabeça de Skyla virou em disparada para aquele lado e as mãos dela pressionaram contra o peito dele, empurrando-o para longe de seu corpo suculento.

Outro mordomo veio pelo corredor em direção à eles, uma bandeja nas mãos. Ele parou quando os avistou, olhou de um rosto para o outro. Compreensão atingiu os olhos dele antes de tossir e um fluxo de rosa se espalhasse pelo rosto.

—Um. Desculpe. Eu só preciso passar.

Orpheus recuou contra a parede oposta para abrir espaço, mas sabia que sua irritação refletia em seus olhos. Apenas... eles não piscariam verdes do jeito que normalmente faziam quando estava irritado.

O homem abaixou a cabeça e saiu pela porta oposta em um piscar.

Skyla afastou-se e limpou sua garganta.

—Preciso de algum ar.

—Segure-se — Estendeu a mão para ela, mas não foi rápido o suficiente para segurá-la.

—Obrigado, mas não. Acho que nós dois precisamos de um distância agora. Eu sei que preciso.

Ela desapareceu pela porta antes que ele pudesse pensar em uma razão para fazê-la ficar. Por um breve momento considerou segui-la, lembrou-se então de Maelea na cabine. Ele não poderia deixar a Menina Ghoul sozinha. Ela estava esperando a primeira oportunidade de correr, e ao contrário do que Skyla pensava, ele não planejava prejudicar a criança abandonada. Mas iria usá-la para conseguir o que queria.

E o que ele queria... Era hora de lembrar-se de seu objetivo e parar de se enroscar com a Siren que foi, obviamente, enviada para cá para se livrar dele. Ela era uma distração que não precisava. E embora não soubesse o porquê, ele teve a estranha sensação de que estar perto dela estava bagunçando com seu daemon.

Ela estava certa. Eles precisavam de distância. Distância para que ele pudesse chamar de volta a parte que tanto odiava e precisava, ao mesmo tempo. Uma vez que chegassem à colônia

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

mestiça, largaria o traseiro dela. Porque sem seu daemon... ele nunca conseguiria fazer o que mais queria.

Havia benefícios em ser o Senhor do Inframundo. O principal desses benefícios era que as almas não estavam apenas com medo de você, eles se acovardavam. E apesar de Hades governar o Inferno em toda sua glória, tudo o que acontecia dentro de seus domínios acabavam encontrando o caminho de volta para seus ouvidos, não importa quão secreto fosse.

E foi assim que soube que Atalanta, mais uma vez percorreu seu reino.

Ele olhou com o alívio em frente a ele, esculpido do mais puro mármore no mundo humano. A imagem dele e de seus dois irmãos, Zeus e Poseidon, imortalizados como ficaram no topo do Monte Othrys, o lar dos Deuses Antigos, depois que derrotaram Krónos e os Titãs e os prenderam no fundo das entranhas do Tartarus.

Sua vitória na Titanomaquia, sua luta foi há muito tempo e duramente conquistada. E naquele momento em que estava lá com sua família, a força de tudo o que fez fluiu tão rica como o vinho nas veias de Hades. Mas foi fugaz. Pois tão logo Zeus havia trancado seu pai, Krónos, no Tartarus, ele havia assumido o comando dos céus, concedeu os oceanos para Poseidon, e deixou o que sobrou para Hades.

O mesmo ressentimento amargo que segurou por milhares de anos correu por ele, aqueceu seu sangue, e queimou seus olhos. Ele queria o reino humano, *merecia* isso. Mas o Destino o fodeu lá, não era? Segundo eles, o reino humano estava sujeito ao livre arbítrio. Nenhum deus pode governá-lo. Nenhum deus, e isso, exceto aquele que possuísse o Orbe de Krónos, o medalhão mágico que prendia os quatro elementos — terra — ar — água — e fogo — e concedia ao dono poderes nunca visto antes, não por qualquer deus.

Ele esperou longos anos para encontrar o Orbe. Chegou tão perto de controlar o reino humano quando segurou aquilo em suas mãos, graças à sua esposa sedenta de poder. A ironia era que o daemon híbrido Orpheus foi o único a encontrar o Orbe no reino dos heróis abençoados e não se perdeu dele. Orpheus era mais do que qualquer um sabia. Mais do que um daemon, mais do que um bruxo, mais até do que o Argonauta que recentemente foi marcado. Apenas um ser realmente sabia o que era. Um Destino que não podia esperar para destruir quando finalmente tivesse o Orbe em suas mãos.

O ar agitou em suas costas e sem olhar sabia que sua esposa estava atrás dele, esperando por sua atenção.

—Acho que você já retornou com a notícia.

—Sim, meu senhor — disse ela num tom doentiamente doce. Um tom que sabia era para acalmar e enganar. —Você estava certo. Ela foi atrás do Argonauta no Tartarus.

Virou-se para Perséfone. Ela estava a cinco metros dele, a queda de cabelos negros sedosos emoldurando os ombros poderosos para bater perto de sua cintura fina. Como uma deusa por si mesma, era quase da sua altura perto de 2,10 m, e sua pele impecável e lábios de rubi vermelho chamou sua atenção, como sempre o fazia. A filha de Deméter, a deusa da fertilidade, Perséfone

era o sonho molhado de cada, deuses e humanos. Seus, inclusive. Mesmo depois de todos esses milhares de anos longos, ela ainda era a única mulher que desejava, após cada longo miserável dia. Não que ele não tivesse tido ocasionalmente ou, tomado, outras, mas quando isso veio para ele, ela era sua. Em todos os sentidos da palavra.

Ele estreitou os olhos em seu rosto sorridente, sabia, como sempre fazia, que ela estava planejando obter o Orbe e governar o reino humano ela mesma.

Colocar suas mãos sobre o Orbe estava se transformando em um desastre de oportunidades perdidas, mas é o que fazia essa coisa toda divertida. E ele ficou tão chateado com a coisa de torturar-almas. Ele estava aproveitando a perseguição tanto quanto desfrutaria o momento que tivesse o Orbe e todos os quatro elementos e poderia dizer *foda-se* para as Destinos e todos os outros deuses, incluindo seus dois irmãos. Cada deus, exceto sua amada esposa. A mulher que era tão dedicada à ele como ele estava com ela, e que nunca pararia as maquinações de uma forma que pudesse assumir a responsabilidade de seu mestre.

Um sorriso perverso enrolou um lado de sua boca, enquanto seu olhar vagueou pelo corpo saboroso dela da cabeça aos pés. Ele precisava amar uma mulher que poderia se igualar a ele na maldade. Apertando suas mãos contra a coluna, ele deu um passo para baixo nas três escadas de mármore.

—Então, ela encontrou o Argonauta Gryphon no Tártaro. O que ela pretende fazer com ele?

Perséfone se virou enquanto ele caminhava por ela ,em direção à uma janela que dava para seu reino. Lava fervia e estourava, montanhas irregulares negras emergiam à distância. E como um sopro de ar, os gemidos das almas torturadas das formas mais horrendas flutuavam como uma música na brisa.

—Ela o levou à Sin City.

Com sua visão avançada, ele podia ver uma alma do outro lado do vale, no centro de um círculo de cães raivosos, prestes a ser todo devorado. A energia de Hades prosperava com cada alma que obteve, e seus poderes cresciam cada vez que uma alma era torturada dentro de seu reino. Neste caso, o homem desfrutou de grande riqueza da rede de cães de combate subterrâneo, que corria no reino humano. Isso não incomodou Hades menos em saber que reviver essas lutas, com o ser humano como a vítima, uma e outra vez, era um castigo justo e correto para o homem. Em toda a probabilidade, aquilo era provavelmente melhor do que ele merecia.

—Sin City, você disse? — Seu olhar examinou esse nível do Inframundo. Uma boa distância do Tartarus, onde Atalanta estava agora tramando com o Argonauta caído. Ele não duvidava que ela faria do Argonauta Gryphon sua cadela em todos os sentidos da palavra. Ele sabia muito bem como ela fodia não só com o corpo de um homem, mas sua mente. Enquanto o sexo estava quente o suficiente, o resultado com sua esposa, quando ela soube que ele perdeu o Orbe, foi menos do que excelente. A pergunta era, o que Atalanta pretendia fazer com o Argonauta? Ela não havia sido condenada ao Inframundo por si mesma. Ela simplesmente foi presa nos Campos de Asphodelos por seu filho e a feitiçaria dele. Mas estava claro que ela planejava usar o Argonauta em sua vantagem. De alguma forma.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Sim, — respondeu Perséfone. —Ela teve acesso para Sin City, e a palavra é que se encontrará com Krónos em breve.

Hades não duvidava de que seu pai teria prazer em ir até Atalanta. A cadela era quente. Mas também era imprevisível. E Hades não incluiria isso além dela usar seus encantos femininos sobre Krónos para conseguir o que queria. Qual era, sem dúvida, encontrar um caminho de volta para o reino humano e colocar as mãos naquele Orbe.

Infelizmente, a área de Krónos e seus capangas Titan, estava estabelecida no Tartarus que era a única parte do Inframundo em que Hades não podia ver. O que significava que não sabia o que eles faziam no seu canto depravado do inferno. Conhecendo seu bom e velho pai, porém, isso poderia ficar imoral e degenerado, não que Hades se importasse. Enquanto o bastardo ficasse trancado lá, as coisas estavam bem. Atalanta era uma identificação selvagem e o que ela poderia prometer a Krónos, que deixava Hades com um gosto amargo na boca.

—Temos alguém do lado de dentro?

— Tantalus está lá.

Tantalus. O homem que cortou seu filho Pelops em pedaços, ferveu-o em uma sopa, e serviu para os atletas olimpianos, quando foi convidado para se juntar a eles para uma refeição. Um canto da boca de Hades se curvou com a imagem daquele banquete. Tantalus foi condenado ao Tartarus por Zeus, mas Hades, havia concedido privilégios especiais à alma que outros habitantes não possuíam, simplesmente porque ele amava o fato de que Tantalus teve a coragem de tirar alguém de Zeus e de outros egomaníacos olimpianos.

— Tantalus é perfeito. Quero saber exatamente o que ela planejou.

—Sim, meu senhor, — disse Perséfone.

Hades voltou à sua mulher, aproximou-se dela. Ela não se acovardava diante dele, e ele gostava disso. Qualquer outra fêmea se encolhia porque sabiam o que esperar. Perséfone amava sua perversão.

Ela apoiou suas mãos em seus braços enquanto ele passou os braços em volta da cintura e arrastou-a para perto, enquanto cravava os dentes no pescoço dela tirando o doce gosto do seu sangue. Sangue, dor e desejo cresciam em sua boca aumentando a sua necessidade dela.

—Há uma outra coisa, — Perséfone disse, inclinando a cabeça para conceder-lhe mais acesso.

—Mm? — Ele passou a língua sobre a marca da mordida, curando-a com seus poderes, em seguida, tomando outra mordida de sua carne em um local mais agradável.

—Essa parte você pode não gostar.

Ele levantou a cabeça, olhou em seus olhos de esmeralda.

—Diga-me.

Ela nunca, em nenhuma vez desviou o olhar, mas ele viu o brilho rápido de medo antes que ela mascarasse com a determinação de aço. Algo mais que admirava nela. Mesmo quando sabia que estava indo para irritá-lo, ela não voltava. Ela se encontraria com sua fúria de frente, mesmo quando ele a deixou golpeada e ferida.

— Orpheus encontrou Maelea.

A raiva, lenta vermelha que sempre sentiu quando o nome da filha bastarda era mencionado, deslizou por suas veias e esmurrou seu peito. Ele a baniu para o reino humano, não poderia matá-la porque a fodido Destino se meteu onde não deveria ter se intrometido. Mas desejava apenas que aquela mancha morresse. Enquanto não tivesse problema com sua esposa transando ao lado, a lembrança de que seu irmão Zeus conseguiu seduzir sua esposa aqui, em seu reino, e criou um filho com ela foi uma humilhação que nem mesmo Hades pode esquecer.

Ele deixou cair as mãos, recuou poucos centímetros. Nunca tirou os olhos de sua esposa traiçoeira. Foi culpa dela também. Ainda era a culpada.

—E?

Ela respirou fundo.

—E enviei os cães do inferno para detê-lo, mas fugiram.

Hades olhou além de sua esposa para o relevo de mármore novamente. Só que desta vez tudo o que viu foi traição, não vitória. Uma traição que apagaria com vingança.

—E a bastarda?

Perséfone franziu a testa.

—Minha filha não é uma bastarda. Mas sim, ela fugiu com ele. Eu não enviarei os cães lá para prejudicá-la.

Não, claro que não. Perséfone amava aquela fodida mancha. Mesmo que aquele amor fizesse Hades prejudicar sua esposa novamente.

—O que ele quer com a bastarda?

—Eu não sei.

Hades olhou para ela, só que desta vez não viu mais a beleza de sua esposa. Viu o engano do tipo mais calculado.

—Saiba, — ele disse entre dentes.

—Claro, meu senhor — disse ela com aquela voz doentiamente doce novamente. O que desta vez energizou sua raiva. —Qualquer coisa para você, amor.

Ela virou-se para a porta, e por um segundo pensou em impedi-la, em arrastá-la de volta pelos cabelos e dobrá-la sobre o altar atrás dele para puni-la. Mas não o fez. Porque agora tinha coisas mais importantes do que a insolência dela para lidar.

Quando ela se foi, estalou os dedos. A criatura troll de 1.20m de altura, emergiu de uma pequena porta escondida na parede e arrastou o pé coxo atrás dele enquanto se arrastava pelo chão. Ele parou para olhar para Hades com suas mãos verdes escamosas e as unhas muito longas, torcidas, coladas umas nas outras em subserviência.

—Sim, meu senhor.

—Orcus, onde está aquela mancha Maelea?

Era trabalho de um Orcus neste reino monitorar Maelea para Hades em todos os momentos. Se Zeus fizesse até o mínimo contato com a menina, Hades teria uma causa justa para golpeá-la abaixo. Foi um acordo que fizera com Lachesis, aquela Destino intrometida, quando lançou Maelea para fora de seu reino e a baniu eras atrás para o mundo humano. Ele esperou e observou essa oportunidade, mas até agora, mais de três mil anos mais tarde, Zeus não mostrou ainda um

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

pingo de interesse em sua filha bastarda. Mas talvez agora, monitorando-a poderia vir a ser útil, afinal.

—Ela está em um trem, rumo ao leste.

Um trem rumo ao leste. Hades olhou pela janela novamente na depravação que trabalhou tão duro para criar, tudo dentro do Inframundo. Durante os últimos duzentos anos ou mais, Maelea se refugiou na área de Seattle. Ela se aventurou para fora, mas ficava sempre perto de casa. Até agora, o que é.

— Com Orpheus.

—Sim, meu senhor. Há também uma Siren com eles.

Hades girou ao redor.

—Uma Siren Qual?

—Skyla.

A mais velha e mais feroz das assassinas de Zeus. Ah, isso ficou melhor ainda. Zeus estava à procura do Orbe também, ao que parecia, estava usando suas Sirens para acompanhar Orpheus, então sem dúvida levaria o Orbe pela força quando o encontrassem. Mas por que Orpheus precisava de Maelea?

Ele esfregou a mão sobre os cabelos cobrindo seu queixo enquanto pensava nas possibilidades. Maelea não tinha poderes. Pelo menos nenhum que estivesse ciente. Mas e se ela estava de alguma forma ligada a esse Orbe? Ele não colocaria isso no passado de seu irmão, Zeus concedendo algum dom seu, do Rei dos Deuses, que poderia um dia usar para seu proveito.

Ele soltou a mão.

—Envie os cães.

—Eles estão em um trem, meu senhor. Viajando a uma velocidade rápida.

—Vou cuidar do trem. Mande os cães matarem Orpheus e a Siren. Mas deixe Maelea para mim.

—Mas a destino, meu senhor...

Ele cortou Orcus com um olhar que colocava medo no centro da alma da criatura escamosa.

—A destino não pode interferir porque não vou prejudicar a filha bastarda. Tenho outros planos para ela. Agora, pare de fazer perguntas estúpidas e faça o que foi instruído.

Quando Orcus deslizou para fora, Hades olhou para trás para fora em sua vista, cruzou as mãos atrás das costas, e esquadrinhou o horizonte vermelho flamejante. Sem dúvida Lachesis estaria chateada porque enviou os cães para matar o precioso Orpheus, mas ela poderia lidar com a perda da alma de Orpheus. Sim, a alma de um herói era um prêmio que valia a pena lutar por milhares de anos, mas pela chance de encontrar o Orbe e via de regra era seu por direito, Hades de bom grado voltou no acordo que ele fez para dar ao herói uma segunda chance na vida. Ele não se importava com o papel que Lachesis alegava que Orpheus desempenhava no equilíbrio do mundo. Tudo o que importava era conseguir o seu valor justo.

E depois de tudo, algumas coisas exigiam sacrifício. Mesmo da parte dele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Capítulo 9

Maelea ficou imóvel como uma pedra, quando a porta da cabine ressoou abrindo e fechando novamente. Ela prendeu a respiração e ouviu, imaginando se Skyla e Orpheus estavam prestes a continuar de onde pararam. Pés embaralhados, as respirações constantes de uma boca, flutuavam no ar. Seguida por uma murmúrio —*Skata*.

Quando uma pancada soou abaixo, ela abriu suas pálpebras e tentou ver o que estava acontecendo. Por causa da vantagem de estar na cama de cima, podia ver Orfeu em pé no centro da sala com as mãos nos quadris, olhando para a armadura de couro de Skyla, que estava espalhada pelo chão perto da parede.

Obviamente, as coisas não haviam corrido muito bem no corredor.

—Eu sei que você está acordada aí em cima, menina Ghoul, então pare de prender a respiração.

Maelea ainda não havia decidido o que achava de Orfeu. Sim, ele a salvara dos subalternos de Hades, trouxe-a de volta para a casa dela, mas não fizera isso por ela. Fez isso porque queria algo dela. Sequestro era sequestro, não importava o motivo.

Ela se empurrou para se sentar na cama de cima, trouxe as pernas até o peito, e abraçou a si mesma enquanto olhava para ele. Lá fora, o luar intensificava as montanhas cobertas, como um mar misterioso de luz e sombra.

Orfeu franziu o cenho para ela.

—Pare de me olhar como se eu fosse te comer viva. Já fiz isso?

—Não, mas isso não significa que você não está planejando algo.

—Boa resposta, menina Ghoul. Ainda há esperança para você.

Ele desabou na cadeira em que estivera sentado antes, bateu seus longos dedos masculinos contra o braço. Eles se sentaram em silêncio por vários minutos, o balanço rítmico do trem e rodas chacoalhando ao longo dos trilhos como únicos sons. Finalmente, quando não aguentava mais, ela teve coragem para perguntar a única coisa que precisava saber.

—Para onde você está me levando?

—Montana.

—Você disse isso. Que lugar, em Montana?

—Para casa de um amigo.

—Que amigo?Ele fez uma careta para ela. —Será que isso importa?

—Para mim sim. Você me fez uma prisioneira.

O olhar dele moveu-se de volta para a cama de baixo vazia.

—Não, menina Ghoul, Hades e seu precioso papai fizeram de você uma prisioneira. Apenas mudei sua cela.

A raiva brotou no peito de Maelea, mas ela apertou o queixo nos joelhos para não contrariá-lo. Apesar de ter doído, o que disse era verdade. Ambos, Hades e Zeus a fizeram uma prisioneira

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

neste reino. Ninguém se importava com ela. Ninguém olhava para ela. Ela estava sozinha em todos os sentidos da palavra.

—Olhe, — disse Orpheus. —Estaremos indo para lá em breve. As coisas serão muito mais fáceis se você apenas me dizer agora onde aquele bruxo filho da puta está. Então posso ficar na minha.

Ela sabia exatamente sobre qual feiticeiro ele estava falando. E porque Orpheus queria encontrá-lo. Mas sabia que se contasse o que ele queria saber, ele iria embora e ela ainda estaria presa. Onde diabos fosse que ele planejava deixá-la. Sua raiva aumentou pelo jeito que estava sendo tratada como uma prisioneira. Ela levantou a cabeça para dizer-lhe para ir para o inferno quando sentiu uma vibração que irradiava de dentro da terra.

Por um segundo, não se moveu. Mas quando sentiu novamente, ela pulou do beliche superior e correu para a janela. A vibração foi ficando mais forte até que a sacudiu no seu interior.

—Pare o trem. Temos que parar o trem!

—O que? — Orpheus ficou de pé enquanto ela corria passando por ele.

Ela abriu a porta de cabine, olhou para a direita e esquerda. No final do corredor, perto da porta traseira, viu a caixa do freio de emergência fixada na parede.

Deu dois passos. A mão dele se enrolou em seu bíceps e a puxou fazendo-a parar. Ela balançou ao redor, puxou seu braço.

—Deixe-me ir!

—Que diabos você está fazendo?

—Um terremoto está chegando. Temos que parar o trem.

Orpheus ergueu as sobrancelhas.

—Como você sabe?

—Porque senti — ela gritou. —Quem é a única pessoa nas entranhas da terra, que quer impedi-lo de chegar ao seu destino?

A compreensão apareceu nos olhos dele. Ele abaixou a cabeça para trás debaixo da porta da cabine, olhou para as janelas. E ela sabia que exatamente o que ele viu, estavam chegando em um desfiladeiro. O vale que haviam acabado de percorrer logo se fechava em um espaço estreito onde milhas e milhas de neve poderiam ser facilmente removidos a partir desses picos sob a força de um terremoto induzido e enterrar não só a ferrovia, mas tudo que estivesse em seu caminho.

—Merda — Ele a soltou e correu para a final do vagão Ela o seguiu, sua respiração rápida e difícil enquanto ele procurava a caixa.

—Vire-se, — ele ordenou.Maelea cobriu o rosto e pulou ao redor. Vidro se partiu às suas costas. Ela olhou por cima do ombro, enquanto ele alcançava por dentro da caixa quebrada e agarrava o cabo de parada de emergência.

—Segure-se em mim — Ele agarrou um corrimão de metal curvo perto da porta com uma mão. Sem mais nada para fazer, ela colocou os braços ao redor da cintura dele e enterrou a cabeça em seu peito enorme.

Nenhum alarme soou, mas o grito de metal contra metal dos freios eram tão alto, o guinchar era como mil Musas gritando. Orpheus passou o braço livre em torno de seu ombro, abraçando-a.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O trem balançou violentamente e jogou-os em torno do corredor como o feijão saltando de uma lata.

Maelea bateu os olhos fechados e gritou, mas não se atreveu a deixar ir. A dor ricocheteou através de seus membros. Quando o tremor parou e finalmente abriu os olhos, percebeu que eles estavam no chão no corredor, o grande corpo de Orpheu como um casulo ao seu redor, como uma manta protetora. O trem havia parado completamente. Ela olhou para cima para ver se ele ainda estava segurando a barra de segurança de metal em cima.

—Santa merda, — ele murmurou. —É melhor você estar certa ou teremos nossos traseiros para fora deste trem.

Maelea abriu a boca para dizer à ele que estava mais do que certa, mas parou quando ouviu um barulho que não era o trem. Baixo à princípio, e crescendo em intensidade a cada segundo que passava.

—Foda-me, — murmurou Orpheus, ficando em pé, arrastando-a com ele. Ele a arrastou de volta para o camarote. —Pegue seu casaco — Ele correu para a janela e puxou a alavanca de liberação de plástico vermelho da emergência na parte inferior da janela.

As vibrações dentro de Maelea cresceram à uma taxa exponencial. Ela encontrou o casaco e o puxou.

A tira de borracha ao longo da parte inferior da janela se desenrolou livre. Orpheus jogou-a por trás dele, em seguida, agarrou a alça de metal acoplada na parte inferior da janela e puxou isso também. A janela abriu-se para o interior, separada da dobradiça acima. Usando as duas mãos, Orpheus agarrou a coisa toda e puxou-a para fora do caminho, jogando-a no chão contra a parede.

—Atenção passageiros, — uma voz ecoou sobre o sistema de alto-falante. —O trem fez uma parada completa. Por favor, permaneçam em seus lugares enquanto tentamos reverter o atraso.

Orpheus congelou. Ele se virou para a porta.

—Não há tempo — Maelea gritou. —Está vindo agora!

—Sirem filha da puta estúpido, — Orpheus murmurou enquanto empurrava Maelea em direção à janela. —Vá!

Maelea agarrou a moldura da janela e subiu da cadeira em que ele estava sentado mais cedo para o parapeito da janela.

—Por que eles não contamos à essas pobres pessoas para saírem do trem?

—Porque eles não sabem o que nós sabemos. Agora mova-se!

—Deuses, — ela sussurrou,-todos irão morrer.Orfeu a empurrou para fora da janela.

—Corre! Maelea fechou os olhos e pulou. Ela bateu na neve congelada com um grunhido, e rolou para o lado. Dor irradiava a partir de seu ombro para fora, junto com o golpe de ar gelado que provocava dor em seus pulmões. Mas a agitação violenta agarrou-lhe a atenção e forçou os olhos abertos. Isso e o rugido ensurdecedor de algum lugar acima.

Orpheus estava em pé ao seu lado antes que ela pudesse reencontrar seu equilíbrio. Ele puxou-a para cima. Ela se sacudiu e olhou para a montanha colossal, uma seção inteira de neve

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

despencando e correndo ladeira abaixo como plumas brancas que engolfava e devorava cada pedra e árvore em seu caminho, a massa inteira se dirigindo à direita em direção à frente do trem.

—Corre — Orpheus a puxou pelo braço para longe do rio de neve.

As pernas de Maelea chutaram a engrenagem e se arranharam enquanto seguia Orpheus tão rápido quanto podia. Eles correram até o final do trem, passando pelos humanos abrindo suas próprias janelas e olhando para fora para eles, fazendo perguntas. Gritos passavam e o horror enchia os olhos deles, enquanto a compreensão se fazia presente.

O barulho ficou mais alto. Ela se virou para olhar para trás, assim que o dilúvio branco bateu na frente de quatro vagões, devorando-os em nuvens de pó revolto com espirais e colunas de neve como se um mamute estivesse deslizando.

Um suspiro foi arrancado de sua boca. Ela não percebera que havia parado sobre os trilhos à algumas centenas de metros de distância e estava olhando para a devastação até que Orpheus virou-a pelos ombros para enfrentá-lo.

—Foco, Maelea. Tome isso — Ele enfiou o punho de uma faca do tamanho de seu antebraço na mão dela, fechou os dedos sobre o fim. —Fique com os humanos aqui e mantenha o casaco fechado — Ele puxou o zíper até o queixo dela. —Ajuda vem vindo. Eu vou voltar para te buscar.

Seus olhos arregalados iam da faca para ele.

—Espere — Ele já estava correndo de volta para o que restava do trem. —Aonde você vai?

—Encontrar a maldita Siren.

Ele avançou através de vinte ou mais pessoas que haviam conseguido escapar no fim do trem e estavam em pé sobre os trilhos, olhando para a devastação com expressões horrorizadas. Eles obviamente não a viram ainda.

O olhar dela disparou de volta para a faca, e então se virou para olhar para baixo na pista vazia por detrás dela. A faixa disparou para o horizonte e desapareceu na neve enluarada. Ela poderia correr. Esta era sua chance de escapar. Ela deu um passo em direção à liberdade, depois parou.

Três cães do inferno emergiram das árvores e se moveram para os trilhos, seus brilhantes olhos vermelhos cegando como esferas de luz longe na distância.

O pulso de Isadora acelerou enquanto esperava Callia terminar seu exame. Ao lado dela, sentia a ansiedade de seu companheiro como se fosse a sua própria. O exame era de rotina, e ela se sentia bem, mas havia sempre a possibilidade de que algo pudesse dar errado, e Demetrius sabia disso melhor do que ninguém.

Três meses de gravidez e ele já estava como um urso. Mas era seu urso, de modo que lhe dava um desconto, pelo menos neste início.

Callia levantou as mãos do estômago nu de Isadora e abriu os olhos. Um sorriso se espalhou pelo rosto da curadora.

—Tudo vai indo muito bem.

O ar correu para fora dos pulmões de Isadora em um longo suspiro e ela sorriu, olhando para Demetrius.

—Viu? Eu te disse, senhor preocupado.

Seu marido Argonauta grande e forte fez uma careta para ela.

—Há ainda seis meses pela frente, *kardia*.

Sabia que ele estava preocupado com alguma mutação genética que sua mãe tivesse infiltrado em seu bebê, mas ela não compartilhava seu medo. Este bebê era uma benção, não uma maldição. E assim que ele nascesse e visse por si mesmo, acreditaria, assim como ela.

Callia alcançou uma prancheta, rabiscou notas.

—Você pode se sentar agora — Enquanto Isadora puxava o suéter verde para baixo e balançava as pernas para o lado da mesa de exame na clínica de sua meia-irmã, Callia acrescentou:

—Batimento cardíaco forte. Você está pesando direito, e não senti nada fora do comum. Como está o seu apetite?

—Como um pássaro, — disse Demetrius. Isadora deu um olhar duro para ele, então olhou para a irmã.

—Melhor. A náusea quase acabou.

—Bom, — disse Callia. —Você está no segundo trimestre agora. Seu nível de energia deve se recuperar também — Ela piscou para Demetrius. —Você pode querer descansar, grandalhão. Esta é a fase da lua de mel, quando um *gynaíka* grávida precisa de muito sexo.

As bochechas dele ficaram vermelhas e ele disparou um *inferno santo Isadora, diga-lhe para não dizer essas coisas como esse olhar*.

Isadora riu, seu pulso voltou atrás no intervalo descontraído. Deuses, ela amava esse Argonauta.

Uma batida soou na porta.

—Entre, — Callia chamou.

Zander enfiou a cabeça dentro da sala.

—Espero não estar interrompendo.

—Não — O rosto de Callia brilhou quando ele entrou e fechou a porta.

—Já terminamos aqui. Já está com saudades de mim, não é? Com um sorriso bobo, o mais antigo Argonauta do grupo moveu-se em direção à sua companheira e beijou a bochecha dela.

—Sempre, *thea*, mas não é por você que estou aqui para agora.

As sobrancelhas de Callia se ergueram.

—Oh, não?

—Não, — respondeu ele, olhando para Isadora. —É de você que eu preciso, na verdade.

O sorriso de Isadora se desfez assim que seus pés tocaram o chão. Ao seu lado, Demetrius tenso.

—O que aconteceu?

—Nós temos visitantes que estão solicitando uma audiência com a rainha. Eles estão com Theron no castelo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Por que é o tom sinistro? — Isadora perguntou enquanto pegava o cardigã que Demetrius entregava à ela e se dirigiram para a porta.

—Porque, — Zander murmurou, afastando-se para dar passagem a Isadora.

—Zander? — Callia perguntou.

—Está tudo bem, *thea*, mas você pode querer ir junto também. Apenas no caso de Isadora precisar de você.

Isadora não sabia bem o que esperar quando chegou ao castelo, mas quando entrou no antigo escritório de seu pai, que era agora a sede de Theron para os negócios dos Argonautas, percebeu o quanto o comentário de Zander foi preciso.

As duas mulheres paradas sob o grande selo alpha no meio do chão, se viraram quando ela entrou no recinto. Theron, o líder dos Argonautas, deu um passo até eles e cumprimentou Isadora.

—Obrigado por ter vindo, Sua Majestade.

Isadora deixou passar a formalidade sem corrigi-lo como fazia. Eles cresceram juntos. Theron foi o confidente mais confiável de seu pai entre os Argonautas. E, durante um tempo, eles tiveram um compromisso, embora nunca houvesse amor entre eles. Felizmente, Theron encontrou sua alma gêmea em Casey, meia-irmã de Isadora, antes que eles estivessem compromissados. O que dera o tempo necessário para Isadora perceber que era a companheira da alma de Demetrius. Mas em sua essência eles eram amigos, e ela respeitava e admirava Theron agora que trabalhavam juntos para o bem de seu mundo.

A tensão pairava como uma nuvem espessa no recinto, Isadora avançou para cumprimentar suas convidadas. Ambas as mulheres tinham cerca de 1metro e oitenta de altura, uma com cabelos vermelhos crespos, a outra com cachos castanhos. E ambas estavam vestidas como guerreiras, com couraças de couro que traziam o selo dos deuses, protetores de braço, e botas de plataforma pretas até o joelho.

Sirens. Em Argolea. Isso não poderia ser bom.

—Sua Alteza, — a ruiva disse enquanto as duas inclinavam a cabeça em uma saudação breve. —Obrigada por nos receber tão prontamente.

—Sejam bem-vindas, — Isadora respondeu, muito ciente de que os observadores da sala estavam tão curiosos sobre esta reunião quanto ela.

—Esta é Rhebekkah, — Theron disse, apontando para a ruiva, e Khloe. Elas vieram com um pedido de Athena.

Isadora não precisou olhar para saber que sua irmã Casey estava com um olhar cético, no outro lado da sala para ler a mente de sua irmã. Ela e suas duas meio irmãs compartilhavam mais do que apenas o sangue real do rei, seu pai. Elas compartilhavam uma ligação para as Horae, as antigas deusas gregas do equilíbrio e da ordem. Ela não duvidava que as marcações Horae de Casey e de Callia vibravam como a dela, indicando um grande desequilíbrio.

—Não é sempre que recebemos um pedido do Olympus — Isadora se moveu em direção à mesa de Theron e recostou-se contra o mogno envelhecido. Theron plantou-se à sua esquerda, Demetrius à sua direita, flanqueando-a com seu tamanho e apoio, ambos ficando longe o suficiente para deixá-la assumir a liderança. —O que podemos fazer por Athena?

—Nós trazemos as condolências de Athena pela passagem de seu pai, — Khloe disse.Um pequeno espaço no peito de Isadora se apertou com a menção de seu pai, que finalmente passara da idade avançada não mais que um mês atrás. Ele foi um grande rei, mas um pai ruim. Eles nunca foram próximos, mas ele instilou dentro dela um amor para com seu reino e uma honra para servir, e por isso ela seria sempre grata.-Obrigada. Isso significa muito para mim.

Ambas as Sirens assentiram.

—Mas, — acrescentou Isadora, — algo me diz que a morte de meu pai não é o motivo pelo qual vocês estão diante de mim agora. As sirens se entreolharam e, em seguida, Khloe disse:

—Não é nenhum segredo que, nestes tempos tumultuosos é mais importante que nunca manter o equilíbrio dentro do reino humano.

Ninguém sabia disso mais que Isadora.

—Concordo.

—Há aqueles que escolheriam destruir o equilíbrio que os deuses criaram, — Khloe continuou. —Um em particular, que busca o Orb de Kronos para ganho pessoal. Tenho certeza que você está ciente do significado do Orb.

Oh, ela sempre esteve. Não que elas precisassem saber esse pequeno detalhe.

—Eu supunha que o Orb não havia sido encontrado, — ela mentiu.

—Infelizmente, ele foi. Por um bruxo que já habitou seu reino.

Apophis. Sim, Isadora sabia sobre ele também. E estava plenamente consciente de que ele estava escondido em algum lugar no reino humano, no corpo de Gryphon, esperando a chance de usar a Orb e construir seu grupo de bruxas para que pudesse um dia derrubar Zeus.

—Interessante — Isadora cruzou os pés nos tornozelos, preparando as mãos contra a mesa sólida. —Mas não tenho certeza que isso tem a ver conosco.

—Athena respeitosamente solicita a ajuda de seu Argonautas na localização do bruxo, — Rhebekkah disse, e da Orb.

Isadora estreitou os olhos.

—Corrija-me se estiver errada, mas o Orb não é de muito uso sem os quatro elementos básicos.

—Você está certa. Não é.

—Então você está me dizendo que as Sirens estão tendo problemas para localizar um bruxo insignificante que é incapaz de aproveitar os verdadeiros poderes do Orb? E você quer nossa ajuda, porque ele é deste reino?

—Não inteiramente, — Khloe disse. —Normalmente, não seria necessário contar com a ajuda de seus guardiões, mas nossos esforços foram desviados. Com você sabe, é um dos seus que tenta tirar o Orbe do bruxo e perturbar o equilíbrio do reino humano. Temos Sirens que trabalham para eliminá-lo, mas ele já tem um elemento. Talvez até mais.

Orpheus.

A visita de repente fez muito mais sentido. Ela se afastou da mesa, deu um passo em direção à janela, e olhou para os campos de verde-esmeralda, além do castelo. Ao longe na distância, o Oceano Olímpico brilhavam ao sol.

—Um dos nossos, você diz?

—Sim, — Khloe disse, voltando-se atrás dela. —Um Argolean. Um com uma história de causar desequilíbrio no reino humano. Ele também é um híbrido daemon. Tenho certeza que você pode entender porque Zeus não quer ver a Orb em sua posse.

Skata. A linhagem de Orpheus era um segredo que havia guardado por muitos anos. E esperava manter longe dos Argonautas.

Isadora pegou a surpresa de Casey, antes de ela se virar de volta para as Sirens, com cuidado para manter o rosto o mais neutro possível.

—Então você quer que encontremos o bruxo antes que esse híbrido Argolean o faça.

—Sim.

—E o que dizer do híbrido?

—Vamos cuidar dele. Isadora não gostou do som disso. Olhou para Theron e leu no rosto dele *o inferno que vão*. Ele não era o maior fã de Orpheus nem de longe, mas mesmo ele sabia que Orpheus ajudara os Argonautas em várias ocasiões.

Ela reconcentrou-se em Khloe.

—Vou falar com meu Argonautas e ver o que podemos fazer. Infelizmente estamos sobrecarregados. Recentemente, perdemos um guardião, como tenho certeza que você está ciente, e com o aumento das atividades daemon-híbrido, além dos daemons de Atalanta ainda rondando no reino humano, meus guardiões têm as mãos cheias.

—Claro, — disse Khloe, embora seus olhos verdes de oliveira gritassem seu ceticismo. —Se eles puderem manter a vigilância e nos reportarem o que ouvirem, contudo, Athena ficaria mais sensibilizada.

—Tenho certeza que não será um problema, — Isadora mentiu. —E se acontecer de vocês se depararem com este híbrido Argolean, eu gostaria de saber.

—Claro, — respondeu Khloe no que era claramente a maior mentira de todas.O barulho alto de sapatos ecoou no corredor. Isadora olhou para a porta, assim que Titus entrou na sala e congelou, seus olhos castanhos mudando para Isadora, as Sirens, até Theron, e de volta para Isadora novamente.

Isadora aproximou-se das Sirens e estendeu a mão.

—Por favor, envie meus cumprimentos para Athenea

—Obrigado, Sua Alteza.

Cada uma delas agarrou a mão dela, por sua vez, inclinaram-se ligeiramente, depois se viraram para a porta. Titus virou para deixá-las passar.

Quando finalmente ficaram sozinhos, disse Theron, — Titus, feche as portas.

Uma mecha de cabelo ondulado caiu livre do laço de couro na nuca de Tito enquanto ele fechava as portas duplas e se virava para a sala mais uma vez com um olhar *isso não era real*.

—Isso era que acho que era?

—Sim, — murmurou Theron. —Skata — Ele prendeu Isadora com um olhar duro. —Você não parece surpresa com o anúncio de que o bom "O" é um híbrido.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Isadora pegou o olhar Demétrio ao lado de Theron e absorveu sua força. Ele sabia a verdade sobre Orpheus também. Ele estivera no covil da Atalanta. Ele viu os olhos brilhantes de Orpheus. Apesar de Orpheus não ter mudado, pelo menos então enquanto ela esteve lá — estava mais do que claro o que ele realmente era.

Ela olhou para Theron. —Eu não.

—Santo Hades, — disse Zander. —Orpheus é um híbrido? Todo esse tempo? Como diabos isso é possível?

Isadora passou uma mão pelo cabelo curto enquanto o choque ondulava pela sala. Mesmo que ela não tivesse explicação para isso. Orpheus era Argolean, Medean, e daemon. Não fazia sentido, e ainda lá estava ele.

—Ele é um Argonauta agora, também, — Theron deu um olhar sombrio que dizia que isso não era nada do que esperava ou queria. —Não se esqueça disso. Como o último descendente restante da linha de Perseu, ele tem as marcas do guardião de Gryphon. Homem, isto é uma merda gigantesca. Um híbrido Argonaut-daemon. Aguarde até que o Conselho tome conhecimento disto.

—Não esqueça que Orpheus é também sobrinho de Lucian, — disse Isadora. —E antes mesmo de perdemos Gryphon, ele era o próximo na fila para tomar o lugar de Lucian, quando o líder do Conselho se aposentar.

Titus bufou perto da porta. —Agora isso é algo que eu gostaria de ver.

—Nunca um híbrido daemon vai servir no Conselho de Anciãos, — disse Theron. —Skata. Quando foi que você descobriu?

Isadora deixou cair o braço e caminhou para o meio da sala. —Quando descobri sua linhagem é irrelevante. O que importa é que é deste Orpheus que estamos falando.Antes mesmo de ter encontrado Casey, tive uma visão que Orpheus, de alguma forma, seria importante para a nossa causa, e ele provou isso uma e outra vez.

Ela sabia que sua previsão não seria suficiente para convencê-los, então se virou para Zander e Callia, ambos pareciam em estado de choque tanto como Theron.

—E não vamos esquecer, sem a ajuda de Orpheus vocês não teriam seu filho Max aqui.

Zander colocou o braço no ombro de Callia, a puxou de volta contra o seu peito protetoramente.

Isadora ficou frente à frente, defendendo uma causa que conhecia desde o primeiro dia que assumiu a coroa.

—Orpheus não é uma ameaça para nós, mais do que Nick é.

Ela sabia que a referência a Nick Blades, o líder da colônia mestiça no reino humano, um complexo de Argolean-humanos, que soava com o grupo. Além de ser seu maior aliado no reino humano, Nick também era meio irmão de Demetrius, e ele queria ver Atalanta e seus daemons destruído tanto quanto eles.

—Nós seríamos negligentes se ajudássemos Athena e suas Sirens em sua busca e perseguição, — ela acrescentou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Orpheus sempre teve um tesão pelo poder, — Tito apontou. —Ele manteve esse Orb maldito depois que trouxe Max para nós. Merda, ele praticamente deu isso para o bruxo e começou essa bagunça toda.

Antes que dissesse as palavras, ela sabia que Titus as leu em sua mente, mas ela as disse de qualquer maneira, para o benefício dos outros.

—Sabemos que ele fez isso na tentativa de salvar a vida de Gryphon. Ele não sabia que a energia do bruxo havia destruído a alma de Gryphon ou que o bruxo iria aproveitar o poder do Orb para tomar posse do corpo de Gryphon.

Tito cruzou os braços sobre o peito enorme.

—Isso não muda o fato de que Gryph está no Tártaro agora porque O fodeu tudo.

Não, isso não aconteceu. Assim como não muda o fato dos Argonautas estarem unidos. Eles estavam todos ainda em luto pela perda de seu irmão na batalha. E apesar de Orpheus agora ter as marcas do guardião de Gryphon, ele seria para sempre um pária e estavam preocupados. O único responsável pela morte de Gryphon.

Theron beliscou a ponta do seu nariz como se tivesse a mãe de todas as dores de cabeça.

—Não estamos dizendo que Orpheus é inimigo, Alteza. Estamos apenas apontando seu histórico não é tão fabuloso. E agora que sabemos que ele é um híbrido acima de tudo...

Theron deixou que as palavras morressem, e o muro de proteção de Isadora, onde Orpheus estava, surgiram preocupações. Ela lhe devia sua vida. Mais de sua vida. Ela lhe devia por salvar Demetrius do covil Atalanta e para ajudá-la a impedir o Conselho de executá-lo. Ela também lhe devia por proteger a vida do feto, uma criança que ela estava cada dia mais e mais convencida de que desempenharia um papel importante neste mundo. Ela não deixaria Zeus ou Athena ou qualquer Siren-derrubá-lo.

—As intenções dele não são nada do que você pensa.

—Como alguém sabe o *que* ele pensa? — Perguntou Theron. —Ele é um híbrido, merda.

Passos ecoaram no salão novamente, seguido pela fresta da porta se abrindo. Antes que Isadora pudesse responder, Cerek espiou no quarto, o cabelo curto castanho despenteado como se tivesse acabado de passar por um túnel de vento.

—Hum, caras. Desculpe interromper, mas nós temos uma mensagem de Nick na colônia. Há problemas.

—Que tipo de problemas? — Isadora perguntou.

—Cães do inferno de problemas. Sentinelas de Nick mataram dois mais cedo esta noite, enquanto estavam em patrulha.

—Skata, — murmurou Theron. —Por que diabos Hades enviaria cães para Montana?

—Ele não enviaria, — disse Casey, passando por cima e tocando o braço do companheiro. —Ele os enviou para Orpheus — Ela olhou de Theron para Isadora. —Onde é que Orpheus iria no reino humano, se estivesse em apuros?

—A colônia, — Isadora respirou. —Ele e Nick são amigos.

—Sim, — disse Casey, olhando para sua irmã, *o temos de avisá-lo* mais do que claro em seus olhos.

—Isso não é tudo, — Cerek acrescentou. — Há outra coisa que você precisa saber. Já ouviu falar de Maelea?

—A filha de Zeus e de Perséfone? — Callia perguntou, com uma ruga na testa. — O que ela tem a ver com tudo isso?

—Nick tem um amigo em Seattle. Aquele que se mantém atualizado sobre eventos sobrenaturais na área. Maelea está morando lá perto do lago Washington, não causando nenhum problema. Aparentemente, um portal abriu e fechou perto da casa dela antes, não uma, mas duas vezes.Um cão do inferno foi morto. E a fêmea está sumida agora.

—Skata, — murmurou Theron, disparando para Isadora um olhar de *não dis*se?

—Santa merda, — murmurou Zander. — Agora o interesse de Zeus em O está começando a fazer muito mais sentido. O de Hades também.

Sim, Isadora estava pensando a mesma coisa. E odiando para onde seus pensamentos estavam caminhando. Ela olhou para Cerek com uma urgência completamente nova.

—Informe Nick que estamos a caminho.

Demetrius, que ficou em silêncio por toda a conversa, se adiantou. —*Kardia*.

—Não se preocupe, — disse-lhe, com certeza ela não estava aliviando seus medos. Sabia que ele se lembrou do que aconteceu na última vez que ela passou para o reino humano, mas isso era diferente. Desta vez, eles não estavam indo sozinho. —Você vem comigo. Vários de vocês virão. Isso não é algo que podemos ignorar por mais tempo.

Capítulo 10

Skyla precisava de uma bebida.

Ela olhou para a garrafa de Jameson[26] atrás do bar no vagão-restaurante. Se estivesse em casa no Olimpo, mandaria tudo para baixo. Aqui na terra, precisava manter seu juízo. Especialmente em torno do híbrido.

Santa... mãe. Levantou o copo de água gelada que pedira para se refrescar depois de seu confronto com Orfeu e derrubou a coisa toda. Era necessário reforçar suas barreiras, se ele foi capaz de chegar até ela tão facilmente. Daemon, ela repetiu para si mesma. *Daemon*. Por que diabos estava ignorando diretamente aquela parte dele?

Um alto som de metal contra metal ecoou pelo carro. O copo de gelo voou de sua mão. Gritos ecoaram. Skyla caiu para a frente. Ela bateu em uma cabine, e no chão com um baque. Quando se levantou o trem parou. Olhou pela janela e viu um rio de neve descendo a montanha à direita em direção à ela.

Ah... *foda.*

[26] *Whisky irlandês.*

A neve se chocou contra o trem, derrubando o carro com se fosse uma de caixa de fósforos jogado em uma secadora de roupas. Skyla balançou para trás, bateu na parede. Sua cabeça rachou no vidro. Dor cutucou os terminais conscientes de sua mente, mas os gritos ecoavam ao seu redor captando sua atenção. Aquilo e a quebra do vidro, da neve vertendo para o carro e sugando cada molécula de ar.

Quando ela arregalou os olhos abertos, o silêncio encontrou suas orelhas e nada mais do que uma vasta escuridão vazia cercava. A escuridão frígida fria.

Oh... *deuses*.

O instinto a fez agarrar a neve. Conseguiu pôr as mãos perto de seu rosto, de alguma forma conseguiu cavar a neve o suficiente para fora do caminho para criar um bolsão de ar. Inspirando respirações profundas para conter o terror para baixo.

O bom senso cutucou o pânico a um nível administrável enquanto deitava na neve, os dedos dormentes, os braços e pernas embalados contra as geladas paredes. Ela não sabia se estava virada para cima ou para baixo, se o carro restaurante estava deitado na neve, ou se o carro havia sido rasgado em pedaços pela avalanche. O fato da neve não ter endurecido ainda disse-lhe que não havia desmaiado, mas isso não diminuiu sua ansiedade.

A imagem de Orpheus brilhou em sua mente. A maneira como ele a olhara quando ela se afastou dele no carro dormitório. A decepção no rosto. A saudade em seus olhos...

Pare.

Ela bateu a cabeça contra a neve atrás dela. Disse a si mesma para deixar de ser uma tola. Ele não estaria procurando por ela. Ele era um daemon. Ele sabia por que estava aqui, e mesmo que ele estivesse brincando o jogo de sedução por qualquer motivo, não queria dizer que ela significava algo para ele. Isso não queria dizer que tivesse qualquer desejo de vê-la viver.

Um arrepio percorreu seu corpo. O pânico a trancou novamente. Pânico sobre o fato de que ela estava sozinha aqui no escuro. Que ninguém iria encontrá-la. Que ninguém iria sentir sua falta quando finalmente fosse embora. As Sirens seguiriam em frente. Sappheire provavelmente assumiria seu lugar como favorita de Athena. Ela não possuía família, nem amigos íntimos. Ela tinha dois mil anos, com inúmeras batalhas travadas e vencidas sob seu cinto, e sua vida fora reduzida à este momento. Para morrer em uma avalanche no meio de um nada esquisito. Sozinha.

Não entre em pânico. Mantenha a calma. Usava seu cérebro que sempre trabalhou para ela antes. De alguma forma, ele precisava trabalhar novamente.

Ela manteve sua respiração lenta e superficial. Usou seus dedos para ter mais espaço em torno de seu rosto. Balançou o corpo para fazer um espaço antes que a neve endurecesse e ela estivesse realmente presa.

De algum lugar à sua direita, um soluço abafado alcançou seus ouvidos.

Ela congelou, ouvindo.

Outro soluço. Em seguida, um grito.

—Quem está aí? — perguntou ela.

O choro cortado. O silêncio chegou aos seus ouvidos.

—Quem está aí? — Skyla perguntou novamente.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Eu, — ecoou uma voz abafada. —Estou... aqui. Eu estou aqui.

O alívio pulsava nas veias de Skyla. Ela não estava totalmente sozinha.

—Qual é seu nome?

—K-Katie — disse a pequena voz. —Tenho oito anos. — Eu não consigo encontrar minha mãe!

Skyla tentou se mover nessa direção. Ela não tinha muito espaço, mas ela se movera antes, havia criado espaço suficiente ao redor dela para que pudesse se mover. Com capacidade de pôr as mãos nas imediações da voz, ela começou a cavar. A neve caía em seu pequeno bolsão de ar e começou a empacotar perto de seus pés, mas ela não se importava. O fato de não estava sozinha era tudo o que importava.

—Continue a falar comigo, Katie. Eu estou tentando chegar até você. Skyla é meu nome.

—S-Skyla é um nome estranho.

—É, — ela concordou enquanto ela cavava. Seus dedos estavam dormentes, seu coração batendo duro no peito. Mas continuou a cavar, porque ninguém era alguém.

—Eu estou com frio, — disse Katie.

—Eu também, Katie.

—Estou tão assustada.

Os dedos de Skyla romperam o gelo e fecharam-se em torno de carne e osso. Katie ofegou. Skyla continuou cavando, usando os braços e pernas para mover a neve ao redor, tanto quanto possível até que a pequena criança estava a poucos centímetros dela. Quando conseguiu, colocou o braço em volta da garota humana e a puxou para mais perto, o calor do seu corpo contra o torso superior se Skyla uma melhoria gritante sobre a neve gelada embalando-a apertado até a cintura.

—Vamos morrer, — Katie soluçava contra o peito de Skyla.

—Não, nós não vamos, — Skyla mentiu. Mas mesmo ela sabia que as coisas não estavam com boa aparência. A escuridão total em torno delas, sinalizava que foram enterradas. Ela percorreu vária opções em sua cabeça e decidiu que tentar escavar para fora era melhor do que deitar e morrer sem lutar. Com uma respiração profunda, soltou a menina e estendeu a mão para dar-lhe seu melhor impulso.

Seus dedos cavavam a neve gelada. De algum lugar bem abaixo, um estrondo ecoou. Medo serpenteava em torno de seu coração, enquanto a terra tremia com uma força que bateu em Katie e fez a neve cair ao seu redor.

—Skyla!

Skyla agarrou a menina.

—Respire fundo, Katie! Encha seu peito de ar, tanto quanto você puder!

A agitação continuou e até Skyla queria gritar. Sabia que estavam caindo mais profundamente na neve, longe da salvação. Ela segurou mais apertado a menina. Katie soluçava contra seu peito.

O tremor parou. Skyla foi direto ao trabalho, cavando ao redor de seus rostos para criar outro bolsão de ar. Então parou quando ouviu um barulho.

Ela acalmou. Ouvindo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—É o que... — Katie começou.

O som ecoou novamente. Abafado, mas distinto. Uma voz.

A esperança saltou em seu peito. Não, não uma só voz, Skyla percebeu. Várias. Havia pessoas lá fora.

—Aqui — ela gritou. —Estamos aqui!

—Estamos aqui — gritou Katie ao seu lado.

As vozes aumentaram de intensidade, e, em seguida, uma centelha de luz azul cortou a escuridão. Em seguida, outra, e outra, até que a neve perto de seu rosto começou a se romper pedaço por pedaço congelado.

A adrenalina corria pelo corpo de Skyla enquanto ela lutava pela luz. Neve foi jogada em seus olhos. Então uma mão quebrou através, seguida por outra voz. Estas não abafadas, mas claras e forte.

—Nós temos outra!

Socorro era como o mais doce vinho. Quente e vivo e enclausurado. Katie soluçou na sua excitação.

—Pegue minha mão, — gritou a voz.

Skyla agarrou o braço de Katie, puxou-a para cima.

—Pegue a menina primeiro!

Neve bateu de novo no rosto de Skyla enquanto Katie era retirada para fora do buraco, então Skyla alavancou a mão e usou suas botas para cavar para que pudesse subir.

A luz brilhante queimou seus olhos enquanto ela era arrastada para fora das janelas quebradas do vagão. Vozes ecoavam ao seu redor. Ergueu a mão para bloquear o brilho e viu dezenas de pessoas que escavam na neve, algumas lanternas que se ocupavam em ajudar as equipes de resgate. Um arrepio acumulou seu corpo, o ar da noite decididamente estava mais frio do que estava nesse poço congelado. Pelo canto do olho, ela viu alguém colocar um cobertor em torno de um jovem com cabelos escuros. Viu um homem e uma mulher correndo em direção à menina. Eles a agarraram em um abraço apertado e a balançavam para frente e para trás.

E mesmo Skyla estando livre, aquele sentimento de vazio a percorria novamente enquanto ela observava. Ela que sacrificou amor, companheirismo, uma família para as Sirens. Para ficar no Olimpo fazendo o que Zeus ordenasse porque era mais seguro ficar dormente por dentro do que sentir algo novamente.

Através da visão turva, Skyla assistia aos pais de Katie levantarem a menina em seus braços e levá-la embora. E ela disse a si mesma que era neve derretida a umidade em suas bochechas, não lágrimas. Sirens não choram.

Seu peito se apertou com o peso do vazio ao seu redor até que estava difícil respirar. Em seguida, a imagem de Katie e seus pais foi bloqueada por um corpo correndo na direção dela. Um corpo com ombros largos, um peito largo, e um par de intensos olhos cinzentos que a puxou como uma tábua de salvação.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Sua Siren estúpida — Os braços de Orpheus estavam em torno dela antes que percebesse que era ele. Em um zumbido de movimento, ele a puxou apertado contra seu corpo quente, deslizou as mãos nos cabelos molhados e baixou a boca para a dela.

Sua mente ainda era um borrão de sensações, mas o calor dos lábios, a aspereza de sua mandíbula coberta de whisky, a maneira como ele a beijava como um homem faminto, sobrecarregado. Ela estava viva, ela foi encontrada. E não estava sozinha.

Ela estendeu a mão para ele, colocou seus dedos dormentes no tecido de sua camisa, abriu a boca e puxou-o para dentro. Então ela o beijou de volta, enquanto prometia a si mesma que nunca mais beijaria ninguém.

Alguém gemeu. Ela não sabia se era ela ou ele. Tudo que sabia era este beijo. Esse momento. Este homem, daemon, Argonaut, qualquer que fosse, que tinha gosto de promessas e arrependimentos e mil outras emoções que não podia definir no momento.

Ele beijou todos os pensamentos para fora de sua cabeça, e quando teve certeza que ele demoliu algumas milhares de células cerebrais durante o processo, ele se afastou e olhou para ela com aqueles olhos dolorosamente familiares. Os que não podia fugir. Aqueles que nunca fora capaz de esquecer.

Alguém jogou um cobertor sobre seus ombros. Ele a puxou apertado em seu peito, trazendo-a para perto de seu calor de novo, e sussurrou em seu ouvido, —Se você está tentando se passar por um picolé, fazendo um trabalho muito bom.

Skyla, obviamente, havia batido com a cabeça mais duro do que pensava, porque não conseguia processar nada ainda. E quando ele a pegou nos braços como uma donzela em perigo, levou vários segundos antes que percebesse o que estava fazendo. Ela empurrou a mão contra o peito, uma mão que tremia e não fez nada para detê-lo.

—Eu... eu posso andar.

Aquilo era que a voz dela? Não soava como dela. Soou como se viesse de outra pessoa. Ela era forte, confiante, uma guerreira. Não alguém que precisava de cuidados. Deveria dizer a ele para parar e colocá-la para baixo. Não era cem por cento certo de que o quisesse.

Ele não olhou para ela, continuou andando embalando-a nos braços como uma mulher frágil.

—Tenho certeza que você pode. Deixe-me alegre por um tempo, certo? Você vai agir como uma Menina Rambo contra mim e as pessoas por aqui não vão saber o que diabos pensar. E tenho certeza que eles tiveram muitas surpresas para uma noite.

Ele parou em um agrupamento de seres humanos perto do final do trem, que não havia sido engolido pela avalanche. Os carros foram deslocados dos trilhos, mas de alguma forma parecia ainda estar em uma única peça. Mais suave do que ela esperava, ele a colocou em um rochedo perto de um fogo que alguém havia acendido, puxou o cobertor sobre os ombros de novo, e murmurou alguma coisa para a mulher ao lado dela. Então ele se virou e voltou para os carros enterrados.

Ela estava consciente que alguém estava verificando sua cabeça, sabia que ataduras estavam sendo aplicadas, e que uma outra voz estava fazendo perguntas para ver se ela teve uma

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

concussão, mas tudo no que podia focar era Orpheus trinta metros de distância, em busca de mais sobreviventes, cavando com os seres humanos, todos vestindo nada mais substancial do que calças jeans, botas, e uma camiseta de mangas compridas.

Seu peito se apertou. Sua mente girava. Ela passou os dedos sobre os lábios, lábios que ainda estavam formigando pelo beijo dele vivo com o calor.

Ela estava muito agitada para fazer qualquer coisa, mas sentou-se perto do fogo e assistiu o trabalho de Orpheus a partir de uma distância segura. Alguém ofereceu um casaco. Em torno dela, as pessoas relataram o terremoto e a avalanche.

Terremoto. Sim, terremotos acontecem, mas aqui? Nas Montanhas Rochosas? Parando o trem que ela, Maelea e Orfeu estavam viajando? Esta não era uma coincidência. Sua mente voltou aos cães do inferno na casa de Maelea. Havia apenas uma pessoa que poderia estar ligada à ambos. Tarde demais, se lembrou que havia deixado sua armadura em sua cabine no trem, que estava agora, provavelmente, coberto de neve.

O chão tremeu. Skyla agarrou a rocha na qual estava sentada, empurrando para baixo o pânico. Quando o tremor parou, gritos ecoavam à distância, e os homens correram em direção a um vagão enterrado que de alguma forma voltou para a superfície.

Sua mente passava para outro estrondo, num outro momento em que a terra se abrira à sua frente. Essa agitação não havia sido induzida por um deus, assim como esse tremor parecia demasiado suave para ter sido gerado por Hades.

Ela procurou Orpheus. Não foi possível encontrá-lo. Ficou em pé e deixou cair o cobertor sobre a rocha.

—Skyla?

Ela ignorou seu nome sendo chamado em volta do fogo. Pisou passando por árvores caídas e pedregulhos que haviam sido desalojados do chão. Moveu-se pela escuridão e pela floresta, procurando. E finalmente o viu... uns bons vinte e cinco metros dos outros, escondidos da visão, atrás de um afloramento de rocha, as mãos estendidas na direção dos carros ainda enterrados, os olhos fechados, o elemento terra brilhando na palma da mão como um estrela cadente.

Sua respiração ficou presa ao vê-lo aproveitar a magia do elemento com algo assentado dentro dele. Algo que ela não sabia com certeza se nem mesmo Zeus sabia que ele possuía. A terra tremeu novamente. Um estrondo ecoou. Gritos cresceram à sua direita, e ela olhou para ver outro grupo de homens correrem para outro vagão que havia subido à superfície da neve.

De repente, a forma como ela e Katie foram salvas, fazia sentido.

Seu olhar disparou de volta a Orpheus. Só que ele não estava mais focado no que ele havia feito. Ele estava olhando diretamente para ela. E seus olhos não eram mais o cinza familiar que ela conhecia tão bem. Eles brilhavam num verde ofuscante que iluminava a noite.

Orpheus se acostumara com as pessoas sentindo medo dele. Na maioria das vezes ele o saboreava. Mas o olhar gritante de medo nos olhos de Skyla enquanto olhava para ele através da

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

neve, bateu no ponto morto do peito de uma forma que não só o surpreendeu como o chateou. Especialmente depois de ter acabado de salvar a vida dela.

Ele embolsou o elemento terra, andando em direção à ela, e tentou ignorar o fato de uma pequena parte dele se importar com o que ela pensava. Enquanto trabalhava para acalmar o daemon em seu interior, percebeu que deveria estar feliz que estivesse tendo tantos problemas. Significava que seu daemon estava de volta. E a julgar pelo que ele viu no bosque atrás de Skyla, sabia que precisaria do daemon mais cedo ou mais tarde.

Confiante que seus olhos haviam retornado à sua cor normal, parou na frente dela, deu-lhe uma rápida olhada. Ela havia finalmente encontrado um casaco, mas ele não deixou de notar o curativo perto de sua têmpora direita e um hematoma roxo e preto sangrando por baixo dele. Sim, ela estava viva, mas se ela não tivesse corrido dele no corredor do seu vagão, em primeiro lugar, não teria sido presa naquela avalanche. Não estaria ferida agora. Não o estaria olhando mais em estado de choque, do que com confiança quando olhou para ele.

A culpa era outra coisa com a qual ele se acostumou ao longo dos anos. Mas empurrou-a para baixo como aprendeu a fazer, e olhou para os seres humanos mais além. —Onde está Maelea?

—Eu... eu não a vi. Pensei que você soubesse onde ela estava.

—Ela sentiu o terremoto antes de acontecer. Eu a levei para fora do trem e para longe do perigo. Eu a deixei nos trilhos com um grupo de seres humanos antes de voltar — *Para encontrá-la.*

Quando ela não respondeu, apenas continuou a olhar para ele como se tivesse três cabeças, ele agarrou seu braço pelo cotovelo, virou-a, e começou a andar. —Temos um problema.

—Que tipo de problema?

—Um problema *hellhound*[27].

Skyla olhou para a floresta.

—Onde?

—Cerca de uma centena de metros além do último vagão, abaixo dos trilhos. Contei pelo menos três.

—Eles viajam em grupos de cinco.

—Eu sei.

Os seres humanos, cerca de cinquenta que haviam sobrevivido à avalanche, estavam prestes a encontrar uma morte que não podiam sequer imaginar. Banho de sangue não era um termo que Orpheus usaria de modo leve, mas isso era exatamente o que aconteceria se ele não fizesse algo para parar isso.

Eles chegaram ao último vagão. As rodas estavam desalojadas dos trilhos, mas o carro ainda estava em pé. A escuridão se aproximava além dos destroços, árvores altas e as montanhas, uma mistura de negra escuridão e sombras estranhamente iluminada pela lua no alto. E longe na distância, um brilho vermelho que cintilou e desapareceu.

[27] *Cérberus, o cão de três cabeça de Hades, que protege a entrada do Inferno.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

—Você está pronta para uma pequena caçada? — Ele perguntou, ainda olhando para as árvores cobertas de neve.

—Leve-me até minha armadura e irei com você. E Maelea?

Pelo menos a Siren soava como normal novamente. Ele a levou para o final do último carro, em seguida, voltou até o outro lado, onde contavam com um mínimo de privacidade.

—Vamos torcer para que ela não tenha sido estúpida o suficiente para correr sozinha.

Chegaram ao seu carro de dormir, que ainda estava em pé também. Os carros de ambos os lados haviam se separado, a porta do carro de atrás enterrou-se contra a janela do camarote deles que ele deixara aberta para que ele e Maelea pudessem escapar. Ele plantou um pé no carro destroçado ao seu lado para alavancar, enquanto subia e caía em sua cabine destruída.

Uma cadeira estava ao seu lado, almofadas do leito superior estavam espalhadas, e a armadura de Skyla estava espalhada pelo chão. Assim que Skyla subiu pela janela, ele estendeu a mão para ela, deslizou as mãos em volta da cintura dela, e ajudou-a a pular do parapeito. O corpo longo e muito magro, pressionou contra o seu enquanto ela segurava seus ombros e pulava para o chão.

Por um momento, lembrou-se de sua pequena aposta. O que ele queria fazer com ela no corredor. Seu sangue se aqueceu. Seu pulso se acelerou. Quando o olhar dela se acendeu para o dele, virou o rosto que estava com um tom rosa, ele soube que ela sentira isso também.

Ela deu um passo para trás rápido. Quebrou o contato. Moveu-se para pegar sua armadura.

—Qual é o plano?

Estratégia de guerra. Era mais fácil falar sobre isso do que sobre a atração que ainda fervia entre eles. Mas ele poderia culpá-la? Era muito, muito mais fácil para ele pensar em chutar alguns traseiros *do inferno* ao invés do beijo que ela deu nele lá fora na neve. Aquele que ainda provocava fumaça nos dedos dos seus pés.

Ele empurrou as mãos nos bolsos, tocou o elemento Terra enquanto ela tirou o casaco, amarrou a roupa em volta da cintura, em seguida, amarrou os protetores no tórax e no braço. Cara, ela era sexy. Todas as pernas longas e as curvas esbeltas. Construída, obviamente, para seduzir. Mas gostava daquilo nela. Porque isso queria dizer que quando essa coisa entre eles, eventualmente, apagasse, ele não teria arrependimentos sobre o que viria a seguir.

—Eu estava pensando em atraí-los para fora com meu daemon, — ele disse. —Você espera nas árvores, até que esteja com todos eles. Vou fazer que puder, você chega e pega o resto.

Ela virou-se em seu caminho, seu cabelo dourado acenando atrás dela enquanto se movia.

—Tem certeza que seu daemon vai sair e brincar neste momento?

—Querida, meu daemon está pronto para jogar a qualquer hora, em qualquer lugar. Basta dizer a palavra e ele vai estar lá.

—Hm — Ela passou por cima da cadeira, atravessou a porta do banheiro pequeno. —Vou me sentir melhor sobre isso quando ver isso por mim mesma.

—Um joguinho para nos aquecer? Siren, você me surpreende — Estendeu a mão para o botão de sua calça jeans. —Eu não tenho certeza que temos tempo, mas estou pronto para dar-lhe uma chance se você quiser.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela bufou um som exasperado enquanto agarrava a maçaneta da porta, puxou-a e abriu.

—Caia na real.

Ele sorriu, porque sabia que mexera com ela.

Um grito ecoou pelo pequeno espaço.

Skyla segurou o cabo do punhal e saltou para trás, o punhal amarrado à parte inferior das costas já estava em sua mão.

Orpheus correu, olhou em torno do canto no banheiro, e viu Maelea agachada no chão com sua espada na mão.

—Santo Hades — Ele alcançou-a e agarrou a menina pelos ombros, levantando-a e tirando-a do banheiro.

—Que diabos você pensa que está fazendo?

—Que diabos você acha que eu estava fazendo? — Ela se contorceu de seu controle, caiu na parte inferior do beliche, respirando pesado. —Há cães lá fora.

Skyla moveu-se para o lado de Orpheus, deslizou a lâmina de volta na bainha. —Nós os vimos. Ficamos imaginando o que aconteceu com você.

—Ouvi ruídos lá fora então me escondi no banheiro, — Maelea disse. —Eu não sou idiota, você sabe.

—Não, você não é, — disse Orpheus. —Você foi inteligente para se esconder.

Ela olhou para ele. —Que outra escolha eu tinha? Correr? Então Hades teria exatamente o que quer. Ele não me apagou da mente em todo este tempo, mas desde que você veio atrás de mim, duas vezes agora tive que correr de seus subordinados. Obrigado por isso, de qualquer maneira.

A coluna de Orpheus se endureceu porque o que dizia era verdade. Aquela culpa que conseguiu ignorar, voltou dez vezes.

—Maelea-Skyla começou.

Maelea jogou a faca de Orpheus no chão, puxou as pernas até o peito, e enrolou em si mesma. Conversa encerrada.

Skyla olhou para Orpheus e tocou-lhe o pulso com o dedo indicador, indicando que eles não tinham tempo para isso.

—Vamos cuidar dos cães, — Orpheus disse à ela. Ela não respondeu. —Você é sensata para ficar aqui até voltarmos e te pegar.

Ainda nada dela.

Longos segundos se passaram sem uma resposta, ele finalmente olhou para Skyla novamente, que apontou para a janela aberta e os cães do inferno que esperavam por eles.

—Vamos voltar por você, Maelea — disse ele enquanto subia para fora da janela e ajudava Skyla no chão. —Sente-se escondida.

—Onde mais eu iria? — Maelea murmurou maldosamente, enquanto eles se afastavam. — Tudo o que resta é essa cela que você criou para mim.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Capítulo 11

A neve rangia sob as botas de Skyla enquanto ela andava em torno das árvores e dos troncos caídos, tendo cuidar para não dar sua localização, com os olhos preparados para qualquer coisa que pudesse saltar sobre ela. Ela sabia que Orpheu estava em algum lugar à sua esquerda circulando a posição dos cães do inferno do outro lado, mas ela não podia vê-lo. Ela movia-se como uma sombra silenciosa, mortal, totalmente indetectável até o último minuto.

Ela estava feliz por isso, porque ela tinha certeza que esses cães do inferno poderiam ouvi-la à uma milha de distância. Seu pulso martela em seus ouvidos e a cada passo que ela dava, parecia ecoar na floresta vazia. O luar filtrava através dos pinheiros altos, lançando sombras sinistras sob a neve.

Um galho quebrou à sua direita. Ela ergueu seu arco e flecha. Seu coração batia duro em suas costelas enquanto ela esperava. Por um longo momento somente o silêncio chegou aos seus ouvidos, e então um barulho ecoou acima dela, ela se mexeu mirando sua seta, então ela soltou seu fôlego reprimido quando percebeu que era apenas uma coruja. Seu *Whoooo* ecoando na escuridão como um aviso sinistro.

Hades santo, relaxe já!

Cães do inferno eram uma moleza. Ela deveria se preocupar com os demônios híbridos. Como aquele que estava em algum lugar aqui no escuro.

Algo vermelho disparou a uns quatro metros na frente dela. Ela se virou naquele sentido. Quando dois pontos vermelhos espreitavam por detrás da árvore, ela não hesitou.

Sua flecha zumbiu pelo ar, bateu em alguma coisa com uma pancada dura. Um grito ecoou nas árvores.Ela agarrou outra seta do seu pescoço alinhando seu próximo tiro.Uma sombra negra pairou à frente, seguido por um rosnado baixo,então um grunhido e um estalo de mandíbulas, como o de uma fera machucada.

Ela não pensou. Ela agiu. Como ela havia sido treinada. Uma, duas, três flechas partiram do seu arco. Batendo no peito do cão morto.Ele emitiu um som de dor e então, caiu no chão. Seu corpo maciço deslizou através da neve, como se estivesse em um trenó, parando em seus pés.

Vapor subiu do seu corpo.O sangue jorrava a partir das quatro flechas que rasgavam sua carne. Seus olhos estavam abertos, vidrados, em um vermelho. Uivos a sua esquerda chamaram sua atenção.

Droga, onde estava Orpheus?

Sua adrenalina disparou. Enquanto pés- montes deles- batiam toda terra em sua direção, ela ergueu os olhos para cima e ao redor, a procura de segurança. Ela enganchou seu arco sobre um ramo de um pinheiro e se ergueu para cima.

Ela colocou suas pernas por debaixo dela, conseguindo se reposicionar, e então estava sentada no galho da árvore, com uma das botas apoiadas contra o tronco. Ela alinhou outra flecha e esperou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Em poucos segundos, três cães de caça delimitavam a clareira, os olhos redondos como pontos de luz vermelha, suas bocas abertas, com alguma coisa vil pingando das suas presas.Um quarto cão de caça, maior e mais negro que os outros, caminhou até a borda das árvores, com seu olhar fixado diretamente nela.

Ela estava voltada para o maior, o líder.

Os lábios dele se curvaram em um grunhido, não, não um grunhido, um sorriso, e um rosnado baixo ecoou através da neve.

—Desça, Siren.

Onde diabos estava Orpheus?

Ela disparou. O cão maior se afastou para o lado, esquivando-se por pouco da seta. Ele latiu para os outros cães de caça. Com rangidos e rosnados atiraram seus grandes corpos na base da sua árvore, balançando-a, tirando sua casca e mordendo pedaços enormes do tronco.

Ela se agarrou ao tronco e apertou seus pés. A vantagem era sua, mas ela não conseguia se equilibrar tempo suficiente para atirar. Onde, no inferno sangrento, estava Orpheus?

Um rugido ecoou abaixo, pouco antes de um tremor violento sacudir o arco de sua mão. Seu coração disparou em sua garganta. Ela pegou sua arma, a madeira antiga arranhava seus dedos. Mas ela estava muito atrasada. Saiu de seu alcance, caindo no chão com um estrondo. Com uma mão em volta do tronco da árvore, ela enfiou a outra mão na cintura, agarrou uma estrela e atirou. Ela apenas atirou sem nenhum objetivo. Um grito vindo de baixo disse que ela tinha acertado alguma coisa.

Outro tremor violento derrubou seu equilíbrio.Um grito escorregou de seus lábios enquanto ela saia voando. Desesperada ela se agarrou nos ramos, segurando a casca, cavando com suas mãos nuas e suadas enquanto ela lutava para se segurar.

Droga Orpheus, onde você está?

Ele não a teria deixado aqui sozinha. Ele não a teria traído desse jeito, não é?

Não é?

Será que ele faria isso? Mas era tarde demais. Estava fora de seu alcance, caindo no chão com um estalo.

Ela respirou fundo, tentando se segurar. Os cães em baixo rosnavam e latiam. Ela sabia o que era isso. Assim que ela se soltasse seria comida viva. Pelo menos se ela morresse aqui iria morrer em batalha. Havia honra nisso. Ou assim ela esperava.

Seus dedos deslizaram novamente. Um estrondo sacudiu o chão, a árvore, e tudo ao seu redor. O ramo saiu fora do seu alcance. Ela gritou enquanto estava caindo. Tinha certeza que ela era o almoço. Suas botas bateram no chão coberto de neve com uma pancada, e suas pernas falharam, injetando para cima de sua espinha um choque de dor, enquanto ela desabava.

Em um instante de confusão, ela percebeu que o tremor tinha vindo da terra, e não da própria árvore. Os cães ficaram de lado como se tivessem sido derrubados. Girando a cabeça, ela se mexeu sob seus pés, agarrou o arco a sua direita, e alinhou outra flecha. Os cães atordoados levantaram suas cabeças, sacudiram suas crinas e rosnaram. Ela lançou um tiro após o outro, espetando-os com tantas flechas venenosas quanto podia.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Dois caíram. O terceiro tropeçou pelo seu caminho com o assassinato em seus olhos vermelhos sangue. Ela saiu do caminho pronta apenas para se soltar, quando os olhos do cão saltaram e ele congelou, caindo em seguida aos seus pés.

Sua adrenalina pulsava em um alcance fora deste mundo. Um ruído ecoou da margem das árvores. Ela apontou seu arco para aquele caminho, então viu Orpheus vindo em sua direção.

Um rápido olhar para baixo e ela se deu conta que sua espada estava presa nas costas do cão aos seus pés.Ela examinou a linha das árvores novamente e viu o grande cão de caça líder, deitado, sangrando no meio do mato.

Um alívio rápido a consumiu. Tal como a consumiu quando ele a mergulhou em seus braços depois que ela saiu daquele poço congelado e a beijou varrendo todo pensamento para fora de sua mente.

— Como você fez?

—Eu pensei que nós havíamos concordado que você aguardaria meu sinal. — Orpheus cruzou a neve com uma carranca.Ele parecia como um homem, como um diabólico e sexy homem, que ela viria a reconhecer, mesmo antecipadamente, não o daemon que ela esperava. Ele parou quando alcançou o último cão, apoiando sua bota contra suas costas, e puxou a espada de sua carne. Depois de limpar o sangue do animal em sua pele, ele embainhou a lâmina, e ajustou seus sensuais, esfumaçados, ardentes olhos sobre ela.

Olhos que eram tão familiar e definitivamente aborrecidos.

— Bem? E você pode parar de apontar essa maldita coisa para mim toda hora, Siren.

Ela baixou o arco sem conseguir dominar seu coração disparado:

— Eu esperava algo cataclísmico, como, eu não sei, um daemon que se livrasses das árvores, ou algo assim.

— Me desculpe por desapontá-la. Da próxima vez vou tentar me lembrar de você mais como sangue e tripas do que carne e osso.

Ela não se desapontou. Ela gostava dele. Mais do que devia. E pensando com clareza, ela estava muito aliviada por ele não a ter traído.

—Seu Daemon não queria sair e brincar, no final das contas?

A mandíbula dele se apertou. A emoção brilhou em seus olhos antes que ele pudesse escondê-la, mas ela percebeu, seus olhos não mudaram para o verde como normalmente faziam quando ele estava zangado.- Acho que não.Deve ter se encolhido com todo esse frio.

O sarcasmo bateu nela como se estivesse na defensiva, não como brincadeira.-Você usou o elemento terra, não é?

—Isso e um pouco de bruxaria. Você pode me agradecer mais tarde. — Ele bateu em seu bolso- Essa coisa veio a calhar agora e mais tarde.

Sim, ela podia ver isso. Não que o conhecimento que ele tinha aquilo, facilitasse a corrida em seu pulso.

Suas mãos tremiam quando ela apertou o botão no final de seu arco, e enfiou a vara em sua bota. Por que ela não podia parar de pensar naquele beijo? E sobre o fato de que ele estava de pé

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

ao lado dela agora, parecendo um herói? Ela desviou o olhar para que não fosse distraída por aqueles olhos.

— Eu queria lhe perguntar como você é capaz de usar bruxaria?

Um estrondo ecoou por entre as árvores. Por instinto ela se virou e correu em busca do seu arco. Mas a mão de Orpheus contra seu braço trouxe sua cabeça de volta. Isso e o calor de seus dedos abrasadores em sua pele.

— Calma menina Rambo. É um helicóptero. Meu palpite é que as autoridades chegaram.

O acidente. Certo. Haveriam humanos procurando o trem de passageiros desaparecidos.

—Devemos voltar antes que Maelea decida fugir, — ele disse antes de ir. Maelea. Com apenas uma frase ele lembrou o que eles estavam fazendo aqui. Qualquer que fosse o pensamento que ela tinha de que ele a tocasse novamente, desapareceu como a lua por detrás da montanha.

Eles chegaram à beira da floresta e pisaram as trilhas em conjunto. Helicópteros estavam estacionados além dos destroços. O pessoal do resgate movia os sobreviventes do perigo para a segurança. Mas essa atividade não chamava sua atenção. A mulher parada como pedra no final do comboio, sim. Aquela com os braços cruzados sobre seu peito, com os olhos focados direto sobre eles. Aquela que Skayla fingira proteger para que pudesse ir junto nessa aventura. Aquela pela qual Orpheus parecia ter algum instinto protetor.

— Bem pelo menos ela não fugiu, — disse Orpheus indo na direção de Maelea.

— Sim— Skyla murmurou e o acompanhou- Não estamos com sorte?

Sin City fazia jus ao seu nome de todas as maneiras imagináveis. Da varanda na suíte de Atalanta, Gryphon olhou por sobre a balaustrada de pedra para o mar de depravação. Fontes de água vermelho sangue, borbulhavam no centro da praça e gemidos cheios de desejos ecoavam até suas orelhas. Corpos nus cruzavam os bancos em torno da fonte como Daemos famintos por sangue que precisavam de cuidados. Alguns estavam agrupados em pares, mas a maioria estava envolvida em atos hedonistas de três e quatro pessoas, a vista de quem quisesse assistir. Em um convite para quem quisesse se juntar.

Aqui em Sin City, qualquer coisa se passava. Orgias, jogos de azar, overdoses nunca experimentadas no mundo dos vivos... o que pudesse imaginar, tinha aqui. Os Titãs tinham criado os vícios e crimes mais doces, até mais do que Vegas[28] tinha a oferecer. Prazer, autoindulgente, sem punição — drogando todos os habitantes e os mantendo contemplativos, da mesma maneira que as flores de lótus haviam feito a Odysseus e à sua tripulação quando eles tinham ancorado perto de uma ilha ao largo da costa do norte da África há muito tempo[29]. E a única coisa que os

[28] *Las Vegas – cidade Americana do estado de Nevada, onde o jogo é permitido.*

[29] *Na mitologia grega, os Lotófagos são uma tribo existente numa ilha perto do Norte de África. O seu nome advém de se alimentarem da planta de Estas plantas são narcóticas, causando um sono pacífico aos habitantes dailha. No livro Odisseia de Homero, Ulisses (ou Odisseu) e os seus companheiros desembarcam na ilha dos lotófagos. Então são enviados três homens (1 arauto e 2 companhas) para investigar a ilha. Esses homens começam a fazer o que os nativos faziam: comer o fruto do*

Titãs exigiam em troca por essa escapada cheia de prazer das torturas dos Tártaros, era completa e absoluta fidelidade.Kronos acreditava que um dia ele seria libertado da prisão onde seus filhos o haviam colocado. Cada alma que ele roubara de Hades, aqui seria mais um soldado que seria obrigado a servir em seu exército, quando ele estivesse finalmente livre.

—Vê algo que gosta, *doulas*?

Seu estômago se apertou enquanto Atalanta se movia para trás dele.Ele não tinha ouvido ela entrar no quarto.Mas deveria ter esperado por isso. Ela parecia saber onde ele estava o tempo todo.

Sua respiração quente inundou sua nuca, enviando um arrepio pela espinha. Ela era um pouco mais alta que ele , e mil vezes mais poderosa. Como seu *doulas* ele era obrigado a fazer a sua vontade.Enquanto ele estivesse aqui em Sin City com ela, que consistia em esperar que suas mãos e pés corressem para dar recados acres pelas ruas, esquivando-se dos perigos da cidade de Krónos para trazer tudo que ela pedia. E às vezes — embora ele odiasse — incluía servir seus convidados, permitindo-lhes repreendê-lo e humilhá-lo. Ele não estava orgulhoso de sua situação. Era humilhante ser mandado ao redor. Degradante saber que sua vida estava presa nas mãos de outra pessoa. Mas era melhor que a tortura que tinha sofrido no Tártaro.

Um milhão de vezes melhor.

Algum instinto profundamente enterrado disse-lhe para lutar, mas ele ignorou. Embora, quando a mão dela roçou suas costas nuas e ela se inclinou ainda mais perto de sua orelha, seu estômago se apertou com mal- estar.

— Eu gosto muito de olhar para você, *doulas*. Você é um espécime exemplar.

O desconforto quadruplicou. E um tipo pior de tortura — uma que ela ainda não tinha conseguido liberar, mas com a qual ele se preocupava, girava em torno do próxima passo — assombrando todos os seus pensamentos.

Isso não é o quem você é.

Ele engoliu em seco, tentando não se recolher ao toque dela. Não queria fazer nada para irritá-la. Mas assim que ele olhou para longe, paras as montanhas negras e para o céu vermelho nebuloso , ele não conseguia mais se lembrar quem era.

Uma vez, antes daquela tortura no Tártaro, ele tinha certeza que tinha sido alguém. Que tinha sido parte de algo. Ele não sabia o que era, exatamente. Não sabia o que poderia estar faltando a ele nesse segundo.Mas ele tinha certeza disso.Uma vez, ele fez a diferença.

— O que foi? — Atalanta perguntou, vindo ficar à sua frente. Ele não tinha percebido que ela tinha parado de afagar suas costas, e que suas mãos estavam agora em concha no seu rosto, puxando ele para o dela.

Ela estava linda, mesmo ele não podia negar isso. Pele de porcelana, grandes olhos de ônix, cabelos negros como o mais delicado cetim de seda.E seu corpo superava o de qualquer Siren. Mas sua alma era maligna. Seus olhos tão vazios quanto os dele. E mesmo que ele tivesse

---

lótus. Isto fez com que eles se esquecessem de abandonar a ilha. Finalmente, Ulisses conseguiu levar os 3 homens para o navio e os amarrou a seus assentos para que não voltassem à Ilha.

prometido ser seu *doulas* por toda eternidade, ele nunca havia esquecido isso. Nem mesmo por um momento.

— Nada— ele conseguiu dizer.

Ela roçou o dedo em sua face, enxugou uma lágrima que não sabia que havia escorrido do seu olho. Uma lágrima que ele nem sabia que podia chorar.

— Meu *doulas* está infeliz?

Ele pensou em uma alternativa para sua humilhação.Ele não poderia voltar para a tortura de Tártaro. Uma eternidade com ela, não importando o que ela o obrigasse a fazer, era um bilhão de vezes melhor do que o que ele tinha passado sob o controle de Hades.

— Não— ele disse— eu serei tudo o que você quer que eu seja.

— Bom menino— ela passou a mão pelo seu rosto, em seguida passou por ele. — Eu acho que tenho algo que vai fazer você muito feliz. Nós temos uma reunião com Kronos em uma hora. Voltou para o seu berrante quarto banhado a ouro, e se moveu atrás de um biombo. Seu manto vermelho-sangue caiu sobre uma cadeira ao lado.Ela estendeu sua mão. — Traga-me meu vestido.

Gryphon foi até um vestido verde esmeralda pendurado em um gancho na parede distante, retirando-o do cabide, e o oferecendo à ela.

As cortinas de gaze branca sopravam suavemente com a brisa das janelas em arcos abertas.

— O que nós queremos com Kronos?

O tecido farfalhava enquanto ela se contorcia nele. Saindo de trás do biombo, ela virou as costas, levantou seu longo cabelo preto. — Feche-o.

Ele segurou o zíper na base de sua coluna, e, lentamente, fechou-o de volta até que as duas metades do vestido se reuniram logo abaixo das omoplatas.

— Muitas coisas, — disse Atalanta. O vestido verde esmeralda era tão longo, cruzando o chão mesmo quando as alças estavam por sobre os ombros.

Ela não entrou em detalhes, e ele sabia que não podia questionar.

Virando para enfrentá-lo, ela se inclinou e roçou o dedo indicador sobre os lábios.

Sua inquietação com o que ela havia planejado, o medo pela próxima rodada de humilhação que ela decidiu liberar, explodiu em sua barriga.

— Agora é melhor você ficar pronto— Ela enviou-lhe um sorriso perverso. — Eu quero você vestido adequadamente para essa reunião. É muito importante para nosso futuro. Use o couro que eu te dei.

Ela deslizou a mão pelo seu peito nu, em torno de suas costas, em seguida deu uns tapinhas em sua bunda através das calças de algodão soltas que ele usava. A única coisa que ele usava.

— Não me decepcione *doulas*.

Ela desapareceu pela porta em arco sem outra palavra, seus saltos ecoando nas escadas de mármore quando ela saiu.

No silêncio, Gryphon se voltou para a visão da depravação em Sin City, como uma doença enrolando em seu estômago.

Revidar. Executar. Partir.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele queria, mas para onde ele iria? Gostando ou não, estava preso aqui. Com Atalanta. Sua única esperança nesse momento, era que ela continuasse satisfeita com as coisa degradantes e humilhantes que ela o obrigava fazer. Se ela não estivesse...

A bile empurrava dentro do seu peito. Ele não queria pensar sobre o aconteceria se ela não estivesse satisfeita. Porque para ele, não importava o que ele traçasse em seguida, não havia escapatória.

Capítulo 12

Kalispell, Montana, era a cidade mais próxima do acidente. O pessoal de resgate carregava os sobreviventes em helicópteros e os tirava por via aérea fora dos escombros. Precisaram de várias horas, mas pela manhã Orpheus finalmente se encontrou em uma cidade que não reconhecia, com duas mulheres lançando adagas com o olhar cada vez que as pegava olhando.

Maelea, ele compreendia. A mulher odiava com paixão. Não estava contente de estar em sua companhia em qualquer lugar e apesar de que ele e Skyla tiveram êxito matando aqueles cães do inferno, Maelea não parecia certa que pudesse mantê-la à salvo. E sua constante desconfiança quanto aonde a estava levando, estava crispando os nervos.

E depois tinha a Siren. Olhou pela janela do escritório de aluguel de carros mais à frente, aonde Skyla e Maelea esperavam. A Siren foi ardente como o fogo, quando a beijou depois de arrastá-la dos restos daquela avalanche. E depois, ficou fria como o gelo, quando mataram os cães do inferno. Não podia seguir suas mudanças de humor. Não sabia que demônio fez para encher o saco agora. O único que sabia era que ainda a desejava. O sentido comum dizia que devia se separar dela, mas algo no peito, disse que ainda não terminara com ela.

—Concentre-se, imbecil — murmurou, voltando a assinar a papelada do carro.

O vendedor o olhou com uma expressão preocupada.

—Como diz?

Genial. Pego falando sozinho. Fodidamente fabuloso.

Depois que começou a frequentar o reino dos humanos cada vez que dava vontade, mantinha reservas de dinheiro daqui. Estava familiarizado em como funcionavam as coisas. Inclusive tinha várias identidades falsas, por isso podia deslizar entre a sociedade quando precisava. Usá-las, geralmente, não era um grande problema. A menos que não estivesse prestando atenção. Como agora.

Tentou um sorriso que saiu mais como uma careta.

—Nada. Isso é tudo?

O empregado de escritório dobrou os papéis, os pôs em um envelope.

—Sim. Estão trazendo o carro agora mesmo.

—Perfeito.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Orpheus empurrou a porta de vidro abrindo e cruzou o gélido estacionamento onde estavam as mulheres. O sol da manhã caía como chumbo sobre os montes de neve que ainda sujavam a rua, mas como a temperatura se aproximava do congelamento, fazia uma merda por esquentar algo. Maelea ainda usava o jaquetão que compraram para ela em Everett, tinha os braços cruzados através de seu estômago, seu olhar cravado na calçada. Skyla, calçada com essas botas de stripper de Siren, calça negra ajustada e uma jaqueta que quase a engolia inteira, estava situada ao lado de Maelea, mordendo o lábio inferior e o fulminando com o olhar.

Tanto amor. De ambas. Era óbvio que estavam mais que agradecidas porque ter salvado a vida. Por que diabo não as deixou morrer? Tinha que haver uma maneira mais fácil de encontrar esse rato bastardo de Apophis. Não precisava desse problema.

Estava quase preparado para anunciar isso, quando Skyla deu um olhar dele para Maelea e vice versa. O olhar em seus olhos não era uma de ira ou de ódio, mas sim de ciúmes.

A terra tremeu sob os pés. Sentiu que o chão do estacionamento girava e se movia. E então estava de pé em um quarto, com grandes colunas que se elevavam para um teto que ele não podia ver, ouro, mármore, cortinas de cores vivas e tapetes enchiam o espaço. Uma mulher estava o seu lado, sentada em uma cadeira, olhando um livro. Seu cabelo comprido de cor vermelha estava preso aos lados, e preso no alto, enquanto que o resto do pesado arbusto caía por suas costas. Ela riu, olhou para cima, e sorriu.

Bonita. Era bonita com o cabelo vermelho e os olhos verdes brilhantes. Mas não a reconheceu.

Inclinou-se sobre ela, assinalou algo no livro. A mulher colocou sua mão no antebraço e riu outra vez.

Da direita, um som ressonou. Skyla entrava no recinto levando uma larga e diáfana túnica branca, atada na cintura com uma bandagem dourada. Ela olhou dele à mulher, e vice versa. E antes que ele pudesse dizer algo, desapareceu do modo em que entrou.

Não estava seguro de que demônio estava vendo. Estava ali, mas não estava. Olhando como se tratasse de um filme, mas observando pelos olhos de um ator. Sentia que flutuava pelo corredor, atrás de Skyla. Ela girou quando a alcançou no amplo terraço de mármore da frente. Mais colunas adornavam a frente do edifício e descendo umas vinte escadas, uma cidade se estendia mais à frente, altas montanhas à direita e à esquerda, e água, um oceano azul, por isso podiam ver seus olhos.

Skyla!

Ela deu meia volta, e lançou um olhar mordaz. O mesmo que acabava de enviar no estacionamento. O mesmo olhar que ele se acostumou a ver desde o dia anterior.

Pensei que não foste casar com ela.

Não vou fazê-lo.

Então que faz ela aqui?

De visita. Seu pai a enviou.

De visita — Ela quase vibrou de raiva. E de ciúmes. Um ciúmes que, por razões que não podia explicar, o sacudiram até os joelhos. — *Muito bem. Então a acompanhe.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Voltou, e desceu precipitadamente três degraus, antes que ele a agarrasse por braço, e a girasse para que estivesse frente a ele.

Não a quero. Quero você.

Por quê? Ela é uma princesa. É exatamente o que eles querem que você tenha. Tudo o que eu sou é…

Minha. Seu calor era embriagador. Sentia uma sede por seu corpo que nunca poderia saciar. Queria sacudir algum sentido nela. Odiava que pudesse pensar que ele quisesse a ninguém mais que a ela. Não tinha olhos?— *É minha Siren. Só minha. Entende?*

—Orpheus?

Os passos, a visão, o palácio sob os pés desapareceram enquanto a névoa se ia. Orpheus piscou uma vez, e logo duas vezes, meneou a cabeça para limpá-la. Quando o foco voltou, encontrou-se de novo no estacionamento, examinando os mesmos olhos parecidos com uma gema, só que estes não estavam suaves e cheios do desejo com o que estiveram nesses momentos quando ele a pegou entre seus braços. Estes eram cautelosos e confusos, e mais que um pouco íntimos.

—O que aconteceu? —perguntou Skyla— Eu fui a que quase foi torrada. Duas vezes. E você é o que parece que tem PTSD[30]. Vê algo ruim nesta imagem?

Não tinha nem ideia sobre o que estava murmurando ela. Ouviu suas palavras, mas não as registrou. Voltou para Maelea em busca de ajuda, só que o olhar que enviou disse que estava só. E pela maneira em que ambas o olhavam como se tivesse saído um terceiro olho, soube que acabava de ter outra dessas estranhas visões de merda.

Merdaaaaaa. Esfregou a cara com as mãos. Tentando como o inferno controlar os batimentos do coração. Nem sequer chegou perto. O que estava acontecendo?

—Orpheus? —disse Skyla de novo— Está tomando alguma droga ou o que?

Ele o desejou.

Pressionou as têmporas com os dedos até que a dor atravessou o crânio.

—Só cansado. Estou bem.

Só que não estava. Embora soubesse que não estava bem. Estava assustado. Devido ao fato que não parecia uma visão. Havia emoções ali. Emoções que ainda estavam batendo no peito como uma bola de bilhar que ricocheteava nas bordas.

Pareceu… como uma lembrança.

O que não era fodidamente possível.

Um motor ronronou logo e o assistente levou o SUV parando junto a Orpheus. Agradecido pela distração se esticou para pegar as chaves, mas Skyla esteve ali, tomando antes que ele pudesse.

—O que acha que está fazendo? —perguntou.

—Dirigir. De maneira nenhuma entrarei em um veículo em movimento contigo quando está sonhando toda hora.

---

[30] *Estresse pós-traumático.*

—Eu não estou…

—Sobe — disse ela a Maelea.

Maelea olhou aos dois como se estivessem loucos, mas abriu a porta detrás do Tahoe[31] e deslizou dentro do carro sem dizer nenhuma palavra. Skyla dedicou a Orpheus um grande sorriso de suficiência.

—Nem sequer sabe aonde vamos.

—Mas você vai me dizer. Agora, vem ou não? Posso deixar facilmente seu traseiro aqui, assim como posso resgatá-lo.

Era o que havia dito a ela no estacionamento antes em Seattle, depois que se afastou Maelea daqueles cães do inferno. Mas a lembrança dessa visão, das emoções, atravessaram o peito outra vez antes que pudesse impressionar porque ela lembrasse, desequilibrando-o de um modo que jamais esteve antes.

Quem era ela para ele? E por que não podia entendê-la?

—Olhe daemon. Sei que não gosta que uma mulher tome as rédeas, mas aguente. —subiu ao SUV. Fechando de repente a porta. Dando um rápido olhar através do para-brisa.

E com a brisa fresca da manhã, soube que poderia ser um imbecil ou poderia tratar de aliviar o ambiente. Ainda faltavam várias horas para que chegassem à colônia.

Independentemente do que estivesse ocorrendo na fodida cabeça, realmente não queria passar essas horas esquivando-se de adagas.

Entrou no assento do passageiro. Fechando o cinto de segurança enquanto ela punha o veículo em movimento e saía do estacionamento, ele apoiou o cotovelo na borda do vidro.

—Para que conste, Siren, eu gosto de me deixar selar. Inverter a postura com a vaqueira é minha favorita. Quando estiver pronta para montar a cavalo, me avise.

Ela bufou e ligou o rádio. A todo volume.

Ele sorriu todo o caminho para Whitefish, Montana.

Skyla não sabia o que esperar quando chegaram ao seu destino. Mentalmente imaginou cabanas pequenas. Talvez um pequeno albergue. Uma dúzia ou mais de pessoas. Os moradores provavelmente nem sequer se surpreenderiam, tendo em conta que Orpheus havia descrito aos habitantes daqui como refugiados. Mas quando disse que tomasse a saída pelo estreito caminho de terra cheio de buracos, duvidou que por ali tivesse passado há muitos anos e ao estacionar dentro de uma caverna, começou a perguntar que diabo estava acontecendo.

Estava enigmaticamente tranquilo. Foi assim desde que chegaram à Whitefish, e desde que o irritante sorriso se extinguiu. Depois de dar suas instruções, ele permaneceu em silêncio, e dirigiram às três horas restantes até o profundo do pântano sem dizer outra palavra. Várias vezes ele olhou pelo espelho retrovisor, para assegurar-se de que Maelea ainda estava ali. Por sorte, ou por desgraça, a mulher estava. Embora Skyla não estivesse muito emocionada pelo modo com que Orpheus a tratava, a garota se voltava mais desafiante, a cada momento, algo do tipo que Skyla gostava. Ao menos estava mostrando alguma bravura agora, enquanto que antes parecia mais um

[31] *Marca de SUV*

camundongo. Skyla dava pouca importância às mulheres que permitiam passivamente que outros dissessem o que fazer.

Não é isso o que você deixou os deuses fazer todos estes anos?

Sacudiu esse pensamento. Ela não era Maelea. Nem um pouco. E por que se comparava inclusive com a garota quando era por Orpheus, por quem devia se preocupar?

Ele teve outro desses estranhos períodos fora de si mesmo nesse estacionamento em Kalispell. Viu-o fazer isso já três vezes. Estava de algum jeito isto relacionado com seu daemon? Era pelo que ele não podia mudar? Uma parte dela ainda estava irritada com ele por não ter mudado antes, nos bosques, quando estiveram caçando aqueles daemons e ela quase serviu de almoço. Outra parte, a qual estava tratando com força de não fazer conta, estava contente. Havia algo atrativo sobre ele em sua forma Argolean chutando traseiros. Realmente era uma passada de animal sexy.

Esmagou para baixo o desejo que se removia por dentro enquanto saía do veículo, e pegava a jaqueta outra vez. O fechamento das portas do carro ressonou ao redor dela no espaço escuro. Meteu o veículo o bastante profundo na caverna para que não fosse visível da estrada.

Orpheus tirou a lanterna que comprou em Whitefish, e a ligou. Um feixe de luz contínua iluminou a escuridão, e as paredes da caverna ao seu redor.

—Está certo disto, daemon?

—Siga-me — respondeu.

Skyla não tinha realmente outra opção. Deu uma cotovelada em Maelea para que passasse diante dela, e as duas seguiram Orpheus, e à luz, entrando nas profundidades da caverna.

Caminharam durante quase vinte minutos. Os tremores atormentavam no corpo de Skyla. De vez em quando as botas deslizavam e torcia o tornozelo nestas rochas irregulares. Na frente dela ouviu um ruído.

Pegou Maelea pelo braço para pará-la. A luz seguiu movendo. A inquietação percorreu Skyla enquanto a caverna se obscureceu e uma voz que ela não pôde distinguir ressonou na frente.

—O que é isso? — sussurrou Maelea.

—Não sei — Skyla tirou a adaga das costas. — Mantenha-se atrás de mim.

Caminhou pela frente de Maelea. Esticou. Nenhum som se repetiu da direção que Orpheus esteve. Durante um momento pensou em chamar. E logo uma luz atravessou a impenetrável escuridão, seguido das pisadas de umas botas. Skyla levantou uma mão para bloquear o resplendor.

—Isto não é uma parada em boxes, senhoras — disse Orpheus, em tom irritado— Já quase chegamos.

O alívio correu pelas veias de Skyla. Embainhou a adaga e deu um golpe a Maelea para que a adiantasse.

Orpheus apontou com a cabeça para a curva de um túnel atrás dele, sua lanterna apontou para cima para iluminar a escuridão.

—Há um sentinela no canto. Ele nos conduzirá o resto do caminho.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Afastou para deixar passar Maelea, mas quando chegou Skyla se moveu de novo até bloquear parcialmente o túnel.

Ela teve que ficar de lado para seguir em frente. Os seios roçaram no processo, e o calor de seu corpo se estendeu pelo seu ao contato, seguido de uma faísca de d*éjà vu* que recordou a noite que a apertou na parede daquele piso em Washington. Os pés tropeçaram, e as bochechas esquentaram com as lembranças. E o desejo que tão arduamente tentou esquecer prendeu fogo de novo.

—Assustada de me perder, Siren?

Sua voz era tão suave como um rouco sussurro, e seus olhos cinza, escuros com a pouca luz da caverna, ferviam a fogo lento com picardia. Uma picardia que a puxou e a atraiu a centímetros.

—Não. — mentiu. — Assustado de me perder, daemon?

—Estive. Naquela avalanche.

O estômago se contraiu com a emoção que ouviu em sua voz. Um som quente, precisado, de desejo que ela não ouviu em milhares de anos.

Ele desapareceu na escuridão outra vez antes que pudesse pensar em algo que dizer. E sozinha, o peito se contraiu tão forte que doía para respirar.

Daemon. Traidor. Herói.

As palavras giravam na cabeça. Tratou de ignorar a última, recordando a si mesmo que as duas primeiras eram as únicas que importavam. Mas essas palavras estavam à deriva, fora de seu alcance. Afastando-se do que associava com ele. E a última se repetia a gritos no espaço deixado.

Sentia a cabeça embotada enquanto se recuperava e seguiram uns vinte metros pela frente no túnel. Como disse, um sentinela os esperava, um homem vestido de negro, com o cabelo escuro e um olhar ameaçador, estava em pé no centro do que parecia uma sala de paredes de rocha com túneis que iam a várias direções. Embora levasse um farol que iluminava sua posição, os sentidos Siren de Skyla ficaram em marcha. Tinha as armas ancoradas aos quadris e uma faca denteada presa à coxa. Manteve-se viva todos estes anos prestando atenção, e facilmente reconheceu a ameaça nos olhos do homem quando a olhou.

Deslizou para a adaga, mas Orpheus pegou os dedos e os separou da capa antes que a alcançasse.

—Pensei que se perde-se aí atrás. Está pronta ou o que?

Lançou um olhar de "*saia*" a que não fez conta. Tratou de puxar a mão. Mas não pôde arrancar a de seu afeto.

O sentinela deu outra olhada, logo fez um gesto com a mão, quando se voltou e se dirigiu ao túnel de sua direita.

—Por aqui.

Orpheus se inclinou perto da orelha.

—Não o faça ficar de saco cheio.

Não perdeu seu tom mortalmente sério, ou o olhar de *não estou brincando* de seus olhos quando retrocedeu. E a inquietação sobre aonde os levavam subiu outro degrau.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O guia não falava muito, e seu ritmo era mais rápido que o seu. Mas depois de uma série de voltas por um labirinto de túneis que Skyla estava segura de que nunca se lembraria, finalmente chegaram a uma porta de pelo menos três metros de altura feita de aço sólido.

O sentinela puxou de uma parte do que parecia rocha na parede, mas que obviamente não era. Debaixo, um teclado estava iluminado por um resplendor verde. Escreveu um código, e depois, a porta se abriu para revelar uma sala com paredes de pedra, piso de cimento, armários e gabinetes ao longo de todo um lateral, e um homem tão grande como Orpheus estava de pé no centro do enorme espaço, com as mãos em seus quadris, seus olhos de cor âmbar estavam menos que encantados por terem chegados.

—Tinha a sensação de que viria — disse o homem.

Orpheus puxou Maelea para a sala. Seus olhos estavam exagerados pelo medo, mas deixou que a levasse a frente, nem sequer se estremeceu com seu contato. E aquela irritação de que ele tão obviamente se preocupasse com a segurança de Maelea, fez com que subisse de novo a feia cabeça do ciúmes no peito de Skyla.

—É agradável ver uma cara familiar — disse Orpheus.

—Uh-huh — o homem girou seus céticos olhos de cor âmbar para Maelea, e logo para Skyla. Depois de um longo compasso de silêncio que crispou os nervos já por acaso tensos, ele apertou um botão na parede próxima à um elevador— Por seu aspecto, adivinho que precisam de comida, roupa e algum lugar onde descansar.

—Estaria bem — disse Orpheus. — agradeceríamos por isso.

O elevador se abriu com um som metálico. O homem estendeu a mão, esperou que Maelea e Skyla entrassem na cabine, e logo seguiu Orpheus. Apertou um botão no painel, voltou, e cruzou os braços sobre seu enorme peito, cravando seu olhar fixamente em Skyla.

Sabia quem era ela. Podia vê-lo naqueles olhos. Só que esse tipo não era só um homem. Era algo mais. Era maior que Orpheus, e isso dizia muito. Seu cabelo loiro estava muito curto e tinha grandes aros perfurados nos lóbulos das orelhas. E todo vestido de negro, com armas em seus quadris, e uma larga cicatriz que descia pela parte esquerda de sua cara, gritava que era uma ameaça em todos os sentidos imagináveis.

—Nick — disse Orpheus sob o zumbido do elevador— esta é Skyla e Maelea. Senhoras, este é Nick Blades, o líder da colônia dos Misos.

Nick não respondeu. Nem sequer deu uma olhada em Maelea. E à medida que a tensão enchia a cabine como um globo inflado com hélio, Skyla se deu conta que esta era uma das poucas colônias mestiças dispersas através do globo. Os sobreviventes *Angoleanshumanos* da guerra de Atalanta, que se refugiaram juntos. Era sabido no Olimpo que os Argoleans não davam nenhum valor aos mestiços da linha de sangue Misos, e que seu último rei, rechaçou conceder um lugar seguro devido à discriminação social. Depois que Zeus se negou a se intrometer em qualquer coisa relacionada com Argolean, deixou-os sozinhos também. Obviamente, pelo olhar de amargo desprezo nos olhos desse tipo, ele sabia, e não tinha melhor opinião de Zeus, que da nova rainha Argolean.

O que, significava, que inclusive teria pior opinião dela.

A ansiedade aumentou, e o peso do arco na bota recordou que tinha que tomar cuidado.

A porta do elevador abriu. Uma parede de janelas arqueadas dava para uma vista que parecia vir diretamente de um cartão postal. Água azul esverdeada em todas as direções, montanhas cobertas de neve em torno de um lago. Inclusive uma águia que descia pelo ar para apanhar um peixe, e logo, subir para o alto uma vez mais.

Os olhos de Maelea se ampliaram, mas de todos os modos não falou. Skyla se moveu em um círculo lento, e olhou o quarto de pedra de dois andares, com seu ponto mais alto no teto, com aranhas intrincadas de ferro, multicoloridos tapetes e luxuosos móveis da Rússia.

Teria apostado suas estrelas ninja a que se encontrava em um castelo. Mas, um castelo aqui? No centro de um lago? No centro de um nada? Não tinha nenhum sentido.

Os passos ressonaram detrás deles, e Skyla deu a volta quando uma mulher atrativa com uma leve claudicação baixou as escadas que se curvavam para cima e à esquerda.

—Esta é Helene — disse Nick— Ela os levará a um lugar onde poderão se refrescar e relaxar. Orpheus e eu temos coisas para conversar.

Skyla sabia o que significava essas *coisa*s.

—Não vou…

Orpheus se inclinou para ela, seu fôlego quente a milímetros da orelha.

—Vá com Maelea. Poderia saltar por uma janela, se não estivermos ali para detê-la.

Quando retrocedeu, viu a faísca de malícia em seus olhos, mas a linha apertada de sua mandíbula desmentia sua atitude despreocupada. E o fato, de que ele obviamente captou a animosidade de Nick para com ela, sossegou o ciúmes e a fez muito mais determinada a ficar.

Abriu a boca para dizer o pouco que importava o que Maelea fizesse ou deixasse de fazer quando ele articulou a palavra, por favor. E, assim, rápido, sua resistência fraquejou. Como se ele tivesse algum mágico poder sobre ela.

—Irei pegá-las quando tiver terminado aqui — disse Orpheus.

Sentia que não deveria ir. Mas não era capaz de dizer que não. Encontrou assentindo com a cabeça enquanto caminhava para longe dele.

A mulher, Helene, sorriu e estendeu a mão para a escada.

—As duas parecem cansadas. Venham. Por aqui.

Skyla agarrou o corrimão esculpido de mogno e olhou Orpheus enquanto seguia Helene e Maelea. O calor de seu olhar prendeu como fogo até a alma, e enquanto subia pelas escadas lembrou-se daquele dia no castelo de Perseu quando foi dizer a Cynurus que pensara bem e que estava pronta para deixar as Sirens por ele.

Ele estava com essa princesa Arcadian, com a que seus pais quiseram que se casasse. Ao entrar, eles não faziam nada mais inocente que olhar um livro juntos, mas se sentiu devastada, tanto como se estivesse beijando a mulher diretamente diante dela. Nunca antes se deu conta da diferença de seu status social, até que o viu com o tipo de mulher com a qual deveria estar. Ele era o herdeiro de todo um reino, e ela não era nada… nada mais que uma assassina. Nenhum sangue real, nada à oferecer, exceto a vergonha quando sua família se inteirasse de quem e o que era.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Nem sequer era plebeia. Era mais baixo que isso. Era alguém que fazia o trabalho sujo para Zeus, que matava, planejava, e que somente o conheceu porque Zeus a achava uma moléstia a tratar.

O coração se apertou forte com as lembranças, as emoções que sempre mantivera enterrada, voltaram multiplicadas por dez. Não era o mesmo homem que foi então, mas havia similitudes, e estava começando a ver as coisas que amou em Cynurus em Orpheus. Sua preocupação por Maelea, sua compaixão pelos seres humanos, embora estivesse segura que ele nunca se percebeu isso. E logo havia momentos quando a olhava do mesmo modo que fazia agora. Como se a quisesse da forma que fez então. Como se fosse à única mulher em quilômetros e ele fosse um homem à quem foi negado durante muito tempo.

Tinha que afastar o olhar, para quebrar a conexão antes que a arrastasse para baixo. Girou a cabeça, e se deu conta de que Helene e Maelea se foram. Um jorro de inquietação se filtrou por ela antes que ouvisse suas vozes na parte superior da escada. Apertou o passo e as alcançou no seguinte nível, onde caminhavam para um amplo corredor iluminado a poucos metros com candelabros nas paredes cobertas de papel de cor vermelha. As grandes portas em arco conduziam a quartos que não podia ver. Sob os pés, um tapete azul, grosso, com flores brancas corria pelo meio do corredor.

—O que é este lugar? —perguntou Skyla, interrompendo algo que Helene estava dizendo a Maelea.

A claudicação de Helene foi mais óbvia quando olhou por cima de seu ombro.

—O castelo foi construído por um grande duque russo que procurou o exílio nos Estados Unidos nos finais de 1800. Fez construir para sua esposa, que era romena. Infelizmente, ambos foram assassinados antes de alcançar os Estados Unidos, assim como foi sua família. Já que sua esposa também era Misos, o castelo caiu em mãos da colônia Misos russa. Ficou vazio durante mais de cem anos. Pelo motivo que fosse, ninguém dessa colônia quis se mudar para cá. Quando Oregón foi destruída pelos daemons de Atalanta, Nick averiguou que isto estava disponível, e aqui estamos.

Parou diante de uma porta, girou a maçaneta, e empurrou para abrir a pesada porta de mogno para que Maelea e Skyla pudessem entrar no quarto.

Era uma suíte, não um quarto, com janelas arqueadas altas, outra vez com vistas para a água, e uma cama com dossel tão alta que havia degraus para subir até ela. Uma chaminé corria ao longo da parede esquerda, um sofá elegante, e cadeiras de respaldo alto ao seu lado, estavam colocadas frente à chaminé. E mais à frente, uma porta, que Skyla adivinhou levava à um banheiro.

Este quarto era tão grande como todo o apartamento que ocupava Skyla no Olimpo. Um quarto claramente feito para uma princesa, não para uma mera plebeia. Definitivamente não para uma assassina.

Helene acendeu as luzes, iluminando as cores brilhantes dos móveis, e o edredom de grosso veludo da cama.

—Tivemos a sorte de que mobilharam grande parte do lugar. Embora tenha que admitir que às vezes seja muito arrepiante.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Skyla girou lentamente, e notou o delicioso papel, as pesadas cortinas, os toques de fantasia, assim como as intrincadas grades de ferro curva através dos respiradouros, e os ricos chãos de madeira de cerejeira.

—O banheiro é por aqui — Helene empurrou uma porta no lado oposto do quarto— A suíte da frente no corredor é como esta. São bem-vindas — acrescentou para Skyla— Farei com que o cozinheiro suba um pouco de comida para as duas.

Ela guiou Skyla para que saísse pela porta. Skyla se voltou para olhar detrás dela.

—Como é que ninguém encontrou este lugar?

—Nossos sentinelas são bons, assim é como acontece. Descanse um pouco. Estou segura que Orpheus virá quando ele e Nick tenham terminado de conversar.

Orpheus.

Quando a porta se fechou, esse espaço no peito de Skyla se oprimiu de novo e a palavra herói se repetiu ainda mais forte.

Como fez esta mulher, Helene, para conhecer Orpheus? Pela forma com que disse seu nome, indicava familiaridade. Uma amizade. Havia sentido essa mesma conexão entre Orpheus e Nick antes.

Os híbridos de daemon não tinham amigos. Eram solitários. E não se preocupavam com outros. Não protegiam, ou resgatavam de avalanches, e não se preocupavam sobre o que pensavam ou sentiam. Um nó se formou na garganta, um grande que disse que tudo o que sabia sobre o mundo a seu redor, ia infernalmente à merda quanto mais tempo passava com ele.

—Tomarei uma ducha.

Skyla quase se esqueceu de que não estava sozinha. Olhou para Maelea de pé perto das janelas, *odeio este lugar tanto quanto odeio você*, dizia sua cara.

—Vá em frente — disse Skyla, ignorando o olhar, muito esgotada para tratar com isso agora mesmo— Estarei aqui.

—É obvio que o estará — murmurou Maelea quando desapareceu no banheiro e fechou a porta atrás dela.

Uma pequena parte de Skyla sentiu pena pela garota. Perdeu sua casa, seu anonimato, e Nick, obviamente, não estava contente porque Orpheus a levasse ali, à colônia, mas ao menos estava viva. Se tivesse ficado em sua casa de Seattle, agora estaria morta.

Morto.

A palavra ressonou na mente da Skyla enquanto se dirigia para a janela, olhando para o lago azul esverdeado, que desaparecia rapidamente na escuridão da noite. Durante muito tempo Cynurus esteve morto para ela, mas ele estava vivo. Em Orpheus. Vivo e, portanto muito perto.

A água lambia a costa rochosa. Um bando de pássaros se elevou na distância. Desse ponto de vista, não havia maneira de chegar à ilha a menos que tivesse um navio ou um helicóptero. E isso era bom, porque significava que a surpresa estaria frustrada pela água e pelas íngremes montanhas que rodeavam esse lago, e pela massa de cavernas por aonde vieram para chegar até aqui. Estavam a salvo, no momento. Entretanto, não estava a salvo das lembranças que a bombardeavam de todos os lados. As de Cynurus misturando com o que aprendeu de Orpheus nos

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

últimos dias, e as emoções para ele, que não tinham nada que ver com o passado e tudo a ver com o presente.

O que aconteceria se Athena estivesse errada? E se Orpheus não fosse o monstro que todos queriam fazer acreditar que era? E se estivesse atrás de algo que não tinha nada que ver com o Orbe? As perguntas giravam na mente, mas a maior, a que não a deixaria em paz, e fazia que o coração batesse mais forte e mais rápido.

E se realmente fosse um herói, depois de tudo?

Capítulo 13

— Ou é o maior fodido idiota do planeta ou tem bolas de aço. Agora mesmo não posso me decidir. As duas opções, tenho certeza, conseguirão que me matem.

Ferrou. Orpheus se afastou da escadaria e da Siren que continuamente inclinava seu mundo para fora de seu eixo e redirecionou sua atenção para Nick. Escolheu as palavras com cuidado porque, embora ele e Nick fossem mais amigos que inimigos, o mestiço tinha seu gênio. E era imprevisível, sobre tudo quando aquele gênio levantava sua feia cabeça.

— Como você sabia que eu estava vindo?

Nick cruzou os braços sobre seu amplo peito.

— Oh, vamos ver. Poderia ter sido por meu homem em Seattle, que me informou que encontraram um cão do inferno morto perto do Lago Washington. Ou poderia ter sido a notícia de que Maelea desapareceu daquela mansão que ela chama de casa.

Merda. Orpheus deveria ter esperado que Nick tivesse ouvidos em todos seus territórios. Mantinha estreita vigilância sobre o que ocorria ao redor de sua colônia. Tinha que fazê-lo para garantir a segurança de sua gente.

— Ou — continuou Nick — poderia ter sido o maldito terremoto… do qual, a propósito, não temos muitos aqui em Montana. Mas aposto meu dinheiro nos dois cães do inferno que mataram meus exploradores não muito longe daquele acidente de trem. Tudo isso combinado tem a palavra *imbecil* tatuado por toda parte. E quando penso em *imbecil*, seu nome aparece no mais alto da lista.

— Dois cães do inferno? — perguntou Orpheus, ignorando a gracinha de Nick.

— Dois — repetiu ele.

Orpheus franziu as sobrancelhas.

— Matamos cinco. O que significa que não correm em grupos normais.

— Seus poderes de dedução são entristecedores.

— Seus homens encontraram sinais de mais?

— Não.

Algo definitivamente não estava bem.

— Bem, obrigado a sua equipe por cercá-los.

— Não me agradeça — disse isso Nick— Se fosse por mim, nem você nem a sua pequena comitiva seriam permitidos a entrar na colônia. E em que demônio você estava pensando, arrastando Maelea até aqui? Tocar o nariz de um deus não era suficiente para você? Tinha que mexer com dois para dar um pouco de sabor à mistura?

Sim, isto era o que Orpheus esperou quando viu a reação dos sentinelas nas cavernas.

— Não acredito que ela aprecie que a menção de ser parte de meu séquito.

— Importa-me uma merda o que ela aprecie — espetou Nick— Isso não muda quem é. Cães do inferno, Orpheus… agora vou ter Hades atrás de meu traseiro. Graças a você, e Zeus também, se aquela Siren for uma indicação do que está por vir.

— Se tivéssemos outro lugar para onde ir, teria levado Maelea, mas não temos. Irei pela manhã, assim não tem nada pelo que se preocupar. A Siren também. Zeus não irá atrás de Maelea, confie em mim.

— Confiar em você é como confiar em uma fodida Fúria. E quanto a Hades?

— Hades tampouco quer Maelea. Ele me quer. — *Ou melhor, ele quer o que Maelea vai conseguir para mim. Se ela alguma vez cooperar.*

— Compreenderá que isso não elimina a sensação de formigamento em meu interior — disse Nick— E não escutei dizer nada sobre levar o bastardo de Zeus com você quando for amanhã.

Isso era porque não disse. Orpheus passou a mão pela boca. Se Hades averiguou que Orpheus necessitava de Maelea para encontrar o Círculo, caçaria ele mesmo. E isso significava que este era o lugar mais certo para ela, onde os sentinelas de Nick poderiam mantê-la escondida e a salvo.

— Tenho certeza que ela gostará muito menos de ser chamada de bastarda de Zeus, do que parte de meu séquito.

— É um fodido idiota — murmurou Nick.

Sim, bom, podia ser, mas se havia uma coisa que Orpheus sabia de Nick, era que o mestiço não viraria as costas para alguém com problemas, como também não ficaria do lado dos deuses.

— O que quer dizer com que se por você fosse não teria permitido a entrada na colônia?

Nick estendeu a mão para a porta atrás dele.

— Olhe você mesmo.

Uma estranha sensação de formigamento desceu pelas costas de Orpheus enquanto abria a porta. Dentro da grande sala com sua mesa de conferência e as janelas com vistas ao agora lago negro, descobriu à rainha Isadora, a sua irmã Casey, Theron, o líder dos Argonautas, e Demétrius, o recente marido de Isadora.

Oh, isto, simplesmente, era fodidamente genial.

— Por que não vende entradas? — resmungou a Nick— Sem dúvida, logo haverá foguetes.

— Negocie com eles — murmurou Nick— Eu tive que fazê-lo durante as últimas horas.

A porta se fechou atrás deles. Os olhos marrons preocupados de Isadora se cravaram nos seus. Por alguma razão, ela parecia pensar que ele tinha alguma nervura interior de herói. Ele não

tinha coragem de dizer que, fossem quais fossem as qualidades heroicas de sua linhagem, passaram diretamente sobre ele e se apegaram a seu irmão menor, Gryphon.

Ou ao menos fizeram. Antes que a alma de Gryphon se perdesse no Tártaro.

Empurrou para o lado aquele pensamento doloroso e se concentrou no aqui e agora. Ela tinha um aspecto melhor desde a última vez que Orpheus a vira. Ela havia ganho uns quilos e seu rosto já não estava pálido e afundado. Além disso, a calça e o suéter eram uma grande melhoria sobre o vestido que estava acostumada a usar. Atrás dela, a mandíbula de Demétrius era uma linha apertada, como sempre. O Argonauta podia ter suavizado suas arestas ao redor de Isadora, mas isso não significava que se abrandava para alguém mais, inclusive se esse alguém tivesse ajudado a salvar sua vida. Logo após estava Theron, apoiado na mesa e com uma mão sobre o ombro de sua esposa Casey, observando Orpheus com um olhar de *sempre soube que você iria foder com as coisas,* no rosto.

— Me deixem adivinhar — disse Orpheus— Estão todos aqui de férias. Não, esperem. Em alguma pervertida e luxuriosa lua de mel — captou o brilho de irritação nos olhos de Theron, mas não fez caso dele— Sabe? Se fosse eu, Isa, teria ido a uma praia ensolarada, não a um horripilante castelo no meio de um nada. Mas o que sei eu? Talvez essas merdas pervertidas deixam vocês todos ligados.

Isadora lançou um olhar de advertência a Theron antes que ele pudesse responder, a princesinha tímida que estava acostumada a ser, não poderia ser encontrada na confiante rainha em que se converteu. Ela deu um passo à frente.

— Brinque o quanto quisera Orpheus, mas sabe o porquê estamos aqui.

— Não, honestamente posso dizer que não sei. Não me diga que já se chateou do reinado, Isa.

— Diga para ele — cortou Nick— Diga o que me contou.

Isadora suspirou.

— Tivemos alguns visitantes no castelo. Dois, para ser exatos. Sirens. Enviadas por Athena para recrutar a ajuda dos Argonautas.

— Ajuda para que? — perguntou Orpheus.

— Para localizar Apophis e o orbe de Kronos.

Interessante.

— Por quê?

— Porque Zeus os quer para ele.

— Isso eu sei. Mas por que foram até você? E aos Argonautas?

— Zeus sabe que você os está procurando. E obviamente também conhece o seu vínculo com os Argonautas.

É obvio que sim. Zeus também mantinha a orelha sobre a Terra. Ou melhor suas Sirens o faziam.

A mente desviou para Skyla e seus últimos dias juntos. Embora estas notícias não fossem nada que já não soubesse. Era bem consciente de que ela fora enviada por Zeus para seduzi-lo, agarrar o orbe, quando por fim o encontrasse, e depois matá-lo. Enquanto isso ambos brincavam

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

um com o outro. O que não tinha sentido era por que diabos Zeus pensava que sua Siren escolhida não pudesse fazer o trabalho.

— Por que está me contando isso?

Os olhos de Isadora se suavizaram de novo.

— Porque senti que aquelas Sirens não me diziam toda a verdade. E porque me preocupo com você.

— Tem que renunciar à essa louca caça do orbe, ou — interrompeu Theron.

Orpheus o ignorou.

— O que você disse? Às Sirens?

— Que faríamos o que pudéssemos. O que quer dizer — acrescentou Isadora com uma meio sorriso— nada.

Nada. Se dependesse de Theron e os Argonautas, quereria dizer alguma coisa.

— Por que não nos fala de sua companheira de viagem? — disse Nick atrás de Orpheus.

Merda.

— Maelea? — perguntou Isadora— Já sabemos.

— Essa não — disse Nick— A outra Siren.

Os olhos surpresos de Isadora saltaram de volta para Orpheus.

— Você está viajando com uma Siren?

Cara, estava fodidamente a ponto de matar Nick. Ele não tinha tempo para esta merda. Ainda tinha que convencer Maelea esta noite, para que dissesse onde estava o orbe e assim poder viajar e encontrar esse bruxo de merda.

— A Siren não é da sua conta. Nem da sua — respondeu, lançando um furioso olhar a Nick— Eu posso lidar com ela.

Isadora olhou para seu marido que estava de pé do outro lado da sala com as mãos metidas nos bolsos dianteiros do jeans, e depois para sua irmã e para Theron que se encontrava apoiado contra a mesa, os três mostrando a mesma expressão de *que demônio esperava*? Entretanto, quando se centrou de novo em Orpheus, seus olhos não estavam cheios da mesma indiferença. Transbordavam de preocupação. Uma preocupação que avivou o aborrecimento por toda esta maldita situação.

— Orpheus…

— Isa — ele zombou. O que não daria para chamar seu daemon e acabar com todos eles.

Uma careta franziu seus lábios.

— Sei que pode cuidar de si mesmo, mas três Sirens em dois dias? Isso não é bom. Nem sequer para você.

— Simplesmente preocupe-se com você mesma, certo? Eu me preocuparei comigo.

Um murro soou na porta. Nick respondeu com um *sim*, e segundos mais tarde um mestiço de cabelos morenos colocou a cabeça para dentro da sala.

— Hum, Nick. Temos um problema.

— E agora o que? — perguntou Nick.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Entregou a Nick o que parecia um computador do tamanho da palma da mão e passou um dedo pela tela, selecionando uma imagem.

— Os sentinelas acabam de vê-lo. Há dois mais à frente do perímetro exterior. Não parece que ainda tenham descoberto que estamos aqui, mas suas habilidades de rastreamento estão entre as melhores. Descobrirão muito em breve.

— Maldição! — murmurou Nick.

— O que? — disse Theron, soltando Casey e dando um passo para frente para olhar a tela.

Nick lançou a Orpheus um olhar penetrante.

— Acabo de averiguar o que aconteceu ao resto da matilha de cães do inferno.

— O que…?

Nick girou a tela para que pudesse ver as duas Sirens que espreitavam nos bosques fora da caverna onde abandonaram seu veículo.

— Cara, está na liga dos maiores fodidos se é que alguma vez vi algum — deu uma olhada para o homem que havia trazido às notícias— Pegue Kellon e Marc e as derrubem em silêncio.

— Espere — Demétrius se aproximou de Isadora— Se você matar uma Siren ou duas, é mais provável que chegue aos ouvidos do Olimpo. Orpheus tem razão. Zeus nunca prestou atenção em Maelea antes, o que significa que há muitas possibilidades de que não vá atrás da garota como acreditávamos. Vai atrás de Orpheus, justo como O disse. E isso quer dizer que matar as suas guerreiras não vai fazer outra coisa além de irritá-lo ainda mais.

A inquietação percorreu Orpheus. Por que demônios estava sendo seguido por mais suas Sirens? Algo cheirava a podre. Pouco a pouco parecia evidente que Zeus não confiava em Skyla assim como ele também não confiava nela. O que levava à uma questão… por que ele atribuiu Orpheus à ela em primeiro lugar, se sabia que iria falhar?

— Boa questão — disse Theron— No que está pensando?

— Acredito que desorientá-las é uma aposta melhor — respondeu Demétrius.

— Um feitiço? — perguntou Orpheus, surpreso de que Demétrius abraçasse sua herança Medean tão facilmente. A última vez que usou seus poderes foi para ajudar Orpheus a banir Atalanta para os Campos de Asfódelos. Mas isso foi por puro ódio mais do que qualquer outra coisa. Por isso ele sabia Demétrius não utilizou seu dom após isso.

— Ou dois — disse Demétrius— Mas precisaria de sua ajuda. Ainda estou um pouco enferrujado.

Os feitiços se amontoaram na mente de Orpheus. A ideia tinha potencial, mas este não era um acordo fechado.

— Poderíamos ser capazes de trabalhar em algo — procurou por Nick e logo por Theron— Mas precisaremos da ajuda de vocês também.

Ambos assentiram com a cabeça e Orpheus se surpreendeu pelo fato dos Argonautas estivessem dispostos a dar uma mão com isto. Facilmente poderiam entregá-lo a Zeus em pessoa.

Tratando de não parecer tão assombrado como parecia, Orpheus expôs o plano e quando terminou, outros assentiram com a cabeça em conformidade.

Quem teria imaginado?

Eles se dirigiram para a porta.

Às suas costas, Isadora se dirigiu a Casey.

— Por que você e eu não vamos conversar com a Siren no andar de cima?

A inquietação de Orpheus se acendeu de novo. *Sim, Isa, teria uma pequena e agradável conversa com a Siren.* Ela iria amaciá-la. Porque quando ele retornasse, tinha a intenção de acabar com seus jogos e averiguar o que realmente estava acontecendo.

— Acha que funcionará? — sussurrou Demétrius.

Escondido na escuridão, além de um afloramento de rochas sobre um suave penhasco, Orpheus olhava a pequena clareira abaixo, a mais de dezoito metros de distância, onde duas Sirens, suas perseguidoras, exploravam as árvores; os sentidos superiores das Sirens, obviamente reconhecendo o fato de que neste bosque havia mais do que se via.

— Assim que Theron e Nick fizerem o que se supõe que tenham que fazer, svas — respondeu Orpheus em voz baixa— acredito que funcionará. Tem certeza que essas duas não são as que visitaram Isa no castelo?

— Não são.

Orpheus estudou as duas Sirens extremamente sexy lá embaixo.

— Sim. Suponho que saberia. É bastante difícil esquecer um corpo assim.

— Não poderiam me importar menos seus corpos —disse entre os dentes— Vamos, Nick.

Não pela primeira vez, Orpheus se encontrou impressionado de que Demétrius e Nick parecessem se dar bem. Odiaram um ao outro durante anos. Embora compartilhassem a mesma mãe, o mesmo vínculo com os deuses, Demétrius cresceu em Argolea e treinou com os Argonautas, enquanto Nick fora banido ao reino humano devido à sua herança mestiça. Orpheus agora sabia que, era porque o Conselho o viu como uma ameaça e quis matá-lo. Tudo porque tinha algo que o resto deles não tinha. Ele era um autêntico semideus. Metade humano e metade deus. Mais puro que qualquer um em Argolea.

Isso explicava muito sobre o homem. Mas Orpheus ainda não estava certo de qual fora o catalisador para a trégua entre os irmãos. Suspeitava que tivesse algo a ver com Isadora. Algo mais do que o fato de que ela agora fosse rainha. Pensou em mencioná-lo e logo decidiu que não. De todas as formas não importava tanto. Tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Mas enquanto esperavam que Nick e Theron fizessem seu movimento, uma pergunta que o esteve rondando desde que Demétrius e Isadora retornaram daquela ilha, saiu pela boca antes que pensasse melhor.

— Não tem medo de que a etapa lua de mel desapareça?

— Não sei o que quer dizer.

— Com Isa. Sejamos realistas, Argonauta. Você é quem é. Só porque enviamos Atalanta aos Campos de Asfódelos, não muda o fato de que ela é sua mãe. Não muda o fato de que o que é mau nela, é mau em você.

A mandíbula de Demétrius se apertou.

— Isadora sabe quem eu sou.

— Sim, mas não tem medo de que em algum momento ela compreenda que isto, você, é um engano? Quero dizer, o bom sexo não dura muito tempo. E os deuses sabem que Isadora não teve ninguém antes de você, assim não é como se tivesse muito com que comparar. Mas esse amor acabará logo. Quero dizer, ela é a rainha da Argolea, e você é…

— Por que se importa tanto?

Por quê? Orpheus não estava certo. Talvez porque ainda não podia acreditar que alguém pudesse amar o mal. E talvez porque uma pequena parte dele estava com ciúmes. Não ciúmes de que Isadora fora conquistada, mas ciúmes do fato de que ela facilmente deixou de lado tudo o que durante anos sabia que era certo sobre Demétrius, e tivesse encontrado uma coisa nele que ninguém mais podia ver.

Franziu o cenho porque sabia que ao final não importava.

— Não me importa. Só me pergunto quando poderei me sentar comodamente e disser *eu disse*, *o desastre total está chegando, eu sabia.*

A mandíbula de Demétrius se apertou ainda mais e devolveu sua atenção às Sirens abaixo.

— Você é o desastre total, Orpheus. Um exemplo disso é a confusão que montou lá nas montanhas.

Sim, ele podia ser um fodido, mas era bastante inteligente para saber que não era material para o casamento. Nem sequer era material para relacionamento. O que tinha com a Siren não era mais que pura atração sexual que, como disse a Demétrius, extinguiria muito em breve. Esta noite, se tinha algo que dizer a respeito.

Sua mente se moveu para Skyla, e antes que pudesse parar, perguntou o que ela estaria fazendo neste preciso momento. Uma explosão de desejo o percorreu quando imaginou seus beijáveis lábios e aquele corpo feito para o pecado, que tanto o acendia como o enchia o saco ao mesmo tempo.

A grama à esquerda das Sirens se agitou e a adrenalina de Orpheus disparou quando viu Nick sair tropeçando na clareira. Ambas as Sirens prepararam seus arcos, tal como viu fazer Skyla uma dúzia de vezes. Como planejaram, Nick ia coberto de sangue, com manchas cor carmesim por todo o peito e coxas, e as duas Sirens captaram o aroma imediatamente, ficando em alerta máxima quando ele caiu no chão a seus pés.

Um grito se repetiu das árvores. Uma Siren apontou seu arco naquela direção. A outra manteve sua flecha apontando para Nick. Segundos mais tarde, Theron parou abruptamente na borda da clareira, seu parazonium[32], a antiga adaga grega que todos os Argonautas usavam, na mão. Levantou ambos os braços quando viu as assassinas de Zeus.

— Não disparem. Sou Argonauta.

A primeira Siren deu um passo para trás, aproximando-se da segunda. Seus olhares cautelosos se precipitavam entre Nick, de bruços na grama, e Theron.

— O que faz aqui?

32

— O mesmo que vocês. Caçar. Dois membros de sua ordem vieram à Argolea para solicitar nossa ajuda.

— Quem? — perguntou a da direita.

— Khloe e… — pareceu pensar durante um minuto— Reanna, Remea…

— Rhebekkah? — perguntou à segunda Siren.

— É isso — disse Theron— Disseram que as duas estavam caçando Orpheus — ele moveu sua cabeça para o chão e deslizou seu parazonium na bainha nas costas— Aí está.

As Sirens trocaram olhares e logo observaram Nick.

— Como sabe que é ele?

Theron riu entre dentes.

— Oh, não é difícil de achá-lo. Uma atitude de merda, uma fodida mentalidade. Poderia senti-lo a um quilômetro de distância. O fato que se transformasse em um desses malditos daemons descerebrados também foi um claro indício.

Então Isa contou a Theron e aos outros que ele era um híbrido. Maravilhoso. Outra coisa a mais para que ficassem contra ele.

— Onde o encontrou? — perguntou a Siren com o cabelo multicolorido.

— Nas montanhas. Escondido. Outros dois escaparam. Duas mulheres. Mas este é o que vocês querem, não é verdade?

As Sirens pareceram inseguras. A segunda, a de cabelos morenos, aproximou-se um passo de Nick e deu um empurrão no ombro com sua bota chutadora de traseiros. As mesmas botas que Skyla usava. A outra baixou a arma e também se aproximou de Nick.

A morena elevou o olhar para sua companheira.

— Acredito que poderia estar morto.

Ambas voltaram a encarar Theron enquanto apertavam os extremos de seus arcos, reduzindo-os a um nada.

— Ele deveria ser entregue com vida, Argonauta — disse a primeira.

— Merda! Esperem. Ninguém me disse isso. Queriam vivo? — arranhou a cabeça e posou uma mão no quadril— Bom maldição. Isso é um problema, não é?

— Um grande problema — disse a morena. Lançou um olhar cortante para sua companheira— Athena não ficará contente.

— Sobre tudo quando descobrir que Skyla escapou — respondeu à primeira.

Então essas duas Sirens também caçavam Skyla. As suspeitas de Orpheus quanto às verdadeiras intenções de Skyla, floresceram de novo, esticando o peito como um tambor.

— A partir de agora nós nos encarregaremos, Argonauta — indicou a primeira— Pode ir.

— Tem certeza? — perguntou Theron— Quero dizer, não quereria que… umas damas… se metessem em problemas por causa disso.

A segunda lançou um furioso olhar em sua direção.

— Vá embora agora, Argonauta. Antes que mudemos de ideia e decidamos que é melhor que você também morra.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Uma expressão sobressaltada atravessou rapidamente o rosto de Theron. Sustentou as mãos para o alto uma vez mais e se distanciou para o escuro bosque.

— Certo, certo. Indireta aceita. Boa sorte, senhoras.

Ele se perdeu de vista e, ao lado de Orpheus, Demétrius se esticou. Esse era seu sinal.

— Espere — sussurrou Orpheus.

A Siren com o cabelo multicolorido se inclinou sobre Nick e o empurrou até colocá-lo de costas. Quando ela viu seu rosto, xingou alto e claro.

Os olhos de Nick se abriram de repente.

— Isso não soou doce e sedutor.

Varreu com um chute as pernas da morena e ela aterrissou sobre seu traseiro com um ruído surdo. A primeira estendeu a mão para seu arco, mas Nick já estava em pé.

— Agora — disse Orpheus.

Ele e Demétrius lançaram o feitiço de ilusão, antes que a Siren pudesse jogar a flecha, multiplicando Nick cem vezes através de todo o campo.

— Merda — resmungou a primeira Siren enquanto movia o arco da esquerda para a direita, insegura de onde apontar.

— Não, obrigado — murmurou Nick, as bocas de todas as ilusões movendo-se para desorientar às Sirens— não estamos realmente de bom humor.

As Sirens olhavam de uma imagem de Nick à outra e logo à outra. Por último, sabendo que provavelmente estavam fodidas, baixaram as armas. Embora pudessem parecer abandonadas, Orpheus sabia que não estavam. Viu Skyla naquela posição mais vezes das que podia contar.

— Agora o resto — sussurrou Orpheus.

Ele e Demétrius se concentraram em seus poderes, convocando sua herança Medean. O cântico cresceu ao redor deles, repetindo no ar noturno. Lá embaixo, uma Siren perguntou:

— O que foi isso?

— Oh, só uma pequena surpresa — disse Nick com diversão na voz.

As vozes das Sirens se desvaneceram no nada, quando o cântico se tornaram mais forte e Orpheus e Demétrius recitaram o feitiço de desorientação em um frenesi. Quando por fim terminou, Orpheus abriu os olhos e observou a clareira, onde ambas as Sirens estavam tombadas de costas na grama, desmaiadas.

— Funcionou? — gritou Demétrius.

As imagens de Nick se desvaneceram quando sua concentração se quebrou, deixando só o verdadeiro Nick de pé no prado. Ele se ajoelhou perto da Siren de cabelo multicolorido e tocou um lado do pescoço.

— Sim. O pulso é forte. Embora esteja bastante certo que as duas terão uma dor de cabeça do caralho quando despertarem.

Orpheus desceu da colina e parou na clareira junto a Theron, que havia saído do meio das árvores.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Uma dor de cabeça é um eufemismo. Quando despertarem não se lembrarão nada, nem o que ocorreu aqui nem nada a respeito deste bosque. Embora eu gostaria de ter visto o rosto delas quando você se multiplicou. Eu adoraria jogar isso para a chefe delas.

— Não deseje coisas que na realidade não queira— respondeu Nick enquanto o SUV que Orpheus alugou em Kalispell, entrava na clareia junto deles e o mesmo mestiço que informou da presença das Sirens subia ao veículo— vai estar de saco cheio quando as encontrar.

— Aonde vai levá-las? — perguntou Orpheus.

— Aidan se dirigirá ao sul — respondeu Nick— Há um Titã que se faz passar por humano no Texas. Suponho que as deixaremos com ele. Ele gostará de torturar Zeus e Athena.

Nick olhou para Orpheus.

— Temos o que, vinte horas?

— Mais ou menos — respondeu Orpheus.

— Fácil — disse Aidan— Em vinte horas estarão vestidas, sãs e salvas e Zeus estará tendo um ataque de fúria, perguntando-se o que aconteceu.

Não era o único ataque que Zeus lançaria. Enquanto o jogo com as Sirens não podia ser atribuído diretamente à colônia ou a ele, Orpheus tinha o pressentimento que de algum modo isto o alcançaria. A merda sempre o alcançava.

Capítulo 14

Bateram na porta antes que Skyla pudesse decidir se ficava enquanto Maelea terminava sua ducha ou ia à busca de Orpheus.

Algo que realmente queria fazer.

— Entre — disse, com o estômago grunhindo quando se lembrou da comida que Helene prometeu enviar.

Uma loira magra entrou no quarto, sorrindo. Era pequena, de cabelo curto, desordenado e olhos marrons. Atrás dela chegou uma mulher de cabelo escuro, mais alta que a primeira. Nenhuma delas carregava a bandeja de comida que esperava Skyla.

— Eu estou feliz que ainda esteja aqui — disse a loira— Sou Isadora. Esta é minha irmã Casey. Viemos nos assegurar de que você tem tudo o que precisa.

Isadora… Casey… Os nomes eram vagamente familiares. Mas havia algo neles que não combinava com os outros colonos com os quais Skyla topou.

— Ambas são *Misos*?

— Eu sou — respondeu Casey— Minha meio irmã não. Ela é…

Os nomes, finalmente encaixaram e os olhos de Skyla se ampliaram.

— Rainha da Argolea.

Isadora juntou as mãos diante dela, e assentiu com a cabeça.

— Muito bem, Siren. Os deuses estão, evidentemente, a par do que acontece em nossa pequena parte do mundo.

É obvio que estavam. Tinham que estar. Havia toda essa coisa da autopreservação funcionando.

A parte baixa das costas de Skyla se esticou. Nenhuma delas usava armas, ao menos a simples vista, mas isso não significava que não fossem uma ameaça. O que estava fazendo a rainha de Argolea em uma colônia de mestiços?

Isadora entrou mais no quarto, parando perto do sofá da pequena sala de estar.

— Orpheus e Nick se foram com os outros. Retornarão logo.

— Os outros? — perguntou Skyla, sem mover de seu lugar perto da janela.

— Meu marido — Casey assinalou com a cabeça para a outra mulher— e o marido da rainha, ambos são Argonautas.

Bom, é obvio que eram.

— Nós viemos — assinalou Isadora— para falar sobre seu interesse em Orpheus.

Ah. Agora isto começava a ter mais sentido.

— Já que ele é um de seus guerreiros, meu interesse nele, obviamente, interessa a você.

— Sim — respondeu a rainha— Em grande medida.

— Orpheus não necessita que se preocupe por ele. Se você soubesse o que ele é, não estaria preocupada.

— Eu sei exatamente o que é ele — respondeu Isadora— E embora você possa ver isso como algo negativo, eu vejo como o contrário. Não vou permitir que ninguém, especialmente você, o destrua.

As últimas palavras da rainha desembocaram em um silêncio, uma ridícula advertência de uma criatura pequena que qualquer Siren ignoraria. Mas Skyla não a estava ignorando. Porque um só pensamento dava voltas pela mente enquanto olhava para rainha.

— Você se preocupa com ele.

— Sim. Embora ele não seja a pessoa mais fácil de se lidar…

— Pode repetir isso — murmurou Casey.

— …essa parte de si mesmo que guarda cuidadosamente presa não o define.

Seu lado daemon. A rainha estava falando de seu daemon, o que significava que sabia o que era ele.

— Isso o faz imprevisível — conseguiu dizer Skyla.

— A imprevisibilidade é frequentemente um ativo, sobre tudo em uma guerra do tamanho em que estamos presos. Apesar disso, Orpheus demonstrou seu vínculo com os antigos heróis mais vezes das que posso contar. Se fosse apenas o que você ou Zeus dizem que é ele, ele não se importa merda nenhuma, comigo ou com minhas irmãs ou com nosso mundo. E a verdade é, tanto faz se ele o admite ou não, ele se importa.

Um formigamento se estendeu através do peito de Skyla. E essa palavra, herói, crescendo mais e mais forte na cabeça cada vez que pensava em Orpheus, aumentava como o som de um trompetista estridente.

— Como?

— Desculpe-me?

— Como diabos importa? — o pescoço ficou quente e suado— Dê um exemplo.

Isadora olhou para sua irmã outra vez, e quando Casey assentiu com a cabeça, disse:

— Posso dar vários. Ele salvou minha vida. Salvou a vida de meu marido. Salvou a vida de nossa outra irmã e de seu filho Max. Junto com a ajuda de meu marido foi capaz de enviar Atalanta aos Campos do Asfódelos, o que nos dá a oportunidade de caçar os seus daemons e obter uma vantagem nesta guerra. Entretanto, nenhum desses é tão importante como a razão que estou a ponto de te dar.

O peito de Skyla se apertou. E com as palavras da rainha, todas as suspeitas que teve a respeito de Orpheus foram confirmadas.

Herói.

Aproximou-se da cama e se sentou na borda antes que as pernas cedessem.

— Faz três meses — seguiu a rainha— um Argonauta foi ferido em nosso reino por um poderoso bruxo que uniu forças com Atalanta. Gryphon, o irmão de Orpheus, sofreu uma tremenda explosão de energia durante essa briga, que o deixou débil e quase morto. Nossos curadores fizeram todo o possível por ele, mas não foi suficiente. Quando ficou claro que o corpo de Gryphon recuperou sua força, mas que sua alma estava morrendo lentamente, Orpheus renunciou a qualquer plano pessoal que tivesse para o Orbe de Krónos e o utilizou com Gryphon. Inclusive sem os quatro elementos, o Orbe tem poderes além de qualquer explicação. Mas a energia do bruxo destruiu o suficiente da alma de Gryphon, para que ele fosse capaz de tomar posse de seu corpo, enviando assim a alma de Gryphon aos infernos.

O Inframundo.

Oh deuses.

A respiração de Skyla se voltou rápida enquanto as intenções de Orpheus, o porquê dele estar procurando o Orbe de Krónos, de repente se fizeram evidentes. Estendeu a mão e agarrou a coluna do canto da cama, sabendo o que viria, inclusive, antes que a rainha o dissesse.

— Estou segura de que Zeus disse que Orpheus está atrás do Orbe pelo poder e a glória — os olhos de Isadora se voltaram duros— Mas não está. Está atrás do Orbe para assim poder aproveitar seus poderes e viajar aos infernos para salvar a vida de seu irmão. Uma vida que se sente responsável por perdê-la. Ele não vai admitir isso diante de você se perguntar. Nem sequer o admitirá diante de mim. E às vezes nem sequer estou certa de que pode confessar a si mesmo, mas isso não muda a verdade. O *ándres* que esteve aí cada vez que precisamos dele por qualquer razão é mais herói que a maioria em nosso reino. E ele é mais herói do que você ou eu poderíamos sequer aspirar a ser.

Herói.

A palavra estava outra vez ali, rugindo através da mente como um trem de carga.

— E quando você diz que é um Argonauta — continuou Isadora— você pode estar certa, agora, tenha razão, mas não foi por nascimento. Foi promovido pelos deuses para servir. Essas

marcas em seus braços? Só apareceram depois de que a alma de seu irmão menor foi enviada aos infernos.

— Siren? — perguntou Casey— Está bem?

Skyla engoliu profundamente. Tratou de assentir com a cabeça. Não estava segura se conseguiu.

Queridos deuses, ela estava certo. Zeus e Athena estavam mentindo para ela. Enganando-a, porque queriam o Orbe para si mesmos. Não para resgatar uma alma, como Orpheus, a não ser para assegurar-se que ninguém se voltasse mais poderoso que eles.

Herói.

A palavra absorveu todo o espaço vazio na cabeça, empurrando para o lado todas as últimas dúvidas que tinha a respeito de Orpheus por causa de seu daemon. O quer que ele fosse não mudou de propósito ou já não podia mais fazê-lo, não importava. Ainda era heroico, inclusive com o daemon.

— Você disse que ele estava com os Argonautas. — A mente de Skyla era uma nebulosa sopa espessa de mentiras longamente soltas e faladas com tanta facilidade— Por quê? Onde?

— Eles foram tratar com sua sombra — respondeu Isadora.

— Minha o quê?

— Duas Sirens a estavam seguindo há algum tempo — Casey deslizou o cabelo por cima do ombro— E essas duas não eram as mesmas que vieram a Argolea para solicitar a ajuda dos Argonautas, para localizar o bruxo que tem o Orbe.

A cabeça de Skyla se lançou para cima.

— As Sirens de minha ordem foram até vocês?

— Sim — disse Isadora—. Posso entender por sua reação, que isso é novo para você?

Problemas. Enormes problemas. Sim. Skyla ainda tinha que se comunicar com Athena como se supunha que deveria, mas se a chefe de sua ordem já enviou Sirens para segui-los e também a Argolea para solicitar ajuda, isso significava que desde o início nunca acreditaram em Skyla. Também significava que se Skyla não continuasse adiante com as ordens e matasse Orpheus, como Zeus queria, seu futuro com as Sirens chegaria a um dramático final.

É obvio, talvez esse fosse o plano desde o começo. Uma rápida suspeita arraigou na parte inferior do estômago enquanto se agarrava ao colchão. Talvez Athena designou Skyla para que falhasse desde o começo.

O dever de uma Siren é um que está destinado a ser atendido, completo, então, logo abandonado e nós nunca tivemos a intenção de que servisse durante tanto tempo.

A realidade foi uma bofetada, rápida e forte na cara. Athena dissera as palavras claras como o dia, e Skyla as ouvira, mas não percebeu seu significado.

— Siren? — perguntou uma vez mais Casey— Tem certeza que está bem? Parece um pouco verde.

Não, Skyla não estava bem. Nem perto de estar bem. Porque, de repente, esta não era outra das milhares de missões às que Zeus a enviara em sua longa vida.

Desta vez, ela era a presa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Capítulo 15

Hades se encontrava em um estado de ânimo terrível. Seus cães infernais fracassaram. Os exploradores os encontraram nas montanhas de Montana com flechas de Sirens atravessando seus corações.

Orpheus, a Siren e a mancha, Maelea, não podiam ser encontrados. Nem sequer se conservou um rastro deles.

Ele deu uns golpes com seus largos dedos contra o intrincado braço de seu trono enegrecido e esperou que Orcus trouxesse notícias. Sim, perdeu o rastro de Maelea, mas isso não queria dizer que ficasse sem opções. Ele era o Senhor do Inframundo, porque antecipava o próximo movimento de seu inimigo. E nunca errava.

Se Atalanta estava tramando algo na Sin City com seu pai, Krónos, e a alma do Argonauta Gryphon, significava que seu plano de fuga era iminente. E se prometia a Krónos o suficiente, seu fodido pai mentiroso diria exatamente onde podia ser encontrado o Orbe. Apesar de Krónos estar encerrado no Tártaro, estava conectado à essa maldita coisa. Sabia todos seus movimentos no reino humano.

Hades passou uma mão pelo queixo. Uma vez que Atalanta se liberasse, do que precisaria? Seu exército de daemons se dissolveu quando foi enviada aos Campos do Asfódelos. Agora vagavam pela terra em segredo, causando estragos, mas já não estavam organizados, graças aos Argonautas. Ela não podia confiar neles. Precisava da ajuda de seu escravo para localizar o Orbe. E uma alma precisa de um corpo, para ter alguma utilidade no reino humano. Acariciou a barba no queixo. O corpo do Argonauta Gryphon ainda estava vivo, não estava? Possuído por esse bruxo, Apophis.

Apophis...

A mente de Hades retornou ao seu último enfrentamento com o bruxo. No templo de Deméter na ilha de Pandora. O feiticeiro estivera tentando tomar o elemento terra de Isadora. Hades interveio, querendo o elemento para si mesmo. Olhando para trás, deu-se conta que havia algo diferente em Apophis nesse dia. Não só o recém-adquirido e *melhorado corpo*, além de uma força que o envelhecido bruxo não deveria ter possuído no reino humano, inclusive na pele do jovem Argonauta.

— Filho da puta.

Hades se levantou do trono. O feiticeiro tinha o Orbe. Tinha o tempo todo. E Hades esteve tão concentrado em conseguir o estúpido elemento da pequena rainha, que não percebeu.

Voltou em um lento círculo. Imaginando a sua amada esposa. Perséfone sabia, é óbvio. Durante o mês que teve acesso ao poder de predição de Isadora, graças à oferta que fez então à princesa para salvar a vida de sua irmã, Perséfone foi capaz de ver onde se escondia cada um dos elementos e o Orbe. Foi assim que ele soube que Isadora encontraria o elemento terra em

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

primeiro lugar. Mas sua mulher se esqueceu de mencionar o Orbe. O Orbe que ela, sem dúvida, sabia que estava com Apophis neste momento.

— Essa moça traiçoeira...

— Estou certa de que não se refere à mim.

Hades se voltou para encontrar uma das Destino sentada em seu altar, com as pernas cruzadas, a diáfana toga pendurando de seu ágil e estragado corpo, flutuando chão enegrecido. O incomodo pela interrupção e o ódio amargo pela criatura que arruinava sua vida, competiam por sua atenção.

— Você é uma moça de outro tipo.

Lachesis sorriu, a cadela, mas se desvaneceu rapidamente quando disse:

— E você violou nosso acordo.

Ele apoiou as mãos sobre os quadris. Ela estava falando de seu precioso herói. Como se Orpheus importasse alguma merda neste momento.

— Eu não fiz tal coisa. A doninha ainda está viva, não?

— Sim, não graças a você — levantou a cabeça— Hades, não deveria ter que lembrar isso; não pode enviar cães infernais para matá-lo. Fizemos um trato.

— Meus cães infernais são os que estão mortos.

— E com razão. Mas isso não muda o fato de que tratou de destruí-lo. E já que estou nisso, lembro que não pode matar Maelea também.

Não me diga, o que atrapalhava ainda mais. Deixou-se cair de novo no trono e olhou além dela para uma janela, irritado à enésima potência por ter que lutar com sua merda. Todos os deuses odiavam às Destinos, mas nenhum mais que ele. Especialmente à ela, porque vinha aqui com condições que nenhum imortal deveria ser capaz de exigir, sobretudo em seu maldito reino.

— Eu não estava atrás da fodida mancha.

Ela s desceu do altar, flutuando sobre o chão. Uma criatura pequena em quem gostaria de bater eternamente. Só que não se atrevia. Porque gostasse ou não, as Destinos eram mais fortes que qualquer deus. Não anjos caídos como ele e os outros deuses, mas autênticas. A mão direita do Criador... faxineiras.

— Você tem medo que ele tenha sucesso.

Ele zombou. Não tinha medo de que Orpheus fosse ter êxito. Simplesmente não queria que o idiota arruinasse seus planos para o Orbe antes que o suposto herói falhasse espetacularmente.

Desviou o olhar da janela para ela.

— Seu precioso herói não terá êxito em nada. Não importa o que eu faça, suas verdadeiras características se revelarão logo. Uma alma não pode ser trocada. E uma negra é negra por toda a eternidade, Lachesis. Sei melhor que ninguém.

— Nem sequer o daemon com o qual o amaldiçoou o mudou por completo, Hades. Ainda há bem nele.

— Muito pouco. Não nos esqueçamos de que roubou o elemento ar de Zeus em primeiro lugar. Isso em sua segunda oportunidade de vida, uma oportunidade que insistiu que merecia, e ele fodeu com o Orbe mais vezes das que posso contar. Pode ser que pareça que está fazendo o

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

bem, mas só para si mesmo. E assim que ele encontrar o Orbe de novo, verá o pouco de bem que fica nele.

Ela sustentou o olhar dele por um longo momento, um olhar que fazia ferver o sangue nas veias e sonhar com a vingança. De conseguir pôr as mãos no Orbe de uma vez por todas e mostrar o verdadeiro significado do poder e do ela que poderia fazer com sua intromissão.

— Não envie seus cães atrás de Orpheus de novo — advertiu— Os destruirei se o fizer. E em vez de preocupar-se por meu herói, talvez devesse dirigir sua atenção para sua esposa. Ela conspira contra você.

Um sorriso malicioso franziu a boca.

— Sei. Não é legal?

Lachesis não respondeu. Só se desvaneceu em um nada, até que estivesse uma vez mais sozinho em seu templo.

Seu humor morreu. Por muito que admirasse a crueldade de Perséfone, sua própria esposa não o venceria neste jogo.

— Orcus! — levantou-se do trono de novo enquanto os planos e opções açoitavam como um tornado sua mente— Onde está esse pequeno bastardo?

No momento em que Orcus arrastou sua perna para dentro da sala, Hades passeava pelas pedras enegrecidas, pensando em cada passo.

— Sim, meu senhor.

— Encontre a minha esposa.

— Mas Maelea…

— Se esqueça da mancha por agora. Estou mais preocupado pelo que está tramando Perséfone. Encontra-a, segue-a e me informe de todos seus movimentos.

— Acredita que sabe algo, meu senhor?

— Acredito que ela sabe tudo. E enquanto está nisso, inteire-se do que Tantalus descobriu em Sin City. Quero saber o que meu pai está tramando com Atalanta.

— Sim, meu senhor.

A criatura baixou a cabeça, deslizando para fora da sala. E sozinho, Hades apertou a mandíbula. Não deveria ser tão difícil manter a todos na linha. Todos estavam conspirando contra ele, lutando pelo controle de algo que nenhum deles merecia. Seu pai, seus irmãos, as Destinos... inclusive sua preciosa e pequena esposa.

É obvio, toda essa conspiração e acordos por trás da cena fariam que fosse ainda mais agradável quando finalmente tivesse o Orbe, não é mesmo? E quando todo mundo, incluindo as intrometidas Destinos, finalmente se inclinarão diante dele para sempre.

Era depois de meia-noite, o momento em que Orpheus retornou de novo à colônia. Esperava que Maelea e Skyla estivessem deitadas em alguma parte, mas não se importava em ter que tirar a Siren de um sonho profundo. Ela teria que dizer que diabos estava acontecendo.

Isadora e Casey estavam sentadas no grande salão no quinto andar do castelo bebendo chá, quando ele e outros saíram do elevador. Enormes pilares de pedra se elevavam ao redor do salão,

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

que os separavam do corredor. O rosto de Isadora se iluminou quando viu Demétrius atrás de Orpheus.

— Como foi?

— Bem — respondeu Nick.

— Fácil — sorriu Theron, caminhando ao redor do sofá para se sentar no braço perto de Casey e puxá-la para si. Ela sorriu e se inclinou enquanto o beijava na têmpora— Essas Sirens não têm nem ideia do as atingiram.

— E estamos certos de que Zeus não as mandaram de novo para nós? — perguntou Isadora.

— Nada é cem por cem certo, *kardia* — disse Demétrius, sentado na cadeira junto a ela— mas essas Sirens não vão se lembrar de nada. Embora quando despertarem... — Sua voz se apagou enquanto olhava Nick.

— Quando despertarem o que? — perguntou Isadora.

Nick arranhou a parte posterior da cabeça e disparou a seu irmão um olhar de *mantenha sua boca fechada.*

— Nada. Só se perguntarão que demônios aconteceu, isso é tudo.

— Por que tenho a sensação de que há algo que não me estão dizendo? — questionou Isadora.

Porque que havia. Nick não informou a Isadora que seus moços deixaram as Sirens com um Titã. Apesar de que alguns não foram condenados ao Tártaro com outros no final da Titanomaquia[33] e ainda vagavam pela terra, Zeus os odiava com paixão. Se Isadora soubesse que deixaram a Sirens com um deles, simplesmente para ferrar o Rei dos Deuses, não ficaria feliz. De fato, estaria furiosa. Orpheus não se colocaria no meio disso.

— Onde está Maelea? — perguntou.

— Em cima — Isadora deixou seu chá na mesa de café— Dormindo.

— E a Siren?

— Disse algo sobre que necessitava de ar — respondeu Casey.

A incredulidade percorreu Orpheus.

— Deixou-a sair?

— Não — Isadora ficou de pé— Ainda está aqui. Os guardas sabem que devem mantê-la sob vigilância.

— Tome o elevador até o último andar — disse Nick a Orpheus— Há uma série de cúpulas e torres no extremo sul, que ninguém usa por causa do vento. Se quer privacidade, aí é onde a encontrará. Vou verificar com os guardas e me assegurarei que não tenha feito nada divertido.

Esse pensamento não deixou Orpheus tranquilo. Tomavam medidas quando forasteiros visitavam a colônia, medidas para assegurar-se de que não pudessem encontrar o caminho de volta. Skyla não podia ir por sua conta a menos que a escoltassem para fora. Mas, conhecendo-a,

[33] *Na mitologia grega, a Titanomaquia ou Guerra dos Titãs (em grego: Τιτανομαχία), foi uma série de batalhas ao longo de 10 anos, que foram travadas na Tessália entre os dois campos de divindades muito antes da existência da humanidade : os Titãs, com base no Monte Othrys, e os Olimpianos, que viria a reinar no Monte Olimpo.*

se de repente tivesse decidido escapar, poderia ter seduzido um desses estúpidos guardas para se libertar. E eles cairiam sob suas habilidades sedutoras infernalmente mais rápido do que ele caiu.

Orpheus, apertou a mandíbula, voltou-se para o elevador. A voz de Nick o parou.

— O que vai fazer com ela?

Orpheus apertou o botão de chamada.

— Me liberar dela de uma vez por todas.

Nick cruzou os braços sobre o peito.

— Se decidir deixá-la viver, assegure-se de que não possa encontrar o caminho de volta aqui. E se não o fizer... limpe a desordem.

Orpheus não respondeu enquanto a porta do elevador se abria. Do interior da cabine, ouviu Nick dizer:

— Então isso significa que todos estão indo embora, não é verdade?

— Não — respondeu Isadora— Ao menos por esta noite, ficaremos.

Fodidamente fantástico.

Justo o que necessitava Orpheus. Quanto mais rápido obtivesse a informação que necessitava de Maelea, mais cedo poderia sair daqui, para longe de todos eles. Mas antes tinha que enfrentar à Siren.

Tomou o elevador até o décimo andar, como Nick indicou, e saiu para um espaço vazio. Diferente dos outros andares, este era nada mais do que chão de pedra e colunas de grande altura, vazio de móveis e tapetes. Uma parede de janelas aparecia na escuridão.

Cruzou a longa sala, empurrou as portas de arco, e saiu para o frio. Uma rajada de vento levantou o cabelo da frente, e um calafrio percorreu as costas. Encolhendo-se na magra jaqueta, procurou no plaino e vazio terraço, coberto de uma fina capa de neve que se estendia para a ala sul. Nenhum movimento chamou a atenção. Nada parecia fora do normal. Afinou seu sentido daemon, o qual, por sorte, ainda funcionava, e não captou nada. À direita viu um conjunto de degraus que se perdiam na escuridão.

A Siren tinha que ir embora. Não importava que fosse mais ardente que o pecado. Ou que se sentisse conectado à ela em um fodido plano estranho. Era uma distração com a qual não podia lidar.

Os degraus de pedra se curvavam para cima. As botas rangiam sobre a neve enquanto saltava os degraus para chegar ao topo. Parou quando viu Skyla de pé através do pequeno terraço, olhando para a escuridão, com uma expressão de transe em seu perfeito rosto.

Deuses, era linda. Inclusive de saco cheio e disposto a terminar com ela, não podia negar esse fato.

Por um segundo pensou que estava adormecida. Mas logo percebeu que não podia ser. Não de pé e erguida com os olhos abertos. Deu um passo mais na terraço e outra rajada de vento deu uma bofetada no rosto, enviando calafrios pela pele. O cabelo de Skyla voou para longe de suas bochechas, mas nem sequer estremeceu pelo frio.

Seu desconforto a respeito dela e suas irmãs Sirens voltou multiplicado por dez. Junto com sua estupidez por não tê-la atirado à sarjeta quando deveria tê-lo feito.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Obtendo novas ordens da nave mãe?

Ela se sacudiu em sua direção.

— Orpheus.

Por que demônios gostava quando ela dizia seu nome com essa sexy voz de Siren? Era tão fodidamente iludido que nem sequer era divertido. Apertou os dentes.

— E então? Zeus deu o aval para me usar como agulheiro com essas luxuosas flechas ou se supõe que deva esperar até que obtenha o Orbe?

Uma expressão de culpabilidade se precipitou em seu rosto. Era a primeira vez que mencionava o Orbe. Ambos sabiam o porquê dela estar aqui, mas nenhum, parecia, queria admitir.

Bom, Merda. Isto terminava aqui. Esta noite. Sem mais jogos.

— Eu... — suas botas de plataforma rangeram sobre a fina capa de neve enquanto dava um passo para ele. Desfeito dos protetores do peito e braços, deixando só uma camiseta de algodão fina e uma ligeira jaqueta negra até seus quadris que dava lugar a uma entalhada calça negra envolvendo suas pernas — Não falava com Zeus. Ou com Athena. Na realidade, ela não me responderia. Estava... pensando.

Sim, claro.

Deu outro passo para ele, com a expressão cautelosa. Ela obviamente sentia sua animosidade. Isso, ou os olhos estavam brilhando, assinalando que seu daemon rondava perto. Só que não parecia como se os olhos brilhassem. E embora seu daemon estivesse ali, não era tão proeminente como de costume.

— A Rainha Isadora me disse que você e outros foram afastar as Sirens de nosso rastro.

Isa falou com ela? Fabuloso. Tudo o que ele precisava.

— Preocupada com elas?

— Não, podem cuidar de si. Estão bem treinadas.

— Reforços? — perguntou— Para quando eu decidir te matar?

Outra expressão de culpa se precipitou em seu rosto, antes que afastasse o olhar. Pela primeira vez percebeu a colocação dos móveis na terraço. Algumas espreguiçadeiras perto do que parecia ser uma sala de vidro. No interior podia ver formas, como outros móveis armazenados para protegê-los do frio.

— Talvez — disse— mas não acredito que tenham sido enviadas por isso.

Orpheus prestou de novo atenção, cruzando os braços sobre o peito. Lembrando-se a si mesmo que não estava aqui para desfrutar da paisagem. Estava aqui em busca de respostas. E para desfazer-se dela.

— Então por que as enviaram? Acredito que é hora de que deixe de merda comigo e falemos claramente. Nós dois sabemos que quer o Orbe. Nós dois sabemos que Zeus a enviou. O que quero saber é por que enviou a outras Sirens para nos seguir.

Mordeu o lábio, o primeiro gesto abertamente nervoso que a viu fazer desde que se conheceram. E um fio de inquietação se instalou no ventre.

— Enviou-as porque não confia em mim.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— E por que não confia em você?

— Porque não é estúpido — murmurou.

Estava a ponto de perguntar o que merda quis dizer com isso quando deu outro passo para ele, desta vez com olhos decididos. Olhos que diziam que havia passado à ofensiva.

— Não fui escolhido pelos deuses para se converter em Argonauta. Só obteve essas marcas quando seu irmão morreu.

Ele esticou a coluna vertebral. E a lembrança do que aconteceu a Gryphon passou através dele como um furacão, enlaçando apertadamente o que ficava dentro do peito até que foi difícil respirar.

Essa maldita Isadora.

— Eu já estava suspeito que fosse atrás do Orbe por algo diferente do que me disseram, mas agora sei a verdade. Quer o Orbe para salvá-lo não é isso?

Por que se movia para ele? Deu um passo atrás.

— Não sei do que está falando.

— Sim, sabe. Está tão acostumado a trabalhar sozinho, que prefere que todo mundo siga pensando que é um filho da puta procurando seu próprio benefício, do que saibam que está tratando de fazer algum tipo de bem.

Não estava tratando de fazer o bem. Simplesmente estava tratando de corrigir um engano que não deveria ter ocorrido. Seu irmão era o herói, não ele. Fazia mais merda em sua vida que a maioria. Ele era o que merecia estar no Tártaro, não Gryphon. Tudo o que Gryphon fazia era tratar de fazer do mundo um lugar melhor.

— Não vou ter esta conversa com você. Pode acreditar em qualquer estúpido conto de fadas que deseje. Só vim aqui para dizer que é hora de você ir embora. Maelea fica aqui e suas amigas Sirens se foram. Levarei-a de volta ao bosque, mas a partir daí está por sua conta.

— Deixará eu ir? De qualquer jeito? Seus amigos não temem que diga a Zeus e outros onde se encontra a colônia?

— Assegurarei de que não se lembre — se voltou para as escadas e começou a descer.

— Vamos.

— Não, não voltarei.

Quando ele olhou sobre o ombro, captou o desafio em seus olhos.

— Vou com você ao Inframundo.

— Está mais alta que um cometa[34] — deu um passo para baixo, fez um gesto com a mão de *vamos*— Mova o traseiro, Siren. Não tenho o dia todo.

Não houve nenhum som atrás dele. Voltou a olhar através do terraço. Ela esta de pé no meio do espaço com os braços cruzados sobre seu peito e suas botas separadas na largura de seus ombros dizendo muito claramente *me obrigue*.

— Tem medo de que na realidade possa necessitar da minha ajuda, daemon?

[34] *Expressão idiomática para dizer que ela está drogada, chapada.*

— Não preciso de ninguém. E eu tenho um inferno de certeza que não confiaria em você se precisasse.

— Não, não confiaria, não e verdade? É por isso que mudei Maelea. Ou me leva com você ou pode passar as próximas duas semanas procurando-a neste mausoléu.

Ele se moveu de novo para o terraço.

— Não, você não fez isso.

— Pense de novo, daemon. Maelea sabe que as pessoas aqui na realidade não a querem. Ficaria feliz em um buraco no chão se isso significasse não ter que enfrentar eles. Acredite em mim quando digo que ela está encerrada sã e salva em alguma parte deste castelo com comida e água suficiente, que deverá durar várias semanas pelo menos.

Havia suficiente regozijo nos olhos dela, para perguntar se fez exatamente o que afirmava.

— Por que, pequena…?

Um sorriso vitorioso atravessou em seu rosto perfeito.

— Ah, isso eu gosto mais. Você já percebeu que seus olhos já não se ficam mais verdes quando está de saco cheio?

Ele teria mais sorte seguindo sua linha de pensamentos se estivesse falando em um idioma estrangeiro. Tudo o que sabia é que estava fodendo com os planos. Fodendo também com a cabeça, permanecendo ali parecendo magnífica, desafiante e com uma mudança total de comportamento.

Cruzou o pátio, parando diante dela. Utilizou o tamanho e a força como fator de intimidação.

— Me diga onde está ela.

Ela franziu o lábio.

— Mm, acredito que não. Diga-me que vai atrás de seu irmão.

Maelea estaria tremendo em seus sapatos. Mas Skyla não. Não, gostava do enfrentamento.

— Siren, não estou com humor para jogos.

— OH, mas você gosta dos jogos. É por isso que me reteve durante todo este tempo. Isso e o fato de que não pode me fazer mal se tentar. Tem muito honra para fazer algo assim.

— Não há honra em mim.

— OH sim, daemon. Sim há. Muito mais do que pensa.

A pouca paciência que tinha, acabou. A necessidade de provar que era nada mais que o monstro que vivia dentro, borbulhando pela restrição.

Agarrou-a pelo bíceps, de maneira que grudou suas costas contra o peito, e a manteve imóvel.

Surpreendida, conteve o fôlego mas não brigou.

— Terminamos os jogos — soprou em sua orelha— Sua utilidade acabou. Se não quiser se machucar, você me dirá onde está Maelea. E então você fará como eu disse e irá embora daqui para sempre.

Seu corpo tremia contra o seu, mas ele sentiu que não era só medo que causou o estremecimento pelas costas. Era excitação. Um aroma, perverso, retorcido, uma excitação que

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

provocava sua própria necessidade depravada. Uma necessidade que bloqueava com força cada vez que estava perto dela.

— Vá em frente — sussurrou ela, pressionando aquele lindo traseiro contra seu pênis— Me machuque. Eu o desafio.

Capítulo 16

Skyla deveria estar com frio. Estivera de pé neste terraço gelado, durante os últimos vinte minutos. Mas tudo o que ela aprendera esta noite, adicionado com o que já sabia, misturou-se com o calor do guerreiro às suas costas, para alimentar o fogo nas veias.

Ela o quis desde o começo. Antes que soubesse quem era ele. Antes que percebesse sua conexão. Antes que descobrisse que sua alma não era negra, como fora induzida a acreditar.

Ela o quis no momento em que o viu naquela multidão.

Foi atraída pelo perigo. Pela incerteza. Pela forma em que ele dizia ao mundo *foda-se*, como se ele vivesse a vida sem limites. Sim, houve momentos quando vislumbrou Cynurus nele, mas o homem que antes fora, não era quem a atraía agora. O que a cativava era o homem no qual ele se converteu, com daemon e tudo. Em algum ponto, durante seus longos anos, cuidadosamente ordenados, ela se esqueceu qual era a sensação de viver. Esqueceu o que era querer. Ele o trouxera de volta para ela.

Orpheus.

O coração saltou duas vezes enquanto pressionava os quadris de novo contra sua virilha outra vez, gracejando com o que sabia que ele esteve observando desde que se conheceram.

— Não tem isso em você daemon? Não me diga que na hora da verdade, é todo bate-papo.

— Está tratando de me seduzir outra vez, Siren. É muito fácil para você, especialmente quando está metida em uma confusão.

Os dedos dele roçaram o seu seio. Ela respirou fundo enquanto o calor penetrava na pele.

— Mas fui tentado o suficiente. Ambos sabemos que não tem a intenção de chegar até o final.

Entretanto, desta vez tinha. Desta vez não se tratava de conseguir o que Zeus queria. Tratava de conseguir o que ela queria.

— Daemon...

Agarrou o ombro e a girou para enfrentá-la. Antes que ela se equilibrasse, levantou-a do chão e a lançou sobre seu ombro.

Ela pressionou as mãos na cintura de suas costas, tentando se levantar.

— Okay, ponha-me no chão.

Suas botas ressonaram enquanto cruzavam o alpendre.

— Quer descer?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele a lançou de seu ombro. O ar frio percorreu a coluna vertebral. Um ofego obstruiu a garganta enquanto parecia cair. A escuridão a rodeou, e por um segundo não estava segura de que não a jogasse sobre a balaustrada. Então as costas bateram em algo suave e frio como o gelo, e compreendeu que a deixou cair em uma das espreguiçadeiras deixadas aqui à intempérie. A capa magra de neve gelada emaranhou-se no cabelo e enviou calafrios pela coluna vertebral. Tentou empurrar para cima, mas ele montou escarranchado sobre o corpo antes que ficasse em pé e agarrou as duas mãos, empurrando bruscamente sobre a cabeça contra o respaldo da cadeira, imobilizando-a no lugar.

Ele se inclinou para perto, seu fôlego acariciou a orelha dela esquentando a pele fria, suas coxas roçaram o exterior dos quadris enviando estremecimentos de deleite diretamente à virilha.

— Acredito que talvez seja hora que troque de lado. Ver como é ser a presa em lugar do caçador.

O sangue esquentou diante da imagem que ele pintou, e qualquer pensamento de contra-atacar fugiu da mente.

— Planejando me seduzir, daemon?

Seus dentes se fecharam sobre o lóbulo.

— E então te deixar quente e úmida.

OH, ssssimmmm.

Seus beijos na pele sensível atrás da orelha, abriram caminho pelo pescoço. A antecipação enroscou no estômago. Era suficiente dizer pela maneira em que mordiscava a carne, que ele estava bem e verdadeiramente de saco cheio, mas não doía. E se seu plano era vingar-se, estava fracassando miseravelmente. Porque isto era exatamente o que queria.

Ele aprisionou as duas mãos dela com a sua e deslizou a outra pelo torso para acariciar o seio. Enquanto seus lábios e seus dentes continuavam seu assalto no pescoço, arqueou-o para trás, oferecendo tudo o que quisesse. Sua boca se imobilizou contra a pele, sua mão vacilou sobre o peito. Sabendo que acabava de surpreendê-lo, os lábios dela se curvaram em um sorriso satisfeito. Então ele agarrou a camiseta pelo decote e puxou, rasgando-a completamente em duas até a cintura.

Ela ofegou. Lutando por debaixo do abraço dele. O ar gelado percorreu o torso. Em um movimento impaciente, ele arrancou o broche dianteiro do sutiã, liberando os seios. Os mamilos se endureceram sob o ar frio e os calafrios a percorreram.

— Orpheus…

Ele liberou o sutiã, estirou-o sobre o lado do assento. Quando sua mão retornou ela divisou o punhado de neve e os seus olhos se arregalaram.

— Orpheus...

— Fria ou acesa. Vejamos qual dessas você é.

Ele formou uma bola de neve. O estômago afundou enquanto a aproximava da pele. Contendo o fôlego, deu uma olhada em seus olhos cinza e viu o brilho de uma excitação oculta atrás de seu olhar matreiro. Sem verde. Sem daemon. Só um ardor que superaqueceu o sangue uma vez mais.

Ela mordeu o lábio e viu como ele roçava a bola de neve contra a parte inferior do seio, então lentamente rodeou o mamilo. A sensação de frio provocou arrepios por todo o corpo. A neve estava tão fria que alfinetes de dor apunhalaram a carne mas rapidamente derreteram contra o calor, criando um rastro líquido que deslizou pelo peito nu para pulverizar o frio e a umidade pelo ventre.

— Acredito que você gosta disto, Siren.

Ela gostava. Muito mais do que podia esperava. O círculo se voltou menor até que a sensação de fria umidade roçou o mamilo, enviando fragmentos de prazer diretamente à virilha. Mordeu mais duro o lábio para se abster de gemer, deixou cair a nuca contra o assento, e fechou os olhos. Arqueando as costas outra vez. Oferecendo-se até mais.

Ele riu longamente, moveu a bola de neve para o outro seio, repetiu o círculo, tentador, a sensação de umidade e calor. Apanhada entre o tortura e o êxtase, Skyla elevou os quadris e gemeu quando sentiu sua ereção suspensa bem sobre ela.

— OH, não, não, não. Não está encarregada disto, Siren.

Ele se afastou. Soltou as mãos. O tecido roçou os quadris.

O ar frio banhou as coxas. Ela olhou para o céu cintilante no alto enquanto ele puxava a calça para baixo pelas pernas, expondo cada centímetro dela.

Sim.

Empurrou-se sobre os cotovelos, agradecida de que a calça fosse elástica para poder estender as coxas e deixar espaço. A luz da lua banhava o cabelo grosso e os ombros largos dele. Ele ainda usava a jaqueta magra de antes, provavelmente estava quente e cômodo dentro de sua roupa, enquanto ela estava à intempérie tremendo, mas não se importava. Já que o forte desejo no olhar dele era bastante para esquentar, sem importar-se com o frio que a noite trouxesse com ela.

— Nunca usei gelo em você — assinalou.

— Tem frio? Imaginei que para uma princesa de gelo como você, isto não seria nada novo.

Uma espetada de ofensa atravessou o peito, mas a afastou para o lado, porque outra vez tinha razão. Foi uma princesa de gelo. Durante muito tempo. Mas isso mudou agora.

Ele arrastou a neve derretida para baixo do ventre para o topo de seu montículo. Ela inalou de repente quando o gelo raspou a sensível carne entre as pernas. A água fria gotejou abaixo da pele superaquecida, para a piscina debaixo do traseiro contra a almofada congelada. E embora dissesse a si mesma que sua retorcida tortura não estava excitando-a, sabia que estava. O frio e o calor lutavam com o prazer e a tortura enquanto ele arrastava o gelo sobre o clitóris uma e outra vez e sacudidas elétricas se prendiam na virilha, com um calor que não percebera que esteve sentindo falta. Deixou cair à cabeça para trás e fechou os olhos, desta vez cedendo às sensações e gemendo enquanto elevava os quadris. Ele continuou o assalto no clitóris com o gelo, mas seus dedos quentes deslizaram mais abaixo, contra a carne tremente, então finalmente dentro dela onde mais queria.

— OH, sssssimmm.

Os cotovelos cederam. As costas aterrissara contra a almofada agora úmida. Gemeu, entregou-se a ele completamente, mas rogando por mais. Acariciou o clitóris com o gelo, procurou mais profundamente com seus dedos até que tudo o que queria era mais.

— Definitivamente gozando.

Retirou, pressionou de retorno com um segundo dedo. Ela ofegou diante da sensação premente e pressionou os quadris contra suas carícias. Em algum ponto o gelo deve ter derretido porque sentiu seus dedos quentes contra o clitóris, em agudo contraste com o frio, mas chegou muito longe para que se importasse como ou com que a estivesse tocando. Estava à beira de um orgasmo. À beira de um orgasmo incendiário, que há muito tempo não a rondava por estar fora de alcance.

Pouco antes que ela explodisse, ele se retirou. O ar fresco deslizou pela pele outra vez, e a almofada se afundou aos lados. Abriu os olhos, antecipando ele subindo sobre ela para tomar e provar, só que quando levantou o olhar estava em pé, olhando-a fixamente com uma expressão de auto satisfação. Uma que prestava a vitória e resplandecia de desconfiança.

— É boa, Siren, mas não é tão boa. — tirou a jaqueta e a lançou para ela— Junte suas coisas e se reúna comigo no grande salão. E tenha certeza que a garota Ghoul[35] esteja exatamente onde se supõe que tenha que estar.

Afastou dois passos antes que o congelado cérebro entrasse em funcionamento e o instinto se encarregasse, onde a lógica deveria ter reinado.

Ela ficou em pé num instante, puxando a calça de volta para cima, as botas ressonando sobre as pedras frias debaixo dos saltos enquanto jogava a jaqueta dele ao chão. A camiseta rasgada batia contra os lados enquanto ela agarrava o braço dele, fazendo-o girar de novo para enfrentar a ela. A surpresa brotou nos olhos cinza dele, seguido por um disparo de cólera que esticou seu rosto, mas não a intimidou. Havia visto suficiente dele nos últimos dias, para saber que inclusive com seu daemon, tinha muito honra para fazer mal à uma mulher. Inclusive à uma que foi enviada para matá-lo.

Ela deu um passo mais perto antes que pudesse impedir, girou a seu redor para ter suas costas contra o peito dele, segurou seu antebraço, e desviou seu centro de gravidade para trás, levantando-o do chão e lançando-o sobre o ombro para aterrissar na espreguiçadeira em que ele acabava de segurá-la.

Ele aterrissou com um grunhido. As pernas da espreguiçadeira se quebraram debaixo de seu peso e um som de madeira estilhaçando-se ecoou através do alpendre.

Ela arrancou a camiseta destroçada, inclinou-se para frente, e a deixou cair sobre seu peito.

— Sou muito boa, daemon. — deslocou-se para a porta e fez uma pausa com os dois no trinco, olhou de novo sobre o ombro com seu melhor olhar de: *eu o desafio*— E está errado.

[35] *O ghoul é um monstro folclórico associado com cemitérios e que consome carne humana, comumente classificado como morto-vivo. Na mitologia árabe (na língua árabe, literalmente, significa demônio), sua origem, é um monstro canibal que habita debaixo da terra e outros lugares desabitados. O nome de origem da criatura significando demônio. O ghoul é uma espécie de gênio diabólico árabe que muda de forma. Geralmente é traduzido para o português brasileiro como carniçal. Resumindo para forma coloquial brasileira seria algo para Zumbi. Lógico que o Orpheus está brincando com a coitada da Malea...*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Desta vez tenho a intenção de seguir adiante. A pergunta é: se for ou não o suficiente homem para ocupar disso.

O quarto era hexagonal. Quatro paredes eram sólidas, duas em cada extremo. As duas paredes longas no meio eram só de vidro, separadas por grossas vigas de madeira intrincadamente esculpidas. Uma ampla arcada de madeira sobre cada janela se elevava espetacularmente dois andares até o pico do telhado.

Havia mais móveis de jardim aqui dentro, encostados contra os extremos mais afastados das paredes e ao que parecia uma porta. Armários mal combinados e mesas de madeira que estavam amontoados contra uma parede de vidro. Uma chaminé enegrecida e prateleiras vazias de livros ocupavam um espaço do outro lado da sala, e uma série de caixas que não estava marcadas, foram colocadas contra a chaminé como se tivessem sido deixadas ali e esquecidas.

— Seguir em frente, né?

A voz de Orpheus ecoou até a entrada. Comichões de antecipação percorreram a coluna vertebral enquanto dava a volta. Ele estava de pé nas sombras, uma mistura ameaçadora de calor e necessidade que soube que a seguiria.

— Não estará jogando comigo outra vez, ou está Siren?

Ela apoiou as mãos sobre os quadris, ampliou um passo para formar o que sabia que era um V muito atrativo com a parte inferior do corpo. O ar frio contraiu os mamilos, a luz da lua acentuava as curvas. Inclinou a cabeça e ampliou um muito sexy sorriso de Gato Cheshire[36].

— Eu? Terminei de jogar. O que tem você, vaqueiro? Disse que quando estivesse pronta para montar um cavalo, o deixasse saber. Bom, estou preparada.

Por um batimento do coração nenhum deles se moveu, e então antes que pudesse ofegar ele atravessou o espaço, apertando-a contra seu peito duro como uma pedra e atraindo sua boca para a dele, e reclamando os lábios como se fossem deles.

O calor substituiu ao frio. A necessidade sorteou o desejo. Descargas de eletricidade atravessavam todo o corpo, arrancando o sentido comum. Ela agarrou sua magra camiseta com ambas as mãos, deslizou a língua em sua boca para travar com a dele, usou o agarre para impulsionar para cima enquanto ele descia as mãos rapidamente para o traseiro e a elevava.

— Orpheus...

— Me envolva com suas pernas.

Ela o fez, enganchando um braço ao redor de seus ombros, usou o outro para atrair seu rosto para ela e o beijou uma vez mais. As nádegas bateram em algo frio. Não percebera que ela a levou através da sala até que a deixou cair sobre uma mesa colocada contra a parede de vidro.

Por que não quis beijá-lo antes? Tinha sabor de hortelã e loucura. De desejo e muito desejo, todas as coisas que sabia saborear muito bem.

— Pele — pronunciou contra ele enquanto agarrava sua camiseta. Ele rompeu o intenso beijo o suficiente para deixá-la arrastá-lo sobre sua cabeça, então voltou a tomar sua boca em outro beijo quente, úmido, atordoante que a conduziu para mais perto do limite.

---

[36] *Gato fictício que é personagem do livro Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol. Gato de Cheshire (Cheshire Cat) é uma expressão usual em inglês que significa: "Pessoa que está sempre a sorrir".*

Deus, isto era o céu. Isto era o lar. Isto era tudo o que esteve perdendo.

Procurou tateando o botão da calça, e finalmente desistiu, agarrou as duas metades de sua cintura e deu um forte puxão. O botão se abriu de repente e voou através do chão. Ele arrancou a boca e baixou o olhar, seu peito nu ascendia e baixava com suas trabalhosas respirações, essa sombra em suas bochechas de dias sem barbear, tão condenadamente sexy, fez tudo o que podia para não dar uma dentada.

— Impaciente?

— Sim. — Introduziu as duas mãos dentro de sua calça e as deslizou por seus quadris— Você. Nu. Agora.

O desejo obscureceu seus olhos. Ele grunhiu, logo sua boca estava de novo na dela, desta vez com beijos frenéticos que roubavam o fôlego enquanto empurrava sua calça e sua cueca boxer até suas coxas. Seu pênis saltou, duro, quente e pulsando. Envolveu a mão ao redor da grossura, sorriu contra seus lábios quando ele gemeu e o pressionou contra a mão.

Não chegou a explorar a última vez. Queria agora. Para descobrir para si mesma o que o fazia ofegar. Que o roçar o fazia gemer. Quanto tempo levaria fazê-lo gozar.

Mediu a calça outra vez enquanto ela o acariciava, empurrando-a abaixo dos quadris. Ela se elevou, retorceu-se para que pudesse deslizar por debaixo do traseiro. Frustrou-se quando o tecido se amontoou contra as botas.

Arrancou sua boca da dela.

— Isto tem que desaparecer.

Agarrou a calça pela cintura e a rasgou pela metade como se não fosse mais que papel.

Uma risada surpreendida escapou pelos lábios.

— Agora quem está impaciente?

— Eu. — Ele envolveu sua mão sobre a dela, ainda cobrindo seu pênis, guiou-a para esfregar a cabeça contra o clitóris. Ela tremeu, ofegando de prazer— É isto o que quer?

— Sim. — Fechou os olhos, deixou-o guiar a mão para dar o controle. A cabeça de seu pênis pressionando contra a abertura, enviando os primeiros brincos de prazer pulsando no núcleo.

— É uma pena, Siren. — Ele se afastou. Abriu os olhos surpreendida. Ele deu um passo para trás, agarrou o corpo, e a lançou sobre o estômago— Não é o que quero.

Os seios se estatelaram contra a madeira sólida. As botas se chocaram tentando encontrar o equilíbrio no chão. Chutou as pernas abrindo mais e se inclinou sobre ela, pressionando seus quadris contra o traseiro. E então sentiu seu pênis roçando as dobras uma vez mais.

— Agora isto é… isto é o que eu quero. — Empurrou profundamente. Ela gemeu diante de sua longitude dura deslizando-se em seu interior. Ele a arrastou para trás uma polegada enquanto se retirava. Cravou os dedos na borda da mesa e gemeu quando ele empurrou outra vez. O prazer irradiou do centro. Retirou-se, conduziu-se profundamente uma e outra vez, empurrando-a contra a mesa.

Arrastou o cabelo por sobre o ombro enquanto continuava bombeando nela, apoiou-se perto da orelha.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Isto, Siren, é acabar o que se começa. — Seus dedos deslizaram sobre a marca da Siren na omoplata— Eu gosto desta tatuagem.

Ela não podia responder. Estava muito focada em seu mergulho selvagem, retirada e mergulho de novo. O orgasmo se aproximava velozmente. Fechou os olhos, pressionando de novo contra ele. Gemendo por mais. E então sentiu seus dedos deslizar por debaixo dos quadris e roçar o clitóris.

Isso foi tudo. Tudo o que pôde aguentar. O orgasmo que ele provocou e tentou, estalou, irradiou através de cada célula do corpo. Gritou enquanto passava rapidamente atravessando. Mas a diferença da última vez que estiveram juntos, esta vez foi todo prazer. Nenhuma pena, nenhuma dor, nenhuma lembrança amarga do passado que se movia em espiral para arruinar o momento.

Seus impulsos aumentaram em velocidade. Enquanto as bordas do orgasmo se desvaneciam, ouviu-o grunhir, deu-se conta de que ele estava perto. Olhou por cima do ombro, apertando ao redor de sua longitude, tremendo quando ele ficou mais duro dentro dela. Queria senti-lo gozar. Queria observar enquanto ele perdia o controle da mesma maneira que fizera anteriormente. Só que desta vez pensava em desfrutar. Cada segundo.

— Mm, sim, Orpheus. Duro. Bem assim.

— Apertada. Tão apertada. — Seus dedos se moveram para os quadris, os cravou na pele. Ela se empurrou de novo contra ele enquanto ele se conduzia uma e outra vez— Ah, Merda, Siren.

— Sim. Isso é exatamente o que está fazendo. Mm… continue. Não seja suave comigo. Faça com que eu goze outra vez.

As palavras fizeram exatamente o que ela queria. Deixaram-no mais duro, forçando-o a ir mais profundamente. Em um comprido gemido ele se impulsionou até o fundo uma última vez e fico quieto. Seu pênis se sacudiu e pulsou dentro dela. Sua liberação provocou outra nela, esta não tão grande como a última, mas igual em prazer. E tão incrivelmente ardente que soube que tinha que tê-lo outra vez.

Ele caiu contra as costas e respirou.

— Santos deuses…

Um sorriso curvou os lábios. Não exatamente. Mas duvidava que um deus pudesse fazer algo melhor.

Ela se apoiou sobre as mãos, olhou por cima do ombro e viu seu rosto ruborizado e seu cabelo alvoroçado. Gostou de tê-lo reduzido a uma massa tremente de músculo e osso.

— Acabar o que começa?

Seus batimentos do coração se aceleraram contra a coluna vertebral e seu peito continuou elevando e caindo como se tivesse problemas em regular sua respiração.

— Sim, suponho que assim é como se chama.

— Não de tudo, daemon. — moveu-se contra ele, empurrando-o para fora dela. Ele deslizou para fora do corpo e tropeçou um passo para trás. Olhou para baixo com surpresa. Ela girou, retorceu-se fora da mesa. De pé em frente à ele.

— Siren...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Sua calça ainda estava ao redor de suas coxas, o que era perfeito. Ela deslizou as mãos por seus abdominais cinzelados, dedicando uma boa olhada ao corpo dele sob a luz da lua que brilhava através das janelas.

Tal como imaginou, era todo tendões de músculo e fortaleza, cobertos com uma suave, apertada e tentadora pele mais escura que a dela. Mantendo os olhos travados nos dele, ela deslizou de joelhos.

Seu pênis, que segundos antes ficou à meio mastro, saltou grosso, congestionado e grande. Maior do que ela esperava.

— Não é justo, daemon. Está tratando de me facilitar o trabalho?

— Um dos poucos benefícios de ser um Argonauta.

— Mm. — Fechou os dedos ao redor do pênis, amando o pulso e a vida que sentia na palma, a suave carne deslizando sobre o centro duro como uma pedra enquanto o acariciava da base até a ponta, o aroma almiscarado das liberações de ambos irradiando de sua pele— Posso pensar em algo mais. Diga-me o que quer que faça.

— Skyla...

Deus, amava quando dizia seu nome.

— Sem mais jogo, Orpheus. Não esta noite. Esta noite só quero você. — lambeu os lábios. Viu como seus olhos se ampliaram de antecipação. Seu sexo pulsou uma vez mais enquanto se inclinava para frente e lambia a mesma ponta de sua ereção— Deveria parar ou continuar?

A dúvida que viu em seus olhos se desvaneceu. Agarrou a parte de atrás da cabeça e seus dedos deslizaram pelo cabelo, fechando-os ao redor das longas mechas.

— Não, não pare. Não se atreva a parar agora.

Ela sorriu. Arrastando a língua ao redor da coroa.

— Assim... o que deveria fazer em lugar disso?

Ele jogou da cabeça para frente e um sorriso malvado voltou para seus lábios.

— Por que não começa a chupar o pênis?

OH, ele era um daemon travesso e malvado. E gostou disso sobre ele.

Ela abriu a boca, fechou os lábios ao redor de sua longitude. Conduziu-o até o fundo da garganta. Uma vez mais ardeu, dolorida e úmida quando endureceu contra a língua.

Acabar o que se começa tinha seus benefícios também. E antes que esta noite terminasse, pensava demonstrar exatamente quais eram. Cada um. Até deixá-lo perguntando… onde diabos se encaixaria agora no mundo.

Gryphon não estava certo o que poderia querer Atalanta de Krónos, mas só de estar na guarida do Antigo Deus, deixava uma sensação angustiosa e horrível na boca do estômago.

— Não se inquiete, *doulas*. — Atalanta enviou um duro olhar enquanto esperavam fora das instalações particulares de Krónos.

Gryphon se afastou das portas de ferro negro de quatro metros e meio de altura para olhar o papel de parede na sala, decorada com redemoinhos que se pareciam com gotinhas de sangue, e quadros de corpos nus entrelaçados pendurados de cada parede. Tentou ignorar os gemidos

horrendos que vinham do outro lado dessa porta, mas não podia ignorar por completo. O temor percorreu as veias.

Para distrair, focou os olhos nos desenhos. Descobriu que podia focar em um sem adoecer. A imagem de dois corpos travados em um beijo acalorado. Enquanto estudava as linhas e redemoinhos, arranhou a coxa, tentando aliviar a estreiteza da pele que Atalanta o fez vestir. Esta imagem, à diferença de todas as outras, não era de natureza pornográfica. Podiam ser qualquer casal de amantes em qualquer parte do mundo. Inclusive poderia ser ele uma vez.

Teve uma amante assim? Conhecia o que era estar conectado à alguém em um nível tão elementar? Não o sexo pelo sexo, a não ser a união de corações? Procurou nos sentimentos, tratou de encontrar qualquer fantasma de uma lembrança que dissesse que fora amado uma vez, que experimentou o que estava vendo na imagem, mas surgiu o vazio.

Talvez não merecesse. Talvez fosse tão mau no reino dos vivos, que isto era tudo o que poderia esperar. Talvez este novo inferno fosse mais do que merecia.

Esperava que uma voz, qualquer voz, dissesse que estava errado, mas não houve nenhuma. Só os gemidos ressonantes do outro lado dessa porta.

— *Doula*s? Chegou a hora.

As portas duplas se abriram, e seguiu Atalanta ao interior de um salão suntuoso. Sofás de couro, janelas em arco com vistas para a Sin City, pilares gregos, e tapetes de vivas cores. Uma parede de livros cobria um lado inteiro da sala de dois andares, mas o que chamou a atenção foi o homem não, Deus de pé à direita. Desenganchando uma mulher de um aparelho de metal montado na parede de cimento com ganchos, cadeias e ataduras.

A nudez da mulher foi rapidamente coberta com uma manta, mas Gryphon não perdeu as linhas de sangue que corriam por sua pele ou o látego que caiu no chão aos pés de Krónos. Enquanto dois serventes escoltavam à chorosa fêmea através de uma porta à direita, Krónos enxugou as mãos em uma toalha e começou a saudar Atalanta.

— Bem, bem, bem. Ouvi um rumor de que a bruxa malvada do oeste[37] voltou ao Inframundo. Simplesmente nunca esperei vê-la com meus próprios olhos.

O Antigo Deus não era o que Gryphon imaginara. Certamente era alto, dois metros e dez ao menos, mas não aparentava mais de quarenta anos. Seu cabelo era curto e escuro, com apenas uns fios grisalhos nas têmporas. Seu corpo era forte e magro, coberto com uma calça jeans e uma camisa de manga curta desabotoada. Era musculoso como a maioria dos deuses eram, mas não parecia que pudesse bater em um com um olhar. Não havia indicação de que pudesse transtornar o mundo, se escapasse desta prisão. Mais que nada, parecia com um humano normal, embora alto.

Atalanta, com um vestido esmeralda que abraçava suas curvas e com um decote de vertigem, sorriu e franziu seus carnudos lábios, raivosamente vermelhos.

— Quando ouvi o que fez com o lugar, tinha que vê-lo por mim mesma.

[37] *Referência à bruxa malvada do filme O Mágico de Oz.*

— Você mente tão bem, Atalanta. É óbvio que está afiando essas qualidades de deus, disputando com meu filho. Você gostou do que viu até agora?

Ela dirigiu um olhar para a porta pela que a garota foi conduzida, a excitação iluminando seus olhos escuros.

— Até agora, sim.

Krónos apoiou um quadril contra uma longa mesa de mogno localizada perto das janelas.

— Não é estranho que tente Hades. Agora por que me perturba durante minha… hora de recreio?

Ela dirigiu o olhar para ele, deslizou a gema do dedo por seu ombro para parar em seus bíceps.

— Vim fazer uma oferta.

— Não há muito que possa me oferecer que já não tenha. Olhe a seu redor.

— Que tal a liberdade?

Quando ele não respondeu, ela se voltou para Gryphon, que ainda permanecia de pé perto das portas.

— Vê meu *doulas* ali? Ele não é só um bombom de homem. É um Argonauta.

Argonauta. A palavra deu voltas na mente de Gryphon mas não significou nada para ele.

Krónos dirigiu um olhar.

— Não ouvi que um Argonauta fosse assassinado e banido ao Tártaro.

— Não foi assassinado. Foi enviado aqui com a magia. Seu corpo permanece no reino humano, onde um bruxo o possui. Mas a alma e corpo poderiam se reencontrar facilmente se alguém o desejasse.

— Um bruxo, você disse?

— Ah-ha. — Ela se aproximou do Antigo Deus, esfregando seu seio contra seu braço em uma manobra que Gryphon sabia que era tão calculada como esta reunião— Virão por ele, Krónos. Garanto que estão planejando algo enquanto falamos. Sabe o quanto leais e heroicos esses Argonautas podem ser.

Krónos estudou Gryphon por um longo período, depois voltou a olhar para Atalanta.

— O que isso tem a ver comigo?

— Quero que dê a ele a escuridão do Inframundo.

Gryphon se esticou perto da porta. Não sabia o que significava isso, mas não podia ser bom. E não queria que ninguém o resgatasse. Recordou a tortura que suportou no Tártaro. A Sin City, tão horripilante como podia ser, era mil vezes melhor que jazer além de suas portas.

— Quer que o faça um deus?

— Não. — Atalanta riu, percorrendo com os dedos o peito de Krónos— Quero que lhe dê escuridão suficiente para que me pertença.

Krónos inclinou seu queixo para baixo.

— Por quê?

Sua voz se endureceu.

— Porque os Argonautas me roubaram o que era legitimamente meu. E porque com ele, terei a melhor possibilidade de encontrar o Orbe. Seu Orbe. E então serei capaz de liberar você desta prisão em que seus filhos o prenderam. — apoiou-se nele e sussurrou— Imagine sendo livre desta cidade. Deste reino. Imagine a nós dois, governando o mundo.

Impediu que o beijasse pondo as duas mãos em seus braços.

— Por que preciso de você?

— Porque posso deixar o Inframundo a qualquer momento que queira. Você não pode.

Estudou-a por tanto tempo que Gryphon não estava certo se o Antigo Deus ia beijá-la ou a rasgá-la membro a membro. E a palavra Argonauta se manteve dando voltas na sua cabeça. Algo sobre isso parecia tão familiar, mas não podia se lembrar por que.

— Como sei que não foderá comigo quando for livre?— perguntou Krónos.

Um sorriso licencioso curvou sua boca.

— Nunca disse que não foderia com você.

— Responda à pergunta, Atalanta.

— Não sabe — disse, indo para trás— Só terá que confiar em mim.

— Aprendi a não confiar em alguém há muito tempo. — Soltou-a e foi para trás— Entretanto, estou disposto a fazer um trato com você.

— Que tipo de trato?

Ele assentiu com a cabeça para Gryphon.

— Vou dotar seu *doulas* ali com o que pede e darei seis meses para encontrar o Orbe e todos os elementos para que possa me libertar do Tártaro. Se não o fizer, arrastarei a esse filho de uma cadela de volta para cá, e programarei que essa escuridão dentro dele arraste seu traseiro de volta também. E a garota que viu aqui dentro antes? — Ele se inclinou perto— Se não me tirar daqui, você será ela.

O rosto de Atalanta empalideceu.

— Seis meses não serão suficientes para...

— Tantalus, venha até aqui — chamou Krónos.

Um homem vestido todo de branco com cicatrizes percorrendo ambas as bochechas apareceu pela porta da direita.

— Sim, meu rei?

— Traga-me meu cristal.

O varão desapareceu, então voltou com um objeto plano coberto com um tecido de veludo. Deu o objeto a Krónos, inclinou-se em uma reverência, e se retirou através da porta.

Atalanta observou com os olhos muito abertos como Krónos tirava o tecido e o lançava sobre a mesa atrás dele.

— Tem um espelho?

— Todo o melhor para ver, querida. — Ele agitou sua mão sobre o cristal— Mostre o desejo de meu coração.

Atalanta baixou o olhar ao vidro e ofegou. Seu olhar disparou para Gryphon, então de volta ao vidro outra vez.

— Como…? Pensei...

— Tive uma sensação de que nosso bruxo era um e o mesmo. — Ele colocou o vidro na mesa atrás dele— Seis meses. Pode aceitar o trato, ou podemos te amarrar à parede agora.

Dirigiu um olhar aos grilhões e as correntes montadas atrás dele. E por um minuto, o peito de Gryphon se esquentou diante da ideia de Atalanta amarrada à essa parede. Então o calor se atenuou, porque soube que se ela fosse amarrada lá em cima, ele seria também.

Aceite o trato, aceite o trato, aceite o trato...

Não sabia qual era realmente o trato, mas algo por dentro lhe dizia que era imensamente melhor do que deixar Krónos tratar com eles.

Atalanta estendeu sua mão ao Antigo Deus.

— Aceito.

Os lábios de Krónos se curvaram em um sorriso malicioso. Ele fechou sua mão ao redor de Atalanta e a arrastou para perto, apanhando-a entre suas pernas. Enquanto ela inalava um fôlego surpreso, ele olhou por cima de seu ombro para onde estava Gryphon, esperando e implorando para ser expulso da sala.

— Ordene ao seu doulas que traga seu traseiro, aqui — disse Krónos em voz baixa, seus olhos sem alma fixas em Gryphon— vamos ter um pouco de diversão, só nós três, para selar o trato antes que os vincule.

Capítulo 17

Orpheus não se atreveu a mover.

O coração batia como um rastilho de pólvora contra as costelas enquanto Skyla estava deitada sobre ele, seu rosto pressionando o ombro e seu quente fôlego soprando sobre o pescoço enquanto ela tentava reduzir o ritmo de sua pulsação.

De algum modo fizeram no chão. Um deles não estava certo quem teve a sensatez de atirar algumas almofadas, por isso não estavam caídos sobre a dura madeira. Mas outra rodada de alucinante sexo e seu terceiro (ou quarto) orgasmo não era o que mantinha imóvel. Não, o que impedia de mover um só músculo era o brilho de imagens na mente, como um filme antigo avançando à velocidade do raio, com o rosto de Skyla como constante. Essas que começaram quando culminou pela última vez e que ainda cintilavam pelos olhos tanto em preto e branco como coloridas, como uma colagem silenciosa.

Ela, sorrindo. Vestida com uma túnica branca e o cabelo trançado recolhido em cima da cabeça. De pé em um balcão com um mar verde azulado atrás dela. Usando sua roupa de combate Siren. Em um pátio, falando com gente que não reconheceu, vestida com o que pareciam lençóis. Com outras Sirens em um campo verde. Nua, caída em uma cama de seda azul. Parecendo saciada, sexy e completamente esgotada.

Santa Skata. Seriamente estava perdendo a razão. Parecia um demente tipo *me prenda em uma cela acolchoada* e um louco *me leve ao manicômio pelo caminho mais rápido.* Fechou os olhos, sacudiu bruscamente a cabeça e os abriu de novo. As imagens ainda estavam ali, embora, em todo caso, cintilando agora mais rápido.

Skyla respirou profundamente e o deixou escapar lentamente, relaxando por completo contra ele.

— Espero que isto tenha sido o arremate para você, porque eu estou oficialmente derrotada. Acredito que me destroçou.

Teria rido se não estivesse ficando fodidamente louco. E merda, estava ficando a vontade, o que significava que queria se aconchegar, quando tudo o que ele queria fazer era sair a passos largos pela porta e se afastar dela. O pânico subiu com suas garras até o peito, mas tratou de não hiperventilar para que ela não soubesse que estava perdendo o juízo.

— É bom saber.

Ela riu entre os dentes, encolhendo-se mais profundamente. Deuses, tinha que notar seu pulso acelerado! Provavelmente pensaria que ainda estava agitado pelo sexo, o que era verdade, mas merda… que diabos eram essas imagens? Agora estava nua, nadando no oceano. Certo, esta merda de fantasia retorcida tinha que terminar aqui.

Apertou os olhos com força, ordenando ao cérebro que deixasse de dar no traseiro.

— Por que Athena não lhe respondeu?

— O que?

A surpresa na voz dela não era nem minimamente sexy, que era o que ele necessitava. Devia conseguir se afastar do assunto dos demolidores orgasmos, para assim poder tirar da mente sua nua pele dourada pelo sol.

— Athena. Disse que a deusa não responderia. Por que não?

— OH.

Ela se deslocou, só o suficiente para que seu quadril ficasse contra a almofada, mas os braços e as pernas ainda cobrissem o corpo. Jamais sentiu claustrofobia antes, mas agora mesmo parecia não poder respirar. Sentia tanta pressão no peito. O ar fresco faria bem. Muito ar fresco.

— Suponho que é porque ela não espera que eu complete esta missão.

— E por que não?

Skyla se elevou sobre o cotovelo.

— Você está bem? Parece, não sei, tenso. Acreditava que o sexo supostamente relaxava um homem.

— Não sou um homem, Siren. — Mas ao pegar a mais leve dor em seus olhos diante da concisa voz, tentou evitar a mordida nas palavras quando acrescentou— Nem sempre relaxo. A maldição do daemon em meu interior e tudo isso. Responda à pergunta. Por que pensaria que não completaria a missão?

Ela deixou escapar um longo suspiro e brincou com a pequena franja de pelo sobre o peito.

— Faz umas semanas fui ferida em uma briga. Com um híbrido daemon. Ele conseguiu saltar sobre mim. Descuidei-me. Se não tivesse sido por minhas irmãs, provavelmente não teria sobrevivido.

As imagens pararam, a última desvanecendo em um puf de fumaça.

— Onde?

— Onde o que?

— Onde foi ferida?

— Na Itália.

— Não onde, idiota. Aonde?

— Ah, aqui. — Ela sorriu enquanto girava para que pudesse ver a larga cicatriz que ia desde debaixo de seu seio direito, atravessava as costelas e rodeava seu quadril até a parte baixa das costas.

— Merda Santa. — Havia sentido a pele enrugada quando explorou seu corpo, mas nas sombras, com seus rebolados em toda as direções, foi difícil de ver. Com cuidado, passou os dedos pela cicatriz e a examinou à luz da lua.

— Isto só umas semanas?

— Sim. Por sorte, nós, as Sirens, também nos curamos com rapidez. Logo será simplesmente uma magra linha branca — se recostou outra vez ao seu lado e roçou os dedos contra o pelo de seu peito de novo, enviando lascas de calor pelo torso— De toda forma, convenci Athena para que me deixasse entrar nesta missão. Ela queria que eu ficasse para trás. Pensava que eu não estava preparada.

Ele recordou aquela primeira noite. Nas árvores atrás do anfiteatro. O rápido brilho de medo em seus olhos quando ela viu os híbridos. Que mascarou rapidamente e provavelmente nunca confessaria.

— E é por isso que ela não respondeu? Por que pensa que é fraca?

— Não só por isso. — Podia sentir por suas palavras e pelo que não dizia, que havia algo mais. Esperou, embora gostasse mais de tirar a resposta com uma sacudida— Estive com as Sirens muito tempo. E quando tomei meus votos, pensava que fazia algo bom sabe? Ajudando Zeus a manter o equilíbrio e a ordem no universo. Embora com os anos… Bom, digamos que recentemente vi o mundo de uma perspectiva diferente. E me dei conta que o que Zeus e Athena me induziram a acreditar e às outras Sirens todos estes anos, não é a verdade completa.

Orpheus poderia ter dito. Sua primeira reação foi perguntar por que não descobriu antes, mas então pensou em como devia ser sua vida como Siren. Vivendo no Olimpo, rodeada de deuses, separada do reino dos vivos e só indo ali para fazer a vontade de Zeus. Se ensinassem uma coisa e alguma vez mostrassem algo diferente, teria sentido se visse aquilo com a verdade, não é assim?

— Quanto tempo está com as Sirens?

Ela não respondeu.

— Skyla?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Muito tempo — respondeu finalmente— Muito mais que o resto. Eu, uh, conheci seu antepassado.

— Perseus? — Olhou-a fixamente em busca de confirmação, não acreditando que o que acabava de dizer pudesse ser certo. Ela seguiu brincando com o pelo do peito e não olhou nos olhos— Está dizendo que tem mais de dois mil anos?

Ela se encolheu.

— Dois mil seiscentos e quatro, na realidade.

De maneira nenhuma.

Seus olhos pouco a pouco se moveram até os seus.

— Surpreso?

Aniquilado. E ele que pensava que era velho! Merda, era um bebê em comparação à ela.

— Todas as Sirens…?

— Não. A maioria só serve umas centenas de anos. Esse é o objetivo, de todos os modos. Minha mãe foi uma Siren. Zeus tende a recrutar a partir das Sirens anteriores que considere dignas. Já sabe, bons genes — sorriu, mas ele ainda estava muito impressionado para devolver o sorriso— Tinha dois anos quando comecei meu treinamento em casa. À idade de vinte anos tomei os votos e fui aceita na ordem. Mudei-me para o Olimpo e passei as seguintes décadas aperfeiçoando minhas habilidades, mas não comecei a servir formalmente com as Sirens até que tive aproximadamente quarenta anos. É comum em uma Siren passar trezentos ou quatrocentos anos na ordem e logo partir para casar-se e formar uma família. A partir daí, no geral, elas alcançam uma vida abençoada, igual aos Argoleans, se assim desejarem.

— Mas você nunca partiu. Por quê? — Ele não podia imaginar dedicando a vida a alguém. Diabos, passou seus trezentos anos de saco cheio com os deuses por tê-lo passado por alto para servir com os Argonautas ainda quando era o maior da linha de Perseu, mas agora que tinha as marcas, não queria estar preso à elas. Certamente não podia se ver dando dois mil e quinhentos anos, inclusive se pudesse.

Ela encolheu os ombros e deslizou os dedos até o esterno.

— Nunca tive uma razão para fazê-lo.

Outra vez, sentiu que havia mais que não dizia. E a dor que viu piscar em seus traços antes de mascarar a emoção, disse alto e claro que algo escuro em seu passado era a razão pela qual ficou escondida dentro da ordem e não se aventurou a sair e viver de verdade.

Embora, quem era ele para julgá-la? Não fazia ele o mesmo? Não usava seu daemon como desculpa para permanecer fechado a outros, para impedir de encontrar algum tipo de felicidade nesta vida? Sabia que isso existia. Diabos, se alguém podia amar Demétrius, então algo era possível.

O pulso se acelerou e a pele esquentou de novo. Só que desta vez não era o pânico ou o desejo o que esquentava de dentro para fora. Era algo mais. Algo que encheu o lugar vazio no peito que sentia desde dia que Gryphon desapareceu. Algo que não estava certo de estar preparado para enfrentar.

— Não ia dizer a Athena onde estávamos ou para onde nos dirigíamos depois — disse ela, sua sexy voz interrompendo os pensamentos— Só tentava me assegurar que não enviasse mais Sirens atrás de nós.

— Por quê?

Esta vez, ela encontrou seu olhar de frente. Sem medo, nem preocupação, só a determinação que brilhava em seus olhos ametista.

— Porque ela me enviou para fazer um trabalho e eu o estou fazendo.

Ele sabia que a resposta podia ser tirada de muitas maneiras. Não disse que ia entregá-lo, mas tampouco disse que não o faria. Ou que eventualmente não o mataria se decidisse que isso era o que tinha que fazer.

Ela bocejou, conchegando-se de novo contra ele.

— Daremos a Maelea uma hora ou duas para dormir, logo iremos perguntar onde está. Parecia esgotada quando a deixei. Está chegando a gostar, daemon. Em seu estilo irritante e petulante de adolescente. Quanto mais perto dela estou, mais eu gosto de seu estilo.

Seus olhos se fecharam e seu rosto relaxou. Maelea não era a única que estava esgotada, compreendeu. Sua Siren parecia como se pudesse dormir durante uma semana.

Dele.

Era a primeira vez que pensava nela como dele. Entretanto não era. Nunca seria. Estavam em bandos opostos em uma guerra que não começara. E este momento de trégua não fez a não ser reforçar esse fato.

O peito doeu com aquela compreensão, e enquanto ela estava adormecida entre seus braços, esse lugar interior que pareceu tão cheio fazia uns minutos começou a desinflar, levando todo o calor com ele. Ficou imóvel, tratando de regular o pulso para assim descer dos céus e poder refletir com claridade. Tratando de pensar por que diabos deveria fazer isso agora.

Só tinha certeza de uma coisa.

Skyla não era seu objetivo. Era o Orbe. Tudo dependia disso. E era hora de lembrar desse fato.

As botas de Orpheus ressonavam pelo escuro corredor à medida que avançava para o quarto que deram à Maelea. Esperava que a maldita Garota Ghoul estivesse ali e que a Siren estivesse mentido quando disse que a escondeu. Não tinha tempo para brincar de esconde-esconde e definitivamente não estava de bom humor.

Imagens de Skyla deitada nua sob a luz da lua, com o cabelo estendido ao seu redor e os olhos fechados pelo sonho, infiltraram-se na mente mas as afastou a um lado. Afastar-se dela esta noite, era a primeira coisa inteligente que fazia desde que a conheceu. Terminou sendo um idiota. Não importava que o sexo com ela fosse bom, não importava o muito que queria voltar e fazer tudo outra vez, não valia a pena pôr em perigo seus objetivos. Aquelas imagens que rondaram a cabeça quando chegou ao clímax? Aqueles pensamentos dela sendo dele? Aqueles eram os principais exemplos de como o cérebro se distorcia em cada minuto que passavam juntos.

Sentiu Maelea no corredor, fora de seu quarto, inclusive antes de chegar à porta. A mesma luz e escuridão que lutava no interior e que notou na primeira noite, mas agora a luz não repeliu o

seu daemon tanto quanto antes. Sentiu o daemon se remover dentro dele, mas a besta não ficou em guarda gritando como de costume. Não fez mais nada do que deitar e dormir, o que era simplesmente estranho.

Não tinha nem ideia do que acontecia, mas sabia que Skyla tinha razão. Seus olhos não mudaram nem uma vez para verde, desde que derrubaram aqueles cães do inferno depois do acidente de trem. E embora soubesse que seu daemon ainda estava ali, em alguma parte, cada vez resultava mais e mais difícil convocar sua força.

Deu uma olhada em seu relógio. Eram duas e trinta e duas da manhã. A Garota Ghoul provavelmente estava adormecida, mas precisava do que havia em seu cérebro. E se não o conseguisse agora, teria que tratar com a Siren.

E estava farto de lutar com a Siren. Completamente farto.

Levantou o punho e bateu. Passaram uns segundos em silêncio e logo uma pequena voz disse:

— Entre.

O quarto estava às escuras, mas pela luz da lua que brilhava através das altas janelas, pôde ver Maelea sentada com as pernas cruzadas sobre a cama, a camisola branca estendida a seu redor e o longo cabelo negro caindo pela frente de seus ombros como fitas de seda. Não havia surpresa em seu cinzento rosto quando deu um passo ao interior do quarto e supôs que sentiu. Era a filha de Zeus e Perséfone. Se ele podia senti-la, provavelmente ela podia senti-lo também.

Fechou a porta depois das costas.

— Não está cansada?

— Não durmo muito.

Isso os convertia em dois.

Passou a mão pela cabeça. Tentou esquecer os dedos de Skyla acariciando o cabelo da nuca quando a beijou depois do descarrilamento do trem e a descarga elétrica que enviou pelo corpo.

— Vim para falar com você sobre…

— Tem certeza?

— O que?

— Sobre seu irmão? É verdade que foi enviado ao Inframundo e que buscas o Orbe para salvá-lo?

Isadora, maldição.

Detestava o modo que a rainha continuava colocando o nariz onde não a chamavam.

— É verdade? — Insistiu Maelea quando ele não respondeu— Precisa do Orbe para resgatá-lo?

Odiava o fato de que todo mundo parecesse conhecer seus planos antes que inclusive os tivesse forjado. Por que pensavam que era outra coisa menos o daemon que bulia dentro dele? Isadora, Skyla, agora Maelea. Todas pensavam que era uma espécie de herói Argonauta quando a verdade era que por dentro continuava sendo o mesmo que sempre fora.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Apoiou as mãos nos quadris e lançou seu olhar mais malvado. Mas pode dizer pelo olhar espectador em seu rosto que ela já não estava o mínimo intimidada por ele. O que só o encheu o saco dele ainda mais.

— Onde está? — Apertou a mandíbula. Os punhos coçavam por bater em algo. Entretanto, pela Garota Ghoul, porque precisava da ajuda dela, esmagou o impulso para não assustá-la.

Ela baixou o olhar a suas delicadas mãos, que descansavam em seu colo.

— A escuridão o abandona. A princípio pensei que você era aquele que eu supostamente tinha que… — sua voz se apagou e engoliu saliva— Mas rapidamente me dei conta de que não. Logo terá acabado. Isso não o deixa com uma sensação de vazio?

Não tinha nem ideia de que ela estava falando, mas a falta de animosidade em sua voz era nova. E inquietante.

— Como…?

— Sinto a escuridão. Sinto-me atraída por ela. Algo que devo agradecer à minha mãe e ao desgraçado de seu marido, suponho. — Retorceu as mãos em seu colo— Desejaria que a minha partisse. Gostaria do vazio.

A ira o abandonou tão rapidamente como chegou. E no silêncio compreendeu que, sim, eles eram mais parecidos do que ela acreditava.

Aquele vazio no peito que consumiu a sua alma no instante que a alma de Gryphon se perdeu, abriu-se como um abismo entre dois mundos, a dor tão forte e fresca como no momento que bateu. Antes que pudesse pensar melhor sobre nisso, dirigiu-se à cama. Ela elevou a vista com surpresa quando agarrou a mão, subiu a manga de seu vestido e girou o pulso, revelando as finas cicatrizes brancas em seu antebraço interno.

— Algo me diz que não pode dirigir mais o vazio.

Ela puxou o braço para trás, embalando-o contra seu corpo, e o olhou airadamente.

— O você sabe?

Muito, mulher. Mais do que deveria.

Ele se sentou na borda da cama e se inclinou para frente para apoiar os braços sobre os joelhos. Trezentos anos vagando por este mundo e o seguinte sozinho, e a única pessoa que o entendia mais que nenhum outro, era a alma esquecida parecida com um demônio presa entre dois mundos. Apanhada igual a ele, só que de uma forma diferente.

Deuses, a vida era um maldito e irônico grande giro do destino, não é?

— Sei que a dor nos faz lembrar que estamos vivos — disse, surpreendeu-se de que a voz não entupisse na garganta— Confie em mim, não a julgo. Causei bastante dor, sobre tudo a outros, pela mesma razão. Mas as cicatrizes não sempre estão no exterior.

Estava silenciosa a seu lado e ele deu a volta para olhá-la. Viu o modo com que o observava com olhos cautelosos. Reconheceu que era da mesma forma que ele contemplava os outros. Sim, eles eram iguais. E devido a isso, de todas as pessoas seria a única que entenderia. Se fosse encontrar o Orbe, tinha que arriscar-se.

— Estar sozinho não é o pior que pode acontecer a uma pessoa, Maelea. Sim, a solidão é foda, mas não te matará. Mas ser esquecido… — Ele olhou seus antebraços e as marcas de

Argonauta que deveriam estar sobre os braços de seu irmão e não nos seus— Essa é a sentença de morte não é? A alma de meu irmão foi enviada ao Tártaro por minha culpa. Não vou deixar no esquecimento. Não quando posso fazer algo para salvá-lo.

Eles se olharam fixamente um ao outro durante vários longos segundos e aquele vazio no peito cresceu porque sentiu que, mesmo que a jogasse daqui, ela não iria ajudar. Se ela não dissesse onde poderia encontrar o Orbe, não sabia aonde ir depois.

— Não tive intenção de te trazer aqui — continuou, esperando fazê-la entender—. Só queria saber onde está o Orbe. Quando aqueles cães do inferno entraram em sua casa, soube que ali já não estaria mais a salva. É por isso que trouxe para este lugar. Não porque queria lhe fazer mal. Ninguém pode encontrá-la a menos que você deixe. Nem Hades, nem Zeus, nem nenhum dos deuses.

— Acha realmente que sua alma pode ser salva? — perguntou ela em voz baixa— Você e eu sabemos o que a escuridão pode fazer. E se o encontramos e não for o irmão da qual se lembra?

Aquele vazio se abriu tanto, que, por um segundo Orpheus temeu que o engolisse inteiro. Já pensou nisso, mas esqueceu. Seu irmão era o verdadeiro herói, não ele. Passaram-se só três meses. Gryphon era o suficientemente forte para sobreviver no Inframundo três meses. Tinha que ser.

— O autentico heroísmo não pode mudar. Não por nenhuma escuridão.

— Espero que se lembre isso.

A expressão dele se suavizou. Ela voltou a olhar as mãos e suspirou antes que ele pudesse perguntar o que significava isso.

— O bruxo se encontra na Grécia. Captando bruxas para levar ao seu redil. Canalizou o poder do Orbe em uma cerimônia de indução. Senti por última vez ontem. Não estou segura do que planejou, mas pelo que sei do bruxo, tirará forças de…

— Das bruxas que mete em seu sabá das bruxas — Orpheu se levantou da cama. Certamente, tinha sentido. Apophis necessitava de novas bruxas para recuperar sua força. O que queria dizer que neste momento estaria em seu estado mais débil, antes de ter tido tempo de formar, moldar e extrair seus crescentes poderes.

— Em que parte da Grécia?

— Nas colinas dos subúrbios da cidade de Corinto — recitou a toda pressa às coordenadas.

Emoção e a primeira faísca de esperança, se infiltraram pelo seu peito.

— Corinto, onde Medea fugiu atrás para matar aos filhos de Jasão. Tem sentido que o bruxo se assentasse ali com a esperança de aproveitar a energia do mal. Obrigado.

— Orpheus, espere.

Com uma mão na maçaneta da porta, ele parou. Ela desceu da enorme cama, uma criatura pequena e frágil que não se parecia em nada com sua mãe ou seu pai. Mas sentia que havia uma força nela ainda sem emergir. E se perguntou quando o veria por si mesmo.

Maelea se aproximou da cômoda e abriu a gaveta superior. Extraiu a saia que usou antes e colocou a mão no bolso. Logo cruzou o quarto até ficar frente à ele e estendeu a mão aberta.

— Poderá precisar disto.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Duas moedas de ouro descansavam em sua palma.

— Óbolos[38]. Como…?

— Minha mãe. No caso de Hades tentar alguma vez me arrastar ao Tártaro. Pegue-as. Vai precisar para passar pelo Barqueiro.

O barqueiro que levava as almas através do Rio Styx[39] aos Campos do Asfódelos, onde esperariam o julgamento. Sim, iria precisar se queria ter alguma possibilidade de conseguir passar o primeiro obstáculo do Inframundo. A surpresa se mesclou com a gratidão. Pegou as moedas e as pôs no bolso.

— Não posso agradecer isso o suficiente.

— Me demonstre que estou errada. Saber que uma alma pode sobreviver ao mal do Inframundo será suficiente agradecimento.

— Não esquecerei — disse ele enquanto saía do quarto.

— Então você seria o primeiro — sussurrou ela.

Capítulo 18

Isadora cobriu a boca e bocejou enquanto se dirigia ao dormitório que Nick lhe deu. Ela e os outros ficaram acordados até muito tarde, falando não só de Orpheus e a situação com as Sirens, mas sim de planos de guerra, com Nick e do que os Argonautas podiam fazer pela colônia agora que se mudaram para Montana. Os *daemons* de Atalanta atacaram recentemente um povo no alto das Montanhas Rochosas dizimando tanto a humanos como a residentes *Misos* e cresceram os boatos, por todo o Noroeste do Pacífico sobre estranhas matanças e visão de criaturas ainda mais estranhas. Os Argonautas, junto com Nick e seus homens, tentariam detectar tantos *daemons* como pudessem e os destruiriam antes que se perdessem mais vidas. E todos estavam de acordo que precisavam controlar a violência antes que um novo poder de outro mundo, decidisse aproveitar a ausência de Atalanta e apropriar-se de seus *daemons*. Ou antes que Atalanta voltasse.

Esse último pensamento, era o principal na mente de Isadora. Não tinha nenhuma dúvida de que Atalanta estava planejando sua saída do Inframundo neste mesmo momento.

— Não deveria estar acordada até tão tarde.

A preocupada voz de Demétrius interrompeu seus pensamentos e ela sorriu para seu companheiro enquanto este empurrava a porta do dormitório e a deixava passar, com cuidado, deu-se conta, de não tocá-la. Sempre tomava cuidado de não tocá-la. Ao menos quando os outros podiam vê-los.

---

[38] *Era costume grego colocar uma moeda, chamada óbolo, sob a língua do cadáver, para pagar Caronte (o barqueiro que levava as almas para o outro mundo) pela viagem. Se a alma não pudesse pagar ficaria forçosamente na margem do Aqueronte (rio que faz divisa com o Inferno) para toda a eternidade, e os gregos temiam que pudesse regressar para perturbar os vivos.*

[39] *Assim como o Aqueronte, é um dos rios do mundo inferior.*

— Estou bem. Além disso, sabe tão bem como eu que Nick não irá a Argolea. O que quer dizer que tenho que pilhá-lo quando posso. E ao menos esta noite parecia agradável.

A maioria dos dias não era. Embora ela e Nick formassem uma aliança e compartilhavam informação e pessoal na luta, sabia o difícil que era para Nick estar perto dela. Especialmente quando Demétrius estava na mesma sala.

— Não pode suportar nos ver juntos — disse Demétrius às suas costas, fechando a porta atrás deles— Sei como se sente e não posso culpá-lo. Às vezes me pergunto se não estaria melhor com…

— Não diga. — Girou para confrontá-lo, sabendo que o medo vinha do fundo de sua alma. A alma que ainda pensava que nunca seria o suficientemente bom para ela, nem sequer depois de ter vinculado sua vida à sua—. Nem sequer pense. Ele não é quem eu quero, Demétrius. Ele não é o ándras por quem estou apaixonada. Ele não é o único…

Sua mão capturou a sua e a atraiu para si, cortando as palavras. Ela chocou contra seu sólido peito e logo gemeu quando ele baixou a boca e a beijou daquela forma que fazia que frisassem os dedos dos pés sobre o tapete.

Seu toque sempre era assim. Elétrico. Estimulante. Explosivo. Igual à primeira vez que a beijou na ilha onde Atalanta os prendeu. Se a deusa planejou usar a maldição da alma gêmea de Fira ao seu favor, falhou. Porque sua relação não era uma maldição absolutamente. Era o melhor de sua vida.

Suas grandes e fortes mãos emolduraram o rosto. Mediu os lábios com sua língua, deslizando na boca quando a abriu para ele. Demétrius sabia do café que tomaram antes e ao pecado que queria experimentar agora. Ele trocou o ângulo do beijo, o fez mais profundo e a atraiu tão perto que ele era tudo o que podia sentir, ver e conhecer.

Estava sem fôlego e dolorida pela necessidade quando ele foi para trás. Seus olhos, aqueles profundos olhos de obsidiana, atravessaram sua alma.

— Deuses, *kardia*. Odeio pelo que Nick está passando, mas não posso deixá-la ir. Nem sequer por ele. E quis beijá-la assim o dia todo.

Enredou e apertou os dedos no tecido de sua camiseta. Era tão grande… por toda parte. Todo músculo sólido e tendões poderosos. Gostava disso nele. Adorava que seu tamanho que uma vez a assustou até a morte, a excitasse enormemente agora.

— Será melhor que nunca me deixe ir. E para que saiba, Argonauta, desejei que me beijasse assim todo o dia.

Ele pressionou os lábios na têmpora e arrastou quentes beijos através da orelha que ondulou o estômago.

— Já sabe por que não posso. Porque assim que a toco não posso parar.

Capturou a boca outra vez. Beijou-a longamente, lento e tão completamente, que derreteu. Sentiu seus braços rodeá-la, sentiu que os seus pés se elevavam do chão. Sabia que ele a levava para aquela grande cama, mas não podia pensar em outra coisa que tê-lo nu e no mais profundo do corpo, onde mais o queria.

Depositou-a sobre a cama, separou os joelhos e subiu em cima dela.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Ah, kardia. Deixa-me completamente louco sabia?

Ela sorriu e remontou a linha de suas espessas sobrancelhas negras.

— É agradável saber que ainda o domino, Guardião.

— Sempre fará. — Posou os lábios na palma, beijando-a brandamente— Eu…

Uma batida soou na porta.

Capturou sua mandíbula e o atraiu para ela.

— Ignore.

Seus lábios se encontraram os seus de novo e abriu o botão da calça. Colocou ambas as mãos por dentro e o empurrou pelos quadris para baixo quando a batida soou outra vez.

— Sei que os dois estão aí — gritou uma profunda voz. Uma voz familiar— Posso escutá-la toda quente e molhada. Mantém a calcinha uns minutos mais, Isadora. Tenho que falar com você.

Demétrius rompeu o beijo de novo e grunhiu:

— Orpheus. Tem o maldito dom da oportunidade.

Isadora suspirou, sem tentar discutir com seu companheiro. Mas tinha que falar com Orpheus e conhecendo o ándras, se estava acordado a estas horas, às três da madrugada, não havia forma de saber se ainda estaria aqui pela manhã.

Beijou Demétrius uma última vez e empurrou seu ombro. Ele rodou fora dela.

— Tempo morto. Vou dar uns minutos. Podemos continuar de onde paramos uma vez que ele se vá.

Demétrius não pareceu tão certo enquanto ela se levantava e abotoava a calça. Mas sorriu porque definitivamente planejava seguir demonstrando que era ele a quem queria, o único que queria assim que Orpheus partisse.

Alisou a blusa e o cabelo e foi até a porta. Quando a abriu, Orpheus tinha a mão apoiada no alto do marco e não parecia nada contente por ter tido que esperar.

— Saltou um botão.

Isadora deu uma olhada para baixo e percebeu que tinha os seios quase para fora. Nem sequer se lembrava de Demétrius desabotoando a blusa. A cor cobriu as bochechas e rapidamente tampou enquanto Orpheus entrava no quarto como se pertencesse.

Demétrius se elevou sobre os cotovelos.

— Seu sentido da oportunidade.

— Sempre tive — respondeu Orpheus e deu a volta para Isadora— Tenho que pedir um favor. E não ficará surpresa mas imagino que já que me pediu um montão de favores durante o ano passado, sem dúvida pode me outorgar um.

Isadora o fez mas isso não significava que ia fazer cegamente qualquer *favor* a Orpheus.

— O que precisa?

— Do seu companheiro.

As sobrancelhas de Demétrius se elevaram.

— Para que?

Enquanto Isadora girava e se situava ao lado de Demétrius, Orpheus disse:

— Localizei o bruxo, e já que não posso estar em dois lugares de uma vez, preciso de sua ajuda para mantê-lo imobilizado até que eu volte.

— Voltar de onde? — perguntou Demétrius.

— Do Inframundo.

— Vai atrás de Gryphon — ofegou Isadora, o alívio alagando as veias enquanto pressionava uma mão contra o pescoço— Podemos conseguir outros Argonautas para que o ajudem. Eles…

— Não — disse Orpheus em tom duro— Ninguém mais. Não os quero ali.

— Mas…

— Ninguém mais — disse elevando a voz, cortando. Logo se dirigiu a Demétrius—. Só você. Você também me deve isso.

Independentemente do fato de que Demétrius realmente lhe devia por salvar a vida de ambos, Isadora sabia que seu companheiro estaria de acordo porque gostaria de Gryphon de volta tanto como Orpheus. Todos os Argonautas o queriam, mas Demétrius mais do que todos. Ele se culpava em parte pelo que Gryphon passou na câmara do bruxo, naquele Castelo de Thrace.

Demétrius se levantou do colchão.

— Quando?

— Agora — respondeu Orpheus— Está em Coríntio. — Deu as coordenadas— Pode encontrar comigo ali?

Orpheus podia se teletransportar na Terra. Era um de seus dons. Mas Demétrius não podia. O que queria dizer que teria que abrir um novo portal de volta a Argolea, e logo outro a Corinto.

Demétrius agarrou a jaqueta da cadeira onde a jogou quando ele e Isadora entraram no quarto.

— Está certo que ele ainda estará ali quando chegarmos?

Os olhos de Orpheus se obscureceram.

— Estará ali. Reuniu uma nova horda de bruxas e está metido totalmente em seu treinamento.

— Maravilhoso — respondeu Demétrius— Está certo que não quer que os outros meninos nos acompanhem nisto? Lembra o que aconteceu da última vez que nos enredamos com as bruxas de Apophis.

— Estas não serão nem de longe tão fortes. E Apophis está fraco neste momento. Você é o único que preciso.

— Pense nisso outra vez, daemon.

Skyla estava de pé na entrada, levando uma camiseta branca de manga longa ajustada na cintura com um cinturão escuro e uma calça que parecia três tamanhos maior. Tinha o cabelo revolto, os olhos escurecidos pela falta de sonho, e a intensidade de seu olhar dizia a cada um no quarto que não tinha intenção de ser ignorada.

Ou ficar para trás.

Isadora viu a desalinhada mandíbula de Orpheus apertar e o cenho arrastar sobre seus traços. Sua primeira impressão no grande salão fora acertada. Definitivamente algo acontecia entre ele e a Siren. Algo que ia mais à frente do depredador/presa e insinuava uma relação.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Perguntou-se várias vezes por que Orpheus não se desfez diretamente desta Siren desde o começo. Claro que ela era o sonho úmido de todo homem, bem formada e linda, mas Orpheus não era dos que se deixavam se distrair facilmente de seu objetivo. Isadora sabia melhor que ninguém. Já teve seu primeiro indício de resposta quando viu a reação de Siren diante das notícias de que o irmão de Orpheus estava preso no Inframundo. Agora sabia com certeza que havia uma espécie de conexão entre estes dois. Seu olhar não dizia *não pode nos acompanhar porque quero matá-la* mas sim, *não quero ao redor porque poderia sair ferida.*

Isadora não pôde evitá-lo. Sorriu amplamente. OH, estes homens estúpidos e seu retorcido sentido do heroísmo! Demétrius tentou aquele tolo protecionismo com ela e se manteve afastado dela. A julgar pela teimosa Siren que bloqueava a entrada, não havia forma de que Orpheus saísse daqui sem ela.

E ao saber isso, a opinião que Isadora tinha pela Siren cresceu.

— Volte para a cama, Siren — grunhiu ele.

— Eu bem que gostaria — lançou de volta— Mas de repente fazia muito frio para meu gosto. Felizmente, encontrei esta roupa em uma caixa empacotada por ali. O que acha?

Demétrius e Isadora trocaram olhares, e pela expressão *de que diabos*? de sua alma gêmea, soube que ele também notava a conexão.

— Não me importo com o que você usa — espetou Orpheus— E não preciso ou quero você ou sua ajuda.

Skyla não respondeu. Só sorriu docemente, o que, Isadora supôs pela forma em que Orpheus apertou a mandíbula, não era o habitual em seu caráter.

Orpheus olhou Demétrius.

— Está preparado ou o que?

— Pergunte se Maelea disse onde está localizada a porta ao Inframundo — disse Skyla a Isadora.

— Merda! — resmungou Orpheus.

Skyla sorriu mais amplamente.

— Não obrigado, *daemon*. Agora mesmo não. Embora possivelmente mais tarde.

Orpheus disse a Isadora:

— Vá procurar Maelea por mim, certo?

— Eu não me incomodaria — disse Skyla— Desconhece onde está a entrada. E desta vez não minto. Perséfone deliberadamente não disse por motivos de segurança. É de conhecimento público que se cruzasse ao Inframundo para ver sua mãe, Hades tem direito de matá-la. Na Terra está a salvo.

Os ombros de Orpheus se esticaram mas não afastou o olhar de Isadora.

— Quem mais conhecemos, que pode saber como chegar ao Inframundo?

— Ninguém — respondeu Isadora, insegura de querer ser pega no meio disto—. Quero dizer, ouvi rumores sobre o Triângulo das Bermuda, mas…

— Boa sorte encontrando— murmurou Skyla—. Quanto tempo está disposto a procurar, daemon? Isso poderia levar dias, semanas, inclusive meses. Acha que tem meses?

Ela falava de Gryphon, e pela fúria nos olhos de Orpheus estava claro que não gostava que o manipulasse dessa maneira. Entretanto, Skyla não parecia nem minimamente intimidada por ele. A tensão no quarto subiu a temperatura até uns bons três graus.

— Você não vai — disse Orpheus— irá nos atrasar. Não tenho tempo para saltar de um avião.

— Não tem que fazer. A diferença de Maelea ou seus de Argonautas, as Sirens podem se teletransportar na Terra, igual a você. Embora definitivamente me sinta ciumenta dessa coisa de *atravessar paredes* — sorriu amplamente— Acostume ao fato de que vou com você, *daemon*. Isto se chama completar a jogada. E você me ensinou tudo sobre isso.

— Fodida filha da puta — resmungou Orpheus enquanto se dirigia à porta.

Skyla lançou a Isadora outro sorriso e logo o seguiu.

À medida que as botas ressonavam através da reluzente madeira, Demétrius tomou a mão de Isadora.

— *Kardia*…

— Não se preocupe. — Apertou seus dedos, gostando que ele a tocasse quando tecnicamente havia outros ainda no quarto. Talvez houvesse esperanças de que pouco a pouco chegasse a mudar, depois de tudo. Talvez este fosse um indício de que abandonava essa tola ideia de que ela estaria melhor com seu irmão— Casey e Theron me levarão para casa com eles. Vá. Simplesmente, faça o que fizer, tome cuidado.

— Terei — baixou a cabeça e deu um fugaz, quente e muito rápido beijo nos lábios. Posou a mão sobre o ventre e o calor se disparou desde esse ponto, estendendo-se pelo estômago e o peito, envolvendo o coração— Cuide de minha filha.

— Filho — respondeu, sorrindo amplamente como uma idiota porque era a primeira vez que chamava seu bebê de algo menos *isso*.

— Esperemos que não — a beijou outra vez e logo se retirou. Em seus escuros e fascinantes olhos, o calor se reuniu. Um calor que teria que sustentá-la pelo menos um tempo— Terminaremos com isto quando retornar.

— Pode apostar esse bonito traseiro que tem que o faremos, Argonauta.

Lançou um sorriso endemoniadamente lindo enquanto seguia os outros fora do quarto.

Sozinha, Isadora envolveu os braços ao redor da cintura e suspirou. Odiava mentir, mas se ele soubesse que não tinha intenção de voltar para Argolea agora mesmo, nunca partiria. Por sua própria paz mental, tinha que ir com Orpheus e ajudar a salvar Gryphon.

Quando suas pegadas sossegaram, deixou escapar outro suspiro, fechou os olhos e se concentrou, utilizando o poder dentro dela das Horae, as antigas deusas do equilíbrio e a sabedoria. A alada marca Ômega sobre o lado interno da coxa se esquentou e vibrou, e soube que as marcas que cada uma de suas irmãs compartilhavam, também vibravam. Enquanto o antigo poder fluía através dela, ativou aquele sistema de comunicação interno que ela e suas duas irmãs estiveram aperfeiçoando durante os últimos meses.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Demétrius poderia querer que fosse para casa, e Orpheus podia não desejar sua ajuda, mas nenhum conseguiria o que queria agora mesmo. Isto era mais importante que ambos. Isto era mais importante que todos.

O ar da montanha era espesso e úmido, resultado de uma frente quente que se movia pela zona. Enquanto Skyla estava de pé à sombra de uma grande palmeira, deu uma olhada para Orpheus, preso em uma conversa com Demétrius a três metros de distância.

Apenas disse duas palavras desde que se transportaram para Corinto. E embora uma parte dela parecesse um pouco chateada por esse fato, sobretudo considerando o que um fez ao outro há algumas umas horas, Skyla não podia menos que estar impressionada. Orpheus sabia se misturar com a sociedade humana. Não parecia desconcertado pelas cidades, pela tecnologia e pelos terrenos desconhecidos. E isto, supôs, era como tinha sobrevivido tanto tempo, escondendo-se nas sombras, cruzando a ida e vinda entre os mundos, atormentando aos deuses sempre que surgia a oportunidade.

Uma pequena parte dela gostava disso nele. Gostava que não importasse uma merda o que as pessoas ou os deuses pensavam dele. E esta nova teimosia não tinha nada que ver com o fato de como estava sexy, com esse jeans que abraçava sua traseiro e essa camiseta negra que acentuava seus músculos. Ou que tivesse um aspecto duro, um que gritava *sou mau* até a medula. O que intrigava eram as contradições dessa imagem que ele se esforçava tanto em representar. Os momentos de ternura que ele nunca confessaria. A preocupação que escondia de todos os que rodeavam. O temor que sabia sentir por seu irmão, mas sobre o qual não queria falar.

Esse era o verdadeiro Orpheus. Não o *daemon* que queria que ela pensasse que era. Não o bagunceiro que queria que o mundo visse. Cada vez mais, a palavra herói girava na mente cada vez que o olhava. O que não podia entender era por que ele não podia vê-lo.

A palavra herói a fez pensar na mentira que Athena disse, e antes que pudesse evitar, sua mente vagou até o Olimpo. A tensão contraiu o peito. Zeus não estaria contente quando se inteirasse que fracassou na missão. Se enviasse as outras Sirens para terminar o trabalho como fez da última vez…

Orpheus deu um passo para ela. Sua mandíbula estava sem barbear e seus olhos cinza como granito gentil à luz de sol. E embora pudesse dizer por seu cenho que tentava pôr distância entre eles depois do que aconteceu na passada noite, as lembranças de sua boca, mãos, língua e o que podia fazer com apenas um olhar, a esquentou por dentro e extraiu qualquer outro pensamento da mente. Zeus, o Olimpo e inclusive seu futuro.

Desejava-o de novo. Mais que ontem à noite. E isso era novo para ela. A última vez que desejou alguém foi há milhares de anos. Quando esteve apaixonada por Cynurus. Apesar de que eram tecnicamente o mesmo… Isto era diferente. Mais forte. Mais ardente. Isto a consumia num nível que nem sequer estava perto de igualar.

Os olhos dele se estreitaram enquanto se aproximava.

— Eu não gosto desse olhar.

Sorriu, encantada pelo fato de tê-lo posto em guarda. Isso significava que sentia a mesma maldita coisa que ela.

— Que olhar?

— O que me diz que trama algo.

A necessidade pulsou através dela. Tramava algo. O que ia fazer a respeito de sua ordem. Como ia impedir que Zeus fosse atrás dele. Quando ia conseguir ter este homem frente à ela estendido de costas na cama. Esperava que fosse mais tarde.

Orpheus cabeceou para o oeste.

— O complexo de Apophis está do outro lado dessas colinas. Provavelmente custodiado por uma dúzia de bruxas.

— Esperará um ataque — advertiu Demétrius, situando-se ao seu lado.

Orpheus deslocou as telas de seu telefone de última geração.

— E é por isso que nunca nos verá chegada.

Skyla deu uma olhada de homem a homem.

— O que planejam os dois?

Orpheus sorriu amplamente e colocou o telefone no bolso detrás. Essa torcedura sinistra de seus lábios fez coisas travessas e quentes ao sangue e disse que ele planejava seu próprio *algo*.

— Atraí-lo para fora. Com uma nova recruta.

Ah, não. Ela deu um passo atrás.

— Vocês dois são os Medean, não eu.

— Sim, querida, mas você tem a mercadoria. Apophis só gosta das mulheres. Mulheres especiais. Acredito que talvez possa ser de utilidade, depois de tudo.

Um calafrio de apreensão percorreu as costas. Se, ela o queria, mas algo disse que o que ele planejou não era nem de longe o que ela tinha em mente.

— Relaxe, Siren — disse ele— Pode ser que você goste. Alguma vez eu a levaria pelo mau caminho?

Sim, levaria. E gostaria de cada minuto.

O problema era, que ela também.

Capítulo 19

Skyla não estava assustada. Foi treinada para não nunca demonstrar medo autêntico. Mas neste momento, um bruxo escondido no reino humano com poderes divinos, não é que a tranquilizasse exatamente. E pretender ser uma bruxa virginal, quando era algo menos que isso, também não dava muita segurança de que este plano louco funcionasse.

A prega do fino vestido branco que compraram roçava as coxas, fazendo com que coçasse as pernas. As sandálias eram muito abertas para seu gosto e parecia nua sem a armadura. Dado que não havia lugar onde esconder o arco neste traje, abandonou-o a favor de uma adaga atada no alto da coxa e o pequeno feitiço que Orpheus lançara sobre ela, assegurando que era necessário para este ardil, não a fazia se sentir bem também. De fato, fazia com que os músculos doessem.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Tentou não se mover nervosamente enquanto esperava dentro do círculo que Orpheus e Demétrius prepararam. O elemento terra pesava na mão. No claro, rodeado por colinas escuras cheias de ciprestes, carvalhos e pinheiros que se elevavam para cima como anciões decrépitos, a luz da lua se filtrava sobre as rochas, ramos e orquídeas selvagens que cobriam o chão, fazendo com que toda a área parecesse cinza e estéril em vez de colorida e viva.

Podia sentir a energia invocada por Demétrius e Orpheus em algum lugar entre as árvores. Sabia que o elemento terra, que tinha no punho, aumentava essa energia. E estava segura que Apophis podia senti-lo também. A magia reconhecia a magia e não tinha dúvidas que o poder do círculo tiraria eventualmente o bruxo de seu esconderijo. Mas uma pequena parte dela se preocupava por isso mesmo. Orpheus ainda estava frustrado com ela por colocar-se em seu caminho nesta busca. Simplesmente esperava que essa veia heroica que sabia que estava em seu interior, se mostrasse quando finalmente Apophis aparecesse. Com o elemento terra ou sem ele, sem suas armas ali, não havia forma de que suas habilidades de guerreira estivessem à altura de um bruxo.

Os ramos rangeram à direita e conteve o fôlego. Nada se movia a seu redor mais que o ar impulsionado pelos conjuros de Orpheus e Demétrius. Outro rangido soou à esquerda e tentou ver através da escuridão. Não pôde. Sentia a adaga pesada contra a coxa e o elemento terra quente contra a palma. Nenhum deles reduzia a velocidade do pulso.

Uma figura saiu de entre as árvores e ficou sem fôlego.

Sabia que tomou o corpo de um Argonauta, mas o que se aproximava não era o que esperava. Cabelo loiro escuro e um rosto jovem e bonito com uma mandíbula quadrada coberta por uma escura barba de dois dias. A diferença de Orpheus, que tinha esse escuro e perigoso aspecto, e de Demétrius, cujo cenho era francamente aterrador, este Argonauta era uma estrela de cinema, atrativo e bronzeado por estar sob o sol da Grécia, com um corpo musculoso e ao mesmo tempo artístico, como se seus ombros, peito e coxas tivessem sido cinzelados em sólida pedra.

Mas esse fulgor azul proveniente de seus olhos… não era bom. O que quer houvesse dentro dele, não era definitivamente um Argonauta. E sem dúvida não era heroico.

Apophis parou atrás das pedras que formavam o círculo e inclinou a cabeça. Aqueles olhos brilharam com mais intensidade.

— Sinto o poder que irradia de você, pequena.

Era tudo o que podia fazer para não dizer à ele o que ele poderia fazer com seu poder. Mas mordeu o lábio, lembrando a si mesma que o estava atraindo. Não era nada diferente do que fazia como Siren. Embora nesse assunto de virgindade, fosse realmente difícil de fingir para ela.

— Escutei rumores de um poderoso bruxo no Peloponeso — disse com uma voz asquerosamente doce, baixando a cabeça de forma servil— Esperava que nos encontrássemos.

Seu olhar deslumbrante iluminou o corpo.

— É a mais deliciosa. Há promessa em você.

Náuseas subiram pelo estômago.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Estive estudando durante algum tempo as artes escuras e tive uma visão de que meu professor logo viria à mim.

OH, homem, ia vomitar se isso não acabasse logo!

— Uma visão?

Ela assentiu com a cabeça. E como planejaram, abriu o punho para que ele pudesse ver o elemento terra na palma.

— Uma visão que me disse que meu professor uniria isto a um disco muito importante.

Seus olhos se aumentaram e o resplendor iluminou o claro.

— Onde o conseguiu?

— Roubei. Dê um homem. Eu lhe disse que estive praticando minha arte.

Seus olhos se fecharam com profunda desconfiança.

— É virgem?

Nem o caralho!

Mas Orpheus tinha razão. O bruxo parecia atraído por isso, o doente filho da puta. Sabia o porquê. Conseguia algum tipo de aumento de poder pela iniciação de uma virgem em sua ordem, mas enchia o saco de todo jeito.

— Sim, sou.

Mentiu, esperando que o pequeno feitiço de Orpheus, funcionasse para bloquear sua habilidade de sentir esse aspecto em particular nela.

— Abra o círculo.

Este era o momento da verdade. Não podia entrar sem convite. E estava a salvo até que ele o fizesse.

— Só posso abri-lo para meu professor. Como sei que é você?

Durante um segundo ele não fez nada. Então, lentamente, tocou os botões em seu peito, abrindo um e logo o outro. Retirou a camiseta para revelar o Orbe de Krónos descansando contra sua pele tonificada.

Seu poder a alcançou através da distância. O elemento terra se esquentou ainda mais na palma, tão perto de sua casa. Não era à toa que Zeus estivesse disposto a matar por esta coisa. Inclusive daqui podia sentir a devoradora atração e o controle.

A energia do círculo se fraturou e este se abriu. O bruxo deu um passo para dentro. O pulso de Skyla se acelerou como um foguete. Ela não abriu o círculo, Orpheus o fez. E embora soubesse que tudo era parte do plano, isso não aliviou a ansiedade.

Ele se aproximou devagar, mas intencionadamente e só parou quando esteve a trinta centímetros dela. Tomou um profundo fôlego, reteve e sorriu lentamente.

— Esta será uma união muito boa, virgem. Será muito importante para o sabá das bruxas.

— Melhor pensar de novo, bruxo.

Orpheus saiu das árvores com o arco de Skyla nas mãos, a flecha apontando ao coração do mago.

Quando o bruxo girou para olhar em sua direção, com fogo em seus horripilantes olhos azuis, Skyla se lançou atrás dele e correu para a abertura do círculo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Você — grunhiu o bruxo.

— Sim, eu — disse Orpheus, aproximando-se mais da borda do círculo, a flecha ainda preparada para bater— Pegou algo que não pertencia e nós o queremos de volta.

— Nós? — perguntou o bruxo.

— Nós — respondeu Demétrius, saindo das árvores que o bruxo abandonou, chamando assim sua atenção.

— Você!

A fúria estalou no rosto do bruxo. Elevou a mão para Demétrius e jogou um feixe de energia azul que bateu na borda do círculo fazendo-o cair ao chão, deixando atrás de si fumaça elevando da terra.

Bem, isso foi genial.

— O que acontece, filho da puta? — perguntou Orpheus— Muito fraco para quebrar um miserável círculo?

A fúria aumentou no rosto do bruxo. Levantou ambas as mãos, fechou os olhos e começou a cantar em um idioma estranho.

— Agora? — gritou Demétrius sobre as palavras do feiticeiro.

— Agora.

Respondeu Orpheus, entregando o arco e a flecha para Skyla quando passou para o lado dele. Agarrou o elemento terra que oferecia, fechou os olhos e criou seu próprio cântico que se mesclou com o de Demétrius.

O rosto do bruxo ficou vermelho vivo. A magia se reuniu em suas mãos. A energia saiu disparada de sua palma e transpassou o círculo.

— Orpheus! — Skyla lançou seu peso sobre ele, jogando-o no chão, por isso a rajada não o atingiu.

Ele rodou sobre seu estômago, ficou de joelhos, mas seu cântico nenhuma só vez perdeu o ritmo. A voz de Demétrius se tornou mais forte. O bruxo virou-se na direção de Demétrius, tentando lançar a mesma energia, mas desta vez a força se chocou contra a borda do círculo e caiu ao chão como uma bola que se choca contra uma parede.

Estava fraco. Orpheus tinha razão: sem suas bruxas, perdia sua supremacia. A magia era algo com o que Skyla estava familiarizada. Afinal, vivia no Olimpo. Via os deuses evocá-la sem pensar duas vezes. Mas o que presenciava neste claro momento entre os dois Argonautas, os quais podiam remontar alguma parte de sua linhagem a Medea, parecia uma forma de arte. O temor ondulou atravessando pelo que ambos eram capazes de fazer, enfocando seus dons e trabalhando juntos.

Quando a energia do bruxo se esgotou, cessando suas palavras no meio de uma rajada, seus olhos se abriram. Cada vez que Orpheus e Demétrius terminavam um verso, o bruxo soltava um uivo, como se fosse sacudido por uma invisível corrente elétrica procedente da terra. Ele elevou os pés, tentando saltar para longe do chão. Depois de cinco minutos uivando, gritando e dançando como uma galinha descabeçada, encolheu-se de joelhos no meio do círculo, enroscando em si mesmo e choramingou como um menino.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Orpheus abriu os olhos e sorriu em direção a Demétrius.

— Bom trabalho.

Com o pulso ainda pulsando com força, Skyla manteve a flecha preparada enquanto Orpheus entrava no círculo e se ajoelhava sobre o bruxo. Apophis não pareceu notá-lo. Orpheus tocou o Círculo, mas uma pequena explosão soou e ele jogou a mão para trás como se tivesse queimado.

— O que acontece? — disse Demétrius.

— Deve ter posto alguma espécie de feitiço sobre a maldita coisa.

Demétrius se moveu ao interior do círculo.

— O que está pensando?

Orpheus franziu o cenho.

— Penso que não sejamos capazes de tirar até que abandone o controle do corpo de Gryphon.

— O que significa isso, como devemos pará-lo?

Orpheus se levantou do chão.

— Significa que teremos que nos assegurar que esteja bem preso e trancado até que eu retorne.

Retornar. Do Inframundo. O estômago de Skyla se encolheu. Sabia que aí era para onde se dirigiam, mas de todo jeito formou um nó nas vísceras.

— Esperemos que três dias sejam suficiente tempo — murmurou Demétrius, ajudando Orpheus a levantar o bruxo e tirá-lo do círculo— Estará de saco cheio quando despertar, e se as bruxas estiverem suficientemente aperfeiçoadas em suas artes antes que volte, estarei com a merda até o pescoço.

— Voltarei — disse Orpheus.

Demétrius não pareceu muito certo enquanto conduzia ao bruxo até seu veículo escondo entre as árvores.

A sós, Orpheus apoiou as mãos em seus quadris e inclinou a cabeça enquanto Skyla encolhia o arco.

— Fez bem, Siren. Essa demolição foi digna da NFL[40]. Esteve vendo Monday Night Football[41]?

Skyla sabia bastante da cultura humana para entender o significado. E o elogio a esquentou. Mais do que esperava.

— O contato físico, como já sabe, não é um problema para mim. Entretanto, esperava algo um pouco mais catastrófico.

— O catastrófico está sobrevalorizado. Às vezes os “sem incidentes” estão bastante bem.

Não para ela. Mas claro, era uma Siren. Sempre esperava o pior.

Lançou um olhar ao elemento terra que agora pendurava de uma corrente ao redor de seu pescoço, apenas visível por sua camiseta aberta. A coisa a deixava nervosa. Não só porque sustentava tanto poder, mas sim porque ela o levava como se pertencesse. E embora não gostasse

[40] *Liga Nacional de Futebol Americano.*

[41] *Transmissão ao vivo dos jogos da Liga.*

do roteiro que tomou a mente, não pôde menos que perguntar o que passaria quando tivesse o Orbe que o acompanhava.

Centrou em seus olhos.

— Pode seguir adiante e tirar o feitiço de virgindade a qualquer momento.

— Não sei. Tem certo… encanto em você.

Seu perverso olhar percorreu os seios, deslizaram pela cintura e passou às coxas sob a prega do vestido branco.

E por baixo daquela acalorada exploração, o fogo estalou nas veias. Antes seus luxuriosos olhares acendiam um fogo lento no ventre, agora avivavam um incêndio total. Compreendeu que acrescentou algo mais naquele feitiço de mascaramento. Alguma excitação realçada com a intenção de castigá-la por não escutar quando disse que não o seguisse.

— Isto o diverte, verdade?

— Há tão pouco humor em minha vida, Siren. Tenho que tomar de onde possa consegui-lo.

Ela se aproximou mais. O suficientemente perto para cheirar o doce aroma de seu duro corpo, misturado com uma excitação que ele tratava de não demonstrar.

— Então tome cuidado, daemon. Porque lançar um feitiço de excitação sobre mim não vai trocar minha ideia de me unir a você no Inframundo. E se esquece que sou uma Siren. Estou acostumada a estar toda quente e molhada e evitar a liberação. Você, por outro lado, poderia querer pensar sobre isso novamente. Porque quando estivermos caminhando pelos Campos do Asfódelos, tenho a sensação que vai passar um tempo dos diabos tentando esquecer como me deixou excitada e o que sabe que posso fazer a respeito.

Deixou-o de pé entre as árvores enquanto se dirigia ao carro, onde Demétrius esperava com o bruxo. E embora isto não devesse lhe dar satisfação, o olhar de santo inferno em seu rosto foi bastante para fazê-la sorrir.

Por agora, seria suficiente.

Orpheus tirou o feitiço de excitação sobre Skyla imediatamente. A intenção que tivera para atormentar a Siren saiu errado. Muito errado.

Passou a mão pela suada testa enquanto a seguia pelas colinas aos subúrbios da cidade de Heraklion[42]. Era meio da amanhã e o sol já estava cozinhando a pele. Eles tomaram um navio de Corinto a Giz[43], que atracou na cidade ao norte, logo alugaram um carro e se dirigiram até Psychro, onde deixaram Demétrius e o bruxo em uma choça abandonada que encontraram aos subúrbios da cidade. Então Skyla arrastou Orpheus às lojas de turistas da cidade. Por toda a manhã, enquanto ela esteve farejando nas estantes de uma loja à outra, procurando só os deuses sabia o que, ele não foi capaz de afastar o olhar de suas bem formadas longas pernas, embainhadas em um ajustado legging negro que comprou e a flexão dos músculos de seus ombros contra o top sem mangas combinando com eles. E sempre que ela sorria em sua direção ou

[42] *Cidade grega*

[43] *Cidades gregas*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

pegava o brilho malicioso em seus olhos, lembrava o que disse nos bosques nos subúrbios de Corinto.

Tenho a sensação que vai passar um tempo dos diabos tentando esquecer como me deixou excitada.

Skata. Inclusive sem o feitiço de excitação em seu lugar, zombava dele até o grau de ebulição. Não podia deixar de pensar como se sentiu naquela noite na colônia, como estava brilhante à luz da lua na torre, como ela o fez cair de traseiro com um só toque. Era estúpido ao pensar que poderia atormentá-la com um feitiço miserável. Tolo, por ter estado de acordo em permitir que o seguisse ao Inframundo, quando ela tinha esse efeito louco nele. Idiota, se pensava que ela não era outra coisa que a Siren sedutora que foi treinada para ser.

E ainda assim…

Desde que capturaram o bruxo, nenhuma só vez tentou tomar o Orbe. Nem sequer atuou como se preocupasse que eles o tivessem. Parecia só preocupada com chegar ao Inframundo e encontrar Gryphon.

Embora tentasse, parecia que não podia afastar os olhos dela. Skyla estava de pé à luz do sol no alto do caminho, olhando à esquerda e direita, mais linda do que esteve no momento que a conheceu. Sempre que pensava que a havia pego, ela fazia algo completamente inesperado. Como unir-se a ele neste viajem ao Inframundo, ainda quando não precisava fazê-lo, ou atirando-se ao chão de forma que a rajada de energia do bruxo não lhe fizesse mal.

O calor estendeu pelo peito. Um calor que só o distrairia, se não fosse com cuidado.

Afastou os olhos dela, girou e observou os arredores da colina. Disse a si mesmo que se centrasse antes que esquecesse o que estava fazendo aqui.

— Bem, Siren — disse, desejando ter jogado uma lata de água na mochila em lugar de algumas miseráveis garrafas de água. Precisava molhar a fodida cabeça. Preferivelmente algumas vezes— Morderei o anzol. Está tentando me matar de insolação ou de esgotamento? Por que demônio não pudemos simplesmente nos teletransportar até aqui?

Ela retrocedeu até ele, suas botas levantando pó em sua esteira. Quando chegou ao seu lado, deu a garrafa de água.

— Teletransportar causaria uma mudança de energia que assinalaria nossa direção e você não quer isso, não é verdade? Além disso, quase chegamos. Está do outro lado desse penhasco.

— A entrada ao Inframundo — disse, elevando a garrafa aos lábios.

— Sim.

— Aqui em Giz. No Monte Ida[44].

— Sim.

---

[44] *O monte Ida, conhecido variadamente como Idha, Ídhi, Idi e hoje Psiloritis (em grego: Ψηλωρείτης), é a mais alta montanha da ilha de Creta. Em suas encostas, segundo a lenda, está a caverna de Idaion Andron, em que Zeus nasceu.*

Essa é a entrada da caverna.

— Onde Zeus nasceu.

A travessura iluminou seus olhos.

— Não imaginava que Hades teria senso de humor sobre isso, não é verdade?

Tomou a garrafa dele e a meteu no bolso lateral de sua mochila. O calor e a vida zumbiram através da pele quando seus dedos se roçaram e logo se foi, muito rápido.

Enquanto ela retornava ao caminho, observou o sexy balanço de seu traseiro.

— Concentre-se — murmurou, pisando forte enquanto a seguia— Pensei que Zeus teria posto um fim nisso. Isso deve encher o saco do super rei, não é verdade?

— Mais do que acha. — Desceram pelo outro lado da colina. Uma variedade de cactos se pulverizavam pela paragem, junto a ervas indígenas, ciprestes e olivas. — Mas não pode detê-lo, já que Hades controla o Inframundo e sua entrada.

— Parece um lugar óbvio para a entrada.

— Óbvio, se entender a profundidade da mente ciumenta de Hades.

— Certo. Como é que ninguém encontrou a entrada antes? O lugar de nascimento de Zeus foi escavado por arqueólogos humanos.

— Fez seus deveres.

Ele lançou um olhar por cima do ombro. Um que era muito malditamente sexy para seu gosto.

— Quando se trata dos deuses, sempre faço meus deveres.

— A localização é só uma parte do quebra-cabeça, daemon. Não se pode entrar no Inframundo sem isto.

Ela deu um tapinha a sua mochila.

— Aquele livro que comprou? Esse souvenir que custou quinze fodidos euros?

— Confia em mim. Serão quinze euros bem gastos.

O caminho se nivelou. O alto carvalho à direita indicava que havia água em algum lugar próximo. Eles escolheram o caminho que rodeava os arbustos e as árvores que necessitavam uma poda e se aproximaram, do que parecia ser, a entrada a uma grande caverna.

Um punhado de turistas formavam redemoinhos ao seu redor, levando câmaras em riste e queimaduras em sua pálida peles. À esquerda, um guia em pé sobre uma rocha, narrava à história do Rei dos Deuses. Skyla cabeceou para a entrada.

— A Caverna do Psychro.[45]

— Quer dizer: a caverna do psicopata — murmurou Orpheus— Muito bem, sabichão e agora o que?

— Vamos.

[45] *De acordo com o historiador Hesíodo, Reia deu à luz à Zeus em uma caverna do Monte Egeu, perto de Licto; desde o século XIX a caverna acima da moderna vila de Psicro tem sido identificada como este santuário. A caverna Dicteana (ou Ideana) é famosa na mitologia grega como o lugar onde Amalteia, ou Dikti, nutriu o jovem Zeus com seu leite. Ela era ama de Zeus, que foi responsabilizada por Reia para trazer o bebê Zeus em segredo para a caverna, para protegê-lo de seu pai, Cronos.*

Ela agarrou a frente da camiseta dele, onde por debaixo, o elemento descansava contra a pele e a puxou. Pequenas gotas de calor se estenderam por onde seus dedos o roçaram, esfriando no instante em que o soltou.

Ela os conduziu em direção aos d turistas à boca da caverna, que se abria para formar um grande espaço.

— O primeiro corredor — disse, continuando enquanto passavam os últimos turistas que tiravam fotos e conversavam sobre a história da caverna. Passaram através de um arco estreito e se encaminharam a uma série de degraus em zigue-zague que desciam rumo a uma sala ainda maior.

As lanternas iluminavam a escuridão. O ar se tornou mais frio. As estalactites penduravam do teto como dentes sinistros, preparados para morder e as vozes se repetiam pelas paredes… sussurros, risadas, inclusive um grito de vez em quando.

Dirigiram-se para baixo com os outros turistas, tomando cuidado para não fazer nada que chamasse a atenção; não é que Skyla não atraísse sua própria atenção. Era tão ardente, que todos os tipos de homem do lugar a estavam olhando, o que enviou uma sacudida de ciúmes através de Orpheus. Perto do final, Skyla assinalou à direita.

— O Manto de Zeus[46] está por ali. Uma enorme estalactite que parece totalmente fora de lugar. Nem sequer me incomodarei em dizer o que isso representa.

— Se me disser que sabe por experiência, pode me deixar doente.

Ela riu entre os dentes.

— Não, isso é algo que esta Siren não tem experiência. Está a salvo — cabeceou para outra abertura—Também há um lago nessa sala onde frequentemente se fazem oferendas.

— Entendo que não vamos nessa direção?

— Não.

Ela girou à esquerda, para longe da multidão, e andou entre as rochas e as estalagmites até que entraram em uma pequena câmara, esta grande o bastante, para conter a um pequeno grupo de pessoas.

Skyla tirou a mochila e a deixou cair ao chão, gesticulando para a entrada.

— Se assegure que não venha ninguém.

Orpheus fez o que pediu. Bloqueou a entrada com o corpo para que assim ninguém pudesse entrar ou ver o que ela fazia e observou Skyla tirar o livro que comprou essa manhã, da mochila.

— Aqui está — disse, passando um dedo pelo texto— Portões de Hades, Reino dos Mortos, abra suas portas para que possamos passar da vida à morte.

Sua voz baixou e leu umas palavras em grego antigo que Orpheus não pôde decifrar. Quando terminou, ficou quieta, esperando.

[46] *Para enganar as mulheres e poder se deitar com elas, Zeus utilizava um manto e se transformava em várias coisas: cisne, touro; no caso específico da nossa história, Zeus seduziu Perséfone, a esposa de Hades, assumindo as feições e características do marido dela.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Nada mudou na pequena câmara. As vozes se repetiam em outras partes da caverna. Estava a ponto de dizer a Skyla que o plano havia falhado, quando rocha raspou contra rocha e uma vibração se repetiu no chão.

Sem chances.

Uma grande pedra se deslocou para o lado, abrindo um túnel que desaparecia na escuridão.

Skyla pegou sua mochila e colocou o livro no interior. Antes que balançasse a mochila atrás de suas costas de novo, tirou uma lanterna e se voltou em sua direção.

— Está preparado?

Ele olhou para a escuridão. Um vento sinistro açoitou o rosto, misturado com o uivo de um grito que só podia vir da tortura e da dor. Calafrios percorreram a coluna, apesar do elemento terra queimar contra o peito. Mais quente que antes, respirando.

— Sim, mas acredito que deveria ficar neste lugar. Agradeço que conseguiu me trazer aqui e tudo isso, mas não preciso…

— Daemon…

Franziu o cenho para ela.

— Siren.

Mas em lugar da obstinada resposta que esperava, seu rosto se suavizou.

— Vou com você. Fim da história. E vai precisar, independentemente de achar não. Posso encantar a muito mais que só homens tolos. Agora deixe de discutir e se apresse. Esta coisa não ficará aberta muito mais tempo e só temos uma oportunidade.

Não estava certo do que ela quis dizer ao falar encantando a mais que só homens, mas sabia, por seu decidido olhar ametista, que não voltaria atrás. Já passaram por esta discussão uma dúzia de vezes e ela não cedeu nenhuma só vez, mesmo que havia uma grande possibilidade que ambos nunca saíssem desta com vida.

Deu um passo pela frente dele, indo em direção ao túnel. Com o peito oprimido, a conexão que sentiu com ela na primeira vez, flamejando quente sob a pele, seguiu-a. Fez uma pausa e olhou para trás quando as rochas chiaram outra vez atrás deles, logo se fecharam com um ruído metálico, selando-os dentro.

O olhar surpreendido de Skyla saltou ao seu rosto.

— Suponho que agora não há volta.

Não, não a havia, não é?

O temor se reuniu no estômago quando acendeu a lanterna para iluminar o corredor. Não havia nada mais que irregulares paredes de pedra, um chão de terra e a escuridão que os chamava.

Isso e a fatalidade. Um montão de maldita fatalidade.

Capítulo 20

As botas de Skyla rangiam por sobre as rochas enquanto caminhavam pelo corredor abaixo. As lanternas iluminavam as paredes de pedra ao seu redor, as rochas e as estalactites que penduravam do teto. Duas vezes tiveram que esquivar de pequenos atoleiros de água turva enquanto continuavam sua viagem para baixo. Os restos do esqueleto que a lanterna de Orpheus iluminou, eram os terceiros que acharam quando entraram em túnel.

— Humano? — perguntou.

Skyla se levantou de onde estivera encolhida. Havia uma carteira escolar de couro, botas de trabalho e um casaco de mineiro com a luz apagava.

— Acredito nisso. Arqueólogo, provavelmente.

— Estúpido — murmurou Orpheus— Não tinha nem ideia com o que se encontraria.

— Igual aos outros.

Ele tomou a frente de novo. Caminharam outros bons quinze minutos, os sons das botas raspando as rochas e as respirações constantes, eram o único ruído no assustador túnel. Bem quando tinha certeza de que iriam continuar na escuridão para sempre, o túnel se abriu e o som de água fluindo, ecoou mais a frente.

Ninguém falou enquanto se aproximavam da água. Skyla dirigiu a lanterna para cima e para os arredores. O túnel se abria em uma caverna enorme, o teto era tão alto que não aparecia. Rochas negras despontavam de um rio vermelho, que retorcia, girava e desaparecia na escuridão. Muito longe, na distância, uma débil luz brilhava.

Orpheus deslizou a mochila pelo ombro, abriu o zíper, tirou duas moedas e entregou uma à Skyla. Baixou o olhar ao antigo óbolo, de novo surpreendida pelo daemon que tinha ao lado.

— Espero que tenha algumas mais dessas, para poder retornar quando terminarmos.

Ele jogou a mochila no ombro.

— Não, mas tenho um plano para isso.

A medida que a luz crescia e a barca se aproximava, o pulso de Skyla se acelerou.

Era uma Siren. Quando uma Siren morria, supostamente ia às Ilhas dos Bem-aventurados, não ao Tártaro. Mas que garantia tinha de que isso acontecia na realidade?

Estive fazendo o trabalho sujo de Zeus durante todos esses anos. Por que não terminaria aqui também?

Ela rejeitou o pensamento quando a barca se aproximou e chocou contra as enegrecidas rochas que constituíam a borda. Caronte[47], o misterioso barqueiro, estava de pé na parte posterior do bote, com as mãos sobre um comprido pau de madeira. Atrás dele, uma lanterna pendurava de um gancho. Não era velho, como Skyla esperou. Tinha o cabelo negro com apenas um toque de cinza, o corpo magro, o rosto largo e brilhantes e sábios olhos azul cinzentos. Sem

[47] *Na mitologia grega, Caronte é o barqueiro do Hades, que carrega as almas dos recém-mortos sobre as águas dos rios Estige e Aqueronte, que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Uma moeda para pagá-lo pelo trajeto, geralmente um óbolo ou danake, era por vezes colocado dentro ou sobre a boca dos cadáveres, de acordo com a tradição funerária da Grécia Antiga. Segundo alguns autores, aqueles que não tinham condições de pagar a quantia, ou aqueles cujos corpos não haviam sido enterrados, tinham de vagar pelas margens por cem anos. Na mitologia, alguns heróis — como Héracles,Orfeu, Enéas, Dioniso e Psiquê — conseguem viajar até o mundo inferior e retornar, ainda vivos, trazidos pela barca de Caronte. Era filho de Nix, a Noite.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

uma palavra, estendeu a mão esquerda. Orpheus deixou cair sua moeda na palma do Caronte. Skyla seguiu seu exemplo e o Caronte fez gestos para que subissem a bordo.

Skyla inspirou profundamente. Quando Orpheus pegou pelo braço e ajudou a subir, uma injeção de calor correu pela pele. Caronte não disse nada enquanto deixava cair às moedas em um montão sobre o piso de madeira do navio atrás dele e logo usou a vara de madeira para afastar os da borda. Começaram a flutuar rio abaixo em silêncio.

A escuridão parecia ir e vir e sobre o horizonte uma estranha luz cinzenta cresceu. A coluna vertebral de Skyla formigou quando deu uma olhada por cima do ombro e deu de cara com Caronte observando-a fixamente com seus intensos olhos. Ela olhou de novo para frente e se aproximou mais de Orpheus.

— Simpático, não é verdade?

Ele se inclinou para ela para que não pudesse ouvi-los e o aroma de almíscar de sua pele encheu os sentidos.

— Algo me diz que é melhor para nós que ele não se mostre falador.

Skyla assentiu com a cabeça e prestou atenção adiante. O céu cinza foi clareando até que o redor deles esteve alagado de uma estranha e incolor luz, que expulsava a escuridão. Rochas negras se desdobravam de ambos os lados do rio e uma planície erma e desolada se estendeu à vista. Em frente, à uns cinquenta metros de distância, um cais os esperava.

A barca bateu no final do cais e parou. Orpheus ajudou de novo a Skyla a se abaixar, e sem outra palavra, Caronte partiu, girando o bote contra a corrente, e retornando por onde vieram.

— Então qual era o plano sobre as moedas extras? — perguntou Skyla enquanto observava a barca ficar cada vez mais distante.

— Segure isto — Orpheus entregou a mochila. E antes que pudesse perguntar para que, ele desapareceu.

Assustada, Skyla olhou ao seu redor, perguntando onde ele foi. Então o viu reaparecer atrás de Caronte. Pegou um punhado de moedas do alto do monte e logo desapareceu de novo, como se nunca estivesse ali. Segundos mais tarde, estava de pé ao lado de Skyla.

Pegou na mão dela.

— Guarde um par no bolso, no caso de precisar.

No caso do que? Quis perguntar, mas não o fez. Orpheus colocou algumas moedas em seus bolsos e guardou o resto na mochila.

— Não acha que ele sentirá falta delas?

— Esperemos que não. Venha, vamos — virou-se para terra e puxou a manga. Ela o seguiu pelo cais e subiram em direção às rochas enegrecidas. Quando chegaram ao topo, ambos fizeram uma parada e deram uma olhada.

— Deuses Santos — murmurou Skyla.

Quilômetros e quilômetros de ondulantes campos de cor cinza, cheios de almas vagabundeando como se estivessem perdas. Um sentimento de desolação flutuava no ar. E muito longe, na distância, negras montanhas escarpadas se elevavam de um nada, e se fundiam em um céu vermelho alaranjado.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Os Campos do Asfódelos — disse Orpheus— Melhor do que eu esperava na verdade.

— E o que esperava?

— Muitos mais problemas antes de chegar a este ponto.

Assim como ela.

Dirigiram-se para baixo. Um grunhido à esquerda parou os pés de Skyla e deu meia volta para ver como uma enorme besta parecida com um cão com três cabeças saía detrás de um grupo de rochas negras.

— Isto é o que eu esperava — murmurou Orpheus, levando a mão à espada que estava em suas costas.

Skyla colocou uma mão sobre seu antebraço antes que ele pudesse tirar a arma.

— Espere.

— Esperar? Está louca? Essa coisa parece faminta. E não dócil como Caronte.

— Se matar Cerbero vai atrair todos os tipos de problemas dos quais não necessitamos — Skyla deu sua mochila— Confia em mim. Por isso é que me trouxe.

Deu um passo para a besta. Sabia que Orpheus a observava *com um quê diabos acha que está fazendo?* Olhou no rosto dele. As três cabeças do Cerbero grunhiram uma advertência sinistra.

— Skyla — advertiu Orpheus— Espere.

Parou à três passos da besta. Seu rançoso fôlego a alcançou. Suas presas gotejavam algo vil, sobre o qual não queria nem pensar. Quando ele voltou a grunhir e mostrou a fila de afiados dentes, Skyla abriu a boca e começou a cantar.

Com alguns compassos da canção de ninar de Brahms[48], ele fechou suas enormes bocas, enroscou —seno chão e começou a dormir. No silêncio que se seguiu, Skyla virou-se para Orpheus e sorriu amplamente.

— O que foi isso?

— Shh — sussurrou, agarrando a mochila e lançando sobre os ombros— Não queremos despertá-lo — conduziu Orpheus colina abaixo, longe da besta adormecida. Quando estavam bem longe disse — Isso, daemon era música.

— Sei o que é a música — espetou— De onde vem?

— Vamos, Orpheus. Conhece as lendas. Sou uma Siren[49] — arrastou a palavra para dar efeito — antes que trabalhássemos para Zeus viemos de algum lugar, não? Corpo ardente, voz bonita, usada para atrair os marinheiros para sua ruína... Não parece algo?

— Parece — resmungou com o cenho franzido enquanto a seguia colina abaixo.— Todas as Sirens podem cantar?

Agarrou ambas as correias da mochila enquanto passava das rochas ao trigo cinza alto até a cintura.

— Sim.

[48] http://www.youtube.com/watch?v=c5kTo_8aJCM

[49] *Siren é sereia em inglês.*

— Então, por que não usou um pouco desse encanto com aqueles cães infernais em Montana?

— Funciona melhor *um a um*. Embora se as coisas se houvessem ficado difíceis, eu teria tentado.

Seu cenho ficou mais franzido. E por motivos que ela não entendeu sua expressão a fez rir.

— Está zangado porque usei o encanto para sair do problema?

— Não estou zangado. Simplesmente eu não gosto de surpresas. Da próxima vez me conte o que tem na manga antes de se aproximar de um monstro que parece não ter comido em três meses.

E isso foi o que mexeu com ela. Não estava bravo porque o superasse com o Cerbero. Esteve preocupado de que fizesse mal a ela.

Parou de andar e ele tomou a dianteira. Observou a forma com que os músculos dos ombros e as pernas dele se flexionavam ao se moverem. E o calor se estendeu do ventre para o peito, até envolver o coração.

Ele deu uma olhada sobre seu ombro.

— O que?

O coração dela se acelerou. Um batimento do coração suave que rapidamente redobrou a velocidade até golpear contra as costelas. Pulsando com o conhecimento de que se apaixonou por este daemon. Recaída com força, sem importar o trabalho, a missão e os milhares de anos de história que separavam suas duas vidas.

— Skyla? Está bem?

Sua voz a enviou de volta à realidade. Realidade que consistia no fato em que se encontravam nos Campos de Asfódelos. No Inframundo. Partindo para o Tártaro.

— Estou bem — disse, reatando o passo e chegando ao seu lado— Vamos.

Mas não estava bem. Não realmente. Estava apaixonada. Agora sabia sem dúvida nenhuma. E a julgar por quem e o que era ela, algo dizia que este amor seria sua perdição.

Caminharam pelos monótonos campos de trigo durante horas, com nada mais que a cor cinza em todas as direções. Almas flutuavam ao seu lado enquanto cruzavam as planícies, almas tristes e deprimidas com caras largas e olhos atormentados. A princípio, ser rodeado pelas almas dos mortos desconcentrou Orpheus, mas rapidamente se acostumou a elas. Estas almas não eram malévolas, simplesmente eram curiosas. E algo naquele lugar deixava Orpheus com um caso grave de *déjà vu*.

Isto seria muito mais fácil se simplesmente pudesse se teletransportar ao Tártaro e procurar Gryphon, mas não sabia aonde ir, por isso não serviria de nada. Skyla podia se teletransportar no reino humano, mas aqui não, e, embora odiasse admiti-lo, uma parte dele se alegrava de ter companhia.

Cruzaram do trigo à negra rocha quando alcançaram as montanhas do outro lado. As almas se detiveram, olhando fixamente atrás deles. Uma espécie de barreira os mantinha presos. Feliz por se afastar delas, Orpheus seguiu Skyla pelo labirinto de afiadas rochas como navalhas de barbear, enquanto começavam a subir as escarpadas montanhas para o Tártaro. O céu cinza deu

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

espaço a redemoinhos de nuvens negras e um céu cor vermelho fogo. E quanto mais longe caminhavam, mais quente ficava o ar, até que o suor escorregou por todo o corpo. Incapaz de suportá-lo mais, Orpheus tirou a camiseta e a guardou na mochila.

Skyla prendeu o cabelo no alto da cabeça. O suor cobria sua pele, provocando um brilho que resplandecia na luz. Mechas de cabelo úmido se pegavam ao pescoço e à suave área atrás das orelhas. Ele tentou manter os olhos no caminho para não cair e cortar os joelhos com as afiadas rochas, mas seu olhar continuamente retornava à ela. Ao seu corpo apertado naquele apertado top sem mangas e as magras calças que moldavam seu traseiro. A maneira que ela andava. Os suaves e brandos lábios dela, que inclusive agora, se moviam em sua mente, entoando a canção que cantou ao Cerbero no princípio do dia.

Bom, esquecendo o fato que foi uma ação estúpida e que ela poderia ter sido devorada, o que continuava martelando na mente era que já a havia escutado cantar antes. Não sabia como ou quando, mas estava certo disso. E aquele conhecimento, unido à estranha sensação de que ele já esteve aqui, deixava-o nervoso. O fazia desejar estar já no Tártaro e assim poder deixar de pensar nela. De preocupar-se com ela. De desejá-la.

Passaram por uma série de rochas que formavam um túnel de teto baixo. No outro extremo, Skyla parou e assinalou a ladeira debaixo.

— Olhe.

Da sua posição vantajosa, podiam ver os cinco rios do Inframundo[50], que convergiam em um grande pântano no centro do imenso vale. Os vulcões se elevavam da terra, vomitando lava fundida, cinza, e escombros. Montanhas mais escarpadas se elevavam ao redor da periferia, e em toda partes se escutavam os gritos das almas rogando misericórdia, transportados pelo vento.

Skyla deixou cair a mochila aos pés, extraiu a garrafa de água e jogou a cabeça para trás. Orpheus observou seus lábios contra a garrafa de plástico, os músculos que se moviam em seu pescoço e recordou como se sentiu quando ela quase o engoliu por completo.

O calor percorreu cada célula do corpo.

Ela baixou a água.

— Deveríamos descansar aqui.

Tinha razão. Sabia que tinha razão. Mas, de repente, estar a sós com ela em um espaço tão limitado não pareceu boa ideia. Ou parecia muito boa… esse era o problema. Não podia deixar-se distrair por ela agora. Não quando estava tão perto de encontrar Gryphon.

Encontraram uma saliência para sentar e Skyla tirou da mochila uma manta e um pacote de comida desidratada que eles conseguiram em Giz, antes de entrar no Inframundo. Ela se deixou cair ao chão e começou a mastigar um punhado de frutos secos misturados.

— Está bem? — perguntou entre um pedaço e outro— Parece inquieto.

Ele deixou cair a mochila, apoiou as mãos nos quadris e passeou pela pequena saliência.

[50] *Os 5 rios do Inframundo são Aqueronte, Estige, Cócito, Flegetonte e Lete.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Estou bem — mentiu, para impedir que averiguasse o que tinha realmente em mente, trazendo para situação outro pensamento que rondava pela cabeça— Não acha que é estranho que Hades não tenha enviado nada atrás de nós?

Skyla cruzou as pernas.

— Talvez não saiba que estamos aqui.

Ele a cravou com o olhar.

— Tenho o pressentimento que ele vê tudo o que acontece em seu reino. Além disso, Caronte sabia que não éramos almas.

— O que está pensando?

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Penso que, a cada passo no caminho, Hades enviou seus cães do inferno para nos matar, mas agora que estamos em seu reino não? Algo está acontecendo.

— Possivelmente espera para ver o que fazemos.

— Ou está preparando uma armadilha.

Ela não respondeu, e no silêncio que seguiu soube que contemplava essa possibilidade. A luta podia dirigi-la. Podia tratar com as emboscadas. A espera e as perguntas, o deixavam louco.

Deu um chute numa pedra sobre o platô. Esta golpeou contra as rochas, terra e ramos de árvores mortas que em sua queda fazia os rios que se formavam redemoinhos abaixo. A bolsa de plástico rangeu quando Skyla a colocou de novo na mochila.

— Preocupar-se pelo desconhecido não vai servir de nada agora mesmo — acariciou a manta ao seu lado— Veem aqui e sente-se.

Acelerou o pulso.

— Vamos, daemon — brincou ela— Não mordo. — Quando ele a fulminou com o olhar por cima do ombro, ela sorriu amplamente e acrescentou— Não muito.

— Não, obrigado. Não tenho vontade de brincar neste momento.

Além disso, não gostou do modo em que ela esteve olhando o elemento contra o peito todo o dia.

— Poderia cantar para você.

Ele lançou outro olhar fulminante.

— Não acredito.

Ela riu.

— Bem, se eu prometer não tocar nem cantar, virá aqui? Precisa descansar. Não sabemos o que vamos encontrar amanhã e, se tiver razão, se Hades nos preparou algo, precisarei que você esteja sua melhor forma — elevou as mãos— Prometo que serei boazinha.

Seus olhos brilhavam com picardia, mas a preocupação em sua voz o atraiu. Sentou-se sobre a manta ao seu lado, descansando as costas contra as rochas atrás dele. Inclusive, embora não estivesse o bastante perto para tocar, podia sentir o calor irradiando do corpo dela. Podia cheirar a fragrância da madressilva de sua pele.

— Melhor? — perguntou ela.

Não, melhor não. Só estar perto dela o deixava duro. E quando ficava duro, pensava em como havia sido o sexo com ela. Quente e extenuante naquele apartamento de Washington. Alucinantemente erótico naquela torre na colônia.

Estiveram sentados em silêncio durante vários minutos. No ar quente e úmido, era consciente de cada fôlego que ela tomava, do modo em que seus seios subiam e baixavam sob o top, da gotinha de transpiração que descia por seu pescoço para desaparecer sob o decote.

Cara, isto não ia funcionar. Deveria traçar um plano para amanhã. Traçar um mapa rasgado. Não estar sentado aqui desejando a Siren que foi enviada para matá-lo.

Deuses, era um idiota por trazê-la aqui. Por que demônios, não podia pensar com clareza quando ela estava perto?

— Há algo que estive pensando em perguntar — disse ela, sua tentadora voz cortando através da quietude.

Teria sexo de novo comigo?

Claro que sim, terei. Onde me quer?

A pele esquentou ainda mais, o ar a seu redor ficou sufocante.

— O que? — espetou.

— Como é que é Argonauta, medean, e daemon? As três coisas não parecem caminhar juntas.

O alívio ondulou através dele. Enquanto o assunto se mantiver afastado do sexo, estaria bem.

— Meu pai era Argonauta. Minha mãe uma bruxa medean. Eles se conheceram porque ele ouviu que ela e seu sabá sabiam onde estava escondido o Orbe nas Montanhas Aegis.

Seu olhar se desviou para o elemento terra no peito dele.

— Foi ela quem o encontrou?

— Não. Mas seu sabá encontrou pistas dele. Havia histórias. Ele foi investigar.

— Apaixonaram-se?

Orpheus não estava certo de saber o que significava o amor. Melhor deixar quieto o que ele sentia.

— Não sei. Eles se conectaram e eu fui o resultado. Mas ele não se vinculou, se era o que queria saber.

— Por que era uma bruxa?

— Provavelmente. As bruxas não são muito populares no reino humano, mas são ainda menos em Argolea.

— E o que aconteceu?

— Ela me criou no sabá até os meus cinco anos. Então morreu. As outras bruxas não gostaram da ideia de um descendente Argonauta deixado ao seu cuidado, assim me enviaram ao meu pai. Mas como eu não tinha as marcas de um Argonauta…

Um nó se formou na garganta. O mesmo maldito nó que sempre formava quando pensava na relação com seu pai.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Exceto… relação era uma palavra muito forte. Eles foram estranhos. Duas pessoas que viviam na mesma casa devido a um retorcido sentido de dever, não se dirigindo a palavra. Até o que dia que seu pai morreu.

— Deve ter sido duro.

Sim, duro. Quase zombou. Era o filho que seu pai nunca quis. Gryphon era o filho que ele teve a intenção de engendrar. Orpheus aprendeu a aceitar a rejeição desde o começo. Algo que o salvou.

— E sua parte daemon? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros de novo.

— Nasci com isso. Suponho que minha mãe devia ser em parte daemon. Não sei eu me lembro pouco dela.

Exceto seu rosto. Pele suave, olhos cor chocolate, cabelo castanho sedoso com o qual gostava de brincar. Inclusive agora podia evocar sua imagem se tentasse. Não podia lembrar da sua voz, ou os momentos que sabia que passou com ela, mas lembrava de seu rosto.

Skyla sentou-se em cima das pernas, voltou-se para ele, e apoiou a cabeça contra as rochas.

— Os híbridos daemon são raros, mas existem. Embora com os quais mais nos encontramos, eram resultado de um relacionamento entre uma mulher humana e um arqui demônio masculino. Os daemons normais são impotentes.

Sim, ele também já ouvira isso. Entretanto não explicava como, nem por que, terminou sendo daemon em parte. A não ser que fosse pela teoria da *maldição*, a única que tinha sentido.

— Sabia seu pai? — perguntou Skyla— de seu daemon?

Ele ficou olhando a distância.

— Não. Depois da violenta reação que tiveram por meus dons medean, aprendi a mantê-lo em segredo. Nem sequer Gryphon sabe.

— E como encaixa Gryphon em tudo isto? Também é medean?

Orpheus estirou as pernas e cruzou os braços sobre o peito.

— Não. Sua mãe era argolean. Nosso pai se vinculou muito depois de que eu me mudasse para casa. Gryphon é bem mais jovem que eu.

— O filho escolhido — disse ela em voz baixa— E ainda assim ainda o ama.

Olhou-a com o cenho franzido.

— Evoca coisas que não estão aí. Tem certeza que você não é uma bruxa?

Ela sorriu.

— Escuto a verdade que tanto esforça por esconder. Nenhum homem se aventura no Inframundo por um irmão que não ama. Por que você nunca falou de seu daemon?

O peito de Orpheus se oprimiu. A Siren estava enganada. Não era o amor o que trouxe até aqui. Era a culpa. Um inferno de culpa. Culpa, por pensar que ele podia brincar de ser herói. Culpa, por conseguir que ferissem Gryphon no castelo daquele bruxo. Culpa por nunca dizer a seu único irmão que lamentava ser um irmão de merda.

A culpa deu espaço ao vazio, que uma vez mais abriu aquele buraco por dentro. Então foi substituída pela ira, aprendendo que era a única emoção que podia encher o vazio.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Porque era um Argonauta, e para ele um daemon, um daemon-bruxo, significava o inimigo. E no caso de que ainda não tenha entendido Siren, esse maldito gene de herói no Gryphon, está em grave conflito com meus interesses. Olhe ao seu redor. Não estaríamos aqui agora se Gryphon não tentasse salvar minha fodida alma. Algo que eu nem sequer tenho.

A frustração por toda a situação encheu seu interior, ameaçando transbordar. Seu idiota irmão nunca quis escutar, não a verdade, inclusive quando esta dava uma bofetada no rosto. Porque Gryphon era autêntico. Um herói de coração. Um que instintivamente passava por cima do mau e se concentrava no bem.

Exceto no caso de Orpheus, Gryphon errou. Não havia nada de bom nele, não importava o quanto Gryphon queria acreditar que houvesse.

— O que o faz pensar que não tem alma? — perguntou Skyla em voz fica.

A realidade.

Aquele vazio aumentou no meio do peito, sufocando a ira com a dor. Um negro buraco de nada esperando para absorvê-lo.

— A energia que enviou a alma de Gryphon aqui deveria ter feito o mesmo. Ambos fomos golpeados pela mesma fonte de poder nesse dia. Exceto eu sobrevivi e ele não.

Porque não tenho uma alma para ser destruída.

— Possivelmente sua força de daemon a deteve.

— Possivelmente você seja uma ingênua.

Ela sorriu.

— Tem alma, Orpheus.

Ele inclinou a cabeça em sua direção.

— Tenho um daemon, Siren, como você tão eloquentemente gosta de me lembrar.

— Seu daemon não foi muito confiável ultimamente.

Não, não estava. Era o que mais incomodava ao Orpheus em toda esta conversação. Aqui, a besta podia ser uma grande vantagem, mas Orpheus sabia que não ia sair para brincar. Inclusive agora podia sentir a seu daemon cozinhando em fogo lento sob a pele, mas sem fazer nenhum esforço para liberar-se. Além de um tremor de vez em quando, era como se o daemon não existisse.

— O que seja — não tinha tempo para preocupar-se com o que se passava. Tinha que procurar uma forma de encontrar Gryphon— Isso não muda os fatos. E os fatos não mentem. Como uma Siren, sabe melhor que ninguém.

Ela não respondeu, e o silêncio penetrou entre eles. Um silêncio que o deixou mais enervado que antes. Para distrair, concentrou-se no resplendor vermelho alaranjado na distância que ia se desvanecendo, mas que não partia por completo, como se nem sequer a noite pudesse cobrir a dor e o sofrimento com comodidade.

Skyla bocejou e se jogou de lado, colocando as mãos sob o rosto. Inclusive, embora lutasse contra isso, o olhar de Orpheus se dirigiu em sua direção e observou as mechas de seu cabelo úmido estendidos brandamente contra sua pele.

— Encontraremos, você vau ver — sussurrou ela.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O peito se encheu de novo enquanto a via fechar os olhos. Ela tinha uma forma de domesticar aquele vazio dentro dele, como ninguém nunca fizera antes. Nem sequer seu irmão. Queria atribuir o interesse dela ao Orbe, mas quanto mais tempo passavam juntos, mais difícil era. A lógica dizia que podia ter tomado o Orbe quando imobilizaram ao bruxo. Ou que podia ter deixado se aventurar no Inframundo e logo roubar quando ele não estivesse vigiando.

Mas não fez nenhuma dessas coisas. Estava aqui com ele agora, onde não tinha que estar. Arriscando a vida por alguém que nem sequer conhecia.

Arriscando a vida por ele.

Inclinou-se até que esteve perto de sua orelha, até que seu aroma encheu os sentidos e o tentou para saborear um pouco.

— Por que se importa Siren?

Ela bocejou. Mas em vez de abrir os olhos e olhá-lo como ele esperava, estendeu a mão e entrelaçou os dedos com os seus. Dedos que eram quentes e suaves e, OH, tão consoladores de uma forma que nunca conheceu antes.

— A pergunta não é por que me importa daemon — murmurou enquanto deslizava no sonho— A pergunta é por quanto tempo eu tenho me importado?

Capítulo 21

A manhã no Tártaro não era muito diferente da noite. O ar era opressivo e sufocante. O calor fazia com que cada pequena porção da pele de Skyla, suasse. E conforme mais se aproximavam do Tártaro, piores eram os gemidos e os gritos, os gemidos pedindo piedade cresciam na distância.

Olhou para Orpheus com cuidado, enquanto desciam sobre as rochas escarpadas. O cenho franzido que tinha quando cruzaram a soleira no reino de Hades se tornou mais profundo a cada hora que passava. Athena disse a Skyla que ele não se lembrava de sua vida passada, mas não podia estar segura que não se lembrasse do inferno. Mais de uma vez durante o dia anterior, viu um olhar de déjà vu no rosto dele enquanto girava em um lento círculo e assimilava tudo.

Pela primeira vez, pensou em falar sobre seu passado. Sobre quem era, como se encontraram, e por que estava com ele agora. Mas então o rejeitou. Não seria nada bom. Não lembraria, e que sentido teria tirar todo isso para fora agora, quando estavam tão perto de encontrar seu irmão?

Talvez se quando saíssem disto, encontraria uma maneira de dizer. Mas inclusive enquanto pensava algo no peito se contraiu. Uma advertência de que nada bom poderia vir de uma verdade que era água passada. Não era o mesmo homem que foi então, embora sua alma fosse similar.

Pararam na base da montanha, onde as ondulantes colinas de morte e decadência, se estendiam diante deles como grama em um montículo. Tomou um grande gole de água e a passou

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

a Orpheus. Ele bebeu aos goles, logo devolveu a garrafa. Seus dedos roçaram e o calor percorreu a pele. Mas quando olhou seu rosto, ele não demonstrou nenhuma resposta.

Fechou a água e a colocou na mochila.

— Agora para onde?

Ele apoiou as mãos nos quadris onde o jeans pendurava baixo e seu olhar se posou na distância. Uma capa de suor aprecia em seu peito nu e escorregava até seus marcados abdominais. O elemento terra descansava contra seu coração, o sinal dos Titãs marcado profundamente no diamante, mas não foi o elemento o que capturou sua atenção. Com uma repentina brisa de ar quente que flutuava diante do rosto dele, agitando seu cabelo e com o olhar decidido em seus olhos cinza, tudo no que podia pensar era que ele parecia um Deus. Atrativo, musculoso e todo-poderoso. A única coisa da que carecia era de crueldade.

— A alma de um herói é valiosa, verdade? — perguntou, os olhos se fixaram nos pântanos distantes— Imagino que Hades o terá enviado para o tipo mais cruel de castigo. Perto do coração do inferno, onde pode tirar uma maior parte da energia do sofrimento de Gryphon. Proponho que nos dirijamos ali e vejamos o que encontramos.

O coração se expandiu. Quando ela não respondeu, deu a volta para olhá-la, o sobrecenho franzido pela confusão.

— O que?

O pum, pum, pum contra as costelas ressonou nos ouvidos. E a revelação da passada noite que ele não tinha alma girou na mente.

Segundas oportunidades.

Athena disse que deram uma segunda oportunidade à ele. Que uma das Destinos fez um trato com Hades, para que ele pudesse voltar. E se seu daemon fosse parte desse acordo? Uma forma de se assegurar que não se redimiria? Exceto… exceto que seu daemon agonizava. Tinha certeza que já não podia transformar, e seus olhos não mudavam, embora se zangasse. Cada vez que fazia algo bom, como proteger Maelea, ajudar a aquelas pessoas naquele trem ou ir ao resgate de Skyla, parecia que seu daemon se tornava mais débil. E realmente tinha uma alma. Estava certa disso. Um ser desalmado nunca faria as coisas que ele fez. Um ser desalmado não se preocuparia. O que significava… que se o daemon dentro dele desaparece, essa alma que ele estava certo não possuir poderia tomar seu lugar.

Andou até ele, posou a mão contra sua mandíbula de granito e percorreu com o olhar seus traços. Sua pele bronzeada e curtida, o nariz arrebitado que agora sabia que reconstruíram para endireitá-lo, o cinza intenso e profundo de seus olhos e suas escuras sobrancelhas franzida,s enquanto a contemplava como se ela tivesse uma segunda cabeça. Depois os seus lábios. Masculinos. Fortes. E ainda assim tão suaves quando se apertavam contra os seus, quando se abriam para acolhê-la.

Elevou-se sobre os dedos dos pés.

Ele reteve o fôlego.

— O que faz?

— Ia beijá-lo.

Seus olhos se aumentaram.

— Por que?

— Porque daemon tolo, é irresistível.

Posou a boca contra a sua, só o roçar mais leve de pele contra pele, calor contra calor. Não se moveu. Não a agarrou. Assim deslizou as mãos sobre seus musculosos ombros e dirigiu seus dedos para o cabelo de sua nuca, depois inclinou a cabeça para beijar outra vez e sorriu. Sorriu por causa das circunstâncias de quem eram, o por que e o como chegaram a estar aqui juntos no meio do inferno, não importavam. A única coisa que importava era ele.

Orpheus…

Irônico que fosse Orpheus, o legendário músico[51], quem domasse às sereias com sua lira quando navegava com os Argonautas de Jasão na busca de Velo de Ouro. Embora este Orpheus não fosse nenhum músico, domou-a exatamente igual. Fazendo-a despertar. Mostrando que havia vida mais à frente do trabalho. Cynurus suscitou a necessidade de uma casa, uma família, um futuro para ela, mas Orpheus era quem alimentou aqueles frios rescaldos e os devolveu à vida.

Deslizou a língua ao longo dos lábios dele, tentando que a deixasse entrar. Usou a força para atrair seu corpo mais perto até que estiveram peito contra peito, quadril frente a quadril, alma a alma. Colocou as mãos nos quadris. Seus dedos apertaram em um punho o tecido úmido da camiseta. E só quando estava segura que ia deixá-la entrar, separou-se da boca e franziu o cenho para ela.

— Tirei o feitiço de excitação, não é?

Ela riu, apertando brandamente mais perto. Sentindo o calor do elemento terra entre eles.

— Sim. Mas não entende que não necessito um feitiço de excitação para te desejar?

Os olhos dele se estreitaram.

— Está me seduzindo.

— Não, daemon. Gosto de você. As duas são coisas muito diferentes. Quando seduzo, confie em mim, eu não brinco.

Durante um batimento de coração, não falou. Só a contemplou. Então murmurou:

— Skata — e elevou suas mãos até emoldurar o rosto dela, atraindo os lábios e beijando-a com toda a paixão que esteve retendo no último dia.

Abriu-se para ele, fez entrar a língua em sua boca e saboreou esse gosto defumado, molhado, perigoso em sua língua. Que acendeu o fogo no sangue e a conduziu ao nível mais básico.

Suas mãos deslizaram para baixo pelos ombros, sobre os lados, de volta aos quadris, arrastando-a mais perto de sua ereção. Deu um passo para trás, apoiando-se contra uma saliência

[51] *Na mitologia grega, Orfeu era poeta e médico, filho da musa Calíope e de Apolo ou Eagro, rei da Trácia. Era o poeta mais talentoso que já viveu. Quando tocava sua lira, os pássaros paravam de voar para escutar e os animais selvagens perdiam o medo. As árvores se curvavam para pegar os sons no vento. Ganhou a lira de Apolo.Foi um dos cinquenta homens — os argonautas — que atenderam ao chamado de Jasão para buscar o Tosão de ouro. Acalmava as brigas que aconteciam no navio com sua lira. Durante a viagem de volta, Orfeu salvou os outros tripulantes quando seu canto silenciou as sereias, responsáveis pelos naufrágios de inúmeras embarcações.*

da rocha, e deslizou uma coxa entre as pernas, elevando os quadris e arrastando-a até que roçou contra ele, deixando-a sem fôlego e suada de novo.

— Skyla, Skyla, Skyla — murmurou contra os lábios, depois baixou uma vez mais para saboreá-la, deixando-a mais louca— vai ser minha morte, Siren.

Desta vez, ela se separou de sua boca.

— Não, não serei. Acredito em você, Orpheus.

— Não deveria.

— Não posso remediar. Segue fazendo coisas que me demonstram que não é absolutamente o que acha que é.

— Não ponha muita fé em mim. Nunca estou à altura dela.

Arrastou a mão sobre seu peito e a pôs sobre o elemento que descansava contra seu coração, quente de um poder que não vinha de sua pele. Vinha de dentro. Bem como a força que se escondia nele, mas que não podia ver.

— Inclusive uma Destino não pode ver o coração de uma pessoa e o livre-arbítrio reina em todos os homens, inclusive em você. Mas algo me diz que sua participação em tudo isto não termina aqui.

Seu penetrante olhar sustentou o dela, e embora a necessidade dele aqui e agora fosse grande, não era tão grande como a necessidade de que ele acreditasse em si mesmo. O único caminho que conhecia para que o fizesse, era encontrar a seu irmão e arrumar o engano do qual parecia responsável.

Liberou-o de seus braços, mas capturou sua mão entre a sua e sorriu enquanto a puxava. Seus dedos se fecharam ao redor dos seus… fortes, estáveis, vivos.

— Venha. Ainda temos ao menos meio-dia de viagem. Caso que não nos topemos com nenhum problema. Quero fazer isto e retornar ao reino humano, onde poderemos continuar de onde paramos.

Ele franziu o cenho, mas continuou, suas botas levantando pó, sua mão nunca abandonando a sua.

— Onde paramos era comigo furioso com você por querer fazer esta viagem.

Ela riu.

— Bem, então pularemos para a parte onde não está furioso e agradece que eu vim.

— Farei isso?

— Fará. Confie em mim.

— Entraram no Tártaro, meu senhor. — Orcus inclinou a cabeça desse modo tão servil que fez com que Hades quisesse elogiar à asquerosa criatura por se arrastar diante dele através do quarto.

— E minha esposa?

— Esperando.

É obvio. Esperando que Orpheus alcançasse os Pântanos Malditos. Sua esposa atacaria então. Quando o herói e a Siren se desorientassem e fossem incapazes de correr. Era um bom plano. Um plano que o próprio Hades poderia ter pensado… quer dizer, se só quisesse o Orbe.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Mas agora, sabendo que a Siren estava com o herói não tão bonzinho, e sabendo o que Atalanta e Krónos planejaram, o Orbe não era suficiente. Queria todos eles. As almas de dois Argonautas, uma Siren e de Atalanta. Seu poder se incrementaria com as almas benditas dos três primeiros e a última… bom, conformaria-se vendo como essa cadela da Atalanta sofreria.

Com seu pai trataria mais tarde.

— Traga-me minha esposa.

— Ela não gostará disso meu senhor.

Um cínico sorriso levantou os lábios de Hades e uniu as mãos depois das costas enquanto se balançava sobre os calcanhares e olhava fixamente o céu vermelho que formava redemoinhos.

— Conto com isso. Ah, e Orcus — chamou-o por sobre o ombro.

A criatura parou sem pigarrear.

— Sim, meu senhor?

— Envia Tantalus aos Pântanos Malditos para que diga onde podem encontrar a alma do Argonauta. Estou preparado para acelerar tudo isto.

O ar se tornou mais carregado e denso, os gemidos e gritos de socorro tão fortes, que eram um zumbido interminável nos ouvidos de Orpheus.

Enquanto seguia Skyla através do Tártaro, ficaram nas sombras tanto como foi possível, mas em alguns lugares, resultou impossível. Passaram por rios de lava onde as almas eram lançadas às correntes ferventes, onde as almas eram estiradas e torturadas com instrumentos que iam desde facas a foices, e inclusive correntes. Em toda parte, a dor e o tortura soava ao redor deles, mas ninguém prestou atenção. Permitiram passar como se fossem invisíveis. O que simplesmente parecia… incorreto.

Quando caminharam por uma cena particularmente espantosa, uma alma estacada a terra, sendo devorada por cães Skyla cobriu a boca e olhou para outro lado.

— Como decide quem sofre semelhante atrocidade?

— É diferente para cada alma.

Skyla girou. Seus pés pararam. Outra vez essa sensação de déjà vu se elevou através dele, que aumentava conforme mais profundo entravam no Inframundo.

— Não sei como sei. Só sei. No julgamento, Hades determina que castigos se encaixam em cada um e os estabelece de maneira cíclica. Cada dia um, até que a alma morre, só para voltar a sofrer através de um novo cenário no dia seguinte.

— Isto é horrível — sussurrou Skyla.

Era. Horrendo. Saber que dia após dia torturariam até que morreria de diferente forma, mas igualmente atroz, só para despertar e que acontecesse tudo de novo. Uma repetição interminável de vida, tortura e morte.

Skyla deslizou sua mão na sua e a puxou.

— Venha.

Concentrou-se em seus olhos ametista que eram tão familiares. Olhos que também trouxeram uma sensação de déjà vu. Olhos que ele já olhara muito antes daquele dia no concerto.

— Skyla…

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sim?

O peito se encheu outra vez com esse calor que só ela podia provocar…

Por que parece que eu a conheço? Qual é esta conexão tão estranha que temos?

Mas sabia que não responderia a suas perguntas. Tentou antes. Talvez devesse deixar de duvidar e estar agradecido de que estivesse aqui com ele. Estar neste lugar sozinho…

Um calafrio percorreu a espinha dorsal, inclusive no calor abrasador. Sacudiu o pensamento e caminhou até ela.

— Sim, vamos.

Andaram outras poucas horas até que a terra estéril mudou para úmidos pântanos, que se filtravam dos cinco rios do Inframundo, convergindo em uma turvo, borbulhante e lamacento pântano. Podiam ver as almas flutuando no lodo, esforçando-se para se libertarem, mas a superfície era tão impenetrável como o cristal, e os gritos surdos repetidos no ar.

Por favor, não permita que Gryphon esteja ali abaixo.

Orpheus não tinha nem ideia de como o tiraria dali se assim o fosse.

Um grito ressonou à esquerda. Por instinto, Orpheus empurrou Skyla atrás dele e deu a volta nessa direção. Ela grunhiu, deu um passo liberando-se de sua segurança e logo pegou seu arco.

A voz soou mais forte e a seguir apareceu um corpo. Um corpo de verdade, não uma alma como cada pessoa que encontraram. Orpheus não sabia como podia estar tão certo. As almas pareciam reais aqui embaixo, mas havia algo nelas que pareciam estar inconclusas.

O homem, ou o que seja, saiu de entre umas esquálidas árvores e parou uns passos deles. Ia vestido completamente de branco, com o cabelo escuro e duas cicatrizes que atravessavam suas bochechas. Mas definitivamente era real. E muito, muito familiar.

— Procuram a alma do Argonauta.

Orpheus lançou a Skyla um olhar enviesado. Tinha seu arco preparado para disparar.

— Como sabe por que estamos aqui?

— As almas têm ouvidos — respondeu o homem— E os segredos flutuam no vento. — Sua voz se abaixou— Não seja tão ingênuo para pensar que, se aventurariam tão longe entre os mortos, se não fossem permitidos. O Argonauta que busca não se encontra no Pântano dos Malditos. Está na planície, no penhasco para o oeste.

O olhar fixo de Orpheus seguiu o movimento da mão do homem.

— Por que nos diz isso?

O homem se aproximou.

— Porque eu devia dizer isso. — Deslizou um pequeno frasco em forma de lágrima na mão de Orpheus e sussurrou— Inclusive aqui, na terra dos esquecidos, a esperança permanece. Cuidado com o inesperado. Atacarão quando achar que está livre.

Deu a volta e retornou por aonde veio.

— Ouça!

O homem parou. Olhou por cima do ombro.

— Conheço você? — perguntou Orpheus.

— Sim. Uma vez.

Não sabia o que deixara Orpheus mais inquieto, se isso, ou o fato de que o tipo se aproximou deles. Levantou o frasco.

— O que há aqui?

— Ambrósia. Tem o efeito contrário no Inframundo. — O homem deu a volta e se dirigiu para a névoa.

— O que você acha disso tudo? — perguntou Skyla.

Orpheus não sabia, mas quando olhou o homem desaparecer, outro déjà vu açoitou.

— Acredito que significa que temos que nós devemos ter cuidado.

— Procuramos os pântanos ou confiamos nele?

Se Gryphon estivesse aqui, necessitaria dias, semanas, para encontrá-lo. Havia tantos escondidos nas sombras do canavial.

— O que pensa?

— É sua decisão.

Sim. Sua decisão. Seu engano, também. Um de muitos que cometeu durante sua vida.

Não sabia por que, mas esse déjà vu disse para confiar no homem. Deslizou o frasco no bolso.

— Vamos nos dirigir para as planícies ao oeste.

Os pés de Skyla doíam de tanto andar e tinha as costas doloridas por dormir sobre as rochas. Mas era uma guerreira, uma que se viu em piores situações e suportou piores condições. O calor era uma dor no traseiro, mas estava agradecida pelo top que deixava ao descoberto os braços e também pelo homem mal-humorado que estava ao seu lado. Embora houvesse se tornado mais silencioso e escuro a cada passo que davam no Inframundo.

Chegaram ao topo do platô, envoltos em suor e ofegantes pela subida. Skyla passou a Orpheus a garrafa de água e explorou o horizonte.

Mais almas sendo torturadas de várias formas. Umas amarradas aos postes, presas em jaulas, outras à intempérie e sendo presas com fogo. Embora o asco a sacudisse, sabia que estava se insensibilizando perante às atrocidades. Nenhuma era mais vil que a outra. Até que conseguir ver um homem entre as árvores à uns quarenta e cinco metros de distância. Pendurando por uma corrente, suspenso de suas extremidades superiores. Estava nu, enquanto centenas de milhares de serpentes mordiam os dedos dos pés, tornozelos e pernas.

— Deuses Santos. — Odiava as serpentes. Sempre odiou. Não podia imaginar uma tortura pior.

Orpheus deu a volta e ficou gelado.

— Gryphon.

Tirou a espada das costas e pôs a correr pelo campo antes que pudesse detê-lo. Antes que Skyla pudesse lembrá-lo das emboscadas, as armadilhas e o que esse homem que se encontraram antes no Pântano dos Malditos disse.

Cuidado com o inesperado.

O coração de Skyla subiu à garganta. Liberou o arco e saiu atrás dele. E rezou para que este não fosse esse momento.

Capítulo 22

Orpheus derrapou até frear, na borda das árvores. O horror da cena acabou com o ar dos pulmões. Gryphon deixou cair à cabeça para trás entre os ombros e gritou de dor.

Levante as pernas, Maldição! Por que não levantaria as pernas para longe das serpentes que arremetiam contra ele uma e outra vez?

— Gryphon! — Chamou várias vezes, mas não respondeu. As serpentes formaram um tapete de corpos que se retorciam no chão por debaixo dele, bloqueando o caminho.

— Deuses Santos. — Skyla parou junto a ele, seu arco preparado, seu peito subindo e baixando com a respiração acelerada. — Pode ter alguém escondido nessas árvores.

— Não me importa o que há nas putas das árvores. Estou preocupado em descer Gryphon daí. — Agitando a espada sobre a cabeça, saltou acima e abaixo, e gritou para distrair às serpentes.

Skyla alinhou uma flecha e disparou à serpente enrolada preparada para atacar os pés nus e sangrando de Gryphon. A flecha cortou diretamente o pescoço da serpente, caindo ao chão. Como se dessem conta de que algo mais caçava a sua presa, as serpentes no limite da massa, giraram e vaiaram em sua direção.

Skyla deu um passo para trás. Orpheus a seguiu. Três serpentes com olhos pequenos e brilhantes, manchas amarelas e cabeças como as cobras avançaram diretamente para eles.

— Hã, Orpheus?

Ele balançou a espada, decapitou uma e se desviou da segunda. A terceira serpente saiu disparada atrás de Skyla.

— Orpheus! — Levantou o arco e disparou. A flecha voou pelos ares e se incrustou no pescoço da serpente que o atacava, mas não freou sua perseguição.

Não havia tempo para que Orpheus conjurasse um feitiço e não chegaria a tempo para alcançá-lo com sua espada e ajudá-lo. Uma voz interior lhe disse:

Use o frasco.

Procurou o vidro no bolso. Dentro, o líquido brilhava com um misterioso azul esverdeado. O estranho disse que era ambrósia. No mundo humano, a ambrósia dotava de imortalidade. Se funcionasse de forma diferente aqui embaixo…

— Aqui! — Jogou o frasco para Skyla, depois cortou com a espada a serpente que ainda tentava dar uma dentada na carne.

Ela agarrou o vidro de cristal com uma mão e desenroscou a tampa. Lançou o conteúdo para a serpente, alcançou outra flecha e alinhou o tiro.

Orpheus decapitou a serpente diante dele e girou para ajudá-la, mas compreendeu que não precisava. O líquido brilhante bateu na serpente e imediatamente parou seu avanço. Como se

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

batesse numa parede, sacudiu e a seguir, um som assobiou e a fumaça se elevou a seu redor. Uns segundos mais tarde só cinza sujava o chão onde a serpente esteve.

Skyla lançou um olhar em sua direção.

— Merda!

Merda, certo. Mas não o suficiente. Orpheus olhou para Gryphon e as milhares de serpentes debaixo dele.

— Passe isso Skyla — Dentro do frasco, o líquido azul esverdeado resplandecia brilhante, cheio até a borda como se nunca tivesse sido usado.

Ele correu para a massa de corpos que se retorciam, e imitando o mesmo movimento que Skyla fazia, pulverizou o líquido através das serpentes.

As vaias se misturaram com os gritos de dor de Gryphon, seguido do aroma acre da carne queimada e a fumaça que se elevava até encher o bosque. As serpentes, a maior parte delas, foram reduzidas a nada mais que cinzas fumegantes.

Cruzando os restos fumegantes, escalou a árvore e subiu ao galho com cuidado para desenganchar as correntes.

— Aguenta, Gryphon.

O corpo de Gryphon caiu ao chão com um ruído surdo. Com o coração na garganta, Orpheus desceu pelo tronco da árvore para encontrar Skyla já ajoelhada junto ao seu irmão, a mochila no chão a seu lado e a manta de dentro ao redor dos ombros trementes de Gryphon.

— Quem é você? — perguntou Gryphon, apertando a manta contra seu corpo ensanguentado, tremendo como se estivesse no Ártico.

— Vim com Orpheus — disse Skyla—. Estamos aqui para ajudar.

A cabeça de Gryphon girou em direção à Orpheus, mas a confusão enrugou sua testa. E no azul claro de seus olhos não houve nem um vislumbre de reconhecimento.

Orpheus se ajoelhou ao lado de seu irmão.

— Vamos tirá-lo daqui.

— Não! — Os olhos de Gryphon se ampliaram e ele ficou em pé, empurrando Skyla de costas — Estou acostumado. Tenho que retornar à cidade. — Seus olhos selvagens procuraram de esquerda à direita. Sob a manta que agarrava fortemente a seu peito, os tremores sacudiram seu corpo de novo.

Orpheus ficou lentamente em pé, levantando as mãos em sinal de rendição.

— Calma, Gryph. Ninguém aqui vai fazer mal. — De sua visão periférica viu Skyla levantar e ficar do outro lado de Gryphon.

— Não! — disse Gryphon, retrocedendo um passo, seus descalços e sangrentos pés, se arrastando sobre as cinzas e as rochas afiadas— Isto é uma armadilha, uma tortura a mais. Não ficarei. Não podem me obrigar! Encontrarei o caminho de volta à cidade.

Orpheus não sabia de que cidade falava seu irmão, mas a dor na voz de Gryphon dizia que viu e sofreu horrores que ninguém deveria suportar. Deu um cauteloso passo mais para perto dele.

— Não há nenhuma armadilha. Nem mais tortura. Prometo. Estamos aqui para te resgatar.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

As costas de Gryphon bateram no tronco da árvore enegrecida. No branco de seus olhos podia ver ao redor de sua íris azul.

— E quem vai salvar de você?

Orpheus olhou Skyla. O olhar que devolveu dizia *Boa pergunta.*

Orpheus deu outro passo.

— Gryphon…

— Daemon — sussurrou Skyla— Estes bosques têm olhos. Sinto-os. Temos que sair rapidamente daqui.

Orpheus notava também. O cabelo da nuca se arrepiou.

— Olhe Gryphon, temos que partir. Prometo que nada de errado acontecerá.

Gryphon levantou ambos os antebraços cobertos pela manta e empurrou Orpheus, jogando-o com força para o chão.

— Não!

Passou como uma flecha por sobre Orpheus, e saiu correndo pelo campo.

Ele era real. Aqui embaixo, ao menos, se deu conta que tinha forma sólida. A cabeça de Orpheus dava voltas pelo golpe enquanto rodava sobre o estômago e se levantava. Skyla se lançou atrás de Gryphon e o apanhou quando chegava ao gramado que ia até os joelhos, que cruzaram antes. Ela se lançou para diante e o agarrou pela cintura. Com um golpe os dois caíram ao chão e logo desapareceram da vista.

Orpheus se recuperou e saiu atrás deles. Quando chegou ao gramado, Skyla tinha um joelho pressionado no peito nu de Gryphon para dominá-lo, suas mãos fixando-o ao chão.

Os pés de Orpheus reduziram a marcha, e nervoso e incrédulo se aproximou do casal, o coração aturdido, a cabeça incapaz de entender o que via.

Seu forte irmão Argonauta, orgulhoso e invencível, estava chorando.

Skyla o fulminou com o olhar.

— Me ajude aqui! Ele é fodidamente forte.

Orpheus se ajoelhou ao seu lado, agarrando os pulsos de Gryphon em um forte apertão. Deuses… malditos deuses.

— Vamos ajudá-lo, Gryphon — disse com voz tremendo— prometo isso, *adelfos*. Prometo que nada mais acontecerá. Vou tirá-lo daqui. Juro.

Os olhos de Gryphon se ampliaram e cessou sua luta. Seu olhar cheio de terror se lançou de esquerda à direita.

— Ela vem. Ela vem. Ambos vêm…

Suas palavras ressonaram no ar ao redor deles. Orpheus olhou Skyla. Em seu olhar de *Santa Mer*da viu refletido o mesmo que ele estava pensando. Independentemente de quem fosse ela ou eles, tinham que sair antes que alguém aparecesse. Juntos levantaram Gryphon. Ele sussurrou palavras frenéticas, enlouquecidas que não tinham sentido enquanto envolviam a manta ao redor de seu corpo, lançando olhares nervosos em todas as direções. Já que não podiam fazer nada com os pés sangrentos dele, Orpheus deslizou um braço ao redor da cintura, colocou o braço de

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Gryphon sobre os ombros, e o sustentou. Skyla tomou à dianteira, seu arco e flecha preparados enquanto cruzavam as planícies e retornavam por aonde vieram.

Depois de vinte minutos, as sacudidas e grunhidos incoerentes de Gryphon voltaram. Tratou de afastar Orpheus e gritou:

— Não! Não deixarei que me leve!

A manta caiu ao chão. Gryphon arrancou-se do abraço de Orpheus e girou para voltar correndo às árvores, mas suas pernas cederam embaixo dele e desabou de repente de cara no chão.

— Skyla!

Com um salto, Orpheus estava ao lado de Gryphon, fazendo-o rodar de costas, tratando de agarrar seus braços em movimento. Gryphon era um tipo grande mas estava fraco, e o olhar enlouquecido, quase histérico, dizia que não pensava com claridade.

Deuses, quem podia pensar com clareza neste inferno?

— Gryphon, quieto. Pare! — Orpheus segurou ambos os pulsos e os fixou por cima da cabeça— Disse para parar!

Gryphon levantou a cabeça do chão, lutou contra a sujeição de Orpheus e com os dentes apertados grunhiu:

— Não deixarei que me leve!

Skyla parou ao lado de Orpheus e deixou cair seu arco.

— Não sabe quem é.

— Merda, como diabos se supõe que vamos tirá-lo daqui quando luta contra nós? Teremos cada *daemon* do reino em cima de nós em questão de minutos.

Skyla caiu de joelhos e começou a cantarolar. Um arrulho suave, como o que domou Cerbero antes. Gryphon parou sua frenética luta. Olhou ao redor para ver de onde vinha à música.

O arrulho se converteu em uma balada suave, sobre esperanças, promessas e encontrar o lugar que pertencia. E enquanto cantava, enquanto sua voz clara e fascinante ressonava por toda a planície, Gryphon lentamente relaxou os músculos. Um após o outro. Até que se afundou no chão e seus olhos se fecharam.

Orpheus estava muito aturdido para dizer algo. Só podia olhar enquanto ela recolhia seu arco e ficava de pé.

— Vamos antes que algo com o que definitivamente não queremos nos encontrar, venha atrás de nós.

Com o peito quente e não pelo Orbe, Orpheus levantou Gryphon nos braços. Seu irmão era agora um peso morto, mas estava bem. Enquanto não lutasse contra eles e chamasse a atenção, podia manobrá-lo. E carregar um Argonauta de cento e treze quilos mantinha a mente separada de outras coisas. Como a surpresa que a Siren pareceu ser, e o que ia fazer com ela quando saíssem desta confusão.

Nem ele nem Skyla falaram, enquanto desciam pela escarpada ladeira e passavam os Pântanos Malditos. Cada vez que Gryphon se movia, Skyla começava a cantarolar outra vez e ele

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

relaxava contra o ombro. Uma vez, quando passaram por uma alma torturada por uma maça[52] a uma estaca enquanto disparavam flechas e flechas ela parou, olhando fixamente com horror. Mas quando Orpheus a chamou, rapidamente recuperou o passo e continuou. Não foi até horas mais tarde, quando alcançaram a base das montanhas dentadas que separavam o Tártaro dos Campos do Asfódelos, que fizeram uma pausa para descansar.

Orpheus desceu Gryphon até apoiá-lo contra uma rocha. A cabeça caiu sobre o ombro de Orpheus. A manta estava envolta ao redor de sua esbelta cintura, o peito nu sem marcas tão musculoso como sempre fora, mas o Argonauta que Orpheus conheceu, não se encontrava em nenhuma parte.

O pulso de Orpheus palpitava com força. Continuava vendo Gryphon naquele campo, com olhos selvagens e enlouquecidos, assustado, fora de si e temeroso até de seu irmão. Passou uma mão pelo rosto suado e a deixou cair sobre o peito. Tocou o elemento terra com os dedos.

— Nem sequer pense nisso. — O arco de Skyla estava a seus pés, uma garrafa de água descansava em sua mão.

— Não pensar no que?

— No elemento. Não pode dar.

— Precisa. Ele está mais fraco que…

Ficou diante dele, bloqueando a vista.

— É uma alma Orpheus. Uma que foi torturada por Hades e sabe Deus por quem mais aqui embaixo. Dar à ele poderia ser bem o que querem. — Seu olhar saltou de uma rocha à outra no terreno irregular— Algo nos vigia. E nos espera. Posso senti-lo.

Ele deu a volta para olhar ao seu redor. Também podia sentir. Mas não sabia o que era.

Os dedos de Skyla se fecharam em torno dele e devolveram sua atenção a ela. Dedos que eram quentes, vivos e tranquilizadores.

— Mantenha-o com você. Deixe que isso lhe dê forças. Pode seguir carregando-o ou precisa descansar?

— Sem descanso — disse com voz espessa— Seguiremos. Quero sair deste inferno.

Ela assentiu de acordo, afastou a mão e entregou a garrafa de água. A perda de seu toque foi tão dura, como o árido vento estéril que soprava quente através do lugar.

— Calculo seis, possivelmente sete horas mais até chegar ao Rio Styx. Se conseguirmos manter este ritmo, claro.

Novamente ele se voltou e explorou as colinas, a sensação de que alguém os observava enviando um formigamento pela coluna vertebral.

Isso e uma sensação de *déjà vu* de que estivera aqui antes. Que fizera isso antes. Que o fracasso era iminente.

52

O coração de Skyla subiu à garganta, quando viu o irmão de Orpheus pendurado naquela árvore nodosa e decrépita. E pegou velocidade quando viu a mulher amarrada à aquela estaca, transpassada pelas flechas. Tinha certeza que era uma antiga Siren. Mas foi a sensação de que estavam sendo perseguidos, que acelerou o passo e a impulsionava, mesmo que os músculos doessem pelo esgotamento.

Orpheus não falou desde que encontraram Gryphon. Por sorte, seu canto mantinha o Guardião adormecido, mas isso não aliviava sua ansiedade. Queria sair desta loja de horrores tanto quanto Orpheus. E não queria voltar jamais.

Subiram a montanha em silêncio, e desceram pelo outro lado quando o dia virava noite. Mas a noite aqui não era nada mais que uma versão mais escura de um céu vermelho, que formava redemoinhos na penumbra, por isso ainda ficava muita luz para continuar. Na base das imponentes montanhas passaram aos Campos do Asfódelos, a paisagem negra, estéril e morto do Tártaro, substituído por sombras cinza como se tratasse de um filme em preto e branco.

As almas imediatamente correram em sua direção, flutuando ao seu redor enquanto cruzavam os campos de trigo que chegavam até a cintura, curiosas, enquanto os olhavam cara a cara. A diferença das almas do Tártaro, estas ansiavam a interação. As aparições fantasmagóricas quase poderiam considerar humanas, quer dizer, se as pessoas ignorassem a depressão e o desejo que irradiavam como o calor de um forno de pedra.

Skyla mantinha um olho atento em busca de qualquer surpresa. Duas vezes tirou o arco e flecha para compreender que o que acreditou que era uma ameaça, resultou ser nada mais que outra alma curiosa.

Os trigos terminaram quando alcançaram uma colina estéril e começaram a subir à cúpula onde toparam com o Cerbero. Estava com sua flecha pronta. Preparada para cantar outra vez, se o tivesse que fazer. Mas o cão de três cabeças não estava em nenhuma parte. Orpheus se inclinou e disse ao ouvido:

— A ausência dele não me deixa seguro.

Ela também.

Cruzaram o cais. Sob seus pés, o Rio Styx formava redemoinhos em tons vermelhos e negros.

— Caronte voltará ou deveríamos começar a nadar? — perguntou Skyla, observando a água, não muito segura de querer tocá-la. Estava convencida de que vira um braço flutuar.

— Ele voltará — respondeu Orpheus, posicionando o corpo imóvel de Gryphon mais alto no ombro.

— Como sabe?

Durante um momento Orpheus não disse nada, então enrugou a testa.

— Simplesmente… sei.

O estômago de Skyla se apertou enquanto procurava Caronte e seu barco na distância. Fechou os olhos, e voltou a lutar contra as náuseas. E pela primeira vez pensou no que poderia ter sido, e no que provavelmente foi feito a Orpheus quando esteve preso aqui embaixo.

Quase dois mil anos. Gryphon era um balbuciante e choroso desastre e só esteve aqui três meses. O que deveria ter suportado Orpheus?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Olhe ali. — Orpheus apontou rio acima. Uma luz resplandeceu muito longe na distância, fazendo-se mais brilhante a cada segundo.

Skyla engoliu o nó da garganta e se obrigou a não pensar no que poderia ter sido feito. Agora estava vivo e com ela. Se ele se lembrasse de algo, teria notado. Deu uma olhada em seu peito onde o elemento terra estava escondido sob a camisa que pôs de novo, depois à sua forte mandíbula e as esculpidas maçãs do rosto, e finalmente a aqueles olhos como prata derretida. Ela faria o que tivesse que fazer para assegurar-se que isso não voltasse a acontecer.

— Tira suas moedas — disse Orpheus.

Skyla procurou nos bolsos as moedas que ele lhe dera antes. A barca se aproximou e se chocou contra o cais. Caronte não falou, mas desta vez, a diferença de antes, havia um olhar compassivo, quase triste em seus olhos.

As mãos tremiam quando deu as três moedas, e entrava na embarcação. Orpheus subiu atrás dela e abriu as pernas para equilibrar o peso de Gryphon quando a barco balançou no redemoinho de água vermelha. Ninguém falou enquanto viajavam rio acima. E embora tratasse de não notar, aquele sentimento de que eram observados não ia embora. Como a sensação de que tudo estava a ponto de vir abaixo.

Atacarão quando achar que é livre.

O pulso disparou quando alcançaram o cais, a barco chocou e parou. Com o coração martelando no peito, desceu da embarcação e pegou o arco e a flecha outra vez. O túnel pelo qual se aventuraram a princípio, surgiu adiante. Vazio. Escuro. O esconderijo perfeito para que algo ou alguém esperasse para atacar.

— Agarre minha lanterna — disse Orpheus enquanto a barca se afastava e Caronte desaparecia na escuridão.

Skyla colocou a mão na mochila, pegou a lanterna e a acendeu. Orpheus estendeu a mão.

— Eu iluminarei o caminho. Você esteja preparada.

Pensava o mesmo que ela. Por alguma razão, isto não era bom. Assentiu com a cabeça e levantou o arco com a flecha preparada. Dirigiram-se ao túnel em silêncio.

Um calafrio desceu pela espinha dorsal, o calor do Tártaro há muito que desaparecera. Enquanto avançavam ao redor das estalagmites, passavam por passagens estreitas e, continuando, um atoleiro de um líquido branco turvo, imaginava o pior: Cerbero saltando sobre eles, Hades aparecendo em um puff de fumaça, um *daemon* de fogo que saía de um vórtice. Mas nenhum daqueles cenários se fez realidade. Nenhuma aparição, nenhuma interferência, nem um som, somente suas botas golpeando a rocha e suas respirações rápidas à medida que avançavam.

O túnel chegou a um abrupto final. Skyla contemplou a parede de rocha, as bordas desiguais e a pedra salpicada, enquanto Orpheus dirigia a luz do chão ao teto procurando uma abertura.

— Tem que haver um caminho — disse ela.

— O livro terá alguma frase chave para abri-lo?

Com um movimento de ombros tirou a mochila, procurou e pegou o livro. Depois de passar as páginas, franziu o cenho.

— Não, nada.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Um dos cantos dos lábios de Orpheus se curvou, só um pouco.

— Poderia encantá-lo com a voz de Siren.

— Minha voz acalma as coisas. Não as destrói como… — seus olhos se alargaram— Onde está o frasco?

Ele colocou a mão no bolso e lhe deu o frasco de cristal, que o tipo misterioso nos pântanos dera. Skyla desenroscou a tampa e salpicou o reluzente líquido sobre as rochas.

Por um instante, não aconteceu nada, e logo a pedra começou a desmoronar.

— Atrás — gritou Orpheus.

Skyla pegou a mochila e retrocedeu. A parede cedeu com um estrondo de rochas e escombros até que a luz brilhou do outro lado.

A luz das lanternas do interior da Caverna de Psychro.

O aliviou percorreu o peito enquanto entrava entre as rochas e através da estreita abertura. E quando alcançou o outro lado e pôs o pé na terra sólida, semeada de sujeira, teve vontade de cair de joelhos e beijar o chão.

Conseguiram. Aventuraram-se no Inframundo, resgataram uma alma e sobreviveram. Quantas pessoas podiam dizer aquilo?

Não muitos.

As rochas escorregaram e chocaram-se umas contra outras, quando Orpheus saiu tropeçando através da abertura, seu irmão ainda um peso morto em seus braços.

— Graças às Destinos — murmurou ele.

Skyla desviou o olhar para Gryphon.

— Olhe, Orpheus.

Gryphon já não parecia sólido, a não ser etéreo, a única coisa sólida sobre ele, a manta que ainda se abrigava ao redor de seus quadris nus.

— Vamos levá-lo para Demétrius. Rápido.

Assentiu. Dirigiu à entrada arqueada que conduzia a câmara seguinte. Muito tarde compreendeu que não havia turistas ao redor. Não havias pessoas passeando pelo lugar de nascimento de Zeus.

Em uma explosão de fumaça, Hades apareceu na escada que levava à ponte que conduzia à liberdade, todo ameaça e maldade. Ao seu lado Perséfone, usando um vestido tão negro como seus desalmados olhos, parecia menos que encantada.

Os pés de Skyla pararam em seco. Às costas, ouviu os passos de Orpheus parar também.

— O que acha, minha esposa — disse Hades a Perséfone sem afastar os olhos de Skyla — parece um roubo, não acha?

Perséfone envolveu seus largos dedos, parecidos com garras, ao redor do corrimão a seu lado.

— Definitivamente diria que é um roubo — o calor flamejou em seus olhos— Olá Orpheus. É bom voltar a vê-lo. — virou-se para seu marido— O que vamos fazer com eles?

Um sorriso perverso, sinistro, frisou o lado direito da boca de Hades, e o temor caiu como uma pedra no estômago de Skyla.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Posso pensar em várias coisas.

Capítulo 23

Gryphon começou a despertar. A suja energia que sentiu no ar, o retirou dos limites da inconsciência por onde esteve rondando desde… não sabia quanto.

As serpentes voltaram para se retorcerem através da mente. Tratou de levantar, escapar, mas não pôde. Comiam, mordendo a pele, injetando veneno profundamente nas veias. Deuses, a dor. Havia tanta dor. Havia…

A mente parou a frenética viagem. E aturdido percebeu de que não havia serpentes. Só perduravam na memória, batendo, cortando, deslizando longe só para voltar e bater outra vez. Aranhas que avançavam lentamente pela carne. Abutres que rasgavam os músculos. Monstros que não podia nem nomear rasgavam os membros do corpo como se fosse de um boneco de trapo. Ardendo. Ali queimava. Podia cheirar a carne carbonizada como se fosse agora. Mas sobre tudo isso, flutuando em cada solitária lembrança, estava Atalanta. O que ela o mandou fazer. O que ela e Krónos fizeram quando…

A agonia formou redemoinhos dentro dele. Vergonha e náuseas que não pôde ignorar. Precisava correr. Tinha que escapar. Ele…

— Skata.

A voz, uma voz que reconheceu, o trouxe de volta. Virou à cabeça e viu o perfil do rosto de seu irmão. O forte nariz de Orpheus, as sólidas maçãs do rosto, a mandíbula quadrada coberta com uma barba de três ou quatro dias.

— O.? — sussurrou. O pânico o percorreu. Não, não, não. Seu irmão não podia estar aqui. Não no Inframundo. Ninguém podia estar aqui. Ninguém…

— O frasco? — sussurrou uma voz junto a Orpheus. Uma voz feminina.

Gryphon percebeu que estava sentado no chão. Olhou por cima de Orpheus, mas não podia ver mais que formas aquosas, um halo dourado.

— São imortais, lembra? — resmungou Orpheus.

— O que aconteceu com seus feitiços? — sussurrou a mulher.

— Seriam tão úteis como seu canto contra estes dois — disse Orpheus— Skata, fazemos todo o caminho de volta ao reino humano e assim é como isso acaba?

Os ecos dos grunhidos se apagaram. Grunhidos que Gryphon reconheceu como cães do inferno esperando por um banquete.

— Não faça nenhuma tolice — advertiu Orpheus.

— Defina tolice — respondeu bruscamente a mulher— Porque agora mesmo todas as opções estão sobre da mesa.

— Causou muitos problemas, herói. — A voz de Hades soou em tom jocoso em algum lugar próximo— Você encontra o Orbe, minha traidora esposa perde o Orbe, encontra o Orbe outra vez,

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

logo o perde para um bruxo irritante — Hades riu por entre os dentes—. É todo heroico; agora, onde está?

O orbe.

A mente de Gryphon se centrou naquelas duas palavras, e tudo, cada detalhe de como terminou no Inframundo, encheu sua memória.

Orpheus não respondeu, só apertou a mandíbula e fulminou com o olhar o deus.

— A alma de um herói é valiosa — disse Hades, vendo que não conseguia uma reação de O.— Mas algumas coisas valem mais que uma simples alma. Pelo Orbe, você e seu grupo de carrascos podem ir.

Não acredite nele. O pânico enchia o peito de Gryphon. Não importava o que houvesse passado, seria um milhão de vezes pior se Hades pusesse suas mãos nesse Orbe.

— Ignore-o — sussurrou a mulher junto a Orpheus.

Sim, escute à ela! gritou Gryphon, elevando sobre os pés. Só que quando alcançou o braço de Orpheus, a mão atravessou a pele, o osso e o músculo.

Os olhos de Gryphon se abriram. Levantando a mão, viu que podia ver as paredes de rocha da caverna em que estavam. Às suas costas, Hades riu.

— OH, de corpóreo a etéreo. Deve ser uma merda — sua voz se endureceu— Agora, o Orbe. Minha esposa e eu estamos cansados deste drama.

Perséfone suspirou.

Orpheus lançou a Gryphon um olhar compassivo e sua mão deslizou pelo seu peito. Pela forma sob sua camisa.

— Orpheus, não o faça — advertiu a mulher outra vez.

— Não deixarei que envie vocês dois de volta ao Inframundo — resmungou Orpheus.

— Se o entregar, o mundo inteiro será o Inframundo — respondeu— Não o faça.

— Skyla…

Havia agonia em sua voz. E uma emoção que Gryphon nunca ouvira em seu irmão. Promessa, dor e um futuro do que nunca teria.

Gryphon baixou o olhar às mãos. Suas mãos fantasmas sacudiam. Sua alma estava no reino humano. Era livre. Não tinha um corpo..... mas tinha essa sua alma, de onde sempre veio o poder. O poder que conseguiu de seu antepassado e raramente usou porque era imprevisível.

Mas imprevisível era melhor que inexistente.

Antes que pudesse mudar de opinião, fechou os olhos e se concentrou nesse poder. Poderia deixá-lo imóvel, mas qual seria o problema? Aqui era um fantasma. O poder vibrou através dos membros, concentrando-se no peito e disparando pela coluna. Abriu os olhos e se centrou em Hades e Perséfone, podia vê-los de pé sobre o chão de cimento com expressões satisfeitas refletidas em suas caras perfeitas, imortais.

Alguém ofegou. Uma voz blasfemou, a voz de Hades. E logo, enquanto Gryphon continuava canalizando o poder, todo o som cessou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

As pernas cederam. Caiu no chão. Ou talvez flutuasse. Gryphon não estava certo. A única coisa que sabia era que parecia uma bola de praia desinflada. Não podia se mover, não podia pensar, mas podia ouvir.

— Que demônio aconteceu? — ofegou a mulher junto a Orpheus.

— Gryphon, filho da puta *fodidamente inteligente* — exclamou Orpheus com voz excitada— Ajude a levantá-lo, Skyla.

O ar fluiu pelas costas.

— É um fantasma! — gritou— Como diabos vamos a…?

Pressionaram contra ele algo fofo. Uma manta. Cobriram-no com uma manta.

— Ah, boa ideia, daemon — exclamou a mulher— dá solidez.

Gryphon sentiu que era levantado nos braços de Orpheus.

— Não temos muito tempo — disse Orpheus, enquanto levava Gryphon e corriam pelas escadas— Não estarão imóveis por muito tempo.

— Como fez isso? — perguntou Skyla, com voz ofegante.

— Seu dom — respondeu Orpheus, suas próprias palavras soavam sem fôlego enquanto se movia— conseguiu de Perseus. Eu posso me teletransportar em qualquer reino, inclusive através de paredes sólidas, mas seu poder é melhor. Não pode transformar as coisas em pedra como a legendária Medusa, mas quando utiliza a energia que Perseus tinha, pode congelar coisas.

— Por quanto tempo? — perguntou Skyla.

— O tempo para que possamos sair.

— E logo o que? — perguntou.

— Então corremos como o inferno.

Um som estrondoso ressonou. As vozes gritaram. Os grunhidos entraram erupção.

Rápido. Rápido. Rápido…

— Orpheus!

Gryphon reconheceu a voz. Não porque viesse da mulher, ou dos zangados deuses, mas sim porque veio de seu amigo.

Theron. O líder dos Argonautas.

A luz do sol impactou sobre o rosto de Gryphon. O calor penetrou até a alma. Orpheus corria, agitando-o dentro da manta.

Pararam de maneira abrupta e então Orpheus posou contra algo afresco.

Grama. Deixou-o na grama.

— Fique aqui, Gryph. Voltarei em seguida.

A visão de Gryphon ia e vinha. Pôde enfocar tempo suficiente para ver uma cova rodeada por olivas e ciprestes. A caverna que acabavam de abandonar. Todos os Argonautas estavam ali, preparados para a batalha: Theron, Zander, Titus, Cerek e Phin. O único ausente era Demétrius.

Demétrius… A última vez que Gryphon viu o guardião, estava naquele campo fora da colônia. Depois de resgatar Isadora. Quando foram atacados por daemons. Bem depois de ser batido pela energia do bruxo que enviou a alma ao Inframundo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Uma mulher também estava com eles. Vestida com botas até os joelhos, calça negra justa e um top, a corda de seu arco tenso e uma flecha pronta para ser lançada.

— Orpheus? — apressou Theron.

— Estou nisso! — gritou Orpheus. Sustentou suas mãos e começou a cantar na língua das bruxas. A terra tremeu. Cães infernais abriram caminho através da abertura da caverna e atacaram. Um borrão negro deslizou ao longe pelo lado direito. Enquanto os Argonautas lutavam contra as bestas, Orpheus continuava cantando. Através da escuridão Hades apareceu, andando em direção à eles por sobre um redemoinho de fumaça, a vontade de matar brilhavam em seus olhos.

O canto de Orpheus se elevou e algo vermelho brilhou contra a pele sob sua camisa. A terra tremeu outra vez como se um grande terremoto começasse. Então a montanha inteira desmoronou, rochas e pedras rodavam, assim como partes de árvore estrelaram contra a caverna.

Os dentes chiaram, um uivo horripilante ressonou através do ar. Gryphon viu que os Argonautas dizimaram a cinco ou mais cães infernais que chegaram antes que a montanha caísse. Os Argonautas e a mulher com o arco.

A batalha terminou em questão de segundos. De repente, um tremor começou, mas não vinha da terra. Vinha de dentro. Gryphon só pôde se encolher como uma bola na manta. As vozes soaram perto quando girou a cabeça. Vozes de seus amigos guerreiros. Amigos que não podia ver.

— Pegue-os e vá — disse Theron— Leve-o até D e o bruxo, depois volte para casa.

— Hades aparecerá a qualquer momento — disse Orpheus, seus braços deslizando sob a manta para levantar Gryphon de onde o deixará deitado— Estará de saco cheio e voltará.

— Distrairemos até que se vá. Depois iremos nós também.

— Como sabiam por onde e quando tínhamos saído? — perguntou a mulher.

— A rainha — respondeu Titus— Ela e suas irmãs usaram seus poderes de Horae para ver o que Hades planejara.

A terra tremeu outra vez. E Theron acrescentou mais alto:

— Vão embora agora!

— A pé? — perguntou a mulher… Skyla.

— Não — respondeu Orpheus— Desta vez ambos sairemos desta dimensão. Ao menos agora. Segure-se em mim. Vou nos teletransportar daqui.

Antes que Gryphon pudesse perguntar a que tipo de *dimensão* se referia, sentiu que voava. Voava através do tempo e do espaço, para longe do Inframundo e de seus horrores. Mas não para longe da escuridão que agora vivia dentro dele. E não para longe da voz, então ouviu uma gargalhada ligeira que provinha do vento.

A voz de Atalanta.

Agora ambos somos livres. Mas não esqueça que é meu, doulas. Para sempre, agora está unido a mim…

Orpheus gritou quando apareceram na casa abandonada que encontraram nas colinas fora de Psychro. As paredes de rocha cederam espaço à um telhado coberto com palha. As ervas daninhas e os cactos eram usados como muro.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

A porta sacudiu ao abrir bem quando a alcançaram e o corpo muito alto de Demétrius encheu o marco, seus olhos escuros se lançaram à manta que Orpheus pôs sobre Gryphon para levá-lo.

— Conseguiu?

— Sim. Onde está o bruxo?

— Aqui — Demétrius os levou a parte detrás da choça ao que parecia um dormitório. Uma cama de ferro carente de colchão se encontrava colocada junto à parede, mas o bruxo, no corpo de Gryphon, estava amordaçado ao outro lado do quarto, inclinado contra o muro, com os olhos cada vez mais largos sobre Orpheus e Skyla atrás de Demétrius.

O bruxo lutou contra as ataduras, gritou sob a mordaça. O medo brilhava em seus olhos azuis. Olhos que não pertenciam a Gryphon.

— Como faremos isso? — perguntou Demétrius.

— Não sei — respondeu Orpheus— Skyla?

— Isto está fora de meu terreno, moços, mas acredito que se puserem sua alma em alguma parte perto de seu corpo, saberá o que fazer.

Parecia como um plano tão bom como qualquer outro. Orpheus tirou a manta das costas de Gryphon pondo-a no sujo chão de pedra; abrindo a manta seu corpo ficou à vista.

Nenhum deles falou enquanto esperavam que algo acontecesse. O único som no quarto era o bruxo gritando sob sua mordaça e lutando contra qualquer força, tentando ficar livre das correntes que seguravam suas mãos, presas ao muro por cima de sua cabeça.

A princípio, não aconteceu nada. Mas depois, lentamente a alma de Gryphon começou a deslizar através do chão, flutuando para seu corpo.

Os olhos do bruxo se ampliaram ainda mais. E gritou tão forte que Orpheus estava certo que toda cidade de Giz o ouviu.

Passaram-se poucos minutos deixando Orpheus a um nível tão visceral, mas aconteceu. Viu a alma de seu irmão deslizar dentro de seu corpo. Ouvindo o grito estrangulado de protesto do bruxo. Vendo o espírito etéreo do bruxo arrancado à força. A imagem do bruxo apareceu no ar, sua verdadeira forma… velha, enrugada, de mãos e dedos nodosos e os mesmos olhos azuis acesos. Esses olhos cheios de medo contemplaram o quarto, e a cabeça do bruxo explodiu. Seu corpo fantasmagórico foi engolido por uma névoa escura ,que o arrastou através das gretas do chão de pedra, entre uivos de agonia, até desaparecer para sempre.

No silêncio que seguiu, Skyla lançou um olhar a Orpheus.

— Certo, isso foi mau.

— Fodidamente mau — resmungou Demétrius— Lembre-se de não encher o saco de Hades.

— Muito tarde — disse Orpheus— Já enchemos o saco.

Ajoelhou-se junto ao seu irmão, levando a mão até a bochecha de Gryphon. Precisava de alguma confirmação de que a alma de seu irmão estava ali. Gryphon caiu contra a parede em um ângulo estranho, seus olhos fortemente fechados.

— Gryph, cara, pode me ouvir?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Gryphon se moveu. Com suas mãos ainda amarradas, seu corpo se moveu de um lado ao outro como se tentasse despertar. Então em um movimento brusco seus olhos se abriram. Aqueles mesmos olhos azul claro, que Orpheus contemplou no rosto de seu irmão durante cento e cinquenta anos o olharam.

—Orpheus?

Alívio e algo mais, algo que não podia definir, filtraram pelo peito de Orpheus.

— Obrigado, *Dimiourgos* [53]— sussurrou. Alcançou as mãos de Gryphon— Segure bem e desengancharemos.

Gryphon olhou suas mãos amarradas, logo a Skyla, Demétrius, e finalmente a Orpheus.

Com o coração ainda na garganta, Orpheus ajudou Demétrius a abrir os grilhões metálicos de seus pulsos. Roçou as marcas vermelhas na pele de Gryphon.

— Terminou. Vamos levá-lo para casa, Argolea, onde poderá esquecer o acontecido.

Em um movimento brusco, os braços de Gryphon se elevaram, afastando as mãos de Orpheus com um golpe. Agarrou a frente da camisa de Orpheus com um apertão de morte e aproximou o rosto de seu irmão. O terror encheu seus selvagens olhos.

— Não. Não Argolea. Não me levem a Argolea. A qualquer parte menos ali. Não posso… — Seu corpo começou a tremer. Sua voz se quebrou— Não posso… não posso ir ali. Não depois do que… não me faça ir ali…

A angústia dilacerou o peito de Orpheus. Agarrou os antebraços de Gryphon, que estavam cobertos pelas marcas dos Argonauta, como se supunha que tinha que ser.

— Ninguém o obrigará a fazer nada. Agora está a salvo. Prometo isso.

— Não, não, não, você não entende — os soluços alcançaram— Está aí. Ela sempre está aí — soltou a camisa de Orpheus, deixando cair sobre o chão asqueroso, e rodou sobre um lado, se encolhendo.

Desesperado por fazer algo, Orpheus esfregou as mãos contra as coxas e sussurrou:

— Quem?

O corpo de Gryphon tremeu, sua alma tremeu profundamente. E uma palavra saiu de seus lábios:

— Atalanta.

A incredulidade palpitou no peito de Orpheus, seguido de um momento de claridade que sussurrou: *Sim*.

Ele e Demétrius a pegaram nos Campos do Asfódelos depois de resgatar a Isadora de sua fortaleza. Era mais que possível que tivesse reconhecido Gryphon por quem era e porque esteve ali embaixo.

Uma total e completa impotência o consumiu, os gritos de Gryphon quebraram a tranquilidade.

[53] *Deus – Divindade Sublime.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Incerto do que dizer e o que fazer para ajudar, contemplou Skyla. A compaixão e o horror enchiam seu rosto. Virando-se para Demétrius, Orpheus viu a mandíbula apertada do Guardião e a mistura de fúria e repugnância gravada a fogo em seus traços.

— A colônia — disse Demétrius com voz rouca. E mais forte— Há curadores ali que podem ajudar.

— Não, só os curadores Argolean — respondeu Orpheus.

— Nesse caso procuraremos Callia e a levaremos à colônia também.

Sim, Callia. Isso era uma boa ideia. Callia era a curandeira pessoal da rainha e também a irmã de Isadora. Com seus poderes de Horae, seria a poderia ajudar Gryphon a resolver isso.

Orpheus olhou para baixo para seu irmão. Vendo como Skyla cobria com a manta os ombros de Gryphon e passava seus dedos através de seu cabelo, cantarolando outra vez, tratando de acalmá-lo. Mas quando elevou a vista e seus olhos apagados encontraram os de Orpheus, sabia que pensava o mesmo que ele.

Vergonha. Nada poderia reduzir a um guerreiro um rio de lágrimas só a vergonha.

Queridos deuses, o que aconteceu ali embaixo?

Náuseas se concentraram no estômago de Orpheus, que passou uma mão pela testa, tentando centrar. Preocuparia com tudo isso mais tarde. Agora mesmo tinham que afastar Gryphon deste lugar.

— Ele não pode se teletransportar. Não em seu estado físico, não na terra. E eu não posso colocá-lo em um voo comercial quando… está assim.

— Fretaremos um avião então — disse Demétrius com voz decidida— Isadora tem reservas e dinheiro vivo humano para emergências. Está solucionado.

Orpheus afirmou com a cabeça, enquanto uma pedra do tamanho de um torrão se instalava na garganta. Sim, está tudo arrumado. Pensou que tirar Gryphon do Inframundo seria o obstáculo mais difícil que teriam que vencer. Não considerou o que passaria depois.

Apertou as mãos, estendeu a mão para tocar a perna de Gryphon. Uma carícia tranquilizadora, para ambos.

— Vai ficar bem, Gryph. Tudo vai ficar bem.

Mas Gryphon não respondeu. Só estremeceu com o toque de Orpheus como se o queimasse. Então escondeu a cabeça entre seus braços e chorou amargamente.

Capítulo 24

As horas de voo de volta a Montana passaram em silêncio. O avião que fretou em Giz era espaçoso, com um sofá ao longo de uma parede da cabine, os assentos do capitão do outro lado, uma cozinha e um banheiro de luxo. Mas nenhum deles parecia se dar conta do recinto elegante. Os horrores das últimas horas, dos últimos dias estavam muito frescos.

Skyla manteve Gryphon dopado no sofá, passando os dedos por seu cabelo quando se agitava, cantarolando quando parecia se inquietar, cantando quando se detiveram para repor combustível e pareceu que estava preparado para fugir. Ele se enroscava sobre si mesmo como fez antes naquela choça, dando as costas ao grupo, com seu rosto oculto. Quando estava quieto, por várias vezes Orpheus apareceu por cima do ombro, só para assegurar-se que ainda respirava. Às vezes Gryphon estava dormido. Outras vezes parecia congelado, olhando com os olhos abertos o encosto do sofá como se estivesse perdido em seu atordoamento.

Demétrius passou a maior parte do tempo na cabine com o piloto, e Skyla alternou entre acalmar Gryphon e transitando na cozinha em busca de comida. Ela não falava muito, mas seu canto suave ajudou a acalmar os crispados nervos de Orpheus também. E quando levou um sanduíche, sentou-se junto a ele e apertou a mão antes de comer o seu, o calor voltando para peito. O mesmo calor que sentia sempre que ela estava perto. Em qualquer momento que o tocasse. Cada vez que pensava na forma que protegeu Gryphon em sua viagem para fora do Inframundo, cantando para mantê-lo calmo, e consolando-o naquela cabana, quando Orpheus não sabia o que fazer.

Ela era uma rocha. Alguém que fazia o trabalho que Orpheus deixava pendente, apesar de que ela mesma estivesse esgotada. Enquanto que na cabeça de Orpheus giravam as imagens do Inframundo e não era capaz de fazer muito mais que sentar e olhar seu irmão, ela acertou para que tudo na viagem de volta à colônia corresse perfeitamente.

E também não procurou ainda o Orbe sob a camiseta de Gryphon, e muito menos tentou pegar.

Esse último pensamento girava na mente de Orpheus, enquanto aterrissaram na escuridão, em Missoula. O que estava esperando?

Nick tinha um carro preparado para recolhê-los no aeroporto. Enquanto foram balançando pelo caminho para a colônia, Skyla se sentou junto a Gryphon e seguiu cantando para mantê-lo calmo. Cada vez que mudava a paisagem, esse olhar de olhos exagerados voltava para o rosto de Gryphon e lançava olhares enlouquecidos ao seu redor como se procurasse alguém...

Quando se aproximaram da colônia, Gryphon inclinou a cabeça para Orpheus.

— Não quero vê-los. Os meninos. Se estiverem aqui... — sua voz se voltou rouca, mas seus olhos eram claros. Mais do que estiveram desde que o encontraram— Se estiverem aqui, faça com que partam.

— Como quiser, Gryph. — A garganta de Orpheus se fechou por essas palavras. E apertando o ombro de seu irmão, pegou o olhar de Demétrius no assento da frente. O Guardião assentiu com a cabeça em um mudo gesto, e logo observou de novo a escuridão pelo para-brisa.

A viagem através dos túneis pareceu mais curta do que quando Orpheus trouxe Skyla e Maelea. Fora somente uns dias atrás? Deuses, parecia como se fosse anos. Aconteceram tantas coisas depois.

Nick saiu ao encontro deles na enorme caverna, onde vários túneis continuavam em diversas direções e os conduziu até o elevador. Gryphon parecia ter se acalmado, agora que estava em pé e

caminhava por sua conta. Skyla ficou com Demétrius para contar aos outros o que ocorreu, enquanto Nick levava Orpheus e Gryphon até um quarto no quinto andar do castelo.

Orpheus se impressionou com as claras paredes azuis e o mobiliário, mas centrou a atenção em seu irmão. Ajudou Gryphon no quarto, acomodando-o em uma cadeira. Depois de falar calmamente com Nick na porta, inteirou-se que todos os Argonautas estavam aqui, ansiosos por ver Gryphon e se acertou que Nick entendesse que não era uma boa ideia no momento.

Nick olhou com cautela Gryphon por cima do ombro de Orpheus.

— Está certo de que ele está bem?

— Você estaria bem depois de três meses no Inframundo?

— Não. É por isso que estou preocupado.

— Ficarei com ele.

Nick assentiu com a cabeça, mas não parecia mais tranquilo.

— Tire o telefone do gancho se necessitar de algo. Chamará um linha central.

À medida que as botas de Nick ressonavam no corredor, Orpheus fechou a porta e retornou ao quarto. Gryphon permanecia imóvel na cadeira, o olhar perdido no vazio.

Seu corpo parecia o mesmo de sempre. Musculoso, forte, são, embora um pouco magro. Entretanto, o olhar morto nos olhos e as linhas de cansaço em seu rosto, falaram da tensão em sua alma.

Orpheus cruzou o quarto e ajudou Gryphon a se levantar da cadeira segurando pelo braço e o puxando para cima.

— Vamos para ducha. A água fará bem.

Gryphon não lutou com ele enquanto o dirigia ao banheiro, com o box de vidro e um espelho amplo que ocupava toda a longitude da dupla penteadeira. Entretanto, quando Orpheus segurou sua camiseta, Gryphon deu um tapa.

— Posso fazer sozinho.

— Tem certeza?

— Estava morto, não estúpido — murmurou Gryphon, dando as costas. Tirou a camiseta pela cabeça e a deixou cair ao chão. Puxou a corrente ao redor de seu pescoço e também a deixou cair. A corrente que sustentava o Orbe de Krónos.

Vacilou antes de desabotoar a calça.

— Importa-se? Eu gostaria de um pouco de intimidade.

— É obvio. Sim. Estarei no outro quarto se por acaso precisar de mim.

Orpheus olhou o Orbe, jogado no chão aos pés de seu irmão. Os dedos morriam de vontade para pegá-lo, mas lutou contra a necessidade. Isso não ia levar a nada. Quando saiu e fechou a porta, ficou escutando para se assegurar que Gryphon não se vinha abaixo de novo. Passaram-se longos segundos sem ouvir nada, então ouviu o barulho da descarga seguido da ducha.

Orpheus se afastou da porta do banheiro e estava a ponto de ligar para ver se Skyla subia quando uma batida soou à direita.

Antes que pudesse responder, a mulher em que esteve pensando pôs a cabeça no quarto.

— Posso entrar?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O calor se estendeu pelo peito. Um calor seguido de preocupação. Ia tentar pegar o Orbe agora?

— Sim. Está na ducha.

Ela entrou, mostrando pernas longas e lindas, com o cabelo caindo sobre seus ombros como sempre.

— Como vai?

— Melhor. — Orpheus deu uma olhada à porta do banheiro, continuou, olhou de novo— Acredito que possivelmente o pior já passou.

— Espero que sim — cruzou os braços e olhou o quarto— Não está ruim. Melhor que o rosa. Essa é a cor que deram a Maelea.

Orpheus quase se esqueceu da Garota Ghoul. Pressionou dois dedos contra a têmpora direita.

— Como ela está?

— Bem. Igual. E é a última coisa pela qual precisa se preocupar agora mesmo.

Por que se preocupava tanto por ele? Onde estava a Siren chuta-traseiros que foi enviada por Zeus para matá-lo? Orpheus esfregou o rosto com as mãos. A confusão misturada com o esgotamento por fim, batia agora que a adrenalina se desvanecia. Deixou-se cair na cadeira em que Gryphon esteve sentado antes.

— Os Argonautas estão aqui?

— Sim. E a rainha e suas irmãs.

— Fantástico — outra festa— Gryphon não quer…

— Demétrius já disse. Estão passando no andar de baixo no momento.

— Nick tem que gostar disso.

Skyla se sentou no braço de sua cadeira, sua coxa a centímetros da mão.

— Está emocionado — disse com sarcasmo— Qual é a história? Entre ele e eles?

— É o irmão de Demétrius.

Ela franziu o cenho, com um olhar zangado que fez querer dar um beijo no rosto.

— Já sabia disso daemon.

— Seu meio irmão. Nick foi açoitado pela monarquia, devido a sua linhagem.

— Qual é?

— É um herói original. Engendrado por um ser humano e um deus.

Skyla ficou em silencio durante vários segundos e logo disse:

— Que legal.

Orpheus riu entre dentes. O que tinha esta mulher que acertava ele? Inclusive agora, quando sabia que não podia estar em nenhum lugar só aqui com Gryphon, quando a lógica dizia que ela estava a segundos de arrebatar o Orbe, ele queria estreitá-la entre os braços e arrastá-la pelo corredor até um quarto abandonado. Logo, descobrir uma vez mais o que sentir ao deslizar dentro de seu corpo e se perder em seu aroma.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele. Um daemon que nunca teve um relacionamento. Um bruxo que aprendeu há muito tempo a cuidar de si mesmo. Um homem que nunca passava mais de uma noite com nenhuma mulher.

E ela, uma Siren. Enviada para seduzir, roubar e depois matá-lo.

Ele deu uma olhada em sua perna. Ardia em desejos de alcançá-la. De tocá-la. De deixá-la lembrar de que estava vivo. De demonstrar que não foi esquecido.

Deixou escapar um longo suspiro e olhou para a porta do banheiro. A ducha ainda estava ligada.

— Talvez devesse ver como ele está.

Momento da verdade. O que faria ela?

— Certo — disse enquanto se levantava— Tem fome? Poderia chamar e pedir algo.

Ele franziu o cenho.

— Sempre é tão maternal, Siren?

— Sempre — zombou, cruzando as pernas bem formadas e inclinando-se de volta da frente para agitar as longos e escuros cílios em sua direção— depois de decapitar ogros todo o dia, de noite pertenço à Associação de Pais de Alunos.

— Você na APA. Isso é algo que eu gostaria de ver. — Bateu na porta do banheiro, preparando suas defesas, no caso— Gryph? Está bem aí dentro?

Só escutou o som da água correndo.

Orpheus voltou a chamar. Não obteve resposta. Tentou com o trinco e a encontrou fechada com a chave. Uma descarga de pânico o atravessou.

As botas de Skyla ressonaram enquanto se separava da cadeira.

— O que aconteceu?

— Não sei — Orpheus moveu de novo o trinco. — Gryphon? Responda.

Nada.

— Skata. — Orpheus deu um passo para trás, concentrou-se e convocou um simples feitiço para desbloquear a porta. Soou um clique e girou a maçaneta.

O quarto estava envolto em vapor, o espelho embaçado. Através do vidro opaco pôde ver Gryphon em pé, nu sob a ducha, esfregando a pele dos braços.

— Gryph? Está bem? Chamei e chamei mas não respondeu.

— Não consigo limpar — murmurou Gryphon. — Tenho que tirá-lo. Só um pouco mais — deixou de esfregar e tampou as orelhas com as mãos— Pare!

Gryphon sacudiu violentamente a cabeça, logo voltou a esfregar a pele de novo, murmurando mais rápido:

— Não consigo limpá-lo. Não consigo limpá-lo…

Merda. Não estava melhor. Estava cada vez pior. O pânico se transformou em um completo temor que abriu espaço pelo peito de Orpheus.

— Vamos, Gryphon. É suficiente. Venha, saia.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Orpheus era consciente de que Skyla estava em pé na porta enquanto pegava uma toalha e segurava a porta da ducha, o Orbe à vista no chão. Mas não se importava. O único que importava agora era seu irmão.

Orpheus abriu a porta. Continuando, congelou.

— Santos Deuses…

O sangue corria como rios pelos braços de Gryphon, as pernas, o rosto e o torso. Seus dedos eram cotos sangrentos por enfiar em sua pele uma e outra vez, esfregando mais forte em cada passada.

— Gryphon, pare! — Orpheus lançou a toalha sobre os ombros de Gryphon e o arrastou para fora da ducha. Gryphon gritou e lançou todo seu peso contra ele, fazendo-o cair ao chão com um rangido. Lutaram no ladrilhado chão do banheiro até que Orpheus ficou atrás de Gryphon, fechou um braço sobre a cabeça de seu irmão, utilizou o outro para imobilizar os braços e depois enganchou as pernas de Gryphon de modo que não pudesse se libertar.

Gryphon lutou uma, duas vezes mais, até que desabou contra Orpheus e veio abaixo, todo seu corpo tremendo com soluços que chegavam à alma. A água e o sangue escorregavam pela pele de Gryphon à roupa de Orpheus, gotejando por todo o chão a seu redor.

— Não posso tirar — exclamou— Está tudo em mim. Dentro de mim. Só quero que se vá. Eu só... OH, deuses, faça que se vá!

Seu corpo convulsionou nos braços de Orpheus, e os soluços se converteram em dilaceradoras sacudidas, que Orpheus sentiu no mais profundo de seu ser.

Orpheus captou o horrorizado olhar de Skyla da porta, onde permanecia quieta como uma pedra. E o coração que pensava que não tinha se contraiu sob o elemento terra que ainda descansava sobre o peito.

— Vá pedir ajuda — sussurrou— Encontre alguém que possa ajudar o meu irmão.

Horas depois, Skyla apareceu à porta do quarto de Gryphon. Apesar de que ele estava tranquilo, havia várias pessoas que ocupavam o espaço. Callia, a curadora pessoal da rainha Isadora, sustentava o pulso de Gryphon do outro lado da cama e olhava o relógio no alto da parede. Theron falava calmamente com Isadora perto da janela. Skyla soube, por sua conversa no andar de baixo, que vários Argonautas foram e vieram ao longo da noite, mas Orpheus permaneceu ali, sentado em uma cadeira junto à Gryphon, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos cruzadas em frente à ele, enquanto observava o seu irmão dormir.

A imagem do grande Argonauta arranhando sua pele não apagava da cabeça. O sangue que cobria o chão e Orpheus, quando este tirou Gryphon do banheiro, também não saia. Cada vez que pensava pelo que teve que passar no Inframundo, a mente saltava para Orpheus e aos anos e anos que ele mesmo esteve preso ali. As coisas horríveis que deve ter sofrido. O fato de que por sorte não podia lembrar.

Pensou em contar a Orpheus a verdade sobre sua relação muitas vezes. Refletiu sobre o que aconteceria à ele se soubesse o que e quem era na realidade. Mas depois de ver Gryphon, sabia que não o podia fazer. Não se tratava dela ou o que iria perder. Não queria fazer mal a Orpheus. E

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

trazer de volta o passado só faria isso. Seria trazer de volta algo que estaria mais bem morto e enterrado.

As cabeças se voltaram. Orpheus olhou por sobre seu ombro, com os olhos escurecidos e injetados em sangue. Mas se iluminaram só um pouco quando a viu e o calor encheu todo o corpo em resposta.

Levantou-se da cadeira, todo músculos tensionados e força contida. Embora alguém houvesse lhe dado uma camisa nova, a calça continuava manchada com o sangue de Gryphon. Ao cruzar o quarto em direção à ela, as marcas de Guardião em seus antebraços, destacavam-se claramente em contraste com o resto de sua pele. Marcas que tecnicamente não deveriam estar aí, agora que seu irmão estava de volta.

Ele esfregou a mão sobre a parte posterior de sua cabeça, seus olhos caídos, a barba em sua mandíbula quadrada que o fazia parecer mais sexy do que nunca vira. Parou diante dela, colocou as mãos nos bolsos e tomou cuidado de manter a voz baixa.

— Olá.

— Está melhor?

Skyla viu a agonia nos olhos de Orpheus e oprimiu o peito.

— Está dormido. Callia deu um sedativo. Disse que necessitava de repouso para permitir que as… — engoliu saliva e a enfrentou de novo. — as feridas se curassem.

Feridas. Esses olhos enlouquecidos. E a voz de Gryphon.

Não o posso tirar. Está tudo em mim. dentro de mim. Só quero que se vá. Eu só... OH, deuses, faz que se vá!

Segurou a mão de Orpheus, tirou-a do bolso, e apertou os dedos, com a esperança de levar aquele olhar de angústia de seus olhos. Aquela que dizia que ele lembrava cada detalhe com tanta claridade como ela fazia.

— Venha comigo por uns minutos.

— Não posso deixá-lo.

— Não servirá de nada se acordar e estiver abatido pelo cansaço.

— Não. Precisa de mim aqui — afastou a mão.

— Ela tem razão, Ou — disse Theron— Precisa descansar. Callia ou eu iremos te procurar se houver alguma mudança.

— Dormirá durante ao menos vinte e quatro horas — adicionou Callia do outro lado da cama.

Isadora cruzou o quarto, com suas sapatilhas não fazendo ruído no chão enquanto se aproximava perto dele. Ao lado da rainha, Orpheus parecia enorme. Pôs a mão sobre o antebraço, sobre as marcas do Argonauta e, não pela primeira vez, Skyla teve a impressão de que estes dois tinham algum vínculo especial. Não sexual… mas sim de amizade.

— Vá com Skyla, Orpheus. Prometo que quando Gryphon despertar, iremos te buscar. Tudo parecerá melhor depois de que ambos consigam dormir um pouco.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O cenho franzido no rosto de Orpheus disse que não estava de acordo, mas finalmente assentiu. Skyla deu um passo para a porta. Um pouco de sua preocupação se aliviou quando Orpheus a seguiu.

No longo corredor suas botas ressonaram como golpes de tambor à medida que avançavam para o elevador. Quando estavam dentro da pequena cabine, Orpheus franziu o cenho.

— Desde quando Theron e Isadora estão do lado de uma Siren?

Ela pulsou um botão.

— Desde que Demétrius explicou o que aconteceu depois de deixar os Argonautas em Giz. Parece que, se você ajudar um Argonauta, o resto deles serão seus amigos para toda a vida. Inclusive se for uma Siren.

Orpheus não respondeu, mas seu cenho se aprofundou mais e cruzou os braços sobre seu peito musculoso.

— Falando disso — disse ela— percebi que ainda tem as marcas.

— Sei.

Não disse nada mais, e ela sentiu que não estava contente com esse fato. Como não queria empurrar as coisas, deixou o assunto, e nesse momento o elevador parou e abriu a porta.

— Aonde vamos? — perguntou.

— É uma surpresa.

— Skyla — suspirou— Estou muito cansado. Uma dos quartos ao lado do Gryphon seria melhor.

Tomou sua mão e o jogou ao longo de dois vazios corredores com suas paredes de janelas negras antes que pudesse afundar os calcanhares no chão.

— Só siga a corrente por uns minutos, certo? Se desejar voltar a descer e encontrar um quarto perto do Gryphon depois de ver a surpresa, levarei.

Franziu o cenho de novo, mas se deixou levar. Quando chegaram às portas duplas no final do corredor, empurrou para abrir. O ar frio se arrastou pela coluna vertebral. Ela continuou puxando, em direção às escadas curvas da direita.

— Não acredito que tenha nevado da última vez que estivemos aqui — disse a suas costas enquanto começavam a subir as escadas.

Lançou um sorriso. Apesar de que sabia que os sucessos dos últimos dias pesavam sobre uma alma que ele pensava que não tinha, estava feliz de que houvesse um pouco de sarcasmo de novo em sua voz.

— Contrariamente ao que pensa, não estou louca pela neve.

— Poderia ter me enganado — murmurou.

E, oh sim, o herói com quem chegou a se importar ainda estava ali. Escondido sob uma capa de dor que tinha a esperança de aliviar.

— Enganá-lo não é tão divertido como costumava ser, daemon. — Levou-o até o terraço superior— Está bem, fecha os olhos.

Enrugou o cenho, mas fez o que pedia.

— Se me jogar uma bola de neve no rosto, vai estar em sérios problemas.

Ela sorriu.

— Vai bater em mim?

— Vou fazer mais que isso.

O calor encheu as veias. Este era o Guardião que desejava encontrar de novo. Com a mão livre girou a maçaneta da porta. Puxou, entrando no quarto de vidro e fechou a porta. O calor da chaminé à direita apagava o frio e o resplendor alaranjado das brasas iluminava o suficientemente do quarto.

— Está bem, abre os olhos.

Orpheus levantou as pálpebras. E suas sobrancelhas imediatamente se levantaram quando se girou em um lento círculo.

— Onde estão todas as coisas?

Pela primeira vez desde que tramou este louco plano, um pingo de intranquilidade deslizou através de Skyla.

— Armazenadas em outro lugar.

Observou como ele abrangia tudo. O sofá e as cadeiras situados perto da chaminé, as estantes de livros no outro extremo do quarto que estavam vazias, menos por uns poucos volumes de couro, depois além das escuras janelas ao outro lado do quarto, havia uma grande cama com o edredom azul e uma montanha de travesseiros.

— O que é isto? — perguntou.

O estômago de Skyla se esticou pelas dúvidas.

— Seu quarto. Bom, se assim o desejar, quero dizer.

Quando lhe dirigiu um olhar confuso, o mal-estar se estendeu, passando até o peito. Odiava sentir outra coisa salvo confiança. Como uma Siren, a confiança era parte de quem e o que era. Mas desde que conheceu Orpheus, sua confiança era instável. Porque a sua era a primeira opinião que importava.

— Na realidade, Isadora o sugeriu. Que tivesse um quarto próprio. Ela não acredita que vai deixar Gryphon e retornar a Argolean logo.

Baixou a voz pois a ideia em geral, de repente soava... pouco convincente.

— Você fez tudo isto? — perguntou, olhando ao seu redor outra vez.

— Sim. Bom, não, não tudo — corrigiu— Nick deixou que alguns de seus meninos para que me ajudassem a mover caixas, cadeiras e móveis até aqui.

— Conseguiu que Nick deixasse que fique aqui?

— Isadora o fez.

Voltou-se para ela, mas não podia ler sua expressão. Estava impressionado? Zangado porque ninguém perguntou o que queria?

Ele não respondeu a suas perguntas sem formular. Em seu lugar, cruzou o quarto, deu um passo além da cama, e abriu a porta na parede do fundo. Depois de acender a luz e dar uma olhada ao luxuoso banheiro que ela se surpreendeu de encontrar depois da porta, ele apagou a luz, voltou e ficou olhando a cama.

— Por quê?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Por que, o que?

— Por que fez isto?

— Porque precisava de um lugar onde descansar.

— Não, por que isto? — Fez um gesto abrangendo toda a sala, o famoso tapete quente e os móveis de pele cor vinho, em lugar das frias caixas de cartão que havia antes.

— Por que está no quarto?

Porque significava algo para ela. E esperava que significasse algo para ele também.

Formou um nó na garganta. Não estava segura de como responder. Não sem pôr o coração em jogo. Um coração que não havia descoberto nos últimos dias. Tudo devido a ele.

Atravessou a sala de novo para ficar frente a ela.

— E bem?

Odiava desejar sua aprovação. Mais do que desejou a aprovação de ninguém antes, nem sequer de Cynurus. Apesar de que eram tecnicamente o mesmo. Deuses, nada disso tinha sentido, e odiava tudo o que a tornava vulnerável. A vulnerabilidade não era algo com o que ela estivesse familiarizada.

— Você não gosta? Disse que se você não gostava, posso encontrar outra sala abaixo. Eu só tentava…

— Por que não o pegou?

Fechou a boca. Contemplou seus intentos olhos cinza. Olhos que pareciam estar procurando no fundo de sua alma. Levo vários segundos compreender que não estava falando do quarto, mas sim do Orbe.

Deslizou o olhar por seu peito e o Orbe que sabia descansava contra sua pele, escondido sob a branca camisa de pescoço abotoado que levava. Viu a silhueta do mesmo por baixo dela, depois de voltar com a ajuda para Gryphon. Sabia que pôs e que provavelmente já colocou o elemento terra na câmara. E soube neste mesmo instante que este era um momento crucial. Poderia provocar, seduzir e insinuar tudo o que quisesse, mas a única forma de demonstrar alguma vez sua lealdade para ele era sendo honesta.

— Porque não quero.

— Zeus sim.

— Zeus vai ter que aprender a viver com a decepção. — Quando seus olhos se fecharam, ela soube que era agora ou nunca. — Abandonei as Sirens.

O cepticismo cruzou seu bonito rosto.

— Por quê?

— Por duas razões. A primeira é que agora que vi essa coisa e senti seu poder, sei que nenhum deus pode ter. Se o equilíbrio tiver que permanecer, tem que ser destruído. Sei que não pode ocorrer antes que todos os elementos sejam encontrados, mas dar a Zeus não é outra coisa que causar problemas. Estou segura disso.

— E a segunda?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Correto. A segunda. Skyla mordeu o lábio. Havia um ponto de saída e um ponto de imersão. E agora mesmo, ou ia cair de bruços na água e subir a respirar, ou se estatelaria e se queimaria no fundo de um poço vazio.

Armou-se de coragem.

— A segunda é que não posso continuar de bom grado com uma ordem, que exige que mate o homem que amo.

Não houve reação por parte dele, nem sequer um músculo se moveu em sua mandíbula. E no silêncio que seguiu, a ansiedade de Skyla cresceu uns bons três graus.

— Me ama — disse por fim. Quando ela assentiu com a cabeça, acrescentou— Ninguém ama um daemon.

O coração se oprimiu.

— Ninguém; só eu.

Durante longos segundos, ele não disse nada. E continuava sem poder ler sua expressão, assim não tinha nem ideia do que estava pensando ou sentindo. E então Orpheus franziu o cenho.

— Está fodidamente mau da cabeça, sabia?

As defesas se elevaram. A mesma que utilizou para proteger o coração durante tanto tempo. Um coração que agora estava ferido, machucado e dolorido porque ela teve uma oportunidade e tudo fora em vão.

— Eu…

Ele fechou a distância entre eles, segurou o rosto com suas grandes e quentes mãos, e então baixou sua boca à sua.

O ar abandonou os pulmões com um assobio. A tensão abandonou o corpo. Quando sua língua se inundou na boca e ela saboreou sua doçura, rodeou com ambas as mãos as marcas dos Guardiães nos antebraços e disse a si mesmo que não o deixaria ir.

Havia urgência no beijo. Misturado com alívio e necessidade. Tanta necessidade, que esta formou um nó no estômago e fez que doesse todo o corpo.

— Skyla, Skyla, Skyla... — adorava a forma que ele pronunciava seu nome contra os lábios, atraiu-o para seus braços até que a longa linha de seu bem definido corpo se apertou contra o seu.

— Eles jamais a deixarão abandoná-los por mim.

— Não é sua decisão. — Quando ele retrocedeu e a olhou com esses suaves olhos cinza, a confiança disparou de novo. Uma confiança que não podia acreditar que tivesse estado ausente— É minha. E eu escolho você. Daemon ou não. Argonauta ou não. Zeus e Athena erraram sobre você, Orpheus. Não é malvado.

— Como pode estar tão certa? — sussurrou.

— Porque o vi com Maelea. Vi a forma em que a protegeu quando não precisava fazer. A forma que me protegeu apesar de saber o que eu era. E vi até onde foi capaz de chegar para salvar seu irmão. Uma alma malvada não pode amar dessa maneira.

— Não tenho alma…

— Sim, tem. — Apertou os dedos ao redor dos antebraços— Uma que merece muito mais do que deram.

A emoção voltou ao seu olhar de prata brilhante.

— Skyla.

Elevou-se nas pontas dos pés e o beijou, deslizando os braços ao redor de seu pescoço e aproximando ainda mais.

— Me deixe te amar, Orpheus.

Deu um beijo longo e profundo e gemeu em sua boca quando seus braços rodearam a cintura e seu calor a envolveu. Deu um passo para trás para a cama, o puxando, amando a forma em que parecia não poder deixar de beijar, parecia não poder deixar de tocá-la tal como ocorria à ela com ele. Quando bateu no colchão com as pernas, tombou para trás, arrastando-o com ela até que caíram sobre a cama e seu peso a pressionou, o calor de sua ereção pressionando sob o ventre, esquentando-a a de fora para dentro.

Ela arrancou sua camiseta, quebrando o beijo o tempo suficiente para conseguir tirá-la por cima da cabeça. Sua boca estava de volta sobre ela, beijando, lambendo, chupando enquanto encontrava os botões de sua camisa e os desabotoava, então levantou seu torso o suficiente para poder tirar de seus braços e atirá-la no chão atrás dele.

O Orbe caiu contra os seios. Quente e tentador. Ignorou e se concentrou nele, deslizando a mão pela áspera mandíbula.

Seu olhar passou por cima do sutiã vermelho que usava, até a cintura.

— Deus, é tão linda.

Sua mão a seguiu, deslizando sobre o decote, e logo pela linha do abdômen levando fogo até o umbigo. Ela conteve o fôlego, inclusive um calafrio percorreu a espinha dorsal.

— Não é real. Uma vez que deixe as Sirens, não terei esta aparência.

Seus olhos quentes e cheios de desejo deslizaram de novo a ela.

— O que quer dizer?

— Refiro-me a que este corpo de boneca Barbie é parte do pacote. Uma vez que a Siren parta, seu corpo volta para a forma que tinha antes de me unir à ordem.

Seus olhos se fecharam com malícia.

— É esta sua forma de me dizer que pesava cento e cinquenta quilos e tinha um nariz de gancho antes de se unir às Sirens?

Ela passou as mãos por seus impressionantes braços.

— Talvez não exatamente cento e cinquenta. — Quando suas sobrancelhas se elevaram em interrogação, sorriu— Serei a mesma. Isto é só a versão melhorada.

— Explique *melhorada.*

— Bom, realmente não sou assim alta. Tenho perto de três centímetros menos de pernas. Meu cabelo não é normalmente tão loiro, e se mal não recordo — e lembrava, que isto foi há muito tempo. — minha cintura não tão estreita.

— O que acontece com esses? — Deslizou a palma de sua grande mão até acariciar o seio direito.

O calor franziu o mamilo sob o renda vermelho.

— Esses provavelmente continuem sendo os mesmos.

Com um sorriso travesso abriu o fechamento e liberou o seio que derramou em sua mão.

— Tinha a sensação de que eram reais. Sempre o notei.

O estômago se encolheu, e o humor se desvaneceu quando ele baixou a boca ao seio direito, lambeu com a língua o mamilo, e logo o atraiu profundamente em sua boca e o amamentou.

Os dedos se abriram passando por seu espesso cabelo castanho e arqueou as costas, oferecendo o que queria. Tanto como quisesse.

Ele a excitou com a língua, com os lábios, trabalhou de novo com sua língua, soprando um malvado ar quente sobre os seios até que estes estiveram doloridos por mais. Ela abriu as pernas para que pudesse afundar em seu corpo. De modo que o longo e grosso pênis que se apertava contra o zíper pudesse roçar onde ela mais queria.

— Orpheus... — Atraiu sua boca de novo para ela, beijando-o profundamente. Logo retrocedeu para poder ver seu rosto— Se incomodará? Que não seja exatamente como sou agora?

Seu olhar posou na parte superior da cabeça e viajou com o passar do corpo, detendo-se nos quadris, onde estavam unidos, separados só pela jaqueta e a calça.

— Eu gosto deste corpo, não vou mentir. Mas não é o que amo de você.

O coração disparou, e a voz quebrou quando perguntou:

— O que ama em mim?

— Sim, o que amo de você. — Seus dedos deslizaram pelo pescoço, riscaram a linha do esterno, entre os seios, e pararam sobre o coração— Cada vez que penso na forma que cuidou de meu irmão... — Engoliu saliva e as lágrimas umedeceram seus olhos— Nem sequer o conhece.

— Conheço você.

Um canto de sua boca se curvou.

— Sim, e apesar disso, ainda se preocupa por ele.

— Orpheus…

— Nunca ninguém se preocupou antes por mim. Ninguém pôs sua vida em risco por mim. Ninguém sequer o considerou. Você fez, não só por mim, mas também por meu irmão. Eu… Eu não acreditava que ninguém pudesse me amar.

O coração se oprimiu de novo e passou os dedos por sua mandíbula sem barbear, o plugue com o que havia encoberto as emoções durante tanto tempo, finalmente se abriu.

Eu o amei antes, daemon. Simplesmente nem sequer se aproxima do muito que o amo agora.

— Então acha que é mau. E se me permite isso, vou passar os próximos quinhentos anos mais ou menos demonstrando como estava errado.

Olhou-a fixamente no rosto.

— Fará?

— Bom... — esquentaram as bochechas— Sim, quer dizer, se você me quiser. Pode ser que logo tenha um pouco de tempo livre em minhas mãos.

Um diabólico e lento sorriso se estendeu por seus lábios e apertou essa celestial ereção contra a virilha uma vez mais.

— OH, amo, Siren. A quis desde a primeira vez que te propôs me seduzir.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Perdeu-se em seu beijo. Estava tão enaltecida por seus lábios, dente e língua, que apenas percebeu quando arrancou as botas e deslizou a calça pelas pernas. Mas definitivamente soube quando seus dedos roçaram a umidade e seu polegar riscou círculos sobre o clitóris, enviando uma corrente elétrica por todo o corpo.

— Orpheus...

— Você gosta disto?

— Mm, sim. Mais.

Ele riu entre dentes enquanto a acariciava, parecia desfrutar da maneira que ela e todo o corpo tremiam. À medida que deslizava dois dedos no interior, continuou medindo o clitóris com o polegar e baixou a cabeça ao seio, movendo o mamilo com a língua até que ela gemeu. Deixou cair à cabeça para trás e levantou uma perna para poder passar os calcanhares sobre o colchão, outorgando-lhe um maior acesso. O prazer se acumulava sob suas mãos, ao redor de seus talentosos dedos que se deslizavam dentro e fora de sua passagem, ao longo dos mamilos, onde sua língua estava fazendo coisas enlouquecedoras nos seios. Mas não era suficiente, nunca era suficiente, quando o que mais desejava estava tão perto.

Passou uma perna sobre o quadril e a envolveu em suas costas, emocionada quando sentiu a cabeça nua de seu pênis roçar as doloridas dobras. Queria saboreá-lo outra vez, o ter profundamente na boca como da última vez, sentir seu prazer palpitar ao longo da língua. Mas o batimento do coração entre as pernas era muito forte. O calor muito intenso para detê-lo e reajustá-lo.

— Orpheus... — Sua boca estava por sobre a sua de novo.

— Espere. — separou-se. E observou com assombro como arrancava a corrente que usava no pescoço e deixava cair o Orbe no chão, junto com a roupa.

Herói. A palavra girou na mente de novo. Se ela não soubesse antes, agora sabia.

— Bem — disse ele, deslizando as mãos pelos quadris, guiando-a, se encarregando apesar de que era ela quem dirigia as coisas. — Onde estávamos?

A cabeça de seu pênis deslizou ao longo das dobras, apertando-se contra a entrada o suficiente para fazê-la gemer, ele logo se retirou. Ela apertou os músculos, tentou mover-se mais abaixo, mas se encontrou com a resistência de suas fortes mãos que a sustentavam ainda.

— Um... sim — conseguiu dizer. — Acredito que... aí mesmo.

— Aqui, Siren?

— Sim. — Beijou— Deixe de me atormentar.

— Diga isso outra vez. — Levantou a cabeça e a beijou longamente, lenta e profundamente. — Diga de novo o que disse antes.

Ela sabia o que queria. O mesmo que ela queria.

— Eu o amo, Orpheus.

Levantou tão rápido, que arrancou um ofego. Mas se converteu em um gemido quando puxou os quadris para baixo se empurrando dentro dela. Carne contra carne. Sua ereção se moveu em seu interior, enchendo-a. Ele a pôs sobre as costas e sussurrou:

— Envolve suas pernas ao redor de mim.

Fez. Voltou a gemer enquanto empurrava nela ainda mais profundo. Retirou-se, penetrou-a uma e outra vez, alimentou seu fogo até o ponto de ebulição. Quando não foi suficiente, ele enganchou seus braços atrás dos joelhos e a abriu amplamente para impulsionar a si mesmo uns centímetros mais no interior.

— Deuses, Skyla — disse contra os lábios— eu adoro estar dentro de você. Nem sequer me importo que me tivesse que seduzir a princípio para chegar a este ponto.

Ela se apoderou de seu rosto com ambas as mãos.

— Não o seduzi, Orpheus. Não o tive que fazer. Esta conexão sobre a que continuamente me perguntava, é real. Tudo o que fiz foi lutar contra ela. Tomei o caminho mais comprido de que deveria. Acredite-me. Nunca quis ninguém como quero você.

— OH, deuses, Siren! — Seus olhos se obscureceram e baixou a boca para beijá-la de novo, desta vez como se não pudesse conseguir suficiente. Suas investidas se aceleraram. Ela levantou os quadris ao seu encontro e jogou os braços ao redor de seus musculosos ombros, escorregadios pelo suor e flexionando-se com seus movimentos.

Ela sabia que sua liberação estava por chegar. Podia senti-la cada vez mais com cada pulsação, deslizamento, gemido, impulso e retirada. Perdeu na sensação dele… duro, quente e muito, muito grosso. E quando ele arqueou as costas e seu corpo estremeceu sobre ela, dentro dela ,se deixou ir.

Pela primeira vez, deixou que tudo pelo o que trabalhou, cada decepção com o passar do caminho, cada momento a sós nesta longa vida que nunca deveria ter tido, finalmente se fosse. E enquanto ele se derrubava sobre ela, enquanto sua cabeça caía no oco do pescoço e no ombro e seu quente fôlego banhava a carne até franzir os mamilos uma vez mais, ela passou os dedos pela úmida pele de seus ombros e disse que não tinha como voltar atrás. Nem pela ordem. Nem por Athena. Jamais de novo por Zeus.

Nem sequer quando o rei dos deuses enviasse à suas irmãs para matá-la, o que sabia, sem dúvida, que faria logo.

Capítulo 25

Esta conexão sobre a que continuamente me perguntava, é real.

As imagens nadavam atrás das pálpebras fechadas de Orpheus enquanto se debatia na fronteira do sonho. Imagens que se misturavam com as palavras de Skyla e se negavam a deixar descansar. A posição dela no caos do concerto na noite que ele estivera procurando Maelea. Protegendo à Garota Ghoul com seu arco e flecha mágicos quando pensou que ele estava ali para fazer mal à garota. A maneira que o beijou depois de que a resgatou da avalanche. Coberta de suor no Inframundo, consolando seu irmão. As últimas horas a sós nesta cama, ela usou seu corpo e sua voz para cativá-lo como fez desde o começo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Seu daemon se fora. Não sabia como, mas já não podia senti-lo. Nem sequer um murmúrio na consciência. Algo no fundo da mente dizia que sua ausência estava relacionada de algum jeito com Skyla, mas não sabia como isso era possível. Tudo o que sabia era que durante muito tempo viveu com o aperta-estica desse daemon. Estar livre dele… era como nenhum outro sentimento no mundo.

Exceto estar dentro de Skyla.

Esta conexão sobre a que continuamente me perguntava é real.

Sua imagem flutuou uma vez mais atrás das pálpebras. E embora soubesse que não deveria estar tão contente quando seu irmão estava à uns metros mais abaixo, atormentado por horrores que Orpheus não queria nem imaginar, não podia parar de sentir vivo mais do que podia parar o batimento constante do coração.

E entretanto…

Algo o incomodava no fundo da mente. As imagens mudavam igual à fumaça ondulante, dando aspecto à diferentes formas. Skyla outra vez, só que vestida diferente. Falando… mais formal. Dizendo… dizendo o que?

Igual à primeira vez que estiveram juntos neste quarto, um caleidoscópio de imagens, todas centradas nela, atravessavam a mente. Só que eram mais claras. Os sons cada vez mais altos. Projetando-se como cenas de um filme. Até o ponto culminante. No momento que a cortina se abriu e o personagem finalmente era revelado.

Pulou da cama, foi um reflexo dos músculos, a mente em uma completa e absoluta comoção, caiu ao chão com um ruído surdo que retumbou nos ossos. Mas a dor física foi efêmera. A dor emocional, a tortura prolongada, os anos de tortura, o consumiram de dentro para fora. E a traição, como uma ardente faca afiada, cortando através do que pensava que era o coração.

Skyla apareceu ao lado da cama, seu cabelo revolto, seus olhos sonolentos, seus lábios ainda inchados por sua boca.

—Você está bem? O que aconteceu?

Orpheus respirava pelo nariz para manter a calma. Mas dentro uma tormenta ardente estalou e o fogo o estava consumindo em uma rajada de chamas para as quais não havia alívio.

— Orpheus?

— Você sabia que vinham. Deixou-me ali para que morresse.

— O que?

O passado, um passado que não se lembrava até agora, abriu-se passando rapidamente pela mente. E o porquê, o como e a conexão que esteve sentindo finalmente fizeram sentido.

— Discutimos e você se foi. E elas chegaram uns minutos depois. As Sirens. Suas Sirens. As que você enviou.

Ela se inclinou até se sentar, cobriu-se com o lençol. Um olhar cauteloso passou por seus traços. Traços que ainda eram tão bonitos, como os lembrava. Ainda agora, mais de dois mil anos depois.

Dois mil anos. Merda.

— É evidente que teve algum tipo de sonho. Por que não volta para a cama e…?

— Isso não foi um sonho — ficou em pé, as imagens agora avançando rapidamente pela cabeça, passou a palma da mão pela frente, só que isso não fez nada para apagar a dor. E a tortura. E o horror— Sabia que havia alguma conexão entre nós. Sabia que estava mentindo desde o começo.

— Orpheus? Bem, espere um momento…

A mordida amarga da traição afastou toda a confusão e o temor de antes.

— Por que não me chama por meu outro nome? O nome que meu pai me deu? O nome pelo qual, meu avô ,além de seu chefe, me condenaram.

Ela apertou o lençol ao redor de seus peitos. Na tênue luz do mortiço fogo ele viu a compreensão. E o medo. Pela primeira vez desde que conheceu a Siren, viu verdadeiro medo em seu rosto impassível.

— Diga meu nome, Skyla.

Ela engoliu em seco.

— Não sei do que está falando.

— Diga.

Ela deu uma olhada pelo quarto mas não olhou nos olhos.

E nesse momento, Orpheus perdeu o controle.

A fúria vermelha da traição tingiu tudo ao seu redor. Estava sobre a cama antes que ela o visse mover, fechou a mão ao redor de seu pescoço e os joelhos pegos contra seus lados enquanto a empurrava contra o colchão.

— Diga meu nome!

Ela ofegou, soltou o lençol e agarrou os dedos. Mas embora fosse forte e poderia derrubá-lo facilmente para escapar, não tratou de afastar a mão, não tomou represálias. As lágrimas alargaram seus olhos. Lágrimas que só inflamavam a ira porque sabia que eram nada mais que outra forma de sedução. Sedução que fora treinada para usar e conseguir o que quisesse.

— Diga meu nome ou esmagarei a sua traqueia — grunhiu— Eu juro.

As lágrimas se estenderam sobre seus cílios negros como a fuligem.

— Supunha que não recor...

Apertou o agarre.

— Diga-o!

— Cynurus — soltou-se, asfixiando sob a pressão da mão. — Seu nome era Cynurus. Seu pai pôs o nome por causa do vale mítico de Cynuria, que ficava entre Argolis e Laconia[54], onde se dizia que as Musas gostavam de brincar.

Soltou-a e deu um passo para trás. E enquanto o fazia viu o passado tão claramente como se tivesse acontecido ontem.

Era filho de Perseo. Neto do Rei dos Deuses. O filho que não era nada mais que uma grande decepção para seu pai. O neto que fora catalogado como diretamente desleal desde o começo. E ela era a Siren que foi enviada para matá-lo, não só uma mas também duas vezes.

---

[54] *Argolis, Laconia e Cynuria, eram cidades mitológicas gregas.*

Apaixonou-se duas vezes. Como um idiota golpeado pelo amor. Tudo porque em algum lugar no mais profundo do ser, queria acreditar que merecia algo mais. Que estava destinado a coisas maiores que ele. Igual aos heróis originais.

A estupidez bateu. A traição foi atrás. E as náuseas rasgaram o estômago debilitando os joelhos.

O *mais* conseguiu. Simplesmente não foi o *mais* que quis. A morte às mãos das assassinas de Zeus o dotaram de dois mil anos de *mais* preso no Inframundo. Em um ciclo interminável de dor, agonia e tortura. Onde fora esquecido. Tudo por culpa dela.

Deu a volta para afastar-se, porque a raiva interior era tão forte que era isso, ou matá-la. Foi atrás da calça no chão onde a deixou cair a umas horas. O Orbe se chocou contra a madeira e caiu aos pés, à marca dos Titãs olhando, o elemento terra brilhando em sua câmara, onde deslizou só há umas horas.

— Orpheus…

O calor irradiou do Orbe. Rumo aos pés, infundiu a força que faltava agora que seu daemon se fora. Lembrando o que era uma constante neste mundo.

Não confiar. Em ninguém.

Não na honestidade. A honestidade era uma farsa.

E definitivamente não no amor. O amor era o maior de todos os enganos. Desenhado para apanhar, escravizar e finalmente destruir.

Levanto o Círculo do chão, deslizou a corrente ao redor do pescoço, e sentiu o poder do Círculo rodeando.

— Orpheus — disse com voz frenética— Espere. Deixe-me explicar.

Vestiu o jeans sujo, procurou as botas e colocou os pés dentro. Recolheu a camisa do chão e a pôs enquanto se movia em direção à porta.

Ela agarrou pelo braço antes que pudesse mover o trinco da porta.

— Espera. Por favor.

Seu toque agitou o que sua voz não pôde. Girou para ela afastando o braço com um puxão.

— Não me toque. Não volte a pensar em me tocar outra vez.

— Orpheus.

As lágrimas corriam por suas bochechas, lágrimas que obviamente estava trabalhando duro para conjurar. Ela deu um passo para trás, pegou o lençol ao redor de seus seios com ambas as mãos, desempenhando o papel de mulher desconsolada muito bem. Mas claro, teve anos para aperfeiçoar essa atuação, não? Milhares de anos.

— Só… só escute, certo? Eu não sabia a princípio. E no momento que soube, não podia dizer. Disseram que não se lembraria e não queria… tudo… tudo após, até agora é tão confuso. Estava tratando de averiguar a verdade sobre o que aconteceu então e merecia…

A visão imprecisa e a fúria vermelha de vingança obrigaram os pés a avançar. Ela fechou a boca com um estalo, deu um passo para trás, seus olhos muito abertos, halos brancos ao redor de sua íris ametista. Olhos que agora sabia que vira centenas de vezes antes. Uma vida toda, pensou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Bateu a palma da mão ao lado de sua cabeça na parede, um golpe ensurdecedor que ressonou em todo o quarto.

— Dois mil anos, Siren — disse com os dentes apertados— No inferno. Tudo por sua culpa. Não me fale sobre merecer. Porque agora mesmo estou em posição de decidir que merece ser rasgada membro a membro e jogada para os peixes do lago que temos abaixo.

Deu um passo afastando-se dela, odiou que inclusive agora, quando sabia que tudo fora planejado por sua parte, ainda a quisesse. Ainda a desejasse. Estava fascinado com ela como sempre estivera.

— E de passagem, leve uma mensagem ao seu fodido rei — acrescentou, tirando forças do Orbe para não alcançá-la, nem tocá-la, não o faria de novo jamais— Diga que seu neto retornou dos mortos. E desta vez, seus fodidos dias estão contados.

Maelea não podia dormir.

Uma energia escura se infiltrou na colônia em algum momento durante a noite e manteve-se acordada, controlando os abandonados corredores e balcões, em busca de algo fora do normal.

Atraída por isso de uma maneira que fez que coçasse a pele e o coração batesse de emoção.

Passos ressonavam na escada, deslizou por entre as sombras atrás de uma coluna de pedra de grande tamanho do enorme salão. As botas de Orpheus ficaram em silêncio enquanto vacilava na parte inferior, olhou da direita à esquerda. Seu cabelo estava revolto, sua camisa enrugada, o jeans que usava com manchas de… sangue? Mas foi seu rosto que chamou a atenção. A mandíbula fechada como aço sob sua pele, seus olhos ardentes, e uma energia antinatural que emanava de cada centímetro de seu corpo rígido.

Ela respirou forte. Este não era o mesmo homem com quem escapuliu de seu quarto alguns noites atrás, e com quem falou de solidão e de esquecimento. Este era o homem que a sequestrou de sua casa, matou aos cães infernais como se não fossem nada, e pôs sua vida em perigo.

Seus olhos se estreitaram para seu esconderijo. Conteve o fôlego, segura de que poderia vê-la. Segundos depois, voltou e se dirigiu à porta do extremo do salão.

Sozinha, pressionou uma mão contra o estômago e respirou fundo. O relógio sobre a chaminé disse que eram perto das cinco da manhã. Tinha que voltar para seu quarto antes que a colônia despertasse. Deu um passo para as escadas, logo parou quando ouviu vozes. Vozes de mulher. Lançou-se de novo às sombras e esperou que passassem.

— Viu Max? — perguntou Isadora.

A mulher alta de cabelo castanho avermelhado passeando pelo corredor junto à Rainha da Argolea esfregou a testa.

— Estava estudando. Não queria falar comigo. Sempre está estudando.

— Isso não é ruim, Callia. Faltou à escola durante o tempo que esteve com Atalanta.

— Sei, sei, é só que…

— O que?

Callia parou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sabia que a transição não seria fácil. Sabia que a fase da lua de mel desapareceria, mas ultimamente… Estou tendo dificuldades para me comunicar com ele. É como se não quisesse falar conosco. Como que se estivesse preso em si mesmo e em seu trabalho escolar.

— Tem um montão de emoções com que lutar. Passou dez anos com ela.

— Sei — disse Callia, caminhando outra vez. — Sei que está zangado, confundido e tratando de adaptar à vida em Argolea. É só… — quebrou a voz. — eu o amo muito. Não quero perdê-lo agora que está finalmente em casa.

Isadora apertou sua mão.

— Não o perderá. Zander e você o ajudarão a passar por isso. Tem sorte de tê-lo.

Callia assentiu com a cabeça, mas não parecia muito convencida.

Parou frente ao enorme fogo na sala de estar, onde as brasas na chaminé da noite anterior ainda estavam pintadas de vermelho.

— Que tal um café? — perguntou Isadora— Sempre ajuda.

— Acredito que cinco minutos de massagem nos pés poderia ser melhor. Preciso voltar logo para Gryphon — Callia se acomodou no sofá— E só uma xícara para você. O excesso de cafeína não é bom nem para você, nem para o bebê.

A rainha se sentou no braço de uma poltrona, disse algo que Maelea não pôde ouvir, mas também não se importava. Se as duas mulheres não saíam logo, não haveria forma de chegar às escadas sem que uma ou ambas a vissem. E embora não tivesse medo, não tinha vontade de *conversar* ou conhecer ninguém mais neste lugar.

As duas conversaram em voz baixa ao lado do fogo durante uns minutos, logo uns passos ressonaram nas escadas de novo e ambas se voltaram nessa direção.

Maelea desviou o olhar para as escadas. As botas de Skyla ressoavam contra a madeira enquanto saltava para chegar ao final. Vestiu o mesmo traje com o que Maelea a viu a primeira vez, mas desta vez o perfeito penteado de Siren não parecia de nenhum lado. Era um matagal selvagem ao redor de seu rosto, sua camiseta estava do avesso, e uma das botas não estava fechada de tudo. O pânico em seus olhos era um claro indicativo de que algo aconteceu.

Isadora se levantou do sofá.

— Skyla? O que está errado?

— Maelea — disse a Siren com voz entrecortada como se estivesse correndo— Tenho que encontrar Maelea.

— Não a vi — disse Isadora. — estivemos com Gryphon. O que aconteceu?

— Ele pegou o Orbe — Skyla pressionou ambas as mãos contra os olhos. — Lembrou-se, levou o Orbe e agora se foi. E tenho que encontrá-lo antes que faça algo…

Callia se levantou do sofá, seguida de Isadora, ambas se encaminharam até a base das escadas onde Skyla estava parada. Pôs ambas as mãos sobre os ombros de Skyla e a girou para luz.

— Se acalme e nos diga o que aconteceu. Estamos falando de Orpheus, verdade? Do que é que ele se lembra?

— Tudo — disse Skyla com a mesma voz quebrada. — Tudo. Ele… — soltou um suspiro tremente baixou suas mãos. — É o filho de Perseu. O neto de Zeus.

— O que quer dizer com filho de Perseu? — perguntou a rainha— Orpheus só tem trezentos anos. Como…?

— Foi lhe dada uma segunda oportunidade de vida.

Quando ambas a olharam como se estivesse louca, Skyla agitou suas mãos.

— Dois mil anos atrás roubou o elemento ar de Zeus. Fui enviada para recuperá-lo e matá-lo. Mas nãoo fiz. Eu… nós… nós tivemos… uma relação. E então realmente percebi que havia roubado o elemento. Não pude matá-lo nesse momento, não o detive também. Não pensei que… — fechou os olhos, respirou fundo, abriu-os de novo para centrar na rainha. — Quando Zeus me enviou atrás de Orpheus porque estava procurando o Orbe, intuía que algo não estava bem. Mas não soube com certeza até que descobri que Orpheus era Cynurus reencarnado. Disseram que não se lembraria de sua vida passada, mas estavam errados. Estavam errados a respeito de tantas coisas. E eu acreditei. Como sempre.

Isadora e Callia ficaram olhando a Siren com incredulidade, e Maelea se encontrou lembrando o que sabia de Perseu e seu filho Cynurus, de quem ouviu rumores, mas nunca conheceu. Ele fez algo que deixou Zeus furioso. Um pouco mais traiçoeiro que simplesmente ter nascido, como ela.

— Tenho que encontrá-lo antes que faça algo do que se arrependerá mais tarde. Ele tem o Orbe e o elemento terra. E acredita que eu o traí. Está zangado e ferido. Se tratar de desafiar Zeus com o Orbe…

Callia lançou um olhar a Isadora.

— Theron precisa ouvir isto.

— Vá atrás dele — disse Isadora.

Quando Callia foi correndo, Isadora acrescentou:

— Agora me diga o que isso tem a ver com Maelea.

— Maelea pode detectar mudanças de energia. Ela saberá se usou o poder do Orbe. Pode localizar antes que ele…

Maelea saiu das sombras. A cabeça de Skyla girou e fechou a boca. Parando no centro da sala, Maelea esfregou os braços para aliviar o frio que apareceu na pele com a notícia.

— É meu sobrinho. Em três mil anos não conheci um familiar direto até agora. Eu… Eu nem sequer o suspeitava.

— Preciso saber onde está.

Maelea assentiu com a cabeça. Sabia muito bem o que aconteceria se Orpheus atormentasse Zeus com o Orbe. E uma parte dela, a parte que acreditou nele na noite em que disse que queria o Orbe para resgatar seu irmão do Inframundo, precisava saber que uma alma poderia vencer toda essa escuridão.

— Desceu as escadas antes de vocês. Foi por ali.

Apontou para o outro extremo do salão.

— O que aconteceu ao Orbe? — perguntou Skyla.

— Eu… Eu não vi.

— Orpheus pode se teletransportar por sobre a terra — interveio Isadora— Não precisará utilizar a energia do Orbe para abrir um portal como fez o bruxo.

— Maldição — murmurou Skyla, passando uma mão pelo rosto— Esqueci-me disso.

— Não precisa — disse Maelea. Quando a cabeça de Skyla se elevou, acrescentou— Está usando o Orbe para que lhe dê forças. A força que perdeu de seu daemon.

— Onde? — perguntou Skyla.

Maelea fechou os olhos, centrou na escuridão que havia sentido quando Orpheus desceu as escadas. Saiu da colônia, agora sabia. Afrouxou a mente e os brincos da consciência que tão frequentemente mantinha fechados a chave.

Abriu os olhos quando o encontrou.

— Nas colinas nos subúrbios do Litochoro, Grécia.

— A Cidade dos Deuses — a determinação se estabeleceu fortemente nos olhos de Skyla , convertendo em fragmentos de vidros de cores intensas. — Muito obrigada.

Skyla saiu pela porta antes que Maelea pudesse pensar em responder. Antes que a rainha da Argolea pudesse detê-la. Ecoaram as pisadas no quarto, e depois a grande sala parecia dez vezes menor, já que se encheu repentinamente com muitos homens. Grandes, musculosos, homens que intimidavam.

Os Argonautas.

Maelea retrocedeu nas sombras tão rápido como pôde.

A rainha olhou para o Argonauta de cabelo escuro, que tinha os olhos como a profundidade da noite.

— Onde? — perguntou.

— Litochoro. Na base do Monte Olimpo, no norte da Grécia. A Siren já se foi para tratar de detê-lo. Mas, Theron…

Sua mão sobre seu braço parou seu movimento para a porta. Ele a olhou.

— Sei, sua Alteza. Não lhe faremos mal. Não, se não tivermos que fazer — olhou por cima de sua cabeça para o alto Argonauta. — Temos que ir.

Murmúrios se levantaram no salão.

A massa de corpos masculinos se dirigiu para a porta, mas o alto Argonauta ficou, esperando que os outros saíssem, para depois aproximar-se da Rainha e beijá-la antes de seguir os outros para fora.

No silêncio, Maelea viu algo que sabia que nunca iria encontrar sem importar o tempo que o buscasse, sentia-se mais só do que se sentira antes. Só e muito mais consciente da escuridão que ainda flutuava em alguma parte oculta da colônia. A escuridão que não tinha nada que ver com o Orbe.

Uma escuridão que a chamava e a atormentava para que a encontrasse.

Capítulo 26

O frio vento sussurrava através da montanha. Um arrepiou percorreu Orpheus mas apenas o notou já que ardia pela vingança, enfraquecendo-se de dentro para fora.

As árvores eram diferentes, os topos das montanhas estavam mais desgastadas do que SE lembrava. Apesar disso os humanos chamavam à cidade na base do majestoso Monte Olimpo, a cidade dos deuses. Não era. Na terra, isto não era mais do que rocha e chão. O metafísico Monte Olimpo onde os deuses residiam, era um lugar totalmente diferente. Mas ele não tinha que reconhecer os pontos de referência para saber que estava no lugar correto. O Orbe ardia sobre o peito à medida que se aproximava, e as lembranças da última vez que estivera aqui piscavam na mente como um fluxo de cor.

Havia só uma similitude nas duas diferentes vidas que viveu. Antes, igual à agora, sua única meta era que a justiça se cumprisse. Os deuses, essas místicas criaturas que não eram outra coisa que anjos caídos, só tinham uma debilidade. Essa mesma que causou a perda de sua graça fazia tempo. Estavam apaixonados pela humanidade. Intrometiam-se no que não podiam entender nem igualar.

O templo não era nada mais do que rochas esmiuçadas e colunas quebradas. Uma sensação de vitória percorreu ao passar pelos escombros. Destruído, igual a logo estaria o Monte Olimpo.

Localizou o que fora o altar do templo —o templo de Zeus, sem ironia, e chamou o poder do Orbe, enquanto conjurava um feitiço para limpar o espaço. Quando a montanha de pedra se moveu o suficiente afastando-se do caminho, arrastou-se pelo buraco que sobrou e observou o mármore do altar agora partido em dois, o ícone do raio, o símbolo do rei dos deuses, talhado perfeitamente ao meio.

Deu um passo por trás das lajes de mármore e se agachou diante do compartimento oculto no lado direito da base. Aquele que continha a pequena caixa de madeira, que deixou lá há tantos anos atrás.

O Orbe se esquentou ainda mais. A caixa estava incrustada no mármore branco. Fez uma careta enquanto olhava para o interior, onde se encontrava o fecho de bronze, girou-o para cima. Fechou os dedos sobre um pequeno cristal em forma de lágrima.

A pele ardeu ficando vermelha. Liberou a mão de um puxão, e ficou olhando a nuvem de gás que se formava redemoinhos no interior do contêiner marcado com o símbolo dos Titãs. A mistura encontrada no paraíso e na terra, inclusive no Inframundo. Era isso que tornava possível a vida. Poder e força surgiram na palma da mão, dispararam pelo braço até unir-se no peito. E sentiu um severo puxão proveniente do Orbe que tinha debaixo da camiseta, como se o medalhão estivesse chamando o elemento para casa.

Levantou-se. Agarrou a corrente do pescoço. Parou para ouvir um movimento atrás dele. Pouco a pouco, voltou-se e se encontrou olhando para uns olhos tão antigos como o sol.

— Deve estar certo do movimento, herói.

Lachesis. Enrugada e pequena, a Destino advertiu uma vez sobre o elemento ar. Disse que o roubo atrairia uma ira que nunca entenderia. E olhando para trás, sabia que assim o era. Mas

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

então não tinha o Orbe e nem o elemento terra. Agora os tinha. Agora possuía o que todos desejavam.

— É muito tarde para dramatismos, Anciã. Já alcancei minha cota nesta e na última vida. Não sou nenhum herói.

Saiu do buraco e começou a descer a colina afastando-se das ruínas com o elemento ar na palma. Lachesis apareceu em seu caminho parando-o.

— Está destinado a algo maior, Orpheus. Maior que o roubo e a vingança, e muito mais que a ignorância. Não caia nas armadilhas dos deuses. Isso não o faz melhor que eles.

Apertou os dentes.

— Olhe, Destino. Eu não sou melhor que eles. O fato de ter nascido parte daemon o demonstra perfeitamente.

Passou junto à ela, nada mais que uma rajada de vento pegando aonde sua sólida pele onde deveria ter estado. Estava cansado das pessoas que diziam o que fazer. Seu pai, Perseu tentou. Zeus o ordenou. Esta destino, inclusive o enrolou há muito tempo. E nesta vida? Isadora, os Argonautas, inclusive Skyla... todos estavam tratando de convertê-lo em algo que ele não era.

Os pensamentos sobre Skyla revoavam pela mente, seguidos pelas lembranças da primeira vez que a conheceu há muitos anos. Quando ele era um homem com vontade demais. Quando se inteirou que ela fora enviada por Zeus para seduzi-lo e tirar os elementos. Quando inverteu a balança e a seduziu, só para irritar o deus.

— Você não é um daemon, herói — disse a Destino. — Já não é assim. Conseguiu recuperar a alma, tal e como eu sabia que faria.

Então estava certo. Seu daemon realmente se fora. E essa plenitude que sentia no peito... Era a alma. Uma alma que chegou a acreditar que simplesmente não tinha. Não é que houvesse diferença. Não podia trocar o que havia dentro dele. O mesmo homem que fora durante os últimos mais de dois mil anos. Um que se preocupava unicamente consigo mesmo.

— A vingança não lhe fará nenhum bem — acrescentou a Destino— Muitos sofrerão as consequências desta vez.

— Aí é onde se engana, Destino. A vingança é a única coisa que fará com que esta merda valha a pena. — O que ele fez, o que Skyla fazia, o que aconteceu em todos esses longos anos de solidão após.

— Você…

— E o bom da vingança — acrescentou— É que não estarei no inferno nunca mais.

— Há mais de um inferno nesta vida, Orpheus. Há o inferno que Hades pode te enviar, e logo estará o inferno em vida. Esse é o que você cria por você mesmo. O tipo de infernos de que é impossível liberar. Pergunte a Skyla a respeito dele. Pergunte quantos amantes teve desde sua morte, ou por que ficou com as Sirens durante tanto tempo. Não é o único que se sacrificou e sofreu. É simplesmente o que teve uma segunda oportunidade.

Parou os pés sobre a grama molhada. Não queria ouvir falar de Skyla , ou pelo que teve que passar... Não queria pensar nas consequências do que fez. Ele só queria se prender à ira como fez

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

durante tanto tempo. Para culpar os deuses pela mão maldita do destino com a qual tinha que lutar. Ele só queria... O que? O que queria?

Escolho você. Daemon ou não Daemon. Argonauta ou não. Zeus e Athena estão errados sobre você, Orpheus. Não é malvado.

Como pode estar tão segura?

Porque vi como é com seu irmão. Uma alma cruel não poderia amar assim.

Não tenho alma.

Sim, tem. E merece isso da mesma maneira que merece muito mais do que deu.

Sentiu como se o ar saísse disparado dos pulmões, contraindo o peito até níveis dolorosos. Queria isso. Queria sentir-se da maneira como se sentiu naquele momento. Quando o passado e o futuro, quando os deuses e as guerras e quem fez o que a quem não importava. Quando só conheceu a alegria, a paz e... O amor.

Voltou para procurar a Destino, só que se foi.

Olhou ao seu redor entre os escombros do templo, esperando que saísse detrás de uma coluna quebrada, mas não fez. Estava sozinho. E o Orbe que fazia alguns momentos pareceu tão quente contra o peito, estava frio e descarregado.

— Maldita Destino — murmurou— Maldita consciência — levantou o olhar para o céu, onde um redemoinho cinza ameaçava trazendo chuva— Que mais? Supõe-se que não tenho consciência!

Só que sim, tinha. Sempre a tivera, inclusive quando seu daemon esteve com ele. A mesma consciência que agora dizia que não era tudo culpa de Skyla o que aconteceu.

Desceu o olhar para o elemento ar na mão. Também estava frio. Igual à chuva que começou a cair em grandes gotas ao redor dele.

— Orpheus.

Girou para encontrar Skyla de pé. Estava vestida com a mesma roupa que sempre usava, e seu cabelo loiro voava para trás pelo vento, a chuva caindo em torno dela. Parecia poderosa e temível. Tal e como as pessoas imaginariam que se veria Athena antes de matar um inimigo.

Seu olhar disparou para o elemento ar. Esse que ela suspeitava que ele roubaria. Aquilo pelo o que discutiram no dia anterior. Aquele que disse que não tinha nada que ver com ela e que não era assunto dele.

— Encontrou.

Escutou a acusação em seu tom e disse à si mesmo que tomasse cuidado. Ainda era uma Siren, não importava o que houvesse dito na noite anterior. E não importava de onde ele viesse. Não ia ser enganado de novo. Fechou a mão ao redor do elemento, bloqueando-o de sua vista.

— Sim.

— O que vai fazer com ele?

— Importa?

O silêncio durou o que dura um batimento do coração. E então ela disse:

— Não.

Ela o olhou de frente. Com seus olhos ametistas, esses olhos onde não podia ler seus pensamentos. Não poderia dizer se não importava porque ela acreditava nele ou porque por fim ia matá-lo. A chuva aumentou. A água se deslizou por sua bochecha. Uma eternidade de duas vidas de coisas que não foram ditas, se abatia entre eles.

Ela deu meio passo para ele.

— Orpheus...

Um movimento atrás chamou a atenção. Cinco figuras se aproximavam. Cinco mulheres, todas vestidas ao estilo de mulher fatal guerreira, com seus arcos e flechas preparados.

— Bom trabalho, Skyla — disse a Siren alta com o cabelo multicolorido. Aquela que Orpheus conheceu nos bosques fora da colônia. — Conduziu-nos diretamente até ele.

Skyla esticou a coluna. Seus olhos aterrados se cruzaram com os de Orpheus.

— Eu não fiz isso. Juro.

Queria acreditar, mas a história dizia o contrário.

— Fique de lado, Skyla — disse a alta.

Seis contra um. Inclusive com o Orbe, não seria fácil sair desta lutando. Mas na realidade não tinha porque brigar, verdade? Um dos presentes que sua linhagem outorgou, era a capacidade de se teletransportar na Terra.

— Sappheire — disse Skyla, voltando-se para suas irmãs. — Isto não lhe diz respeito.

— Diz respeito à ordem — respondeu Siren alta. — É de minha incumbência. Agora dê um passo para o lado.

Orpheus estava a ponto de sair apitando quando Skyla parou totalmente na sua frente, bloqueando-o com seu corpo.

— Não. Se quiser — acrescentou Skyla. — terá que lutar contra mim também.

O coração deu um salto. Ali mesmo, com cinco flechas apontando para seu peito, prontas para matá-la. Ela o protegia. Apoiando-o, apesar de que acabava de demonstrar que as palavras de Zeus eram certas.

— Skyla… — começou.

— Há algum problema por aqui, senhoras?

A voz masculina no limite da clareira levou às Sirens a se deslocarem lateralmente, as flechas ainda na mão. Theron e o resto dos Argonautas apareceram detrás das árvores.

— Argonautas — sussurrou a Siren de cabelo escuro à direita.

Orpheus piscou duas vezes, não podia acreditar o que estava vendo.

— Sim, somos — disse Theron, enquanto Zander e Titus tomavam o lado a sua esquerda e Phin, Cerek, e Demétrius faziam o mesmo a sua direita— Ele é um dos nossos, assim, se tiverem a amabilidade de baixar as armas, vamos chegar ao fundo de qualquer desacordo que tenham.

— Não há nenhum desacordo — disse a Siren de cabelo escuro, trocando a posição de seu arco de Orpheus à Theron— E terá que retroceder.

Titus tinha sua espada na garganta da Siren antes que ela o visse se mover.

— Eu não aconselharia isso, senhorita. — Os olhos dela se arregalaram— Agora abaixe sua arma antes que alguém saia ferido por acidente.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Abaixe, Daphne — disse Sappheire.

As Sirens abaixaram seus arcos, mas a tensão continuava crepitando no ar. Inclusive Orpheus sabia que não se renderiam. Era um momento de calma antes da batalha. A batalha por ele e o Orbe.

Grunhidos e uivos de lobo surgiram das árvores ao redor deles.

Os Argonautas deram um passo para trás, alinhando-se com as Sirens, e juntos observaram árvore por árvore.

— Cães infernais — espetou Sappheire, disparando um olhar a Skyla atrás dela— Vê agora como isto concerne à irmandade? Sirens, abrir em leque.

Qualquer problema que tivessem uns contra outros caiu no esquecimento, enquanto os Argonautas e as Sirens tomavam posições, preparavam espadas, e agarraram arcos com as mãos. Skyla deu a volta e empurrou de novo Orpheus três passos para trás.

— Vai. Fora daqui antes que Hades apareça!

O pânico o cobriu quando ela agarrou o arco de sua bota, apertou o botão e a arma se desdobrou.

— Não sem você.

Seus olhos se encontraram durante um muito breve instante antes que pressionasse sua mão no duro peito.

— Ele não me quer. Ele quer o Orbe. Agora vai!

Ele tropeçou para trás enquanto ela corria a se juntar com os outros e preparava sua arma. Os ramos das árvores e a folhagem se balançaram. E então os monstros do Inframundo se equilibraram e carregaram. As folhas das espadas se chocaram contra ossos e músculos. Uivos e grunhidos ecoaram através do pequeno claro. O bater de uma flecha ao ser liberada ressonou no ar.

O Orbe esquentou no peito de Orpheus, mas sem os quatro elementos não podia ser utilizado como arma. Embora pudesse usar sua bruxaria para aproveitar os poderes de cada elemento.

Levantou a vista para o céu enquanto a batalha rugia diante dele, agarrou o elemento ar na mão, e convocou um feitiço de tormenta. Os trovões ecoaram acima. Negras nuvens e formavam redemoinhos e um raio atravessou o céu.

Bateu em um cão infernal a ponto de devorar uma das Sirens à direita de Orpheus. Ela grunhiu e deu um chute para afastar a besta. Outro raio bateu no chão com um estalo e o converteu em uma negra massa oleosa e fumegante.

Estavam sendo contidos, mas o som de uns cascos, pés ou garras batendo o chão pela frente de Orpheus disse que estavam a ponto de ser invadidos por outra coisa. Algo pior. Algo...

OH, Merda.

Diante, através do redemoinho brumoso de chuva e fumaça, Hades se aproximou, a imagem da morte iminente. E ao seu lado, um Minotauro. A legendária criatura devoradora homens. Com o corpo de um homem e a cabeça de um touro, soprando um bafo avermelhado enquanto eles se centravam na batalha do prado.

De acordo, o momento de brincar terminou. Orpheus desceu a colina em busca de Skyla. A seu redor, tanto os Argonautas como as Sirens, lutavam contra os cães infernais. Ele tomou o braço de Skyla quando essa soltou uma flecha.

— Vamos. É hora de ir.

— O que? Não posso ir a nenhuma parte. Eu… — Ela deu a volta, e viu Hades junto ao Minotauro — Santo Inferno!

— Mais ou menos. Vamos, Siren. Pode se teletransportar?

— Sim, mas... — Olhou a suas irmãs— Os outros…

O olhar de Orpheus se dirigiu aos Argonautas. Batalhando com empenho contra os subordinados do inferno. Por ele. A única maneira de que pudessem escapar era através de um portal de volta a Argolea, e nunca se arriscariam a abrir um com os cães infernais tão perto.

— Maldita puta consciência — murmurou Orpheus, olhando para o céu— Eu não pedi isto!

— O que está fazendo? — Os olhos de Skyla aumentaram, enquanto via como guardava o Orbe por debaixo da camiseta e ocultava o elemento.

— Tratando de nos dar a uma maldita oportunidade. Fique atrás.

Ela ficou adiante, interpondo-se entre ele e a batalha, levantou seu arco e apontou para um cão infernal. Orpheus, fechou os olhos e respirou profundamente, centrando a energia tanto no Orbe como na mãe de todos os feitiços de segurança, tirando dos dois elementos tanto como pôde. Contra a camiseta, o Orbe começou a esquentar.

O chão tremou. O vento se levantou, sacudindo o cabelo no rosto. O canto se elevou na mente e se derramou pelos lábios, imaginando uma barreira protetora ao redor da pradaria. Não os salvaria dos cães infernais que já estavam no círculo, mas os salvaria de Hades e da próxima onda que o maléfico deus planejou.

— Orpheus!

Ouviu que o chamavam antes que a barreira estivesse em seu lugar. Sentiu uma espécie de sinfonia através da energia como se tratasse de água através de uma gaze. Mas então a barreira se solidificou, mantendo um estreito e protegido perímetro.

Abriu os olhos. Captou o olhar furioso de Hades do outro lado da barreira. Ao seu redor a batalha entre os Argonautas, cães infernais e as Sirens continuava adiante.

Um grito ressonou. Seguiu a direção da que provinha e viu como o corpo de Skyla se sacudia como se acabasse de ser batida por um raio.

— Skyla?

Um borbulho ecoou. Ela caiu ao chão a seus pés com um surdo ruído. De seu peito sobressaía uma longa folha curva com manga negra de madeira, rodeado de sangue que brotava ao redor da lamina, esta se filtrava através de sua roupa e se derramava no chão.

— Não. OH, Merda. Não. Skyla? — O pânico abriu espaço através do coração enquanto caía de joelhos. Estendeu a mão para a manga da foice marcada com a imagem de um cão de três cabeças.

— Não. — com voz áspera Skyla, elevou uma mão tremente para tratar de impedir que ele a tirasse— Não, não faça...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Puxou a folha liberando-a e a deixou cair sobre a grama molhada a seu lado. Ela gemeu de dor, revirou os olhos, mas tudo o que podia ver era o sangue saindo a fervuras da ferida em seu peito. Tanto sangue.

OH, deuses... Tinha que parar a hemorragia. Necessitava de um feitiço de cura. Não podia pensar. Frenético, arrancou o Orbe do pescoço e o apertou contra seu peito, sabendo que este tinha algum tipo de elemento de cura.

— Demétrius!

— Não faça — grasnou Skyla de novo — É muito tarde...

Baixou o olhar para seu pálido rosto e o coração se oprimiu. Fortemente. Tão forte que sentia como se tivesse sido apunhalado com uma faca. A realidade, e um futuro, um que não a incluía, passaram como uma tapeçaria de cor vermelha diante dele.

— É muito tarde — grunhiu ela— Deixe-me…

Sua mão se fechou sobre a sua ensanguentada que continha o Orbe, mas seus olhos não abandonavam os seus. Olhos ametista que agora estavam se apagando.

— Orpheus... — O fantasma de um sorriso cinzelou sua boca— Penso em você como Orpheus agora. Não como Cyn…

Ela tossiu. Seu corpo se estremeceu. Um atoleiro de sangue saiu dos cantos de sua boca. Brotou de seu peito.

Não, não, não, não, não.

Isto não estava acontecendo. Não quando acabava de compreender que ela era a única que importava.

As lágrimas turvaram a visão enquanto se inclinava sobre ela. A batalha continuava ao seu redor. Gritos, choques de espadas, batidas os dentes e flechas batendo as asas pelo ar.

— Me escute, Siren. Não se renda. Ouviu-me? Continue lutando. Vou te tirar daqui. Só... Só não vá. Skyla?

Seus olhos se fecharam e ela arrastou um profundo e estremecido fôlego. Um sopro que ele sentiu percorrer até a alma.

— Não deixe que Zeus o tenha. Ou Hades. Não deixe que... Qualquer dos deuses o consiga. Po… prometa-me isso.

— Não o terão. Prometo isso. — Posou a mão sobre as suas e apertou seus dedos ensanguentados. A chuva corria por seu rosto. Por que o Orbe não fazia seu trabalho? E onde diabos estava Demétrius?— Siren estúpida, estúpida — as lágrimas ardiam na garganta— No que estava pensando, pondo-se diante dessa foice? Não necessito que me proteja, maldição. Preciso que viva. Preciso…

— Estava pensando… em… você… — sua voz se fez mais fraca… destinado a ser algo… grande. É grande, Orpheus — sua mão ficou flácida contra a sua.

Não, deuses, não.

Envolveu os braços ao redor dela e a colocou no colo, pressionou uma mão contra a ferida. Sua cabeça pendurava por sobre os braços. O Orbe estava pressionado entre eles, coberto de seu sangue e lágrimas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Skyla? Fica comigo. Fica comigo, maldição.

Por favor, Dimiourgos. Não a leve, não a afaste de mim. Não...

Olhou para cima outra vez, procurando através da visão aquosa Demétrius, a dor no peito era tão forte que não podia respirar.

Uma figura se aproximou dele. Uma figura que se parecia com Demétrius em uma corrida mortal. Gritando... Seu nome.

— Eu… — Começou ela.

— Shh... — A esperança saltou no peito. Apertou seus lábios contra o cabelo molhado grudado a sua testa— A ajuda vem à caminho. Só espera um pouco mais, certo, querida? Não vá.

— Nunca… farei — deslizou sua mão pelo peito para tocá-lo. E através das lágrimas, olhou seus dedos ensanguentados entrelaçados sobre o peito. Por cima do coração. E soube nesse momento o que ela era exatamente. O que ela sempre foi: Seu coração. Esteve tão obcecado com a ira, o ciúmes e a vingança, que não o viu. Nem a primeira vez. Nem a segunda. Não era até agora, que era muito tarde.

— Nunca… o esqueci — sussurrou—Nenhuma… só vez.

Demétrius patinou até parar seu lado.

— Skata. O?

Sua respiração era lenta, e inclusive antes que Demétrius caísse de joelhos para ajudá-la, um sentimento de alarme percorreu o corpo de Orpheus. Agarrou o queixo com a mão ensanguentada, e elevou o rosto para cima.

— Skyla?

Ela não se moveu.

— Não. — ele se apoderou de ambos os lados de seu rosto, queria que abrisse os olhos—. Skyla? Maldição, Skyla?

— O — disse Demétrius— Deixe-me…

Demétrius a puxou dos braços, colocou-a no chão, e se inclinou para escutar sua respiração, então sentir seu pulso. Seu corpo ficou imóvel, e logo seu olhar vagou pela ferida aberta no peito. E antes que pudesse detê-lo, todos os músculos no corpo de Orpheus ficaram rígidos pela incredulidade.

— Não! — Afastou ao Demétrius para trás afastando dela. Demétrius caiu ao chão sentado. Orpheus se inclinou sobre Skyla e o pegou pelos ombros— Acorda, maldição! Não é hora de que se vá! Ouve-me? Não é o momento...

Umas mãos aterrissaram sobre os ombros, o puxando para trás. Ao seu redor via botas pesadas, as militares usadas pelos Argonautas e as plataforma que chegavam até os joelhos que usavam as Sirens. O silêncio abaixou, parecia tão fora de lugar, de repente. Não mais sons de batalha. Não mais monstros rugindo. Só o vazio, um dilacerador silêncio que disse que já era muito tarde.

Acreditava que já conhecia a dor antes. Estava errado. Dois mil anos de tortura no mundo terrestre, não o prepararam para a agonia que destroçava o coração e a alma.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Observou através da visão imprecisa como Sappheire se ajoelhava junto à Skyla, seu rosto parecia cansado e sombrio, enquanto ela passava a mão pela testa de Skyla , murmurando algo em uma linguagem que Orpheus não entendia.

O corpo sem vida de Skyla se sacudiu. E por um segundo, a esperança ressurgiu. Logo ela se dissolveu em um nada diante de seus olhos. O Orbe aterrissou com um ruído surdo contra o estou acostumado a molhado.

— Que merda fez? — gritou Orpheus.

Sappheire se levantou

— Enviei-a para casa — ela se voltou para Theron— Temos que conversar.

Casa.

Os pensamentos, planos, as opções se amontoavam na mente de Orpheus, enquanto as Sirens e os Argonautas chegavam à um entendimento. Um entendimento que a Orpheus não poderia importar menos. Só havia uma oportunidade agora. Um trato por fazer. Deu uma olhada ao Orbe no chão e antes que pudesse mudar de opinião, recolheu-a.

— Orpheus?

As vozes ecoaram a seu redor. Mas ele não deu importância. Em seu lugar, fechou os olhos e se imaginou o que uma vez foi à casa de Skyla.

E rezou porque não fosse muito tarde.

Capítulo 27

— Vamos ver se entendo — disse o Rei dos Deuses, afastando-se da janela onde esteve olhando fixamente o Olimpo. — Quer fazer um trato. A vida da Siren pelo Orbe.

— E o elemento ar. — Orpheus estava de pé, rígido, no centro do templo de Zeus, pernas separadas, os braços aos lados, o olhar fixo em Zeus enquanto o coração palpitava com força contra o peito. Um coração que agora sabia que realmente tinha. Por causa de Skyla.

O Rei dos Deuses não parecia tão intimidante da sua vantajosa posição. Cabelo escuro raspado, um rosto juvenil com apenas um punhado de linhas ao redor de seus fundos olhos azuis, pele bem barbeada, e o corpo de um atleta. Definitivamente não a figura magnífica e paternal com o cabelo branco e a barba branca que os humanos imaginavam.

O Rei dos Deuses olhou Orpheus com malícia. Queria muito o que Orpheus tinha, para por em risco agora sua aquisição. E já que não podia roubar o Orbe nenhum deus poderia agarrar algo se não era devotado, isso queria dizer que Zeus teria que fazer um trato.

Tome o trato. Aceita o fodido trato.

— O elemento ar já me pertence, filho — indicou Zeus.

— Neto — corrigiu Orpheus— E pode deixar o tratamento familiar de carinho. Ambos sabemos que não significa nada. Do modo que eu vejo, relações familiares nem sempre une.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Zeus apertou a mandíbula, deu a volta e colocou uma mão no trono, adornado de ostentoso ouro.

— Surpreendeste-me. Não muitos o fazem. Quando a anos o apontei como um agitador, não tinha nem ideia que trataria com você mais adiante.

— Comove-me que se divirta. Agora, temos um trato ou não?

Zeus o considerou durante um momento.

— Não completamente. Tenho um requisito.

O peito de Orpheus se desinflou. Um requisito significava só uma coisa.

— Não pode trazê-la de volta.

— Ah, posso trazê-la de volta. Só será… diferente.

— Define diferente.

— Mesmo corpo… alma diferente.

Os olhos de Orpheus se estreitaram.

— E a alma de Skyla?

— Pertence às Destinos.

As Destinos. Tinha que encontrar Lachesis. Tratar com ela. Esquecer-se de Zeus e seu estúpido requisito. A alma de Skyla era o que mais amava. Não o corpo de boneca Barbie que Zeus a deu.

— Não funcionará — disse Zeus, interrompendo os pensamentos. — As Destinos não fazem acordos. Não com mortais. E a Siren era mortal. A morte é a parte da vida de cada mortal, sem ter em conta o trajeto de sua vida.

Orpheus o fulminou com o olhar através da sala.

— Eu era mortal também, e me trouxeram de volta.

Zeus ladrou uma gargalhada.

— Não foi devolvido porque merecesse. Foi devolvido devido à culpa. Lachesis previu que seria importante para a guerra dos Argolean contra Atalanta. E quando as Sirens o mataram na primeira vez, justificadamente poderia acrescentar, ela interveio e fez um trato com Hades para recuperá-lo. Mas não se engane pensando que o fez porque merecesse uma segunda oportunidade. Fez porque se sentiu culpado sobre a criação de Atalanta em primeiro lugar. Veja bem, Lachesis animou aos primeiros heróis para não incluir Atalanta na ordem dos Argonautas. A partir dali… Atalanta escolheu seu próprio caminho, fez seus próprios entendimentos, e se fez a deusa *dor no traseiro* que é hoje. Mas não se engane. As Destinos o usaram para emendar o engano de que são responsáveis. Nada mais, neto.

Orpheus recordou o encontro com Lachesis nas montanhas:

Está destinado a algo maior, Orpheus. Maior que o roubo e a vingança, e muito mais que a ignorância.

Não tinha nem ideia qual era seu destino. Só sabia do que necessitava. O pânico encheu o peito. Como ia recuperá-la?

Deu a volta para as portas do templo, a mente revolta.

— Se partir daqui sem me dar o que é meu — anunciou Zeus— pode cortar todo vínculo comigo. E a cortesia que demonstrei cessará de existir. Não tenho nem porque falar de sua alma, Orpheus. Poderia ter feito o trato e enganar. Não estou isento de compaixão.

Orpheus girou para confrontar Zeus.

— Que compaixão? Matou-me.

— Nunca foi minha primeira opção. Atraiu aquela justiça para você. Mas se repetir a história, meu castigo será rápido. Assim medite longamente e tediosamente seu próximo movimento. Sua decisão poderia trazer a guerra ou a paz ao reino do Argolean.

A guerra estava já sobre o reino do Argolean. A guerra com os daemons de Atalanta e agora com Hades, que deixou absolutamente claro naquele bosque que não voltava atrás.

Nenhum Deus poderia ter o Orbe. Não se o mundo estava destinado a continuar.

É grande, Orpheus.

Sentiu a mão de Skyla contra o peito. Quente, sólida e real. Animando-a. E sua vida, ambas as vidas, se amontoando diante dele, retorcendo e cruzando para finalmente condensar em este momento. A escolha entre o que queria ser contra o que estava destinado a ser.

Olhou para as marcas dos Argonauta nos braços. As marcas que adquiriu quando a alma de Gryphon foi enviada ao Tártaro. As marcas que ainda estariam ali, até que Gryphon voltasse.

É grande.

Talvez realmente fosse algo maior que ele mesmo. Talvez… depois de todos estes longos anos, procurando só… era isto.

Procurou e soube que, embora não houvesse algum modo de recuperar Skyla, ia fazer o correto.

Finalmente.

— Alguém me aconselhou que não lhe desse isso. — Alcançou o trinco— E desta vez, vovô, vou escutar.

Pela segunda vez em poucas horas, Orpheus estava de pé diante da realeza. Entretanto, este monarca não era tão intimidante como o último.

Isadora olhava fixamente o Orbe que tinha nas mãos, com os dois elementos descansando em suas câmaras, com o rosto cheio de temor e surpresa. Por detrás dela, Theron e Demétrius olhavam com as expressões *de maneira nenhuma no inferno*. Orpheus não fez caso dos Argonautas e se concentrou na rainha. E quando os olhos marrons levantaram o olhar para ele, viu… alívio.

Cara, ele fora um bastardo com ela. Duvidava que uma personalidade de sabichão e intrigante como a sua pudesse trocar totalmente. Por isso lembrava seus anos como Cynurus, também então foi um filho da puta. Mas ao menos o coração mudou. E as intenções.

— Sabia que devolveria o elemento terra — disse Isadora. — Não esperava o outro.

— Supus que deveriam permanecer juntos. — Franziu o cenho enquanto metia as mãos na calça limpa que trocou quando voltou para a Argolea e tomou esta decisão. — Além disso, perdi o gosto pelo poder.

Um sorriso caloroso apareceu em seu rosto. Isadora deu a volta e deu o Orbe à Theron, que o contemplou como se este pudesse saltar e morder, logo voltou-se de novo.

— Obrigado.

— Só tenho uma exigência.

— Qualquer coisa.

— O Orbe não pode ser destruído até que os quatro elementos estejam em seu lugar. Sei que é tentador... mas uma vez que encontremos os outros dois elementos… quero que me prometa que destruiremos a maldita coisa.

O sorriso de Isadora se encheu.

— Nós?

Orpheus apertou a mandíbula, porque, sim, ser um filho da puta era fácil. Ser… heroico, era infernalmente trabalhoso.

— Sim, nós. Tomarei o lugar de Gryphon nos Argonautas. Até — acrescentou ele, cortando o estalo de entusiasmo de Isadora. — que Gryphon esteja preparado para voltar.

Isadora se separou da mesa no velho escritório de seu pai no castelo em Tiyrns.

— Orpheus, é bem-vindo para ficar com os Argonautas todo o tempo que queira. — Colocou sua mão no antebraço. Diretamente sobre o antigo texto grego. — Não necessita das marcas dos deuses para fazê-lo.

— Estas marcas não vêm dos deuses. — disse, baixando o olhar para ela. Ainda atordoado de que tivesse sido capaz de ver o bem nele antes que qualquer outro.

Isadora apertou o braço.

— Penso que poderia ter razão.

Orpheus indicou com a cabeça para o Orbe nas mãos de Theron.

— Mas e isso?

— Isso. — respondeu Isadora. — ficará guardado em segurança. E quando tivermos os outros dois elementos, será destruído. Tal como você quer. Não cairá nas mãos incorretas.

Orpheus saudou com a cabeça. Deu uma olhada para Theron e Demétrius. Nenhum deles disse nada, mas o sorriso paternal no rosto de Theron e o humor nos olhos do Demétrius disseram que ambos estavam aliviados. E agradecidos.

E skata… tinha que partir antes que fizessem algo estúpido. Como congratular ou tratar de abraçar, ou alguma Merda assim. Definitivamente, agora mesmo não podia dirigir-se a nenhum varão para que o abraçasse.

Deu a volta para a porta, logo parou.

— Há um coisa mais. Servirei com os Argonautas sempre que precisarem de mim. Mas não viverei aqui na Argolea.

O sorriso triste de Isadora disse que ainda podia ver diretamente através dele.

— Acredito que é inteligente que fique na colônia com Gryphon. Seu irmão precisa de você ali.

Orpheus não estava tão certo. Foi primeiro ver Gryphon, antes de voltar para a Argolea, e embora seu irmão tivesse despertado dos sedativos que Callia lhe deu e parecesse tranquilo, era

só uma casca em comparação ao que Orpheus se lembrava. Desapareceu o Argonauta tranquilo, forte, e confidente que sempre esteve tratando de levar Orpheus pelo caminho correto. Em seu lugar estava à espreita um homem atormentado e quebrado que olhava fixamente pela janela com olhos vazios, sacudindo a cabeça como se ouvisse vozes, e se movia nervosamente.

O tempo que Gryphon esteve no Inframundo era muito recente. Orpheus se agarrava à esperança de que o tempo e a distância, devolvessem o irmão que se lembrava.

Saudou com a cabeça uma vez mais e deixou a sala, atravessando o corredor para a frente do castelo. Havia algo que queria recolher de sua loja do outro lado da cidade. Umas coisas que esperava que pudessem animar seu irmão.

— Orpheus, espera.

Ainda andando, olhou para trás para ver Isadora precipitar-se para ele.

— Agora o que, Isa?

— Eu só… — Inspirou, e quando elevou o olhar, Orpheus não viu nem gratidão nem surpresa a não ser preocupação. — Está bem?

Pensou em Skyla como fazia cada minuto desde que a abandonou, e sua tentativa de recuperá-la. Entretanto, as Destinos não o escutavam. E embora pudesse ter acesso a qualquer reino com a magia, a terra das Destinos estava vedada. Entravam em contato quando elas queriam, não quando outros as convocavam.

Uma dor rasgou e irradiou através do peito. Saber que ela se fora e que nunca voltaria era algo ao que iria ter que acostumar. Mas doía. Mais do que jamais pensou que fosse possível. A única coisa que o fazia seguir em frente era o pensamento de que um dia, se ele emendasse bastante sua atitude, poderia vê-la outra vez.

É grande.

Trabalhava nisso. Mas maldição, era difícil.

— Sim — disse, pegando um fôlego profundo que aliviou a dor simplesmente um pouco— Estou bem. Pela primeira vez em muito tempo, Isa, sou exatamente o que se supõe que devo ser.

— Você duvida, menina. Há algum problema?

Skyla fez uma pausa em seu andar para o navio branco. O único com grandes vela verdes ondeando ao vento, que a levaria às Ilhas dos Bem-aventurados, onde as almas dos heróis e aqueles que se provaram a si mesmos em sua vida, moravam em harmonia.

Uma luz brilhante resplandecia muito longe na distância, cintilando por sobre a água como um milhão de diamantes pequenos. Queria ir. Sentia o puxão em todo o corpo. Mas algo a continha.

Confrontou a Destino que estava em pé ao seu lado, Átropos, assim a tinham chamado, a que tinha o cabelo grisalho e uma longa túnica branca e solta.

— Eu tenho a sensação de que estou esquecendo-me de algo. Algo que deveria me lembrar.

Átropos franziu o cenho e olhou sua irmã, Lachesis, com o cabelo branco.

— É sua culpa, bruxa.

— Não é minha. — Lachesis sorriu abertamente— É culpa de Fira. Ela é responsável pela maldição da alma gêmea.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Skyla não tinha nem ideia do que falavam. Olhou às caras enfrentadas e só sabia uma coisa: O buraco no coração doía. Uma dor que não deveria ter. Não quando estava a ponto de navegar para o paraíso.

— Se fizer isso — disse Átropos com rancor— será sem minha bênção.

— Bem, minha bruxa irmã — disse Lachesis cortando-a com o olhar— necessitei alguma vez sua bênção?

Átropos pigarreou.

— É por sua culpa que existe esse problema.

— E endireitarei. — Lachesis girou para Skyla— E se pudesse voltar?

— Voltar? — A sobrancelha de Skyla se arqueou— Não entendo...

— Ao reino humano.

O reino humano. A mente de Skyla deu voltas. Sim. Havia sido humana, verdade?

— Nem todos conseguem escolher...

— Ninguém consegue esta opção — resmungou Átropos, os braços cruzados sobre o peito.

—...mas você é especial. — Lachesis lançou um olhar a sua irmã antes de voltar a centrar-se em Skyla— Sacrificou sua vida em favor de outro.

— Fiz? — Skyla não podia lembrar — Quem?

— Não pode dizer — espetou Átropos— Se ela voltar, tem que tomar a decisão sem saber ao que retorna.

Lachesis suspirou.

— Tem razão. Há regras. Regras que nem eu posso quebrar. Tem que tomar a decisão sem saber que tipo de vida levava antes.

— Ou quem a espera — acrescentou Átropos — Poderia ser um pervertido de menores ou um violador de quem sente falta.

Lachesis olhou carrancuda a sua irmã outra vez.

— Ou poderia ser um rei.

Átropos pigarreou.

— Os reis são inúteis.

— Não importa — disse Lachesis, olhando Skyla outra vez — tem que tomar a decisão apoiada no que tem diante de você. — Levantou o braço — As Ilhas dos Bem-aventurados, ou o que tem medo de esquecer.

A luz brilhante no horizonte chamava Skyla. Mas as opções das Destinos… Como poderia tomar aquela decisão? Tratou de racionalizá-la e só surgiu um guia com sentido.

— Se estiver aqui, significa que conduzi uma boa vida.

— Não necessariamente — respondeu Lachesis— Uma pessoa pode redimir-se em seu último momento e renegar de si todo o mal que fez antes.

— Uma estúpida escapatória — resmungou Átropos.

— Por salvar uma vida. — O vazio no peito de Skyla ficou maior. Até que teve medo que a engolisse inteira—. Se subir ao navio…

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Então a dor que sente desaparecerá — disse Átropos— E sua mente, corpo, e alma estarão livres. Sem sofrimento, solidão nem dano. As Ilhas dos Bem-aventurados, os Campos Elíseos. O céu.

— Mas esquecerei — clarificou Skyla.

— Sim — disse Lachesis antes que Átropos pudesse responder— Esquecerá.

— E se voltar…?

Átropos franziu o cenho.

Skyla olhou Lachesis. Os olhos da Destino de cabelo branco se abrandaram.

— A dor que sente também desaparecerá. Mas lembrará.

— Teria alguma vez a possibilidade de voltar aqui?

— Isto depende de você, menina — disse Lachesis— Pela vida que escolher levar no reino humano. Só você pode tomar essa decisão.

Skyla olhou para trás por cima da água. A luz a consumia, e o impulso de seguir naquele brilhante navio era tão forte que atirava do mais profundo de seu ser. Devagar, muito devagar, fechando o buraco no peito, enchendo de paz. Uma paz que, por alguma razão, estava realmente segura que nunca tivera antes.

Uma paz que a fez esquecer o que a parava.

— É hora — anunciou Átropos— Qual é sua decisão, menina?

Capítulo 28

Orpheus estava bastante certo de que nunca se sentira tão cansado.

Passou todo o dia com Nick e os exploradores, procurando sinais de daemons. Os recentes e escassos informes que chegaram, indicavam que abandonaram o exército de Atalanta e estavam se movendo. Isso podia significar duas coisas: Ou alguém estava tratando de formar um novo exército ou Atalanta conseguiu encontrar a forma de retornar do Inframundo.

Esse último deixava Orpheus mais inquieto do que gostaria. De repente, as divagações de Gryphon no que dizia que Atalanta estava *aí fora* já não pareciam os delírios de um louco.

Havia passado a noite no quarto de Gryphon, tal e como o vinha fazendo a uma semana. Falava com seu irmão, jogava cartas com ele e tratava de convencê-lo de que saísse desse comatoso estado no qual parecia viver. Gryphon se negava a sair dali. Não mostrava interesse nas cartas. E as sacudidas de cabeça e espasmos estavam piorando.

Orpheus massageou a testa com dois dedos enquanto Gryphon tossia e dava a volta na grande cama. O abajur junto ao leito estava aceso e as cortinas abertas, o que deixava que penetrasse a suficiente luz de lua para iluminar o quarto inteiro. Mas, mesmo assim, não bastava para Gryphon. O Argonauta grande e forte nunca teve medo de nada, agora estava apavorado pela escuridão.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Permaneceu com ele até que seu irmão adormeceu, depois o cobriu até o queixo e ficou olhando um momento. Com o rosto relaxado e a testa tensa, o estresse que levava com ele parecia se evaporar. E, por um momento, enquanto estudava o cabelo loiro de seu irmão assim como esses longos cílios contra a pele, pareceu ver o antigo Gryphon. Esse irmão pequeno que nunca fez nada a não ser um herói.

Sem fazer ruído apagou o abajur e se aproximou da porta. Com um último olhar, certificou-se de que Gryphon seguisse dormindo e partiu, fechando brandamente a porta atrás de si.

Dirigiu-se às escadas. Era tarde, perto da meia-noite, e sabia que podia pegar o elevador para atravessar a asa sul, mas não queria despertar ninguém. E necessitava de ar fresco.

Desceu três lances de escada e abriu a porta do pátio, atravessou o jardim em direção à entrada sul. Quando viu Maelea andando sozinha perto da fonte, duvidou e se escondeu entre as sombras. A mulher parecia estar se aclimatando à vida na colônia, ou isso era o que Nick dizia, mas era reservada e a única vez que alguém a viu aventurar-se fora de seu quarto foi tarde da noite.

Era uma anomalia de todas as formas possíveis. A filha de Zeus e Perséfone, a personificação da luz e da escuridão. E cada vez que Orpheus a via, lembrava-se das cicatrizes que tinha nos braços. As que ela mesma fizera.

Ela está crescendo dentro de mim, daemon. Quanto mais estou com ela, em certo modo, mais eu gosto.

As palavras de Skyla chegavam em momentos inesperados. Mas estava agradecido porque de algum jeito, sentia que ela estava ainda aqui. E tinha que estar de acordo nisto, Maelea estava crescendo dentro dele também.

Mas esta noite, não. Esta noite não estava de humor para falar com ninguém.

A mulher se sentou no banco de pedra que rodeava a fonte e olhou à água que resmungava. Como se algo tivesse chamado a atenção, elevou os olhos e olhou ao redor, ato seguido, girou a cabeça e olhou para castelo. Por um momento, Orpheus acreditou que ouviu, mas logo percebeu de que estava olhando a uma janela três andares mais acima.

Durante uns segundos, ela não se moveu. Então, recolheu suas saias, rapidamente cruzou o pátio e entrou no edifício em penumbra do outro lado.

Orpheus, com curiosidade, saiu por entre as sombras e olhou para cima. E viu seu irmão posicionado na janela de seu quarto, olhando para baixo com os mesmos olhos vazios que tinha desde que voltou do Inframundo.

Gryphon manteve o olhar em Orpheus durante um instante, depois se afastou da janela.

E sozinho, rodeado de escuridão e sem nada mais que o som do borbulho da água da fonte atrás dele, Orpheus soube que devia voltar lá. Tentar consolar Gryphon. Assegurar-se de que estivesse bem. Mas não queria. Na semana anterior foi para ficar em dia. A dor oca no peito estava crescendo. Essa contra o que esteve lutando da morte de Skyla.

Fechou os olhos e imaginou seu quarto. Uns segundos depois, estava na torre olhando o santuário que ela criou para ele.

A dor se intensificou. Aproximou-se da cama e se deixou cair de costas, com uma perna no colchão e a outra pendurada de um lado. Não se incomodou em tirar as botas, nem em acender a

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

luz ou em retirar o edredom. Simplesmente, ficou olhando o teto alto com vigas de madeira e suspirou, com a esperança de que pensava em nada, finalmente, a dor se mitigaria o suficiente para dormir.

A ironia do destino não havia passado despercebido. Depois de trezentos anos sozinho, evitando de propósito todo contato que o deixasse vulnerável, apesar de que estava rodeado de outros colonos, Nick, seu irmão, os outros Argonautas, nunca se sentira tão só como agora.

Passou o antebraço pelo rosto e se chamou covarde quando ao retirá-lo o encontrou úmido. Mataria se pensasse que serviria para algo, mas não era assim. Tinha que sair a frente e fazer o correto para poder voltar a vê-la algum dia. E as últimas palavras de Skyla , dizendo que *era grande*, não permitiria pegar a rota fácil. Já não.

Fechou os olhos, respirou profundamente três vezes, mas um brilho de luz o desconcentrou. Sentou. Olhou além da escuridão do balcão.

Um raio, disse. Ou um meteorito de algum tipo. Mas ficou em pé de todos os modos, agradecido por qualquer tipo de distração. Uma figura envolta em um manto negro com o capuz posto estava de pé sob a lua para as escuras águas de abaixo.

Apertou a mandíbula. Não estava de humor para companhia nestes momentos. Olhou-a com desprezo e tentou pôr o maior grau de intimidação na voz ao dizer:

— Está na torre errada. Volta por aonde veio.

A figura deu a volta e umas mãos enrugadas desceram o capuz.

Drenou o sangue do rosto.

— Lachesis.

A Destino sorriu. Uma ligeira brisa agitava o manto que, agora parecia, ocultava uma túnica branca.

— Por fim, alguém se lembra de mim.

Acelerou o coração. E as palavras... os rogos... alojaram-se na garganta, tratando de imaginar o que devia dizer. Como devia suplicar. Cair de joelhos e se arrastar seria muito? E se fizesse, mudaria algo do que aconteceu?

Esse buraco que tinha no peito se abriu mais. Deu um passo vacilante para ela.

— Eu...

— Não, herói, não tem que suplicar mas, em troca, deverá me prometer algo. Desta vez, cumpra com seu destino.

Ela estendeu uma mão para um lado e ele a seguiu com o olhar. Até a figura que estava no balcão de pedra, de pé entre as sombras, também com uma capa negra.

Fechou os olhos para ver com mais claridade a figura que se tirava o capuz com umas mãos pálidas e femininas. E esteve certo de que o coração deu um salto no peito quando viu que o rosto com a qual esteve sonhando durante a última semana, devolvia o olhar.

— Skyla.

Se estivesse sonhando, não queria saber. Atravessou o balcão com grande rapidez, pôs as mãos sobre os braços dela e a empurrou para ele. Baixou os lábios para tomá-los enquanto apertava esse corpo quente, real e vivo que tinha contra ele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Lembro-me de você — sussurrou ela contra os lábios. Seus delicados dedos aterrissaram no peito dele enquanto se beijavam uma e outra e outra vez. Só porque podiam. Até que ele esteve aturdido e sem fôlego e ela esteve sorrindo como se ele fosse um enorme tolo— Suponho que isto significa que também se lembra de mim — continuou em voz baixa.

Não podia acreditar que ela fosse real. Tinha o cabelo diferente, mais curto, quase pelos ombros, mais para o loiro escuro que para o dourado. Embora seu rosto continuasse sendo o mesmo, já não usava a pesada maquiagem. Uma série de sardas salpicavam o nariz e não lembrava que tivesse essa pequena cicatriz na têmpora esquerda.

— Como...? por que...? — Ainda não podia acreditar que fosse real. Abriu o manto que usava e pressionou uma mão contra o peito, onde esteve a ferida. Não tinha nada, só pele debaixo da mão. E o batimento de um coração. Forte e rápido debaixo da camiseta branca que vestiu sobre a jaqueta.

— Deram-me a escolha.

Tinha que estar sonhando. Não queria fazê-lo.

Por favor, não deixe que esteja sonhando.

— Quem?

— As Destinos.

Ele desviou o olhar para Lachesis mas já se fora. Skyla apoiou um dedo no queixo e o empurrou para que voltasse o rosto para ela. E as emoções que havia em seus olhos atravessaram o coração. Esse coração que ela despertou de novo. Esse coração que esteve quebrado e feito pedaços desde que morreu.

— Sinto-o muitíssimo. Por tudo, de verdade. Deveria ter dito quem era eu, quem era você. Deveria ter... —os olhos se encheram de lágrimas — Deveria ter acreditado em você todos estes anos. Deveria ter sabido que nunca haveria...

Orpheus cortou a enxurrada de palavras com um beijo. Deuses, era real. Ainda não podia acredita,r mas não ia perder mais tempo. Tudo isso já não importava.

— Shhh... fique quieta. — acariciou a bochecha com a mão, tão suave, tão quente, tão real— acabaram as desculpas.

— Mas...

— Lembrei muito mais de minha primeira vida desde aquela noite. E sinceramente, surpreende-me que não me tivesse matado você mesma. Skyla, roubei de Zeus o elemento ar e o escondi. E não precisamente por um motivo honesto como salvar o mundo ou mantê-lo afastado das mãos dos deuses. Roubei-o porquê sabia que isso encheria o saco dele. Também sabia quem você era desde o princípio. Assim que me propus a seduzir de novo só para encher mais o saco de Zeus.

— Está dizendo...?

— Estou dizendo que não havia nada nobre em minhas intenções. Nem ao princípio. Nem sequer ao final. Mas a única coisa que não contava foi que me apaixonaria por você.

Seus olhos procuraram. Esquadrinharam, o que ele sabia, a verdade. Uma verdade que deveria ter dito muitas vezes, há muito tempo.

Fez um nó na garganta.

— Poderá alguma vez me perdoar? Não só por isso mas também pela forma que reagi quando finalmente me lembrei de tudo? Nunca deveria ter te tratado daquele jeito. Nunca deveria... — passou a mão pela suave e magra garganta, fechou os olhos. A culpa encheu o peito ao lembrar-se de como a tratou.

Acariciou a bochecha com a mão fazendo com que abrisse os olhos.

— Não me fez mal assim, não tem que me pedir perdão. De fato... — um sorriso levantou o canto de um dos lábios que não eram tão gordinhos nem perfeitos como ele se lembrava. — Não o teria culpado se me matasse essa noite. Merecia isso.

— Sem mais mortes — sussurrou— Meu coração não poderia suportá-lo. Meu coração não poderia suportar nada mais sem você.

— De verdade quer dizer isso? Porque se não for assim... — fechou os olhos um segundo— Se já não me amar...

Ele aproximou os lábios aos seus e a beijou com tudo o que havia em seu interior. Toda a perda, a dor de coração e o vazio que sentiu durante toda a vida. Um vazio que não sabia que estava aí porque a perdeu.

— Amo você — respondeu e levantou as mãos para emoldurar o rosto. O sedoso cabelo dela deslizou por entre os dedos— Sempre a amei.

Envolveu os braços no pescoço e a apertou contra ele. Orpheus sentiu o calor de seu corpo até os dedos dos pés. Skyla enterrou a cabeça no peito enquanto a abraçava. Sim, sem dúvida, era mais baixa. E era malditamente perfeita.

Ela soluçou.

— Não pude subir no navio. Era tão bonito e a luz me chamava... queria ir mas... não pude. Não pude subir.

Vacilou a voz, ele a moveu para trás para poder olhá-la e nesse momento percebeu do que estava falando.

— As Ilhas dos Bem-Aventurados. Foi a caminho dos Elíseos e voltou aqui. Por mim?

Ela assentiu.

Voltou a emoldurar o rosto com as mãos enquanto a incredulidade o engolia.

— Por que fez isso?

— Por que... não queria esquecer. Tinha o peito alagado de dor e continuava crescendo, e sabia que desapareceria se entrasse no navio mas... não pude. Prometi a mim mesma, faz muito tempo, que nunca o esqueceria. Não podia deixá-lo assim.

A enormidade de seu sacrifício, ao que renunciou por ele, quase o pôs de joelhos.

— Skyla...

Posou as mãos nos antebraços.

— Sou diferente, Orpheus. Sei que pode ver no rosto mas sou diferente... em todas as partes. Sigo sendo eu, só que… sou o que era antes que me transformasse em Siren. Sei que não é o que lembra. É...

— Oraios. Linda.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— De verdade? Mas não sentirá falta do que perdeu...?

— Nem por um momento. Skyla, eu a amava embora tivesse um corpo completamente diferente. Inclusive se esse corpo fosse em parte daemon.

Encheram os olhos de emoções. Olhos que já não eram ametistas ,mas sim de uma cor verde mais suave. Sua verdadeira cor de olhos era verde, como foram os dele quando era um daemon.

— Seu daemon se foi — sussurrou ela.

— Graças a você.

— Não, Orpheus — agarrou mais forte dos braços. — Graças a você.

É grande.

As últimas palavras que disse Skyla ressonaram na cabeça. Era. E com ela, poderia ser inclusive mais.

— Não posso voltar para as Sirens — sussurrou— E quando Zeus souber que as Destinos me enviaram que volta, não ficará contente.

— Tenho a sensação de que Zeus já não está contente. E notícias de última hora, mulher, não vai a nenhuma parte. Ficará aqui comigo.

— Aqui?

— Aqui. — Cabeceou para as janelas de cristal— Em casa.

Os olhos dela se obscureceram, o que disseram que gostava da ideia, mas quando foi beijá-la uma vez mais, Skyla o parou pondo os dedos nos lábios.

— As Destinos me disseram que teria uma vida benta mas que isso não garantia que minha alma voltasse a ganhar o direito de passear no navio branco. Não, a menos que outra vez demonstre que mereço isso.

Agora foi ele quem sorriu.

— Algo me diz que isso não será um problema. Desta vez, não.

Inclinou mas ela o parou outra vez.

— Também disseram algo de uma maldição. Que afeta a minha alma gêmea. Não saberá do que estavam falando, não é?

Ficou paralisado a uns milímetros de sua boca, deu uma olhada às marcas da Argonauta que tinha nos antebraços e logo começou a rir.

— Essas loucas Destinos. Não pergunte. — Quando ela franziu o cenho, Orpheus acariciou os lábios com o polegar. Esses lábios tão doces e tenros, que pensava saborear e nos que se perderia esta noite e todas as que seguissem a partir de agora até que terminassem os dias, quando ambos estivessem navegando em uns desses navios brancos para terras desconhecidas, juntos— Bom, pode ser que ei saiba. E acredite em mim, é a melhor maldição que a nenhum Deus intrigante poderia ter ocorrido.

Ela deixou que voltasse a inclinar a cabeça para ele. E no frio vento, com o mundo escuro a seu redor e o destino de seu irmão e dos Argonautas incerto, uma coisa permanecia constante.

Ela.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Durante suas duas vidas, inclusive em todo esse agonizante tempo que houve entre elas, a única coisa pela qual valeu a pena lutar foi por Skyla. A único pela qual valeu a pena morrer. O melhor que passou e pelo que merecia a pena de viver seguindo no mundo.

— Me beije, Siren.

Ela elevou a boca para ele.

— Acreditei que nunca pediria, daemon.

Fim

Incentive as revisoras contando no nosso blog o que achou da historia do livro.

http://tiamat-world.blogspot.com.br/